OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO.

Francisco Manoel do Nascimento
nasc: em Lisboa a 23 de dezembro 1734.

. . . . Si celeres quatit
Pennas, resigno quæ dedit, et mea
Virtute me involvo, probam que
Pauperiem sine dote quæro.

Horat. Lib. 3 Od. 29

OBRAS COMPLETAS

DE

FILINTO ELYSIO,

Segunda edição, emendada, e accrescentada com muitas Obras inéditas, e com o retrato do Autor.

Tomo I°.

PARIS,

Na officina de A. BOBÉE.

1817.

Je sais qu'il est indubitable
Que pour former œuvre parfait,
Il faudrait se donner au diable,
Et c'est ce que je n'ai pas fait.

Declaro que todos os exemplares que não forem asignados da firma de Filinto Elysio, não se devem acreditar como obrà original.

Filinto Elysio.

PROLOGO DO EDITOR.

Vinha eu, por pessoas eruditas e affeiçoadas aos versos de Filinto Elysio, avisado já desde Portugal, e por outras confirmado aqui em França, de reimprimir as táes Obras segundo a etiqueta. Sonetos enfiados como contas n'um rosario; Odes perfiladas como um batalhão; Epistolas, Madrigáes, Enigmas, Contos, Epigrammas, e outras métricas burundangas enfeixadas, e.... Eis que o Autor comêça a gritar; — Tal naõ consinto. Em miscellanea (1), em quanto eu viva, hão-de ir as minhas tróvas. Eu que nunca pude ler a fio quatro Odes das gabadinhas de Horacio, poderei capacitar-me, que haja ahi pacientissimo Leitor, que leia de cabo a rabo 300 ou 400 das minhas Odes

(1) Moxinifada lhe chamão alguns Autores; e sobre todos, o doutissimo, e latinissimo Antonio Duarte Ferrão, no seu Palito

engoiadas! Que haja ahi tão sôfrego ledôr de sonetos que engula doze duzias d'uma assentada! Não senhor, meu caro amigo: Táes como viérão, no primeiro parto, a lume as minhas tróvas, táes e que jandas sahirão neste segundo. Por contentar porêm gentes, que gostão de pautas, e listas de auto da fé, porei em cada volume por aranzel, e como por escaninhos, o conteúdo; e ficaremos todos de boa avença: eu terei moxinifada, e elles index.

Nesta segunda impressão dos Versos de Filinto Elysio, mais depurada de erratas que a primeira, houve intenção tambem de as depurar de versinhos de má morte, dando despiedado córte em tudo o que elle mesmo chamava bugiarias; o que reduziria toda a Obra a um volume, e (a haver muita indulgencia c'os máis) quando muito a dous. Mas advertîmos depois, que todos os Leitores não são Garção, nem Diniz, e ao que estes darião de mão, contentaria a muita gente que não sobe tanto de ponto.

E outrosim como sejão os Poétas cuzinheiros das almas, como diz certo Sermão impresso em Francez, devem com a variedade dos pratos saborear todos os paladares, no banquête poético, a que convidão os leitores. E tambem lembrados do que aconteceo ao

Autor com Miguel Lambert impressor dos primeiros caderninhos, que publicou, sobrestivémos em nosso presupposto.

Foi o caso. Imprimia nesse tempo Michel Lambert o Mercurio de França (a onze mil exemplares) e constava o tal Mercurio, de versos de todo o calibre, até de epigrammas, de enigmas, de logogriphos e *Amphigouris*, *Charadas*, etc., etc., em prosa : e por fim noticias politicas, e ás vezes, dos Theatros.

« Como é possivel (disse Filinto ao senhor Lambert) que a algumas Obras de valia de que se compõem o Mercurio, annexem tanta semsaborîa, que nunca devêra ser impressa! — Como é simples (lhe respondeo o senhor Lambert): dos onze mil assignantes, duzentos, (quando muito) lêm o essencial, os outros dez mil e outocentos lêm a frandulagem.

Deixêmos á Inveja o quinhão que lhe compéte (dizia Pascal) quando lhe insinuavão que emendasse alguns defeitinhos, que nas Cartas d'um Provinciano, lhe passárão pela malha.

. . . . . . *Quas aut incuria fudit*,
Aut humana parum cavit natura.

HORAT. de Arte. Poet.

AMIGO E SENHOR F*. MANOEL.

Se Apollo fôra tão liberal comigo, como he com V. m:, respondêra eu á excellente Ode que V.m. me envia, com outra, quando não igual, ao menos que procurasse imitalla: mas já que este Snr. não dispende comigo as suas riquezas, senão quando se lhe antója, e parcamente, não deve V.m. haver a mal, que eu lhe torne por versos maravilhosos, muito má prosa: Esta Ode verdadeiramente Horaciana, não tem de máo mais do que ser dirigida a mim. He verdade que eu merecia este favor, se póde a paixão que tenho pelos seus versos merecello: mas não sei se este titulo era bastante. Seja como for, eu lhe agradeço este mimo por todas as razões, e lhe rogo que não consinta que a sua lira por hum só instante emmudeça; para que Lisboa não tenha, que envejar á de Venusa.

De V.m.

Amigo muito obrigado

Antonio Diniz da Cruz e Silva.

SONETO

DE ALFENO CYNTHIO

Em resposta á Ode — Não temas, que a teus versos sonorosos.

Em sonhos vi o meu iniquo fado,
D'uma escarnada febre em companhia,
Com Clotho instar, que co' a tezoura impîa
Cortasse a Alfeno o fio amargurado.
Do infero Náuta o féro rouco brado
Os esquivos ouvidos me feria:
« Baixa, infeliz, á Região sombria;
« Co' remo em punho, já te espero irado. »
Nisto suavemente os ares fende,
Caro Filinto, o teu sublime Canto,
Que da Parca a funérea não suspende.
Fóge a fébre voraz banhada em pranto;
Molle somno do Fado as iras prende,
Tudo subjuga do teu métro o encanto.

ODE

DE ALFENO CYNTHIO

A Filinto Elysio, no dia de seus annos.

Em 23 de Dezembro de 1777.

COM que posso brindar, Filhas de Jove,
Neste dia, a Filinto, vosso Alumno,
Se pérlas, ouro me negou o Fado,
E celestes saphyras?
Mas a sancta Amizade é quem nos une,
Não o vil interesse, as nossas almas.
Infame ganho co' a Virtude honrada
Jámais se compadece.
Dar-lhe-hei uma Civica Coroa,
De flores e Carvalho entretecida,
Para enlaçar co' a laurea, com que Phébo
Lhe ornou a douta frente.
Meu doce salvador, tu me arrancaste
Das mortiferas garras sanguinosas
Do avido Rigorismo, que intentava
Roubar-me á luz do dia.
Co' a tócha da Verdade deslumbraste
Os vêsgos ólhos da Tartárea Furia;
E mostráste-me as bórdas, que pizava,
Do immenso precipicio.
Jaz arquejando o Monstro, debellado

Co' a lança da lucifera sapiencia;
E das torcidas unhas me trasladas
Aos teus robustos braços.
Como, Amigo, benéfico me ensinas
A desandar as hórridas ambages
Do cégo labyrintho inextricavel,
Em que me poz o Monstro!
Dalli surjo; — e no Templo da Memória
As cadeias penduro vergonhosas.
Mas quéro hoje que os séculos futuros
Escripto em baixo letão:
« Estes rotos grilhões do Rigorismo
» Despedaçou Filinto ao triste Alfeno;
» Que em memoria do immenso beneficio
» A' Gratidão os vóta. »

CARTA

AO PÔVO PORTUGUEZ.

Meu Amigo e Senhor,

Estimarei que estas limitadas regras, etc. etc.

Como estou informado por gente muito dada ao bem-fazer, que nem todo o tempo se réza, nem todo o tempo se dorme; e que é necessario ás pessoas bem-inclinadas um honésto passa-tempo, que dê com as portas no rosto á Ociosidade, que assim o cantou Phedro no livro 3º. fabula 4ª.

Ludus animo debet aliquando dari,
Ad cogitandum melior ut redeat sibi.

aventurei-me a offerecer a V.m. esses canhênhos de certo ocioso, que empregou quasi a vida em fazer regrinhas curtas, e regrinhas compridas: creio que já é morto; — ou pérto disso. Deos lhe ponha a sua alma em bom lugar! tambem creio que V.m. alguma vez o vio, e lhe fallou. Era sujeito, que (salvo o vicio das trôvas) sempre me

pareceo muito de enchemão. Seu nome não o ponho aqui, porque me pedîo segredo. E com isto não enfado mais a V.m., de quem sou.

Muito venerador e captivo

O COLLECTOR DAS TRÓVAS.

SENHOR FRANCISCO MANOEL.

O Club dos Negociantes Portuguezes em Londres, e alguns outros da nossa patria aqui residentes, fizérão reparo, e notárão com dôr que tinha vivido pouco favorecido da sua patria hum varão, que como V.m. tanto tem trabalhado para doutrina e gloria della. É certo que esta he huma grande falta, e peccado velho da nossa Nação viverem esquecidos e menoscabados os que maiores serviços lhe tem feito. Entre os muitos, a quem tem cabido tão mal merecida sorte, V.m. occupa o primeiro lugar, por que nenhum oútro se póde descobrir, nem mais benemerito da Patria, nem menos bem re-

compensado; por maneira que V.m. póde com tanta razão, como Camões o faria, queixar-se magoado.

> O favor com que mais se accende o engenho
> Não o dá a patria, não... —

Como Poeta V.m. tem adiantado a esphera dos engenhos Portuguezes, pois até V.m. se não havîa ainda visto, como claro se mostra em seus escriptos, os arrebatados vôos de Pindaro, e Chiabrera, temperados com suave, e magestosa philosophia de Horacio, e todos os donaires e graças da lingoaguem revestindo a nobre affoiteza das ideas; e desta verdade póde dar hum claro testemunho qualquer das suas producções, mórmente as odes, em cuja composição V.m. reunio o merecimento dos dois modelos, que possuiamos, Elpino e Coridon. Falle por todas a Ode aos novos Gamas, em que V.m. sem despenho sobio mais alto do que os novos aereonautas. Ainda não he tudo: V.m. em seus versos mistura a cada passo com a sublime poesia vivos dezejos e sentimentos de amor da sua patria, que não podem deixar encuberto o homem honrado, que a despeito de todos os trabalhos e perseguições, põem sempre a mira de seus dezejos no bem e na gloria da patria; fazendo quanto está em si pela dilatar; e esta virtude,

em V.m. tão eminente, ha penhorado a affeição de todos os leaes e bons Portuguezes. — Nem poderão em tempo algum esquecer os asignalados serviços, que V.m. ha feito a Portugal, tolhendo que se abastardêe de todo a nobreza da nossa lingoagem, apurada em dias de gloria e de triunfos, e nascida para os cantar.

A maior parte das riquezas que nos vinhão das partes do Oriente passou a alheias mãos; e hoje estas minas são perdidas para nós, por terem passado aquellas terras a novos conquistadores. Assim tambem, a ignorancia presumpçosa de máos escriptores nos queria deitar a perder as riquezas naturaes do nosso patrio idioma, mas V.m. poz-se em campo, escreveo, cubrio de vergonha, e poz em fugida os Vandalos modernos, os francêlhos innovadores.

Por este modo se não pudémos conservar pelas armas nossas conquistas, V.m. alcançou pela penna o conservarmos o nosso patrimonio. Os Portuguezes em Londres pesárão todos estes serviços, e considerando no grande proveito, que de mais viria á patria, se V.m. imprimisse mais algumas obras que V.m. tem manuscriptas; (e as quaes talvez por desgosto deixaria de publicar) ajuntárão-se em huma subscripção patriotica para concorrer

a hum tão louvavel fim, (cujos nomes daremos depois para que V.m. conheça os seus Amigos e admiradores) sendo parte do seu resultado a letra de fr. 1200 a pagar á vista; que a V.m. remetemos.

Este pequeno cabedal não he destinado a pagar os versos de Filinto, que são de valor inestimavel; (quanto mais que nós suppomos em V.m. mais generosidade, do que em Pindaro, que abertamente dizia deverem as suas odes ser pagas a peso de oiro) a sua applicação será para se imprimirem aquellas das suas obras inéditas, que a discrição de V.m. escolher, no que virá muito proveito ás letras, e crescerá (se he possivel crescer mais) a fama e gloria com que V.m. as tem enriquecido. Esta lhe chegará á mão por via do nosso amigo sacador da letra dirigida á sua casa em Paris, e pela mesma lhe rogamos nos certifique estar entrégüe della. Tambem rogamos a V.m. nos tenha em conta de seus amigos e admiradores.

De V. m.

Muito amigo, venerador e servo,

Manoel Ribeiro Guimaraens,

Secret. do Club dos Neg. Portug.

AVISO AO LEITOR.

Mais duraveis que o bronze, mais solidas que os triumphos bellicos, são as obras dos Classicos o titulo sem duvida o mais nobre da gloria das nações, a cuja força e poder sobrevivem os escriptos, quando até os mais sumptuosos monumentos só offerecem ruinas. Diga-o a Grecia, diga-o Roma, e diga-o o nosso Portugal. Que nos resta da gloria antiga, das façanhas dos nossos heroes, das immensas e espantosas conquistas que na Asia e na Africa fizerão nossos maiores, cujo valor e constancia nunca forão excedidos e raras vezes igualados? Resta-nos Camões, Barros, Lucena etc: em quanto os escriptos d'estes e de outros illustres autores existirem, não perecerá a memoria dos nossos feitos heroicos; e em quanto houver Portuguezes que os leião e admirem, não será a gente Lusa riscada do numero das nações. A lingua salvára a gente, se a gente conservar, com o bello idiôma herdado dos seus antepassados, a lembrança das suas virtudes, esforço, e patriotismo. Sempre com a perda da liberdade e da independencia, e com a ruina das instituições nacionaes esmoreceo a litteratura. Sempre o seculo das lettras precedeo ou accompanhou os triumphos e a gloria nacional.

E quem mais que Filinto em nossos dias adquirio direitos á gratidão eterna de seus compatriotas e dos vindouros? Amante dos seus, enthusiasta da lingua que fallou Camões, e indignado da sua corrupção luttou, toda huma vida tão dilatada, contra os ignorantes presumpçosos, desprezou criticas injustas, mofou de motejos, e satyras; e nem a injustiça atroz que o expellio da patria, e o privou dos bens, poude desarraigar do seu coração o amor aos seus conterraneos, nem afrouxar em Filinto o ardor de combater com o preceito e com o exemplo os inimigos da Lusa lingua, e da Lusitana gloria.

Tres qualidades distinguem os escriptos de Filinto Elysio; o ingenho e estro que brilha nas suas composições poeticas; a dicção, tanto em verso como em prosa; e as suas opiniões sobre a lingua Portugueza. Nelle vemos o Poeta, o Escriptor, e o Litterato. Emulo em tudo de Horacio, e seu imitador não servil, como elle dá preceitos, dá exemplos, arrebata nas Odes, zurze os poetastros, e zomba dos tarêlos nas Satyras e Epistolas; e nas notas cheias de sal attaca em estylo jocoso e original o que já combatêra em versos picantes, inspirados pela indignação.

Como poeta lyrico a posteridade confirmará sem duvida o juizo de todos os seus admiradores, que lhe derão o primeiro lugar entre os poetas Lusitanos. Nem Garção nem Diniz subìrão tão alto, ou adunárão tantas qualidades. O primeiro, mais correcto escriptor que grande poeta, apenas ousou affastar-se do modelo, e mais he traductor livre que imitador atrevido de Horacio. O segundo tem arrojos sublimes, e passaria por hum vate da primeira ordem, se a uniformidade das suas concepções não derramasse huma tão grande monotonia nas suas bellas Odes, as quaes se assemelhão em demasia. Filinto he atrevido, arroja-se impavido, e sabe sustentar o voo; he variado, e ora Pindaro ora Anacreonte, e sempre com o fito no grande Horacio, sabe como este celebrar a amizade, cantar os heroes, fallar ás Damas, e brincar nos banquetes. Tem sobre o Venusino mesmo a gran ventagem, que nunca louvou tyrannos, nem prestou a sua lyra a adular valìdos, cortezãos, e hypocritas. Mais grato aos beneficios que sensivel ás injurias, todas as suas obras respirão a gratidão, mas nenhuma a lisonja e a adulação: se algumas vezes se queixa da perseguição e desterro, bem digno de desculpa he hum velho privado da patria, dos bens, dos amigos, victima da injustiça, e acoçado de desgostos, de

precisões, e de receios, ainda mais terriveis no fim da vida.

Não se distingue menos Filinto pela dicção, nem he o seu menor titulo de gloria o ter emprehendido melhorar a lingua patria, que no principio da sua carreira litteraria achou tão decahida do antigo splendor. Não contente com as riquezas que ella ainda possuia, procurou enriquecê-la, e dar-lhe a força e valentia que tivera outrora. Garção, Diniz, Freire, Torres, Quita, e os mais dignos membros da Arcadia Lusitana tinhão já começado a guerra contra o mao gosto, e aos seus esforços, se tivessem durado, devêra hoje a nação o mesmo serviço que á França fizerão Corneille, Molière, Boileau etc., mas essa illustre sociedade de litteratos se dissipou como hum sopro, e teve por successores (com poucas excepções) hum enxame de ignorantes rimadores, e de traductores enfronhados em mao Francez, destituidos de gosto, e tão faltos de boa lição como de pensamentos elevados. Huns e outros, ignorando a riqueza do patrio idiôma, desdenhando os nossos Classicos, e incapazes de recorrer aos Latinos, lançárão mão de quantas expressões e phrases Francezas encontrárão, e á força de dons empobrecêrão a lingua; não podendo de enxertia tão disparatada nascer bom fructo. De tal modo transtornárão a linguagem Lusa que apenas parecia ser a mesma que fallárão Camões, Barros, Souza, e em que Garção e Diniz acabavão de escrever. A prosa soffreo ainda mais d'esta invasão dos Barbaros na litteratura Portugueza: a poësia, ao menos, conservou na rima, e no mecanismo dos versos doçura, e harmonia, porêm mais consistia de vozes que de ideias; e até homens dotados do estro o mais admiravel, cheios de erudição, e não faltos de gosto forão obrigados, para agradar ao publico, a sacrificar os pensamentos sublimes e os arrojos poeticos, á toadilha dos versos, accommodando os con-

ceitos e as expressões á capacidade, e ás poucas luzes dos ouvintes. Então se vio a litteratura Portugueza inundada de Sonetos, Decimas, Cantigas, e ensôssos Elogios, ou Satyras, tão cheias de fel, como faltas de pico, de razão, e de decencia. A' excepção das obras de Nicolao Tolentino, e de Domingos Maximiano Torres, poucas poësias se podem citar, nestes ultimos vinte annos, que sejão dignas de passar á posteridade. Foi tal o effeito do contagio, que o mesmo Bocage apenas obterá entre os vindouros o titulo de insigne versificador. Se exceptuarmos algumas traducções, poucas Epistolas, algumas Satyras, Idyllios, e outras composições de pouca extensão, quasi que só nos restão delle muitos e excellentes Sonetos, que nada lhe custárão a fazer, e de que elle mesmo fazia pouco apreço. Escassos titulos deixa de poeta hum homem que a Natureza parecia ter formado para ser o primeiro dos Vates Portuguezes! Só quem o conheceo e tratou, sabe o quanto Bocage era superior aos escriptos que delle nos ficárão.

Fugindo a patria para conservar a liberdade, levou comsigo Filinto a viva lembrança da lutta dos nescios contra os sabios, e penetrado d'esta ideia não cessou de defender a lingua Portugueza contra os intrusos escriptores; e se bem que de longe, ignorado de huns, esquecido de outros, e invectivado por muitos, não deixárão as suas vozes de aproveitar a alguns autores, e principalmente aos poetas que se derão ao estudo das obras com que ha quarenta annos Filinto enriquece todos os dias a patria. N'estas classicas composições, originaes ou vertidas das mais linguas, bem tem o seu autor mostrado que a lingua Portugueza pode competir com qualquer dos mais riccos e energicos idiòmas, todas as vezes que for manejada por quem saiba valer-se das riquezas proprias, e appropriar-se as da fonte Latina d'onde ella procede. Por isso não contente com apurar a linguagem dos

termos barbaros, nella recentemente introduzidos, e de restituir ao uso palavras de optimo cunho e de singular energia, enjeitadas pela ignorancia ou incuria dos escriptores, foi procurar á lingua Latina os vocabulos de que carece a nossa, ora mudando-lhe as desinencias, conforme o requer a analogia das duas linguas, ora formando palavras compostas, que evitando circumlocuções augmentão a energia da linguagem; a qual com este auxilio pode chegar-se á concisão do Latim.

Os ignorantes que appellidárão Filinto amigo de antigualhas, não advertírão que, se elle revendicou bom numero de optimos vocabulos e expressões dos elegantes Classicos da nossa idade de ouro, a muito maior numero de vozes de seu cunho deo Carta de naturalisação; e parece que antes o devêrão ter taxado de atrevido innovador que de excogitador de termos Affonsinos. Quem nunca tentou verter autores Latinos, e dos mais concisos e nervosos, nem imitar ou traduzir composições sublimes em verso ou prosa, das linguas estranhas, pode julgar sufficiente a lingua, tal qual se acha circumscripta e desfigurada por ineptos autores e ignorantes traductores; mas quem sabe elevar-se ao sublime não pode contentar-se de huma linguagem barbara, rasteira e ensôssa.

Conservêmos preciosamente a herança que os nossos Classicos nos deixárão, não nos descuidando de ampliar e enriquecer o nosso patrimonio á custa da Lingua Latina, assim como elles fizerão, e não indo mendigar o que nos falta naquellas que, tambem como a nossa della emanárão, e mais corruptas: não vamos pedir aos ramos o que nos offerece o tronco commum; e lembrêmo-nos que, não foi imitando a linguagem e estylo dos Hespanhoes, ou dos Italianos, que os fundadores illustres da lingua Franceza conseguírão desenvolver as bellezas, e mitigar as imperfeições de huma lingua que, de barbara e rude que fôra nos seculos anteriores, manejada e

polida por Pascal, Boileau, Bossuet, Racine, Fénélon, e tantos outros illustres autores, veio a ser a mais culta de toda a Europa. Foi sim nos Classicos Latinos e Gregos, que estes homens celebres colhêrão as sementes que soubérão tão bem cultivar no terreno patrio.

Taes são os preceitos, e tal o exemplo que Filinto, com incansavel perseverança inculca aos Portuguezes em todas as suas composições; e se a lingua escapar da ruina que a ameaça, aos seus patrioticos e esclarecidos esforços deverá a posteridade a conservação da mais bella das filhas da Latina.

Talvez que a ausencia da patria, a falta de livros Portuguezes, o desuso de ouvir compatriotas, e o receio de desmentir na practica os proprios preceitos, misturando expressões estrangeiras nos seus escriptos, tenhão algumas vezes feito recorrer Filinto a palavras Latinas simplez ou compostas, quando outras de bom cunho e sanccionadas pelo uso dos bons escriptores farião taes emprestimos escusados. O nimio receio de se affastar da boa estrada talvez o tenha algumas vezes illudido, porêm ao abuso elle mesmo indica o remedio, e só pertende que das palavras por elle cunhadas se conservem aquellas que se julgarem boas e necessarias, sacrificando de boa mente as que já tem Synonimos na lingua. Os que imitando o seu estylo o fizerem sem a devida attenção a este preceito, e que ás cegas quizerem seguir os seus atrevimentos, em assumptos que não permittem phrases altiloquas, nem carecem de expressões elevadas, terão de se queixar do seu pouco discernimento, e não lhes aproveitará para desculpa o exemplo de Filinto. E tambem se devem lembrar que, por isso mesmo que elle he o primeiro dos vates Lusitanos da nossa Era, com muito maior cuidado se devem evitar as imperfeições que se achão nas suas obras, e das quaes os maiores ingenhos não são izentos. Estas, qualquer as pode co-

nhecer para não cahir nellas, mas quem hombreará com o sublime vôo do Horacio Luso?

As volumosas obras de Filinto até aqui dispersas em folhetos, e tomos mal impressos, excessivamente incorrectas e de fórma desigual bem merecião ser colligidas em huma edição uniforme, nitida, expurgada, e mais correcta. O editor cedendo aos votos unanimes de todos os Portuguezes amantes da boa litteratura, e admiradores do illustre Poeta, e zeloso pela gloria nacional, determinou erigir-lhe este monumento, offerecendo ao publico huma edição completa das obras de Filinto Elysio, comprehendendo muitas ineditas, cuja collecção deve constar de 9 a 10 tomos em 8º.

O Editor, para maior correcção typographica me commetteo a revisão das provas, e, de accôrdo com o autor, procurarei não só que a edição saia, quanto for possivel, limpa de erros, mas igualmente me esmerarei em fazer desapparecer a maior parte das anomalias de orthographia que se achão nas obras do autor, impressas em diversos tempos, lugares e officinas, e muitas das quaes, assim como parte das incorrecções, se devem attribuir á penuria, á idade do autor, e á falta do soccorro de amigos conterraneos que o ajudassem nas suas fadigas litterarias.

Se ainda resta alguma differença no modo de escrever e accentuar as palavras, isso se deve imputar em grande parte á falta de hum systema universalmente reconhecido de Orthographia Portugueza, e de uma Prosodia da lingua: e por effeito da lastimosa negligencia da nossa Academia e dos nossos escriptores neste particular, tambem se deve attribuir a não ter o autor adoptado huma regra fixa e uniforme de Orthographia e de accentos.

Para que o público possa julgar do calor da concepção e da energia das expressões de Filinto basta ler

a Ode (1) que em idade de 83 annos acaba de consagrar ao seu illustre, generoso, e constante patrono o Ex^{mo}. Conde da Barca, cuja carta a Filinto em resposta á Dedicatoria do Poêma dos Martyres transcrevemos, pois faz tanta honra ao protector como ao protegido.

Pariz 30 de Março de 1817.

FRANCISCO SOLANO CONSTANCIO,
M. D. revisor das Obras, e amigo de Filinto Elysio.

(Copia) Senhor Francisco MANOEL do Nascimento.

« Meu illustre Poéta. Muito agradavel me foi o obse-
« quio da offerta que Vm^{ce}. acaba de fazer-me da sua
« Traducção do Poêma dos Martyres, por vêr que não
« só Vm^{ce}. conserva ainda a natural vivacidade do seu
« talento, a pezar dos annos e contratempos, mas que
« tem fôrças para pôr em execução o que elle concebe. Se
« pela affeição que sempre lhe tive, eu fólgo muito
« com esta prova da sua boa disposição, não estimo
« menos o serviço que Vm^{ce}. faz á Nação, enrique-
« cendo-a com os seus escritos, e ampliando a nossa
« linguagem com bellezas trasladadas de idiômas es-
« trangeiros.

« Desêjo que Vm^{ce}. continue a gozar de huma vigo-
« rosa saûde, com as venturas e socêgo de espirito que
« a prosperão.

« Sou com muita veneração etc. »

Conde da Barca.

Rio de Janeiro 28 *de Novembro de* 1816.

« Assim cheia do Deus a Pythia alheada
« Pela bôcca exhalava o vapor santo,
« Que da Trîpode ao peito lhe batia,
« E insano lhe lavrava nas entranhas. »

---

(1) Que se acha nas Obras ineditas, e principia — *No bullicio da vida.*

VERSOS

DE

FILINTO ELYSIO.

SONETO

Á SENHORA D. E. D. A. O. etc.

Assim cantava o saudoso Orphêo,
Quando as duras entranhas derretia
Da Rhodopéa rocha, ou quando a impîa
Mente da Dite a compaixão moveo.
Tambem então allì se vio Prothêo
Co' a limosa cabêça, que surgia
Da lympha do Hébro regelada e fria,
Quando em tal vaticinio a voz rompeo:
« Venceste, Orphêo: mas quando Éra futura
» Ouvir de Erminia a voz, por Phébo dada,
» Tens de ceder. --- Já d'essa formosura
» Filinto affirmará, que é transladada
» Nella a vóz de Callîope, e a doçura,
» Com que enlevar a ouvio a azul morada ».

ODE

A' Senhora D. Maria Antoinette Mathevon de CURNIEU. (1)

Que tam queridos tinha e tam mimosos.

Camões. *Cant.* 3.

Que vále á vida enthesourada cópia
De cunhado metal! — Oh nóbre dextra,
A que com sizo o esparge pelos sótãos
Da encolhida pobreza! (2)
Compra a fama com dons, o que abre os cóffres
Para ajudar talentos desvalidos
A dar á luz os quadros da Virtude,
Pela arte afformosados.
Tu delicia do Esposo, de Irmãos glória,
Do Páe retráto delicado e vivo,
Aos filhos, que amas com carinho puro,
Dá puro e grato ensino.
Nesta Dama tens rasgos ingenhosos:
Em ti os tens melhóres; e uma e outra
C'o exemplo, co' a leitura sêde os Mestres

(1) Dedicando-lhe a tradução de *La Dot de Suzette.*

(2) L'or n'est utile et bon que dans les mains de la vertu, lorsqu'elle les étend pour soulager les malheureux.

Lettre d'Eliza à Yorick.

Dos mimosos Infantes.
Com teu auspicio acceite em versão Lusa,
A Dama *Senneterra* ir dar transumpto,
Ir dar consolação a nóbres peitos,
Da gratidão sacrarios.

SONETO.

Quando fôi pelos Turcos conquistada
Cythéra, da alma Venus tão querida,
Fugio a alada trópa, espavorida
Dos bigódes (1) da barbara manada.
Andou téqui pousando in-consolada,
Por bósques, montes, êrmos foragida:
Nem quiz de homens a rûstica guarida,
Nem de Damas a fé tão mal guardada.
Mas apenas á luz do Céo gracioso
Apontou Marcia, as Graças, e os Prazêres
Nella achárão abrigo deleitoso.
« Se um fiél coração, Amor, preféres
» A' grandeza dos Reis, ao fasto odioso,
» Busca em meu peito o throno que mais quéres. »

---

(1) Ainda hoje estou a considerar como Damas tão dengues, tão perluxas beijavaõ caras sedeidas, nos tempos em que os barbeiros não rapavão; e como hoje, que os barbeiros rápão, beijão ainda certos bódes de dous pés, que eu não nomeio.

HYMNO

Á NOITE.

— — — — Sudden to heaven
Thence weary vision turns; where tending soft
The silent hours, and from her genial rise
When day-light sickens till it springs a fresh
Unrivaled reigns, the fairest lamp of night.

Thompson's Summer.

Volta subito aos Ceos a vista lassa,
Onde Venus com brando aceno guia
As mudas Horas, meigas a quem ama:
Des-que se ergue da Noite o almo Luzeiro
Na pura sphéra sem rival domina;
Brilha com garbo, apenas se desmaia
A luz do dia, e o novo sol não surge.

Deosa, que espalhas pela ethérea zona
No mudo carro de évano brunido
As sombras repousadas, os amores
De furtivo decóro;
Tu, que accompanhas com fiel escólta
Ao prazo dado o amante impaciente,
E c'o piedoso manto encóbres roubos
De divináes prazêres;
Que as doces leis de Vénus, de Cupido
(Almo recôbro da vivaz Natura)
Benigna estendes nos callados téctos,

Nos namorados bosques :
Que pédes ás estrellas máis propicias
Um frouxo raio (1) de modésto brilho ,
Com que os rubìs da bôcca , com que os lyrios
Do peito entre-vêr deixas.
Por tanto ouves os gratos murmurîos
Dos amantes ditosos , que redóbrão
Em teu louvor , pelo macìo amparo ,
Que em tua sombra encontrão.
Ouves o som do trépido (2) ribeiro ,
Que inflammado dos meigos áis visinhos ,
Novo Alphêo , se appressura namorado ,
Apóz nova Arethusa.
São mais doces de noite , e mais mimósos
Os affagos de Amor. A luz patente
Do sol constrange o gôsto , e sólta ao Pêjo
Mui reservadas rédeas.
E a Nympha , que ólha pelo Céo luzìdo
Aqui Léda , alli Io , alêm Calixto , (3)

---

(1) — — — A faint erroneous ray
Glanc'd from th' imperfect surfaces of things
Flings half an image on the straining eye. — Thompson.

(2) Lympha fugax *trepidare* rivo *Horat. Lib.* 2. *Od.* 3.

(3) Taxão-me alguns versos de mal-torneados e mal-polidos ; e talvez este um delles seja. Coitados dos Autores ! e mais coitados os Poétas. Que se lhes póde applicar a parodia :

Infeliz condição ! misera gente ,
Que um argél de Censores traz mordidos !

Ao revéz do que dos Vulcaneos dizia Camões. *Cant.* 7.

Ditosa condição ! ditosa gente ,
Que não são de Ciúmes offendidos !

Claro está , que os Ociosos , que táes repáros fazem nunca aviárão tantos versos como eu. Ora é muito natural que a quem tantos desbarata , pela málha lhe escapem muitos com seu senão.

E o cortejo de estrellas, com que as honra
Não des-lembrado Jóve :

Amigos, e inimigos Censores, eu sou de boa avença, e com o coração nas mãos convenho dos meus erros. Ahi vai a verdade nûa e crûa. Com tanto qne os táes versinhos não sáião do ventre do ingenho tórtos, nem aleijados, lá os deixo ir a Deos e á Ventura. Alem de que, Meus amabilissimos Senhores, tenhão a pachôrra de se inteirar comigo, que desde a idade de 14 annos faço versos. — Não me torção o focinho á palavra *versos*, que eu lhos não inculco por bons : com tanto que valhão os do Macedo tòrto, me contento. — Continuemos com o nosso aranzél. De 14 annos até 64 que hoje tenho (por grande mercê de Deos e dos amigos) vão 50. Houve dias em que fiz 200 versos, e mais, quando Apollo e as Musas estirávão mais longas as visitas; n'outros dias menos; e n'outros (por preguiça) nem um só : mettâmos, alto e malo, a 40 por dia. Que menos se póde fazer, quando a veia corre, que dous sonetos, e tres Cantigas! (ponhâmos de parte, e como de crescenças os *ai lélé* dos estribilhos) Monta cada anno a 148600 versos. Multiplicai-os por 50 (sem contar os dias de accrescimo nos Bissextos); somão 5366000 versos. *Apage!* Convenho que é mui sobejo versejar! Menos de metade bastava, se fossem bons. Mas em fim são óbra feita, óbra que está já na tabolêta, esperando pelos freguêzes. Contêmos agóra o que elles me rendêrão, e depois o que me pódem render, se apparecerem curiosos. Do que ganhei por elles atéqui, com verdade vos affirmo, que me não vem cada verso a meio real. Dizei-me vós em consciencia, meus criticos muito amados, qual serìa o hómem sizudo, que martellasse o seu juizo, para limar um vérso por menos de meio real? Ah! que se eu mettesse em conta todos os ciumes, odios, prágas, crìticas, e ainda sátyras, que os táes versinhos me grangeárаõ, outros quinhentos serião! Em boa lealdade pois, e como tendeiro honrado vos digo, que táes quáes são, não são tão mal-limados para o número, nem tão somênos para o preço. Se os que os criticão, expondo á vergonha do mundo os seus Poemas, abrissem lója, como eu abri, talvez que os não déssem nem tão bons, nem tão baratos.

Que, como ella, nas sélvas, (1) junto aos rios,
Outróra essas estrellas se humanárão, (2)
E os troncos, como a ellas, que a convidão
C'o sussurro das folhas;
Tóma a Léda, ou Calixto por traslado,
Cérra ao Recato a rabujenta bôcca
Co'a mesma mão, com que ameigára a face
Do porfiado amante.
Noite melhór que o dia, quem não te ama!
Quem não vive máis brando em teu regaço,
Despindo da alma, e dos causados membros
O dia affadigado! (3)

Bem podéra eu (a querer seriamente responder-lhes) desculpar-me, allegando versos mais duros de Camões, Ferreira, etc. e ainda dos mais illustres modérnos, que ninguem critìca; que não sei eu que fado máo, fortuna escura faz, que sendo muitos os culpados deste erro, só em mim venha a cahir o ráio. Creio que é porque me sentem mais bojo, e que as mais desatinadas crìticas, as mais aguçadas sátyras não fazem móssa na *gordo pachôrra, amiga velha*. Eia, rapazes, fartai-vos de metter unha nos meus versos; velhos rançosos desembainhai as catânas acadêmicas contra os meus atrevimentos: que daqui vos desafio, que um instante só me não dareis de enfado: salvo se para satyrisai-me não comprardes os meus canhênhos.

(1) Metamorph. passim.

(2) Car s'il vous en souvient, la plupart de vous, Signes,
N'a place dans le ciel que pour avoir aimé.
P. Ronsard, Liv. 2 des Amours, Sonet 24.

(3) Um Francez que tem lido com delicado critério os bons Poétas antigos e modernos, que por seu particular transumpto escolheo Horacio, a quem (quanto é hoje possivel) imita em verso Latino, como eu mostrarei a quem o entenda; que estudou em Portugal com proveito a lingua Portugueza, tão imitadora da Latina; disse lendo esta phrase, que ella só bastava

Tu dás vida aos vergéis com teu suave
Prolifico lentôr; a curva Rosa,
O lyrio, a quem pendeo (1) o sol ardente
Se érguem, e se re-toucão.
As Penas, e os Cuidados que os humanos
Corações remordião, como abrólhos,
As Ambições, os perennáes Procéssos,
(Cruéis equuleos da alma!)
Ao vêr descer o Somno, que a teu lado
Vem reclinado no tardîo coche,
E derramar nos ares o recreio
Do plácido socêgo;
Affrouxando os cordéis, já manso e manso
Descáhem mão dos infernáes supplicios,
Que dão, antes da mórte, aos imprudentes,
Que espancá-los não ousão:
Que não sabendo pôr Honras, Riquêzas
No merecido gráo, são desditosos,
São baldões da Fortuna, são captivos
Do insolente Orgulho.
Vem estender sobre o meu leito, oh Noite,
Com mão amiga, o manto do Socêgo,
Negado a câmas régias, e a douradas
Cobértas oppressoras (2).

---

para dar crédito a uma Ode; e que a não desdenharia Horacio, se este escrevêra em Luso idioma. — *Nota do Editor.*

(1) Se for necessario para dar passaporte a este *pender* como a vérbo activo, avisem-me os malsins da Litteratura, que lhes mandarei 30 exemplos de verbos neutros com significação activa em Portuguez.

(2) De um Vice-Rei contão Chronicas antigas, que as lembranças de suas tyrannias lhe davão tal affògo no silencio da noite, que se lhe accendia fébre, e c'o barafustar na ardencia

Vem consolar do acinte dos Destinos,
Das invéjas dos Máos, o assiduo Vate,
Que trabalhou por ser aos seus proficuo,
Enfeitando a Virtude.
Tu, em teu seio o tóma, e lhe refrésca
Com léve sôpro a frente, e a fáce rôxa
Das châmmas, que no sangue lhe atcára
Apollo enfurecido.
Vem, Noite amena, vem; traze comtigo
Os sonhos agradaveis, que o Céo brando
Por prémio guarda máis mimoso ás nóbres
Fadigas do Parnasso.
Vem spargir pelos ólhos, pelos membros
A's mãos cheias as lânguidas papoulas,
Que escolhêra Morphèo nas descuidadas
Ribanceiras do Lethes.
Que eu com grinaldas, com festões das flores,
Que ao teu surgir despontão do casulo, (1)
Sempre a Ti grato, em quanto alento (2) a vida,
Cobrirei teus altares.

---

della, deitava longe de si, as mais léves coberturas. Oh quantos destes não tem havido! — E não ha ainda!

(1) Todos conhecem os Suspiros roxos, e amaréllos, que não abrem senão ao pôr do sól; e tambem as Viuvas, e outras flores mais, que só de noite desabróchão do botão.

(2) Advirto aos que lêm á toa, que *alento* aqui é verbo.

CARTA

AO SENHOR F***. J**. M***. DE B**.

Parîs 6 de Junhò de 1790.

Obscurata diù populo bonus eruet, atque
Proferet in lucem speciosa vocabula rerum,
Quæ primis memorata Catonibus atque Cethegis,
Nunc situs informis tegit et deserta vetustas,
Adcisset nova. . . . .
Vehemens et liquidus puroque simillimus amni
Fundet opes, Latiumque beabit divite linguâ.

HORAT. *Lib.* 2. *Ep.* 2.

LEMRRAS-ME, Amigo Brito quando a pluma
Para escrever magnanimo (1) meneio.
Ama' o meu Brito a Lusitana lingua,
Pura (como elle) enérgica, abastada,
Estrême de bastardo francezismo
E que a joio não trave de enchacôco:
E quando lê, rejeita a phrase spuria
Que com senão mal-assombrado affeia
Asseiada escriptura, e ideia nobre,

(1) Com effeito muito animo cabe que tenha, quem se arroja a escrever nesta éra tão minguada, em que mais se tópa com malsins de palavras, que com avaliadores de pensamentos.

De legìtimos Lusos termos digna;
Mas discréto critìca; e faz justiça
Sem torpe invéja, sem paixão obscura.
Que, Amigo, muitos mordem nos bons versos
Do facundo Garção, Diniz prestante,
Sem de Horacio ter lido um só conselho,
Sem que acaso divino Enthusiasmo
Nunca na alma encharcada lhes fervesse.
Muitos quérem váidósos dar pennada
Na lingua Portugueza, (1) que as correntes
Das cristallinas águas não gostárão
Vertentes dos volumes caudalósos
De Barros, Britto, Souza, e de Lucena
De Ferreira, e Camões: fartura arrótão,
De Portuguez, por que inda hoje remócm
As mesquinhas migalhas, que das bôccas
De Amas villãas, de bréjeirács Lacaios
Na recente memoria lhes cahírão. (2)

---

(1) Conviene la prima cosa, che uno scrittore innanzi di nulla avventurare in materia di lingua, sappia a fondo la lingua in cui scrive; ne conosca pienamente la portata e il valore; acciochè le novità che introdurvi volesse, non venissero più tosto a mostrar la propria sua ignoranza, che la povertà della lingua. E s'egli sarà di tale scienza fornito, e insieme di discrezione e di giudizio; potrà fare un suo doppio lavoro.

Tra lo stile de moderni, e il sermon prisco, porrà beare con la ricca sua vena la patria sua, formando di nuove parole, e rimettendone anche in luce alcune di quelle che scurate già fossero dalla lunghezza del tempo. E cosi con le une come con le altre verrà a dare al suo stile quello insolito e quel peregrino nel che consiste in gran parte il poetico linguagio.

Algarotti. Saggio sopra Orazio.

(2) Vejo aqui em França que òs honrados Páes de familia

Affeitos a tão mágra, ôcca pitança
Se amúão contra as ráras iguarîas
Com que os brindão os Clássicos bizarros
Em suas mesas guápas e opulentas.
Oh Clássicos do nosso augusto séc'lo,
Que sempre fostes o patente mólde
De elegante escriptura genuìna,
Oh quanto deveis hoje mais que nunca
Ser o que são bandeiras nas batalhas!
Quando vai rôto o exército, e esgarradas
C'o mêdo e fuga as Marciáes fileiras,
Longe da róta o General previsto
Manda cravar em sitio bem-disposto
Os contos das bandeiras. — Trôão logo
Os rufos do tambor eccho-batente;
Vóltão a vista os vagos fugitivos,
Aonde os rufos clamão; vêm nos ares
Sôltas as côres dos pendões jurados,
Córrem, vão-se apinhar em torno delles,
E cobrando com vê-los nóvos brios,
Rugem Leões, as brigas ja re-pédem,
Cahem na hostîl cohórte, rompem, vencem.
A vista das Bandeiras em triumpho

---

pagaõ Mestres que venhão ensinar grammatica franceza ás filhas, porque não lhes escapem barbarismos nem solecismos, quando fallem, ou escrevão; e lembra-me que em Portugal ninguem em tal cuida; lembra-me máis que vi lá *Compositeiros* de versos (e o que ainda màis adúba) vendedores de prosa gritada em gral, que nunca abrìrão grammatica da sua lingua. Por isso fervem nelles os erros, como bichos brancos em cão sédiço; escorrem-lhe as unturas de estrangeirices, como as posturas da fidalga velha em dias de soão; a boa linguagem dá battecûs de raiva.

Lhes transmudou a fuga. — Nós desta arte
Usar convêm, na fuga, e desbarato,
Em que nos pôz o exercito confuso
Da pujante Ignorancia, a qual cercou-nos,
E de vencida nos levou, no tempo
Do nosso mal-soffrido captiveiro. (1)
Cumpre ao pé dos pendões enfileirar-nos;
Entrar-mos na refréga c'os sédiços
Pedantes, c'os Casquilhos da modérna,
Que nos móllão, nos séguem, nos perséguem,
Quaes bandos de pygmêos, e vem armados
Cada um como um Samsão, como um Alcides.
Valentes como impávidos Quichottes,
Os da Corja Académico-Tarouca
Com bexigas, e estálos (2) farfalhudos;
E os mais com pélas de Francez *conducta*,
De *afféres*, *rango*, *massacrar*, *ressortes*,
Egidio, *populácea*, (3) e iguáes remendos
De mal alinhavada Francezia.

---

(1) Em 60 annos que soffrêmos o jugo dos Castelhanos, que Vieyra compara, com bem razão, aos 60 annos do captiveiro dos Israelitas em Babilonia.

(2) Amant inane studium dicendi, quod verbis barbaris, turgidis, sesquipedalibus conglomeratur, *Walchii Hist. Crit. in Præfat.*

(3) Certo embaixador portuguez escrevia *populácea*. Houve quem lhe disse: *populácea* não é termo portuguez. Enrufa-se o espantalho diplomatico; estriba-se na autoridade de Grão-Cruz, e na da embaixada; e ei-lo que deita a baforada: se o não he, sé-lo-ha.

Assim fez a Mesa censoria: escreve no edital de 23 de fevereiro de 1769 *chefe d'obra* e dá-lhe autoridade embaixatriz, e de Grão-Cruz. E ei-lo o tal Tribunal que falla como um Tarélo Gallicano; e ei-lo que lhe não cahem as faces de vergonha. E se eu me

Não que á lingua Franceza eu ódio tenha;
Que fôra absurdo em mim. Ninguem conféssa;
Mais sincéro o valor de seus bons livros
De todo o bom saber patentes cóffres,
De polidez e de eloquencia ornados.
Bastára em seu louvor, se o carecêra,
Ser bem vista e prezada em toda a Europa,
Das Côrtes, e dos Sabios no Univérso.
Conter em si, ou proprio, ou traduzido,
Quanto Minerva pôz no peito humano,
As fadigas das Artes, das Sciencias,
E os enfeites do flórido discurso.
Mas, como fôra escarnecido em França
O que emprendesse himpar de phrases Lusas
Um discurso Francez em prosa ou verso;
Assim péde entre nós ser apupado
O taréco Doutor, que á pura força
Quér atochar de termos bordalengos (1)

---

divertisse em folhear todos os Editáes da tal Mesa, com que Sápos, com que Lagártos não acertaria! E censura livros, quem não sabe escrever a sua lingua!

(1) De *Burdigalensis* fizérão os nossos antigos *bordalengo*, nome com que motejavão dos termos estrangeiros, e de quem delles usava. *Cette langue* (dit Voltaire, Discours aux Welches) *embarrassée d'articles, dépourvue d'inversions, pauvre de termes poétiques, stérile en tours hardis, asservie à l'éternelle monotonie de la rime, et manquant pourtant de rimes dans les sujets nobles, etc. etc.*

Il faut dire hardiment que cette langue (la française) n'est pas poétique; que la poésie n'est qu'une prose rimée; qu'elle n'a ni abondance, ni énergie, ni audace; qu'elle n'en aura jamais, puisqu'il est défendu de l'enrichir, puisque sa marche, loin d'être libre et fière, est compassée, mesurée, rétrécie, soumise au compas. . . . Les versificateurs ne me pardon-

O nativo desdêm da nossa falla.
Se temos de pedir a alguma bolsa
Termos que nos falêção, seja á bolsa
De nossa Mãe Latina (1), que jà muito
Nos acudio em préssas mais urgentes,
Quando em bronca escassez já laborámos,
Ao sahir- mos das mãos da bruta (1) gente.
Uma lingua tão dura como as armas
Que em nósso pró terçavão nas pelejas,
Era a lingua dos Lusos valorosos,
Antes que os claros lumes do alto Pindo
Queimassem fézes Gôdas e Mouriscas
Da tosca algaravìa, que em seu seio
Lavrou até ao século apurado
De João segundo, de Manoél ditoso.
Quem, vendo, em carcomidos pergaminhos,
Foráes de Gôda-Arabica escriptura,
Dirá que elles descendem da elegancia

---

neront pas; je parle néanmoins en leur faveur. . . . (Les Poëtes m'entendront . . . .) et qui, conformément à leur style rampant, rejettent la force et l'énergie, lorsque le Poëte s'en sert pour peindre ses pensées avec les sons qui lui plaisent.
MERCIER. *Tableau de Paris.*

(1) Les mots latins paraîtraient les plus propres à être choisis. Les sons en sont doux; ils tiennent à d'autres mots qui ont déjà pris racine dans notre fonds. L'oreille y est déjà accoutumée. Ils n'ont qu'un pas à faire pour entrer chez nous... Quand on abandonne au hasard ou au vulgaire ignorant, ou à la mode des femmes, l'introduction des termes, il en vient plusieurs qui n'ont ni la clarté, ni la douceur qu'il faudrait désirer.
FÉNÉLON, *Lettre sur l'Éloquence.*

(1) Gòdos e Mouros que estivérão longo tempo de posse de Portugal.

Da lingua dos Romanos, que a foi nossa,
Que a bem fallámos muitos centos de annos!(1)
Que foi, depois que as guérras e infortunios
Alagárão os prédios de Minerva, (2)
Derribárão columnas de seu Templo,
Rodárão na torrente os móveis sacros,
Deixando só ruînas mal-cobertas
De apodrecidos limos, e de abrólhos?
Então quebrou o fio precioso
Do Collar de medalhas, guarnecido
C'os nomes de eruditos Portuguezes; (3)
Que atou depois, com laço mal-segúro,
O Freire, e inda algum máis, mas raro e frôxo,
Que o pouco cabedal levou comsigo
Do puro Portuguez, que inda restava;
E em lingua bruta, ôcco-rimbomba, ou freìra, (4)

---

(1) Desde antes de Julio Cesar até á irrupção dos Gôdos, Vandalos, etc.

(2) Os Jesuitas, e a perseguição que se intentou contra os homens instruidos, fòrão dous grandes infortunios para a liberdade das sciencias em Portugal. Viérão depois os Castelhanos que acabárão a derróta.

(3) Esta ideia me pareceo accertada e nóva. Fazêmos collares de medalhas de Imperadores, com quem não temos que haver, e muitos dos quáes, detestados no universo, merecem mais o cordél de fòrca, que o fio do Collar: e não medalhamos os nossos bons Escriptores, que tanto bem-merecêrão das nossas Lettras, e da nossa Patria! — *Nota do Editor.*

(4) Lingua *freìra* ou *freiratica*, é uma certa lingua delambida, inintelligivel (por muito refinada) despida de todo o termo enérgico, confeitada de phrases de Conventual invenção, cujo significado é só claro para os adéptos.

Levibus enim atque inanibus sonis ludibria quædam excitando effecistis ut corpus orationis enervaretur et caderet. PETRON.

Nûa de valentîa, e de doçura,
Lardeada de ensôssos, baixos termos
Foi a clássica lingua convertida.
Tal éra a Gerigonça máis da móda,
(Quando eu nasci) nos Pulpitos gritada,
E cantada nas nóbres Académias;
Quando Ingenhos máis altos, indignados
Da fatal corrupção, a resurgîrão
Das campas do lethargo em que a pozérão
Balôfos Biltris, mazorraes Syndapsos. (1)
Assim já d'antes em igual desastre
Amparados das azas do Monarcha (2)
Sahio um Luso enxame cubiçoso
De conquistar pelos Lycêos da Europa,
As Sciencias, da Patria foragidas:
E quando a nós tornárão da colheita
Os novos Tullios, (3) alta esp'rança Lusa,
Dando de mão ao Gôdo-Arabe enleio,
Que desfeiara as Lusitanas fallas,
Co'ouro da Grega lingua, e da Latina
Dérão brilho ao dizer. — Antes creárão
Uma lingua máis nobre, máis mimosa,
Digna dos nobres Génios que luzîrão

---

(1) *Quis potest capere, capiat.*

(2) D. João segundo, que mandou muitos moços de bom ingenho a Italia, Alemanha, etc. e que instituio em Paris no Collegio de Santa Barbara 25 tenças (que aqui chamão bolsas) para 25 Portuguezes, que lá quizessem vir estudar. Durá ão essas tenças, até que os Jesuitas as applicárão a si, a titulo de que em seus Collegios elles ensinavão em Portugal tudo o que se podia apprender em França.

(3) Marco Tullio Cicero sahio de Roma a apprender na Grecia.

Nessa Clássica idade; e que nos dérão
Os moldes da elegancia Portugueza:
Elegancia, que herdada a nós viéra,
A não ser salteada no caminho
Por mãos facinorosas. — Quem nos véda
Tomar a antiga senda, para herdâ-la
Nativa e pura, e digna, qual trilhárão
Para creâ-la, os nossos bons Maiores?

Sáião dos muros da ferrenha (1) Patria
Quantos desprezão os facundos sabios
Que a lingua (2) lhes legárão generosos;
E verão povoados os Lycêos
Das estranhas Nações, na douta Europa,
De illustres Bispos, (3) de anciões Consultos,
De polida Nobreza; e até das Damas,
Que a Natureza fez tão ingenhosas,
Tão valìdas das Musas, e de Venus;
Todos pendentes das discrétas vózes
Com que um Lente mui primo (4) dá realce

---

(1) E bem ferrenha, que não deixa viandar pela Europa os seus desleixados filhos: é mais facil encontrar em Parîs dez Turcos que um Portuguez. Passão de cem os Castelhanos que recebem mezada real, para apprenderem aqui sciencias, artes, e até officios.

(2) Portugueza, de bom cunho.

(3) Quando eu escrevi esta Carta ainda havia Bispos em França; e eu os via vir ao Collegio Real assistir a estas lições, por gosto de ouvir a Publio Virgilio Delille, como Voltaire lhe chamára. E com effeito era delicioso ouvì-lo explicar as belleza dos Clássicos francezes; e as notas, que allì da Cadeira lhes ajuntava.

(4) Os Francezes lendo e explicando nas Aulas os seus Clássicos imitão os Latinos, que apprendião por Horacio, e por

A's bellezas dos Clássicos antigos,
Aquî notando a concisão da phrase,
Que o lùcido *Sublime* em breve engaste
Cérra, e compòem; allì a formosura
Da caudal eloquencia, que transborda
Por florìdos jardins, verdes ribeiras.
Ah! se eu podesse vêr na Elysia minha,
Sequiosa de saber, francos e abértos
Tantos pórticos de Artes, de Sciencias,
Como não levantára ella a aurea frente
Entre tantas Nações, que a só conhecem
Por ter dobrado o horrendo Promontorio,
Por um antigo brado de Conquistas!
Fallão no bom Camões alguns Francezes,
Que o lêrão traduzido em prosa enssôssa;
Mas rejeitão de o ler na Lusa lingua,
Que apenas pága o custo de apprendê-la;
Com lêr um só Camões: tão pouco aprêço
Lhe dão de si os nóvos Escriptores!
Não fôra assim, se nós máis cuidadosos
Déssemos mór valìa á nossa lingua,
Polindo-a, ennobrecendo-a, opulentando-a
Com cabedáes de Urania, Clio, e Erato.
Que assim se fez no mundo conhecida
A lingua Grega; e o Lacio (1) que pretende
Emulâ-la, seguio o mesmo trilho:

Virgilio (como o dá a entender Juvenal na satyra 7. vers 227) a fallar bem a sua lingua. Se outro tanto se fizesse nas nossas Classes a respeito de Camões, Barros, etc. não se atreverião quatro Badamécos a desacreditar os que imitão a phrase Clássica.

(1) Nec virtute foret, clarisve potentius armis
Quam linguâ, Latium. — HORAT. *de Art.*

Seguio-o a Hespanha, a França, co'a Toscana;
E até as Boreaes Nações o séguem.
Nós prezamos tão pouco a nossa lingua,
Que tão sómente as outras apprendemos,
Em desár da nativa; e a ser-nos dado
Na Franceza escrevêramos, falláramos,
Como já na Hespanhola, por lisonja
E por louca váidade compozémos!
Amor da Patria sópra em mim despeitos
De a vêr por filhos seus pouco abonada.
Ah! Patria muito ingrata, e muito amada;
Ah! que eu se em ti soubéra as boas lettras
Mais versadas, mais público o bom gosto,
Deste encargo de encommendar leitura
Dos nossos bons Autores me esquivára! (2)
Desce Apollo aos Lycêos, com prazer summo
A derramar clarões de arte divina
Nos que ávidos anhelão ver ausentes
As trévas da maléfica Ignorancia:
Como na longa hyberna madrugada,
C'os olhos fitos no tardonho Oriente,
O medroso appressado peregrino
Espéra Phébo, e os lúcidos Ethontes,
Que vem de longe c'o flammante carro

---

(2) Os Tarêlos, quando quérem Censurar as minhas tróvas, dizem com certa Doutora (que compoz uma michórdia contra Filinto Elysio) que se quérem entender os meus versos necessitão folhear Diccionarios: eu, se me tentasse o Diabo a ler os delles, por máis Diccionarios que revolvesse não atinaria co' as phrases relamborias de seu bordalengo bestunto. — On a déjà dit qu'il est ridicule de défendre sa prose et ses vers, quand ce ne sont que des vers et de la prose; en fait d'ouvrages de goût il faut faire et se taire. *Honnêtetés littéraires.*

Disparar no horisonte as luzes, o ouro,
E pôr em fuga a Noite, e seus sequazes,
As trévas, os pavôres, e os flagicios.

Muitos d'estes Lycêos são chrysol puro
Da liga da linguage: allì de Autores
De grave fama anciãa bem-merecida
As immortáes bellezas se alardêão,
E o lìquido ouro fino da palavra,
Da phrase mui formosa allì se apura.
Sólta o Critério a vóz, e o douto exâme
Cála pelos re-mémoros (1) ouvidos,
Com agrado e proveito, até ás almas,
Onde se imprime, e guarda longamente
Sabor das eloquentes iguarìas.

Um Francez, que ouve um Lente venerando
Tratar com mão devota os sabios livros
De *Fénélon*, *Racine*, quando explica
Seus ornados conceitos, não desdenha,
Não moteja do Autor, que lhe dá fama
Nos arredados Climas, nem do Alumno,
Que caminhando ao Templo da Memoria

---

(1) Têmos o verbo *memorar*, temos *re-memorar*; porque não terêmos *remémoros ouvidos*, ouvidos que se lembrão, e tornão a lembrar? É caso mui digno de notar, que os meus Criticos de água dôce não me accusem senão de palavras antigas, pela vélha alcunha que me pozérão, de amador da antiguidade; e vai tão longe a má opinião, que a palavra *remémoros* que ninguem (que eu saiba) usou antes de mim, passarìa por palavra de Fernão Lopes ou de Azurara, no bestunto dos Peralvilhos, se eu com ésta nóta lhe não pozéra a calça de moderna. Ora esses que me argûem de antigualha, tómem o trabalho (n'um dia que se áchem de pachôrra) e contem as pálavras antigas, e vão ao mesmo tempo fazendo outro ról das modernas, e feita a somma, verão

Léva por fóros, léva por serviços
A nobre imitação de bons modélos,
E na phrase imitada o cunho antigo.

Assim o Statuario cuidadoso,
Se, encarregado da sublîme face
D'um Rei virtuoso, Deos de seu bom Pôvo;
Deseja entre os Myrons, e os Praxitéles
Ter lugar na custósa eternidade,
Dos Myrons, e dos Phidias tira os rasgos
Das bizarras feições, das attitudes;
Até das roupas imitando as prégas,
Aqui descobre, allì apanha, ou sólta,
E transladando á pédra o concebido
Typo de fórmas conhecidas na arte,
Compõe um todo, a si só comparavel,
Gôsto de Mestres, e do Alumno gloria.

Táes erão approvadas, e bemquistas
Por nobre imitação de almos traslados
Do Pindárico (1) Elpino as cultas Odes;
E a facundia bebida nos antigos
Que vertia o Garção (2) nos seus Poêmas,
Quando na Arcadia outróra os escutava
De atilados varões o estrême ouvido.

---

que por uma antiga, que a necessidade do assumpto, ou a redondez da phrase me inclinou a usar, encontrarão com vinte modernas, que talvez me grangearião a accusação de modernista.

(1) Pindarici fontis qui non expalluit haustus,
HORAT. *Lib.* 1. *Ep.* 3.

(2) —— Nec mi officit unquam
Ditior hic, aut est quia doctior: est locus unicuique suus.
HORAT. *Satyr.* 9.

No sacro templo (1) que á pureza e lustre
Da linguaguem Franceza ergueo eterno,
Pelo Richelieu, Luiz o Magno,
Ouvi eu (e inda a voz no ouvido tôa)
Um sabio, (2) em toda a Europa acceito e lido,
E inda mesmo entre nós não ignorado.
N'uma lingua tão farta (como dizem)
Dos cabedáes de Autores tão egrégios,
Que não soffreo desfalques, bastardìas,
Como a nossa, nas éras derradeiras:
N'uma lingua, que engrossa, e se enriquece
Cada dia c'os rios de eloquencia
Que tão caudáes de todo o monte manão,
Este Sabio escassezas lhe achacava,
Pedìa atrevimentos generosos
Nos que a colher os fructos se abalanção
Nos vergéis das sciencias. Nóvas cousas
Nóvos nomes requérem. Já Lucrecio
Para a Lingua tão ricca dos Romanos
Sollicito pedìa larga vénia.
Larga venia pedìa para a sua
Este Sabio tambem; e que se acceitem
No bom stylo Francez termos Latinos:
E dos antigos termos (3) saudoso

(1 A Academia da lingua Franceza.

(2) Marmontel.

(3) Vide Quintilian. lib. 1. cap. 6.

O mesmo já dizia Fenelon na Carta sobre a Eloquencia. — Oserai-je hasarder ici par un excès de zèle une proposition que je soumets à une compagnie si éclairée ? Notre langue manque d'un grand nombre de mots et de phrases. Il me semble même qu'on l'a gênée et appauvrie depuis environ cent ans en voulant la purifier. Il est vrai qu'elle était encore un peu uniforme et trop verbeuse. Mais le vieux langage *se fait regretter*, quand nous

Desejava que á vida os revocassem
Dando-lhe alma nos livros duradouros.
Reparai bem, matûla afrancezada,
No sabão que vos vai pelos bigódes:
Vède como árde-na vermêlha face
Sopápo que vos cálma a mão franceza!
Cérto estou, que calando este discurso
No attento ouvido dos francezes sabios,
As palavras antigas forão nóvas
Em prémio da razão, dos bons serviços;
Que honradas cãas c'o honrado abrigo acollem
A quem as pôz no áuge da valìa.
A tão séria oração, tão proveitosa
Estimada da Patria, e dos de sizo,
Não rião, como parvos, os francezes,
Mas ririão (1) os Peralvilhos Lusos,
Besuntados de pórca modernice,
Que não pódem soffrer palavra ou phrase,
Que não venha em Telêmaco capado, (2)

---

le retrouvons dans Marot, dans Amiot, dans le Cardinal d'Ossat, dans les ouvrages les plus enjoués, dans les plus sérieux. Il avait je ne sais quoi de court, de naïf, de hardi, de vif et de passionné. On a retranché, si je ne me trompe, plus de mots qu'on n'en a introduit. D'ailleurs je voudrais autoriser tout terme qui nous manque, qui a un son doux, sans danger d'équivoque. — Parece que este parecer de Fenelon (excepto a phrase *à une compagnie, etc.*) foi talhado para o destempero, com que nos amesquinhárão a lingua os Puristas das vélhas Academias, e outras gentes, que eu não nomeio.

(1) Tanta veneração tem os homens grandes como este (Camões) a antiquidade, de que agora se burlão alguns, que mostrão que não são grandes em mais que em presumirem de o ser. Manoel de Faria. Comment. de Camões.

(2) Foi um certo Telêmaco que o Snr. J. M. R. P. traduzio

Ou nóvos sermonarios francezistas:
Que cuidão que encerrada nos mióllos
Tem da lingua a abundancia, a força, o lustre,
Com atar um suado cumprimento,
Fallar de cães, de modas, de cavallos
N'uma róda de Moças e Tarécos
De elegante saber, igual ao delles.

Mas vamos acudir ao máis forçoso
Argumento que põem estes Marîcas,
Que estremecem de vózes que não lêrão;
Como de *Cousa má*, longa Aventesma,
Se arripîão mulheres e meninos.
« É grande affectação (assim me argûem)
» Usar da antiga phrase, antigos termos, (1)
» Que o Marquez de Pombal não usou nunca;
» Antes quasi os condemna em suas prosas:
» Usar de termos que não usa o Pina,
» Nem os nossos garrîdos Prégadores:

---

ou (por melhor dizer) a quem deo terminação Portugueza, conservando a lingua Original do livro: mas do contexto cerceou por motivos, a elle só patentes, um bom terço; cujo cerceio depois, melhor advertido, supprio com o cazamento do Heróe; porque melhor arremedásse os nossos entremezões. Dirão que tomei para a minha alma essa ridicula tradução do Telêmaco; mas quem a ler, e conhecer a presumpção do Traductor, não m'o levará muito a mal. Se soubérão o muito que lhe aturei, e a outros bichássos do mesmo lóte, não me estranharião dar-lhes eu um piparote de passagem. — *Vexatus toties*, etc. etc.

(1) Inusitata sunt prisca fere ac *vetusta*, et ab usu quotidiani sermonis jam diù intermissa, quæ sunt *poetarum licentiæ* liberiora quam nostra; sed tamen raró habet etiam in oratione poeticum aliquod verbum dignitatem: neque enim fugerim dice-

» Co'esses termos que vógão, bem-fallâmos;
» Co'elles verseja o Mattos, (1) canta o Caldas,
» E o Macêdo no outeiro se espaneja. (2)
» A lingua é como a móda. A novidade
» Lhe dá gála e primor. (3) Motiva riso
» Campar-nos hoje com sédiças phrases
» Do caduco Lucena, aguado Barros,
» Querendo-as pôr á móda no discûrso;
» Como quem nos viesse delambido
» Inculcar para adorno guapo e sécio
» Enrocados mantéos, golpeadas calças. »
Cuido que o vejo erguer-se arréminado
Lá da campa onde jaz sêcco e moîdo,
O meu Garção, e azêdo e zombêteiro
Responder-lhes assim: « Tendes sobejos

---

re, ut Cælius. — *Quà tempestate Pœnus in Italiam venit:* — aut *subolem*, aut *effari*, aut *nuncupari*, aut ut tu soles, Catule, *non rebar*, aut *opinabar* et alia multa, quibus loco positis, grandior et antiquior oratio sæpe videri salet. --- *Cicer. de Oratore*, *lib.* 3.

(1) Stultissimum est, ad imitandum non optima quæque proponere. *Plin. lib. Epist.* 5.

(2) Estou cérto que eu faria obras que agradassem muito aos Tarêlos, e aos Rauçosos, se as compozesse todas das unicas palavras, que elles sabem, o que se cifraria em quatro Cantigas anãa, como as do Poéta mascavado; e quando quizesse subir de ponto, urdir alguma Ecloga, como as do Mattos, ou do Lasso. Mas para bem o conseguir duas cousas se requerem, ou que elles me mandem uma lista das que sabem, ou que eu as adivinhe. Ambas me parecem difficeis: a primeira porque me não confiarão o segredo da sua pobreza; a segunda porque me falta a pachôrra para ler seus versos, e pôr em canhenho a miseravel mesquinharia das vozes de seu uso.

(3) Não tem desculpa estes meus senhores, vivendo em

» Para o mal que falláes, e para as trávas
» Com que a Patria pejáes, (1) pejáes a lingua :
» Melhor fôra, boçáes, nascesseis mudos.
» Que enrocados mantéos, pintos calçados
» Me allegáes por escarneo ! Quantas módas
» Não vêdes vós sédiças, que resurgem,
» Como o fétido Lazaro, e campeião
» Mui galhardas por esse mundo louco,
» Os mantéos enrocados ide vê-los

Portugal, rodeados de livros Clássicos, em quem pódem apprender a bem-fallar, tendo entre si pessoas tão adiantadas no bom gosto da locução Portugueza, com quem pódem, entretendo-se, instruir-se. Pobre de mim! que ha mais de vinte annos que perdi o trato Lusitano, que apenas tenho quatro alfarrabios Portuguezes, como a Novena de S. Gonçálo de Lagos, o Entremez dos Malaquécos, e outros Clássicos dessa estôffa; Perdão mereço, quando dou cincas na lingua que desapprendi com o desuso.

(1) Lembra-me ácerca destes dous *pejáes* certa censura que alguns Criticos de má morte me fizérão por terem embiçado n'um verso de certa ode minha que me não lembra agora, o qual dizia assim :

— *Longes terras correo com longo curso.* —

taxando-lhe de affectado e rançoso stylo a repetição de *longo e longes*, sem attentarem que o que elles dizem *rânço é* formosura tão acceita em todo o tempo nas obras dos melhores Oradores e Poétas. Com quanta louçania brilhão em Camões (por não fallar em antigos) os versos assim enfeitados! mais de 30 lhes poderá aqui citar; mas são elles tam obvios aos leitores que. . . Não quero mais infamia a gente de tão máo gosto, e tão pouco sizo, que a ignorancia deste lindissimo verso de Virgilio. AEneid. 3, 283.

Longa procul *longis via* dividit *invia* terris
E inda outro. AEneid. 5, v. 118.
— *Ingentemque* Gyan, *ingenti* mole Chymæram.

» Co'as calças golpeadas, na mais sécia
» Còrte da Europa, e mais lidada fórja
» Das tremolantes e assopradas módas.
» Vêde-me os Cem-Suissos gigantescos,
» Cerrada guarda do Francez Sob'rano,
» Como trajão nos dias máis garrîdos
» Enrocados mantéos, golpeadas calças,
» Que galas forão já de airoso adorno
» Ao Quarto Henrique, ao fórte illustre Castro.
» Lêde, basbaques, mancos de doutrina,
» Que (de acêrto) até módas vem nos livros;
» Como em Pegas achou, passados annos,
» Certo Letrado os óculos perdidos.
» Mas escutâ, Garção; (cuido que os ouço)
» Se o pensamento é bom, faz seu effeito,
» Sem ser preciso revolver poeiras
» De Latinos Camões, sédîços Barros;
» Sem joeirar palavras fastiosas
» De velhos alfarrabios com bafîo.
» Callai-vos, tolos (o Garção responde)
» A elocução é tudo. (1) Uma sentença,

(1) Nam emendatè quidem et dilucidè dicentium tenue præmium est; magisque vitiis carere, quam ut aliquam magnam virtutem adeptus esse videaris. . . . Nec fortibus modò, sed etiam fulgentibus armis præliatus in causa est Cicero Cornelii.... Nec tam insolita laus esset prosecuta dicentem si usitata et cæteris similis fuisset oratio.

Quintilian. lib. 8. *cap.* 3

Que dans un discours les pensées soient claires et justes, ce n'est pas encore un mérite, ce n'est qu'un défaut évité . . . . ce n'est point là ce qui fait l'Orateur, c'est l'abondance et la richesse des pensées jointes à la force et à la grace des expressions. — *Principes de Littérature de l'Abbé Batteux*, *tome* 4. *chap.* 10.

» Que tôsca refugáes por desagrado ,
» Se com phrase concisa , ornada e culta
» Vem ferir na alma , o ouvido amaciando ,
» Abalados ficáes , ficáes absôrtos ,
» Namorados da sua formosura.
» Que assim a guápa sêda , a téla de ouro ,
» Se mal talhada vem das mãos do Méstre ,
» Pérde a gála , por gêbba em seu feitîo ,
» Quando outra, menos ricca , mas airosa
» Orna o Dono , e de applausos rouba a estrêa.
» Dar com vózes valor ao pensamento ,
» Dar-lhe côr , dar-lhe vida é o grande estudo ,
» A gran venîda de immortáes Autores. (1)
» Que não basta dar pasto são á mente ,
» Se não vem adubado de bom gosto :
» E assim é que a Verdade cala na alma ,

Mais il n'y a que la poésie de style qui fasse la perfection des ouvrages en vers. . . Ces beautés de détail , ces expressions heureuses qui sont l'ame de la poésie et font le mérite des Homère , des Virgile , des Tasse , des Milton , des Corneille , des Racine , des Boileau , etc. etc. etc.

Voltaire , tome 3 des Mélanges de Littérature.

Il leur est démontré (je parle des Philosophes) que les préceptes embellis par l'imagination , la mesure et l'harmonie font effet sur tous les peuples ; ils se souviennent que Cassandre disait la vérité , mais qu'elle cessa de persuader , lorsqu'elle fut abandonnée d'Apollon. VOLT.

(1) Ut translatis *(metáphoras)* utamur frequenter , interdumque factis *(palavras novas)* , raro autem etiam *pervetustis :* in perpetua autem oratione cum et conjunctionis *(palavras compostas.)* lenitatem et numerorum quam dixi rationem tenuerimus , tum est quasi *luminibus* distinguenda et *frequentanda* omnis Oratio *sententiarum* atque verborum.

Cicer. Lib. 3 de Orator.

» Louçãa, c'os atavîos da Eloquencia;
» E assim tambem resvala dos ouvidos,
» Se vem sêcca, ou ensôssa ou mal-trajada.
» Uma palavra nóva, (1) ou renovada
» Despérta o ouvido, é saudavel tóque.
» Que inclinão á preguiça, ao desatento
» Os animos de ouvintes distrahidos,
» Que a corda da attenção, por longo tempo
» Não pódem ter tão rija que não bambe.
» Para a atezar de novo o bom Poéta
» Varîa o tom do Canto com figuras,
» Com descripções; ousado já apostrópha
» Homens e Numes. . . . (2) Quantas vezes, quantas
» O intrépido poéta arrisca o enleado
» Hyperbato, que embaça a intelligencia,
» A' prîma vista, mas que apraz, namóra,
» Quando abre todo ó senso! Assim de Horacio (3)

---

(1) *Audendum tamen; namque ut ait Cicero, etiam quæ primò duræ visæ sunt usu molliuntur.* Quintilian. lib. cap. 1.5. — Além de que é necessario despertar com estes beliscos a attenção do leitor que se enfastìa e dorme, por mais bellas cousas que lhe digão a fìo em lingua caseira e correntîa, que nenhumas cócegas lhe faz no ouvido: *Ut quotidiani et semper eodem modo formati sermonis fastidium levet, et nos à vulgari dicendi genere defendat.* Idem.

(2) Mais il y faut sur-tout un tour et des manières de parler relevées, hardies et métaphoriques; et ces manières sont tellement propres à ce genre d'écrire que sans cela l'arrangement le plus exact des longues et des brèves fait beaucoup moins des vers que de la prose mesurée. — *Le Bossu, Traité du Poëme épique, chap. 5.*

(3) Nunca nos versos latinos desmanchados, que nas escholas davão a arrumar, vinhão tão deslocadas as palavras como nestes.

» E dos Romanos Clássicos polîdos
» Apprazião transpostos os vocábulos ;
» E fôra riso e escarneo dos ouvintes
» Dar-lhe Odes de sentido corriqueiro ,
» Fluentes como o usado Padre Nosso. (1)
» Tambem c'um termo só , quando o Poéta
» Se aventura ao perigo, e vái buscâ-lo
» A longes sitios , (2) e atrevido o encósta
» Á nome , que se éstranha de o vêr junto
» De si , mas que o ennobrece , e allumîa. . . .
» Tambem digo que tóma alento a lassa
» Attenção , agradece ao Vate o gosto
» Que lhe dá co'a dicção , e louva a industria
» Com que ornou c'uma flor de máis a lingua.
» Canóros despertai co'a novidade ;
» Beliscai meigamente o seio da alma ;
» Inventai , renovai , usai translatos , (3)

— Me tabula sacer
Votiva paries indicat uvida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo. *Lib. 1. Od. 5.*

(1) Verdade é clara que para o Póvo uma tonadilha chãa e corrente é mais agradavel que uma Aria de Jomelli. Que para o Pòvo a Ecloga do Mattos , ou o zãozão do Caldas se lhe accommoda melhor conf as orelhas, que uma Ode do Diniz. Mas tambem as gentes que não são Póvo , sentem com regalado prazer uma transição bem modulada na Aria ; ouvem com summo agrado metáphora atrevida , mas frizante ; e um certo escondrijo transparente no conceito e nas palavras os arrebata : e se contentão de que o Autor os não julgou tão nescios que necessitasse pôr-lhes nûas e como ás escancaras as partes da Oração.

(2) Quæsiti decent cultus magis atque colores
Insoliti , nec erit tanto ars deprensa pudori.

(3) Sirva de exemplo esta descripção d'uma tempestade tão elogiada pelós Rhétóricos.

» Convidai o appetite, dai-lhe forças,
» Envidai o saber, obtereis graças
» De quem bem instruistes, deleitando-o.
» Nunca espereis que um d'esses encolhidos,
» D'esses malsins de atrevimentos nóbres,
» Consiga um grito dar, com que a alma acórde.
» Assim vîmos porque alto e bem dormião, (1)
» Bem roncavão os hóspedes cansados,
» Que acalentava a Régia Academîa
» Com derreadas prosas soporiferas. (2) »

Estudamos com tanto apuramento
Clássicos Gregos, Clássicos Latinos;

——— Inhorrescit mare
Tenebræ conduplicantur, noctis et nimbum occæcat nigror,
Flamma inter nubes coruscat, cœlum tonitru contremit,
Grando mista imbri largifluo subita præcipitem cadit:
Undiqué omnes venti erumpunt, sævi existunt turbines,
Fervit æstu pelagus, etc. etc. — *Pacuv. Fragm.*

(1) *Altum dormiret.* — Juven. Sat. 1.

——— Et vous manquez de goût,
Dès lors que par l'effet d'un vers plein de génie,
Vous mettez en défaut la *bonne compagnie*,
Qui n'y comprend plus rien, et n'y sent plus le tour
Des phrases à la glace en usage à la cour.

Prologue du Philinte de Molière.

(2) Le style ne peut être trop clair, quand on se propose d'instruire; mais ne veut-on que plaire? on peut alors procurer à l'esprit l'avantage flatteur d'exercer sa pénétration. L'idée qu'on lui présente, acquerra pour lui un nouveau mérite, si, semblable en quelque sorte à la Bergère de Virgile, elle se cache autant qu'il le faut, pour qu'on ait le plaisir de la trouver.

Théorie des Sentimens, page 23.

Habent tamen illa in dicendo admiratio, ac summa laus

Linguas; em que a pezar de improbo estudo
Seremos sempre broncos apprendizes;
Nem, quando bem queimadas as pestanas,
Myrrhássemos em ler pêccos Nolténios,
Scholiastes decrépitos e escuros,
Não nos cabe fallá-las co'a franqueza
Dos antigos Romanos; quando muito
Fallaremos latim, como fallava
Entre nós, cérto Inglez, que muitos annos
Em Lisboa, viveo e me dizia,
Mui sério — *Mim quér vai a Rata* — Crendo
Que dava um puxo bom na lingua Lusa.
Nós, quando á força de amplos Diccionarios,
De Grammáticas, de áridos Commentos,
Nóvos Manucios, Fabros, ou Resendes,
Greguìssimos Scaligeros da gêmma,
Gaguejèmos latim a Plauto, a Horacio,
E Grego a Homéro, a Pindaro — ririão
Da nossa arrogantissima impotencia;
E sem nos comp'render, nos deixarião
Latinisar, e Greguejar a froxo,

---

umbram aliquam et *recessum*, quò magis id quod erit illuminatum, exstare atque eminere videatur.

Cicer. Lib. 3 de Orator.

Sed auditoribus etiam nonnullis grata hæc, quæ cum intellexerint, acumine suo delectantur, et gaudent non quasi audierint; sed quasi invenerint. -- *Quintilian. lib. 2. cap. 2.*

Est etiam in quibusdam turba inanium verborum, qui dum communem loquendi morem reformidant, ducti specie nitoris, circumeunt omnia copiosà loquacitate quæ dicere volunt: ipsam deinde illam seriem cum alia simili jungentes miscentesque, ultra quam ullus spiritus durare possit, extendunt.

Idem. lib. 8 cap. 3.

Nas Theses, nos umbrátiles Collegios.
Como? Em cadóz de ingrato esquecimento
Deixar-mos a linguagem, que nos sérve
Em tratar os negocios, as usanças,
Desta vida Civil, razões de Estado
C'os nossos Conterraneos, c'os Amigos,
Em dar pasto, co'as Damas, ás máis puras,
Máis brandas affeições do animo humano,
Para dar todo o estudo a estranhas linguas!
Fallemos portuguez brando e sonoro
A Portuguezes, que entender-nos cabe.
E se espértos me arguem os Peraltas
Que as riquezas vocáes, (1) que assim pretendo
Introduzir, empécem á clareza
Da lingua, e que o vulgar dos Portuguezes
Não póde sûbito abranger o senso
Das vozes Clássicas, remótas do uso,
Das nóvas, das Latinas, das compostas,
Mui pachorrento, e concho lhes respondo,
Que as que hoje estão em uso forão nóvas

---

(1) Une langue n'est riche qu'à deux égards; premièrement quand elle joint des mots et en forme des composés qui, faisant image, expriment des sentimens moraux, et peignent des actions qui seules peuvent nous émouvoir. Elle n'est riche en second lieu que par l'abondance des termes métaphoriques qui rappellent des sensations, offrent des idées composées, lesquelles rendent visibles les objets et leur connexion, et avec peu de mots réveillent plusieurs idées. Il résulte de là que les langues grecque et latine sont plus riches que les langues modernes, quoique toutes deux manquent d'un nombre infini de mots qui appartiennent aux inventions modernes, mais elles n'en seraient pas dépourvues si les mêmes objets avaient été connus alors.

Journal Littéraire de Berlin, tome 2.

Tão difficeis então, quanto estas hoje
De serem do vulgar bem-entendidas.
Quando o Pombal nas leis punha *Apanagio* (1)
Ninguem soube que enxalmo, ou que encommenda,
Que bicharôco erâ *Apanagio* : os mesmos
Letrados se tomávão da tarântula.
Apanagio passou. Hoje é corrente.
Qual foi o Sapateiro, ou Curraleira
Que pescou o sentido enrevezado
Em *retractar*, *controverter*, em outras,
Da vez primeira que sahio da bôcca
Do freguêz que lh'a disse? Pouco a pouco
Explicada, prégada, conversada,
Conseguio ser palavra corriqueira
Quem d'antes era enigma avêsso, abstruso.
Tal é o fado das primeiras vózes.
Estranhão — Vão entrando — tómão pósse —
Depois ficão de assento — e entre nós cázão —
Ei-las parentas já de toda a lingua.
Que assim é que um caminho de pé-posto,
Co' andar da gente, passa a ser estrada.

Como em limpida fonte, (2) em nossos Mestres

---

(1) Multa ex Græco formata, ac plurima a Sergio Flacco, quorum dura quædam admodum videntur, *ut Ens et Essentia*, quæ cur tantopere aspernentur nihil video, nisi quod iniqui judices adversus nos sumus, *ideoque paupertate sermonis laboramus*. . . . Audendum itaque. Neque enim accedo Celso, qui ab Oratore verba fingi vetat. . . . Derivare, flectere, conjungere . . . . quando desiet licere?

Quintil. lib. 8. cap. 3.

(2) Cum sint autem verba propria, ficta, translata proprii

Do século das lettras Lusitanas,
E nas páginas férteis dos Latinos
Tómem linguagem pura os bons ingenhos,
Que a colhêr palmas de eloquencia Lusa
Inclinão seu propósito e porfia: (1)
Ou já no Fôro, os animos Consultos
Queirão mover a compaixão piedosa
Do Réo mal-arguido, ou mal-defeso;
Ou, da Verdade na cadeira anceiem
Soltar as pandas vélas da facundia
Em assumptos moráes, ou já sagrados.

Os exemplares puros com nocturna,
Diurna mão por vós sejão versados,
Por vós, Poétas, que quereis no Pindo
Conquistar os favores das Camenas.
Se desprezáes dos Clássicos o estudo
Sereis dos sabios Lusos desprezados.
Oh! que é desdouro, um Vate alçar as vozes
Promettedoras de altaneiro assumpto
Ante o Pôvo apinhado, (2) e ser mesquinho

---

dignitatem dat antiquitas. Namque et sanctiorem et magis admirabilem faciant orationem, quibus non quilibet fuerat usurus: eoque ornamento acerrimi judicii P. Virgilius unicè est usus. *Olli* enim et *quianam* et *mis* et *pone* pellucent et aspergunt illam, quæ etiam in picturis est gratissima, vetustatis inimitabilem arti auctoritatem. . . . Quædam tamen adhuc vetera, vetustate ipsa gratiús nitent, *quædam etiam necessario interim sumuntur.*

Quintilian. lib. 8. *cap.* 3.

(1) Verso de Camões. *Cant.* 1.

(2) Densum humeris bibit aure vulgus.

HORAT, *Lib.* 2. *Od.* 13.

No arrojo, e na affluencia das pinturas,
Com que anhéla estoffar o seu discurso,
Por falta de eloquentes vivas cores,
Que só dão as palavras preciosas
Cavadas nos bons Mestres, ou tiradas
Do riquissimo erario dos Latinos.
Quando em público falla; quando escréve
Obras dignas de sôfrega leitura,
Se inteira o bom Autor, cólhe de plano,
(E com que dissabor!) o quanto ignora
A lingua em que se deo por abastádo,
Vendo á bolsa, que creo pejada, e himpando
De grosso cabedal de riccas phrases
De termos nóbres, êrmo e exhausto o fundo. (1)

Nescio grulha, (2) que em sujo charco mólhas

---

(1) Apostêmos que os amabilissimos e pacientissimos Leitores começão já a enfastiar-se da longũra deste Carta. — Tambem eu. — Fação o que eu faço agora, que a estou escrevendo. — Deixem-na, como eu a deixo. — Adeos, Carta, até nova apojadura.

Dêmos-lhe outra gaitada. — Creio que ainda no mundo ha boas almas, a quem agrada o serem prestadîas. Se essas boas almas reparando os defeitos do meu desmazêlo, e do despêgo com que trato versos meus, tomassem a seu cuidado podarem este aranzel, seguro-lhe que por mâis fundo que seja o córte, não terá de me doef. — Entre tantos curiosos que só folgão de lêr poêmas curtinhos dos nós, porque não haverá um que empequenite esta almanjarra Poética? Oh quanto eu lho agradecêra! — Dir-me hão — E porque o não fazes tu? — Porque! porque? — Porque quasi para tudo o que é trabalho me teve sempre as mãos atadas a Preguiça.

(2) Veggio che Idra rabbiosa
Nemica del Parnaso arma furori;

A lingua com que os Clássicos motejas,
E a quem de suas messes faz ganancia,
Convêm comigo, se és sincéro e franco,
Que nunca déste inteira á voz, e á penna,
(Qual te luzío na mente) a idéia tua,
Por charro, ou por mendigo de palavras,
Que dão côr, e dão alma ao pensamento. (1)
Olha o Garcão, quão ricco na pintura
Da infeliz Dido, (2) as côres assinalla,
Quando perecedôra, entrégue a Clotho,
« *Com a convulsa mão súbito arranca*
» *A lâmina fulgente da bainha,*
» *E sobre o duro ferro penetrante*
» *Arroja o tenro cristallino peito:*
» *Em borbotões de escuma murmurando,*
» *O quente sangue da ferida salta:*
» *De roxas espadanas rociadas*
» *Trémem da salla as Dóricas columnas.* »
Não ha têrmo, que não traslade ao vivo,
No sp'rito do Leitor o fiél quadro

Ella infettar vorrebe edre ed allori,
Ma non può, ma non osa;
Stiasi negli atri infernì orridi ed atri
La forsennata; ivi bestemmi e latri.

Chiabrera.

(1) Et pourquoi tout cela? Pour complaire à des sots,
Dont la langue n'admet que deux ou trois cents mots,
Hors desquels ne sort pas leur hautaine ignorance.
Un mince cailletage est leur noble science.

Prologue du Philinte de Molière.

(2) Cântata de Dido, no Entremez da Assembléa.

Obras poeticas de P. A. Garção.

Que o Garção debuxou na clara ideia. (1)
Sim : que Estudo, e Razão lhe persuadírão
Que ao Vate aceito a Apollo, aceito ás Musas
Cabe espertar no ouvinte imagens vivas (2)
Com valente pincél, accêsas côres,
Arrojado nos rasgos, lumes, sombras,
E ardente como esse Estro, que o inflamma.
Quão custosò lhe fòra! — Quão negado
O arrôjo no desenho, o vivo em côres
Que os sentidos movendo cálão na alma,
Se colhida nos campos da leitura
Tão copiosa seára não tivéra!

Inda te dou, que possas, como o Vulgo
Fallar correcto ás vezes. Não te basta (3)
Trivial locução, para subires
O primeiro degráo do Templo que honra
O Mérito eloquente. Evitar êrros
É erguer-se apenas do plebeio lôdo : (4)

---

(1) Eloqui enim hoc est, omnia quæ mente conceperis promere, atque ad audientes perferre, sine quo supervacua sunt priora, et similia gladio condito, atque intra vaginam suam hærenti. Hoc itaque maximè docetur : hoc nullus nisi arte assequi potest : huc studium adhibendum ; hoc exercitatio petit, hoc imitatio : hic omnis ætas consumitur : hoc maximè Orator Oratore præstantior ; hoc genera ipsa dicendi alia, aliis potiora. — *Quintilian lib.* 8. *in proœmio.*

(2) Et vivas hinc ducere voces. — HORAT. *de Art.*

(3) ———— Vitavi denique culpam,
Non laudem merui. — *Id. ibid.*

(4) La Poësie n'est pas moins occupée de choisir ses expressions que ses pensées. Elle veut qu'outre la propriété et la

Longe estás de ganhar subîdo premio,
Que pende para quem com louçanîa,
C'o dom de aurea dicção dá garbo ás fallas,
Varîa, estrêma a phrase máis venusta, (1)
Com que dóte de spléndida riqueza
De seu discurso a intrépida structura.
Que é soberbo Palacio um bom Poema, (2)
Cuja Fachada, Camarins, e Sallas
Com regia pompa ser ornados pédem.
O ouro e o matiz das sêdas e pinturas,
Dos cóffres mais recônditos da lingua
Os tira á luz o próvido Poéta. (3)

---

justesse, qui sont plutôt un défaut évité qu'une beauté acquise, il y ait dans son discours un certain nombre de mots qui frappent et qui piquent l'attention de l'auditeur. Elle en emprunte des langues anciennes; elle en fait revivre de surannés, qu'on voit renaître avec plaisir en faveur de leur énergie; il y en a qu'elle transporte du genre à l'espèce, de l'espèce au genre; autrefois elle profite d'une ressemblance équivoque pour user ou même abuser d'un mot; elle préfère sur-tout les expressions pittoresques qui font image, et qui rendent l'expression sensible; elle multiplie les épithètes, et les assortit quelquefois d'une façon bizarre: en un mot elle s'attache à tout ce qui est extraordinaire, soit par la richesse, par la force, ou parce qu'il est nouveau.

Batteux, *Cours de Belles-Lettres*, *tome* 1.

(1) Par une image neuve, un mot audacieux
De la langue étonnée agrandir le génie,
Et peindre la Nature en vers majestueux. LEGOUVÉ.

(2) Pindar. *Olympic.* 6.

(3) Na segunda Epistola do segundo livro applica Horacio aos Romanos, o que, mudados os nomes, fôra bem que a si applicassem os nossos scriptores modernos; que se acharião bem com esses conselhos, e a lingua ainda melhor com a abastança, que, de os elles seguirem, lhe viéra.

Vocábulos, effigies dos objectos,
Que Camões, que Vieyra memorárão;
Que infórme pó cóbre hoje. Se erudita
Mão lh'o saccóde, e as cãas remóça activo,
Com lingua ricca additará á Elysia. (1)

Quando orphão de bons Clássicos o Idiôma
Se vio ao desamparo, ao desalinho
D'um tropél de ignorantes, todo o ricco
Custoso cabedal, que tinha herdado,
Da ancia, do estudo de escriptores sabiós,
Se esvaio pelas mãos de ruins Tutores.
Um fastioso de *apoz*, desfez-se delle;
Este espancou *quiçá*, ess'outro *asinha;*
E assim dos máis. Foi roupa de Francezes.
Os termos máis enérgicos, mais curtos,
Os máis sonóros, por melindre, ou birra,
Fôrão longe da lingua degradados;
E outros fôrão perdidos, por desleixo.
E nós de ávitos bens herdeiros lìdimos,
N'um patrimonio entrámos defraudado
D'ouro, padrões, alfaias, nù e crú.
Vistes vós n'uma Casa, onde morrêrão
Páe e Mãe, e mui riccos, mas sem dono,
Ficão muitos filhinhos? — Um comêça
A descompôr gavêtas, a abrir cóffres,

---

(1) Tu vero, inquam, Vàrro, benemeriturus mihi videris de tuis Civibus, si eos non modo copià rerum auxeris, ut effecisti, sed etiam verborum. Audebimus ergo, inquit, novis verbis uti, te auctore, si necesse erit.

Cicer. Lib. 1. Academicor.

D'um lenço de cambráia faz zorrágue,
Cavalga outro em bengala castão-de ouro,
Este um dedál de prata, aquelle um diche
De subido valor, pela janélla,
Brincando, ou descuidado, deita á rua,
Ródão broches e annéis pelo sobrado,
(Preço de muitas lidas!) — sobem lógo
Enxâmes de rapazes com-vizinhos
Barulheiros, daninhos, ou milhafres,
Que bólem, québrão, vásão, pilhão, levão
Ouro, diamantes, louça, doces, fructa,
E uma herança atélli graûda e ricca
Pára em mesquinha, misera pobreza.
Tal da lingua os thesouros se escoárão
Em poder de crianças litterarias,
De personagens nescias, ou perluxas. (1)
 Vêde em tal desbarato, em tal desleixo,
Que valente Orador, Vate atrevido
Póde fallar conciso, ser ornado,
Ser altiloquo, ou térno, se lhe faltão
Cabedáes com que abaste, com que enfeite,
D'onde tire a prazer, a expressão curta (2)
Que encrava mais profunda na alma a ideia;

---

(1) Estes dous versos tem variantes que se não imprimem, porque nem todas as verdades se dizem. — *Nota do Editor.*

(2) Est brevitate opus, ut currat sententia, neu se
Impediat verbis lassas onerantibus aureis.

HORAT. *Lib.* 1. *Satyr.* 10.

Deste preceito de Horacio não fizérão caso algum, os que compozérão grossissimos volumaços, com que gemêrão as prensas, e ainda hoje gémem as estantes. A maior parte dos ajoujadores tomos de certas Academias são como os pannos de palha que com desmesurado ôcco recheio não tem succo, e apenas dão ás

E não meandros de torcîdos trópos,
Que resválão do ouvido, e da memoria,
Antes que o fio da vindoura phrase
Se áte c'o fio bambo da já-lida.

Remontar ao sublime ha sido sempre
O perpétuo lidar, o fito nóbre
Dos que as óbras meditão, que os vindouros
Desempõem com fructo e com agrado:
E o *sublime* quér grande e nova ideia,
Curta, e que muito senso apérte em summa. (1)
Que se inépto, por falta de baixélla,
Lanças em-vasto desbordado vaso
A pura áctiva essencia concentrada,
O concebido spirito sublime
Na vasteza chocalha, e se derrama;
Perde o cheiro, e mes-cabado
Na turba das surrápas se deshonra.
Tu mórmente, oh Poéta, a quem no encaixe
Do verso, (2) estreito emprego e estôffa cabe;

---

bestas com que esgravatar os dentes. Entrárão em certas litterarias régias sociedades duas castas de homens, que ou não sabem, ou não cuidão em dar cousa util que se leia. Onde vistes vós Môchos, nem Ladrões gostarem da luz do dia?

(1) C'est à l'élégance et à la précision à mettre le *sublime* dans tout son jour. C'est même quelquefois la brièveté qui fait la plus grande force des traits qui passent pour merveilleux, et il ne faut au contraire qu'un mot superflu pour énerver la pensée la plus vive, et la dégrader du sublime.

La M. Houd. Discours sur la Poésie.

(1) La sentence (dit Montaigne) pressée aux pieds nombreux de la Poésie, élance mon ame de la plus vive secousse.

Se em palavras transbórdas, vás por fóra
Da marca abalisada, e dás c'o verso,
Desatento, a travez: e desde o intróito
Enójas, e os ouvintes adormentas.
Sê mui parco na ensancha das palavras,
Se ousas toccar as raias do *sublime*,
E dos ouvidos déspota, se quéres
Tê-los captivos a teus dignos vérsos:
Mas para parco ser thesouro ajunta;
Que sem muita lição serás verboso.
Quanto mais ferramenta tem o Mestre
Mais fáceis, mais subtîs prefaz as óbras:
Quanto mais panno tem, mais poupa o córte,
Menos monte alardeia de retalhos
A afreguezada, espérta Costureira.
Na Casa em que a despensa recheada
Acóde á mesa com sobejo alarde,
Banquêtes, com que o Pobre se arruîna,
O Ricco os dá frequente a pouco custo.

Se querêmos achar abértas veias
Do custoso metal que as fallas doura,
Visitêmos as minas encetadas
Pelos nossos antigos Escriptores,
No Lacio e Achaia, que inda nos convidão
C'o largo abérto seio a ser riccassos.
E se a ruin Preguiça vos atalha
Mover o passo a longes territorios,
Tendes em Casa, e a vossas mãos disposto
O producto das minas já cavado
Limpo de fézes, chrysolado, e puro
Nos Payvas, nos Lucenas, Brittos, Barros.
Entre abóbadas longas intricadas,

Labyrinthos reconcòvos, e escusos
De conceitos agùdos predicaveis,
De bastardo saber, de ingenho vêsgo,
Ha por cantos escuros, por desvìos
De sermões requintados do Vieyra
Desprezados terrões de ouro encobérto,
Que enriquecer mil páginas podérão
Por artifices mãos melhór-lavrados.
Tem Lucena Capitulos (1) tão cheios
De Lusa preciosissima abastança,
Em phrase e termos escolhida e nobre....
Em seu fluido stylo vái Bernardes
Serpeando manso e manso, até que mana
Dos ouvidos, nas ìntimas entranhas,
Qual vái claro ribeiro cristallino
Debruçando-se puro e saudoso (2)
Debaixo de inquiétas avelleiras,
Por entre hervosos valles sempre-verdes;
Té que ao largo se estende em liza mesa (3)
Espêlho, e ás vezes banho das serranas.

---

(1) Vejão os Capitulos em que falla do combate dos Achens, dos costumes dos Chins, da descripção das Ilhas Molucas, etc. etc.

(2) Talvez me criticarão tantos epithetos. Desgraçados tempos! Quanto mais ignorantes ha, mais lavrão as criticas. Sem me valer do *informe*, *ingens*, *etc.* de Virgilio, e outros muitos exemplos tirados dos Poétas, que eu bem podéra allegar, citarei sómente um prosador que aqui tenho máis á mão, e seja Fr. Luiz de Souza. — *Viérão á Villa uns estrangeiros; traziaõ comsigo um Urso grande e corpulento, feio e feroz, mas tão domesticado*, etc. Vida de D. Fr. Barth. — Permittireis vós a um historiador mais opulencia de epithetos, do que a um Poéta? Como sois parvos!

(3) Chama Camões mesas aos remansos de agua, que os ribei-

De Barros que direi ? que os Estrangeiros
Não digão máis do que eu ? que delle fallão
Com mór respeito, que fallar usâmos.
Ferreira, Britto, Souza, Arráes, e Pinto
Só lhes faltou nascer em terra estranha
Para altamente serem conhecidos,
E encommendada aos bons sua leitura.
Cartilha houvéra ser, Cartilha de ouro
Para a pura dicção da lingua Lusa,
O mui-disérto Freire, ultima c'roa
Das nossas litterarias conquistas;
Fiel historiador, sempre eloquente,
Sempre Plinio., (1) e mil vezes com ventagens.
Quanto não ganharîa a Patria honrada,
Não ganharîa a lingua Portugueza,
E os egrégios Heroés, se cada Cêsar,
Cada Fabricio, Régulo, ou Camillo,
Que deo a Lusa Térra, conseguisse
Um Freire que lhe desse alto renome
Por obras, por virtudes conquistado?
Tem senões! — E que Autor é delles limpo?
Não dormitou Homéro? (2) O bom Virgilio
Indignado das máculas da Eneida,
Não mandava de novo queimar Troya? (3)

---

ros fasem quando se estendem sobre dilatados leitos, onde a água perdendo força de corrente parece allì parada, e de limpa e transparente assemelha uma mesa de cristal.

(1) Penegyric. Trajan.

(2) Tu nihil in magno doctus reprendis Homero?
HORAT. *Satyr.* 10.

(3) . . . Ergo ibit in ignes,
Magnaque doctiloqui morietur musa Maronis?

Se ás Musas não vedára o pio Augusto
O eterno pranto, e a Apollo as saudades?
Pollião não imputa á Maravilha (1)
Que ião, alêm de Roma, curiosas
As gentes vêr, defeito Patavino? (2)
Mas muito ha que sobejo sério fallo,
E o sério me não quadra, e quadra menos
Ao meu assumpto, e aos cáros meus Leitores.
Dêmos que ressuscite (o que hoje é facil) (3)
Vieyra, e ouça fallar cértos Peraltas,
Pregoeiros de affrancezada lingua.
Parêce-me que o vejo franzir beiços,
Encrespar o nariz, perguntar logo:

VIEYRA.

Quem vos torceo as fállas á franceza,
Meus pardáes novos de amarello bico?

PERALTA.

Lemos livros de fita, e é nesses livros
Que nós *puisamos* o fallar á móda,
No máis *charmante* tom, máis *seduisante*.

VIEYRA.

E quem trouxe essa móda, meus meninos?

---

(1) Tito Livio.

(2) Patavinitatem quamdam. — *Quintilian.*

(3) Já ha muito que Gagliostro dando a jantar aos grandes da Côrte, segundo os convidados que elles lhe pedião, vinhão mórtos, vinhão vivos sentarem-se com elles á mesa. Jantava Henrique IV com Voltaire, e com Ninon de l'Enclos, etc. etc. Hoje se repete n'um dos passeios máis frequêntados de Paris a mesma resurreição. Cada um que paga vê a cara, ou caras das pessoas que deseja ver.

PERALTA.

Elle é, pois que *exigís*, que com *justeza*
Rapporte o renomado Chefe, é esse o
Traductor do Telêmaco capado,
De sermões Vicentinos precedido,
Avamcorrores desta nova schola.
« Vou-me lá » (diz Vieyra) — Ei-lo que bate
A' porta do Ribeiro, e péde novas
Desta nova eloquencia Gallo-Lusa.

VIEYRA.

Quem préga cá melhór? quem faz bons versos?

RIBEIRO.

Eloquencia, Monsieur, tem alto *rango*;
É o *affaire* do dia, os meus *Eléves*
Bellos espritos, *chefes do bom gosto*,
Tem dado á linguagem táes *nuanças*,
Que nunca em *gólpe de ólho remarcárão*
Os antigos na *affrósa* obscuridade.

VIEYRA.

Páre, páre, senhor, c'o sarrabulho
Dessa phrase frandûna. (1) Eu fui a França,
Nunca lá me atolei nesses lameiros,
Nunca euroupei a lingua Portugueza
Com trapos multîcores, gandáiados
Nessa feira da Ladra. Os meus Latinos

---

(1) Quando por traição de alguns nóbres, e Jesuitica perfidia usurpou o Reino o Demonio meridiano (Philippe II.) passárão á guerra de Flandes Lusitanas trópas, e a mascarada falla que dos Paîzes baixos tomárão, se nomeava então lingua frandúna.

Me derão sempre o precioso traje,
Com que afformosentei a Lusa falla.
Com Deos fique, senhor. Tal gìria esconça
De ensòsso mixtiforio bordalengo
Só médra co' esses tòlos, que se enfronhão
Em lingua estranha, sem saber a sua.
E dão co' essa mistura a vera effigie
Do appupado ridiculo enxacôco.

Eis vejo ao longe as duas largas portas,
Por onde a corrupção entrou lavrando
No corpo da linguagem Portugueza,
E lhe estragou a compleição sádìa.
Uma lh'a abrio Philippe de Castella,
Hypócrita tyranno, e não prudente,
Quando o Reino não-seu, quando as conquistas
Com sangue Portuguez tão rubricadas, (1)
Mais com ouro usurpou, que com trabûcos.
Elle os peitos torceo téllì altivos;
E a Lisonja, que encósta brandamente
A dextra á cerviz dura, a foi curvando,
Té que inteira a abaixou ante o Tyranno.
Medrou lógo o desejo de agradar-lhe,
Que fez beijar-lhe o sceptro, e a mão de ferro,
Que mui pesadamente a carregava.
Nos ânimos soprou alento frouxo,
Banhou os beiços (2) de fagueiras fallas

(1) Diz Barros (não posso apontar onde, porque não tenho livros) que apenas se achará por toda a cósta d'Africa que corrêmos, ponta, ou rochedo, que os Portuguezes não tingissem com o seu sangue.

(2) Sei eu bem, que delambidos ha hi prezados de bemfal-

E as pennas embebeo na Hispana tinta,
Tanto ao fundo, que as pennas esquècerão
Do seu idioma Luso a côr nativa;
Para affagar com phrases mendigadas
As orelhas (1) dos duros vencedores.
Que longe ião correndo do Ferreira
(Bom Ferreira da nossa lingua amigo!)
Esses filhos ingratos, que deixavão
A mui-caroavel Mãe, que de seu leite
Nunca lhes consentio têrem seccura,
Para ir buscar, em braços de Madrasta,
Sustento e affagos que élla dava esquivos!
Fastiosos na opulencia requestavão
Pão de esmóla a soberbos estrangeiros,
Que escassos, com desdêm, ao chão lh'a deitão.

---

lantes, que me taxarão de grosseiro, e me dirão que *labios* é mais Académico. Outros me dirião, se eu pozesse *labios*, que *labios* são de feridas e de chagas. Quem se póde entender com táes freguezes? Dir-lhes-hei o que me vem agora ao pensamento. Quem tem dous pares de sapatos, calça hoje uns, amanhãa outros: e quem não tem senão um que mêtta a cotio, cedo o estraga, e senão compra outro par, anda descalço. O modo mais guápo de empobrecer a lingua é espinicá-la muito. Vejão a fabula das duas femeas (uma vélha e outra môça) que por assimilhar cada uma a si o amante nos cabellos, a vélha lhe arrancava os pretos, e a môça os brancos, e por fim o deixárão calvo.

(1) Um Padre muito douto da Censoria riscou no manuscripto do Telêmaco traduzido por Manoel de Souza a palavra — *Orêlhas* — como baixa e deshonrada: mas o Capitão que sabìa mais Portuguez que todo o tribunal, lhe perguntou: — Que é o que S. Pedro cortou a Malcho em certa noite de agarração? — E o meu Censorio ficou como um patinho. A orelha (lhe retrucou o Souza) é membro e sóffre córte; e o ouvido é sentido, que não ha hi facalhão de frade que o decépe.

Se era util, se era grato o que escrevião,
Quem os mal-consellhou que desherdassem
Do rendoso aprazivel patrimonio
A patria natural, o meigo idioma
Que abundante, e grandioso, e brando, e féro
Entendidos Maiores lhe apprestárão?
Que antemão obsequente, officioso
Lhes moldára nos labios (1) infantìs
As primeiras palavras carinhosas,
Com que, do bêrço, os Maternaes semblantes
Soubérão borrifar de almo sorriso;
Por ir (oh ingratidão! oh esquivança!) (2)
Estragar, com mão pródiga, thesouros
Em desdenhosas terras forasteiras.
Oh desdouros da Patria! oh inimigos
Da lingua em que nascesteis, vos criasteis,
Da lingua a quem deveis todos os lucros
Do saber, do talento, e ingenho vosso!
E esquécê-la podesteis? desprezâ-la?
Negar-lhe o fòro dos caudáes estudos?
Quem sabe se esse immérito descuido
Dos bons, que affermosárão vosso idioma,
Se esse cultivo de estrangeira phrase
Não foi a lança máis aguda e fórte
Que lhe abrio as feridas mais profundas?

---

(1) Aqui vão *lábios* como na outra forão *beiços*.

(2) Mas el que fuere planta nobre, ave real, ingenio peregrino, no solo deve occuparse en illustrar con algunos escritos el habla natural, sino que le toca con todo rigor llenarla; y enriquezerla incessablemente de joyas, ornamentos, policias y elegancias, osando abrir a los que le succedieren los caminos mas difficiles. — D. Cristoval Suares de Figueroa, nel Passagero.

Talvez, se não cessasseis de alinhâ-la,
De a alimentar com vosso estudo e lida,
Serîa inda hôje aquélla, que com tanto
Brado se fez no mundo honrada e altiva (1).

Outro infortunio prolongou funésto
Nas Lusitanas lettras, o prolixo
Marte, que supportámos corajosos
Em nossos braços, por manter no augusto
Solio o recem-subido Soberano
Contra as rapaces mãos usurpadoras,
Que, annos sessenta, nas espádoas curvas
Do ferreo scéptro o conto nos calcárão.
O alvoroto, e o tumulto, que comsigo
Trazem bronzeos canhões, roucas bombardas
Mal convêm c'o remanso de Minerva,
Co'a amena calma das pousadas Musas.
Os que Apóllo influio, por Marte o deixão,
Depõem os livros, os broquéis embração;
E em lugar dos accentos numerosos,
Com que inclytas ideias se revéstem,
Só tem o agudo ouvir abérto *á l'arma*,
Só tem do irado olhar cravado o lume
Na ardente balla, ou carniceira brécha.

Quem não vê pois, que em quadras tão esquivas,
A Lyra emmudeceo, parou a pluma,

(1) Sinto a cada passo quanto este arrazoado é longo; mas desculpem-me, que foi tão violenta a destemperança metrificante, e tão aturada a cólica da imaginação, que não havia ahi pannos quentes que a mitigassem.

Emmagreceo a lingua, que se nutre
De Ocio de Vates, de Ocio de Oradores,
Que alti-loquos resoão? No sanctuario
Das Lettras puro, e até então guardado,
(Nessa hora de ataláias desprovido)
Pelas portas lhe entrou mal-agourada
A Ignorancia ladeada da catérva
Dos erros, das maléficas doutrinas.
As mãos se dérão sempre pelo mundo
Esses dous feios brutos tragadores
Do Ingenho, e do primor das boas Artes.
Vêde a Grecia, soberbo monumento
Da arrojada solérto (1) humanidade,
Milagres da arte, a cada passo erguendo
Ante os ólhos attentos do Universo;
Profundos meditando, disferindo
Modèlos do saber Sublime e nóbre,
Tão eloquente, quão limado e terso;
Hoje esquecida Grécia, hoje ignorante,
Hoje bruta, de bruto dono escrava.
Tu podéste, Ignorancia mal-querente,
De torpes Dogmas sempre bem provìda,
Destruir as seáras das sciencias
Com tal suor plantadas e florìdas!

Assim foi descuidada, e embrutecida
A nossa lingua illustre. Os Portuguezes
Co' a pertinaz tormenta desgarrados
Da bem-assinallada antiga esteira,
Perdêrão o bom tino ao saber puro,

---

(1) *Solers* nunc hominem ponere, nunc Deum.
HORAT. *Lib.* 4 *Od.* 8.

Que em éras de Camões, éras de Barros
Grangeado tinhão nos Lycêos da Europa. (1)
Nós hoje, se prezâmos levantar-nos
Ao gráo de gloria a que eramos subidos,
Trilhemos senda que ampla nos abrîrão
Nossos Maióres no apurar do Ingenho.
Elles da Grêga lingua, e da Latina (2)
Tomárão cabedáes, com que adornárão
De garbo e de melindre a Lusa falla,
Lusa escripta. (Brazão d'essa éra augusta,
Que nos deo nome em toda a redondeza,
E o brado inda resôa!) A Lusa falla,

---

(1) O modo de aperfeiçoar a lingua Materna é enxertando nella o precioso das outras. Temos o exemplo antiguo da lingua Romana, que se fez abastada co' as riquezas que tirou da Grêga; e d'esta conta Xenophonte que d'entre os proveitos, e ventagens que da força maritima tiravão os Athenienses, era um, e grande, o de ouvirem fallar toda a casta de linguas, e tomarem d'esta uma phrase, d'aquella um termo enérgico, etc. etc. de sorte, que em quanto o restante dos Grêgos conservárão o seu peculiar idioma. . . . os Athenienses, do que mais apurado vîrão entre Grêgos e entre barbaros, compozérão uma lingua farta e suave pela acertada mistura. E ora se a lingua Grêga, a mais bella das linguas Européas, a mais louvada dos Romanos, senhores do mundo, se enriquecia com o trato e commercio de outras; quanta riqueza não requér que a lingua Lusa tire da Grêga e da Latina, e ainda de outras, assinalando-as com o seu cunho, e dando-lhes Carta e Provisão de naturalizadas!

(2) Sendo pois a lingua Portugueza, na origem Latina, reformada muitas vezes, e ampliada de vocabulos latinos de que careciamos, por a corrupção que os Gódos nella fizérão, sem nenhum pejo, e com muita honra nossa, nos devemos aproveitar d'ella, como filhos, que dos bens patérnos se ajudão. — Duarte Nunes de Leão, na sua Descripção de Portugal.

Que hoje é mófa e baldão de Peralvilhos,
Que ensòssos passão por estranhas linguas (1)
Minguados na Matérna a quem desdenhão,
Por que inda aptos não são para invejâ-la.
Ridiculos (2) que tentão pòr eschóla
D'uma lingua meiada (3) de hervilhaca,
Mal colhida em máo signo, chôcha e môcha,
Que tráva na garganta do Critério!
Fogem da lingua sãa, chamão-lhe antiga;
(Antigo é o comer, e todos o usão!)
E vão dar de malhão n'um neologismo
Sem-sabor, mal fundado, e mal acceito. (4)

Protésto que, mal-grado, sou prolixo;
Que me enfadão tão longos razoados
Sobre assumpto tão fraco e tão miùdo:
Mas a tanto chegou nossa pobreza,
Pelo descuido de uns, bruteza de outros,
Que não sentimos só mingua; — Penuria
De Autores, que das Artes, das Sciencias
Nos abrão o riquissimo sacrario;
Se não que disputamos Escholares
Sobre idades de vózes. Oh miséria
Do ingenho! Oh torpe negligencia

---

(1) *Vid.* Prologo da Vida de D. João de Castro.

(2) — — — Laqueo tenet ambitiosi
Consuetudo mali, tenet insanabile multos
Scribendi cacoethes, et ægro in corde senescit.
JUVENAL. *Satyr.* 7.

(3) Camões. Carta I.

(4) Dum vitant stulti vitia, in contraria currunt.
HORAT. *Lib.* 1. *Satyr.* 2.

Dos homens, a quem cábe o alto dominio
No reino das palavras eloquentes!
Vates sublimes, nóbres Oradores,
Dai rios perennáes de alta loquéla;
Enlevai, persuadi, dai pasmo e assombro;
Trôem na altiva bôcca os sons ousados; (1)
Ou melliflua mane a melodia
Do Canto, que enfeitiça o entendimento;
Pónde sómente o fito na energia
Das côres com que dáes luz ao conceito;
Que essas côres ja nóvas, ora antigas
Abastarão a lingua. E esses que ouvem,
Esses que lêm o arrojo das palavras,
Encantados do altivo das idéias,
Dos accesos matizes da pintura,
Não irão indagar se vem de Barros,
Se de Horacio, de Cicero, ou Vieyra,
A vóz que lhes deo na alma o nóbre abalo.
Perde-se a côr de Chumbo, a de Junquilho
Quando o pincél as méscla na pallhêta;
E só no quadro avulta a similhança
Que illude, e representa vivo o objecto,
Que a Natureza amostra, e que a Arte esconde.

E vós ainda disputáes ferrenhos
Se havemos de fallar como os Peraltas;
Se *affroso*, *rango*, *populácea*, *egidio*
Dévem ter entre nós assento e posse,
Ou se havemos de pôr em exterminio
Quiçá, *máo-grado*, *asinha*, *outróra*, *avante!*
Eis-nos pois deparados neste ensejo,

---

(1) Arrebatão-me as elevadas expressões dos Canticos da

Como esses Aldeões, que ainda esquivos
De possuir herdades, nem courélas,
Que com Baccho, e com Céres lhes acudão,
Altercassem vermelhos e affinados
Sobre o gume de foices e podôas.
Tanto devêmos a rançósos Bonzos,
A Académicos Naires campanudos,
A mulheres perluxas sabichonas,
A besuntados fátuos francesiztas!

Loucos que o tempo esperdiçáes sem fructo,
Em descompor da lingua o mólde e a graça;
Cançai-vos antes em lavrar os campos
Da Clássica abastança, achareis barras
De ouro máis puro e ricco, que esse cóbre
Que baixos gandaiáes em sujos regos.
Parvos! que enxovalhando com posturas (2)
O formoso carão da pátria lingua;

Biblia, que excédem quanta humana poesia hoje se admira. Que gosto fôra o meu, se os bons Pôétas se lançassem a imitâ-la? E que alterosa não blazonarîa a lingua, que máis cabedal d'essas affoutas, e levantadas expressões enthesourasse!

Deixemos certas almas acânhadinhas estremunharem-se de ouvir dizer a um dos máis sublimes Vates que o Mundo vio:

« Em sangue embriagarei as minhas séttas;
« Carnes tem de tragar a minha espada.

Contentar-nos-hemos com lhes dizer que o Vate foi Moysés, e que foi Deos, quem na bòcca lhe inflammou as duas phrases; e que essa feliz affouteza é o que os Poétas de alto bórdo chamão.

Stallar da pédra do sublime Ingenho
Versos. Ferindo Fogo.

(2) Atque eò citius in Oratoris aut Poetæ concinnis ac fuco offenditur, quod sensus in nimia voluptate, natura, non mente

(Formoso, inda que antigo, qual a Venus
De Médicis, antiga, e sempre bella)
Cuidáes, que hão remoçâ-la esses rebiques?
Co'a demão que lhe dáes mui presumidos
Lhe estragáes as feições; — Tiráes-lhe a grave
Majestade, — e não sei que brando termo,
Que inda em annos crescidos bem parece.
De mim confésso, que em a vêr garrîda
C'os besuntos, co'as sôltas maravalhas,
Com que dessimilháes seu nóbre vulto,
De riso estouro (1), ou desadóro de ira.
Chasqueêmos um pouco, Amigo Brito,
De cértos doutoraços puritanos,
Que em versos de altas Odes, em Poemas
Se enfastião de achar vozes compóstas,
Abonadas por Tullio, (2) e por Horacio. (3)
Não são dignos que os zombem, que os apupem?
Que enfeite e gála não recebe a lingua,
Quando são por mão sábia collocadas
Compóstas, que nos fórrão largas prosas! (4)
E que dão novidade, e dão deleite

---

satiantur; in scriptis et in dictis, non aurium solùm, sed animi judicio etiam magis infucata vitiá noscuntur.

Cicer. 3. de Orator.

Sendo a nossa lingua de bom metal lhe mesclárão tanta liga, que perde muito de seus quilates.

Côrte na Aldêa. Dial. 9.

(1) Tunc veniunt risus. Ovid.

(2) Cicer. de Orator.

(3) Horat. de Arte. Egregiè dixeris, etc. etc.

(4) Cette *composition* servait à abréger et à faciliter la magnificence dans les vers.

Fénélon, *Lettre sur l'Eloquence.*

A quem lhes sabe dar o preço e estima!
Tão pêcco é o Camões, quando descréve
Do *stellifero polo* os moradores,
E a *belligera* gente? É despiciendo
O Garção, o Diniz, quando com duas
Já conhecidas vozes compõem uma,
Imitando o Camões, e antigos Vates?
Que bem pintou Alfeno, Alumno d'estes,
O carro, que briosos vão tirando
Os *auri-verdes*, *bi-pedes* cavallos!

Lêde (1) (que é tempo!) os Clássicos honrados
Herdai seus bens, herdai essas conquistas,
Que em Reinos dos Romanos, e dos Grêgos
Com indefesso estudo conseguírão;
Vereis então que garbo, que facundia
Orna o verso gentil, quando sem elles
É delambido e pêcco o póbre verso. (2)

Os scriptores, que dizem pouco em muito folgão de circumlocuções. Eu que sou preguiçoso de escrever, quizéra (se coubésse no meu fraco talento) que cada palavra encerrasse um periodo. Assim quanta mais escriptura forrar pósso, máis mão lanço de termos comprehensivos de ampla significação; modernos, antigos, latinos, estrangeiros, tudo entra no sacco, tudo me faz conta, lógo que sejão curtos, expressivos e sonóros. Os que não forem d'esse gosto, Já tem os gordos volumaços de Damião Antonio, onde nadem em mares de palavrorio, com vagas sesquipedáes.

(1) — — — Cui lecta potenter erit res
Nec facundia deseret hunc, nec lucidus ordo.
HORAT. *de Art.*

(2) Similiter illa translucida et versicolor quorumdam elocutio

Lêde; que é gran cegueira esse descuido,
(Antes bruteza !) Mal se ganha o premio
Do alto saber, sem improba fadiga. (1)
O meditado estudo áço é, que rijo
Fére do nosso ingenho a aguda escarpa; (2)
E os pensamentos de subtil arrojo
Faîscas são brilhantes, que resaltão
Do batido fuzîl apporfiado.
Se ousamos escrever, d'estas centelhas
Ordenadas com próvido artificio,
Se compõe formosissimo luzeiro,
Ou astro, que nos rudes ólhos fére
Do vulgo, e que a prudentes muito agrada.
Como pois esperáes compôr luzeiros,
Se os bons não estudáes, se da memoria
Os cóffres não proveis com abastadas
Joias, que os livros bons doar sós pódem!
Elles dão, co'a louçãa valente phrase,
Preço á sentença abérta e pura,
E ao subtil quadro da ficção ditosa

---

res ipsas effeminat quæ eorum habitu vestiuntur. Curam ego verborum, rerum volo esse sollicitudinem.

QUINTILIAN. *lib.* 8. *in proœmio.*

Nec magis curant, quid poscat oratio, ut naturali pulchritudine exsurgat, castitate niteat, succi et sanguinis plena sit, habeatque vim et suavitatem . . . . . specie nobilissimæ libertatis ad exemplum veterum corpus orationis accurate adornare, habituque eleganti convestire.

WALCHII, *hist. critic. in præfat.*

(1) — — — Nil sine magno
Vita labore dedit mortalibus.

HORAT. *Lib.* *Satyr.* 9.

(2) Non enim solùm acuenda nobis, neque procudenda lingua

Dão a côr, dão a luz com que realça.
O verdadeiro tóque, que arduo abona
A força, a veia do Escriptor prestante
É quando entórna (como em prompto vaso,)
Com succo, e com calor, na alma do ouvinte
Inteiro o nectar das idéias suas,
Tão suave, e no gosto tão activo,
Como elle o preparou no alto conceito;
Tal, que ao Leitor colóre, e embêba a mente;
Tão funda e viva qual no Autor nascêra.
Saber dar tal activo, dar táes côres
Fez claros os Virgilios; engeità-lo,
Não poder concebê-lo faz rançosos,
Faz Pinas, faz Poétas deslavados (1).
Comtigo mais que nunca fallo agora,
Alumno, (2) que pretendes ser das Musas
Estremado, e querido: o altivo assento
Pérto de Horacio, pérto de Virgilio

---

est, sed onerandum, complendumque pectus maximarum rerum et plurimarum suavitate, copià, varietate.

Cicer. 3. de Orator.

(1) Cela est clair, cela est bien rimé . . . . cela ne laisse pas d'être le plus plat du monde. — Dizia Boileau a quem lhe mostrava versinhos dexenxabidos e triviaes como versinhos de N. de N. etc. etc. etc.

Mémoires d'Artigny, page 304.

Nul Poëte ne doit prétendre à un rang brillant et solide sur le Parnasse avec une poésie faible et trainante, dépourvue d'images et de coloris.

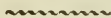
Siècle Littéraire.

(2) — — Feliciter aude
— — — Proxima Phœbi.
Versibus ille facit. — Virgil. *Eclog.* 7.

Só aguarda o Pintor (1) que em fiél quadro
Da Natureza as lidas affigura,
E as bellezas lhes pinta em vivo verso;
Ou que do homem moral (2) debuxa ardente
As luctantes Paixões, Virtudes, Vicios,
Assômos da alma em solidão, em turba.
Contempla, que nasceo o homem sujeito
A muitos éstos revoltosos, tôrvos;

---

(1) Sicut pictura poesis.

(2) Lo stile ch'io chiamo *imaginoso* é quello, in cui la maggior parte delle parole depingono una qualche imagine alla mente del lettore. Virgilio più d'ogni altro Poeta possiede questo stile pittoresco. Riporterò dunque in maggior numerò degli essempi tolti da lui.

— — Telumque imbelle sine ictu
Conjecit, rauco quod protinus ære repulsum
Extremo clypei nequicquam umbone pependit.
— — Validis ingentem viribus hastam

In latus inque feri curvam compagibus alvum
Contorsit. Stetit illa tremens, uteroque recussæ
Insonuere cavæ, gemitumque dedere cavernæ.

— — Ponto nox incubat atra,
Intonuere poli, crebris micat ignibus æther.

Insequitur cumulo præruptus aquæ mons.

— — Furor impius intra
Sæva sedens super arma et centum vinctus ahænis
Post tergum nodis fremit horridus ore cruento.

Ter sese attollens cubitoque adnixa levavit
Ter revoluta toro est, oculisque errantibus alto
Quæsivit cœlo lucem, ingemuitque repertâ.

Que ora a Cubiça, outróra a Mágoa o vence;
Que este confia, aquelle desespéra.
A Alegria ao mancebo instiga a dansas:
O deleite requébra o rosto ameno
De quem do amado Bem logrou o agrado.

Ecco degli esempi di questo estilo colorito presi da Orazio.

Jam fulgor armorum fugaces
Terret equos equitumque vultus, etc. etc.

— — Hinc tibi copia
Manabit ad plenum benigno
Ruris honorum opulenta cornu,

Obliquo laborat
Lympha fugax trepidare rivo.

Scimus ut impios
Titanas, immanemque turbam
Fulmine sustulerit caduco, etc. etc. etc.

Eccone del Tasso.

Sebben l'elmo percosso in tuon di squilla
Rimbomba orribilmente, arde e favilla.

In gran tempesta di pensieri ondeggia.

Treman le spaziôse âtre caverne,
E l'aer cieco a quel rumor rimbomba.

E di Camões (si facciano justi Elogi a tutte le nazioni.),

Pelas lizas columnas lhe trepavão
Desejos que como héra se enrolavão.

Cheios de terra e crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amaréllos.

Qual vermelhas as armas faz de brancas,

A triste dôr quebranta o vivo lume
No esmorecido olhar. Quando um prosperá,
Outro cáhe da róda derribado:
Um perîga, quando outro em salva praia

Qual c'os pennachos do elmo açouta as ancas.
Os furiosos ventos repousavão
Pelos oucos sertões, ermas ruinas.

E' per la tragedia eccone alcuni esempi di Seneca.

Mihi gelidus horror ac tremor somnum excutit.
Oculosque nunc huc pavida, nunc illuc ferens
Oblita nati, misera quæsivi Hectorem;
Fallax per ipsos umbra complexus abit. . . .

En alta muri decora congesti jacent
Tectis adustis, regiam flammæ ambiunt;
Diripitur ardens Troja, nec Cœlum patet
Undante fumo: nube ceu densà obsitus
Ater favillâ squallet Illiăcà dies.

Tanti esempi ho creduto dover transcrivere affinchè più sensibile si renda questo imaginoso nell'espressione poetica, il quale dipinge narrando, e cagiona negli alunni delle Muse un infiammato desiderio d'imitazione. Questo stile presenta continuamente alla fantazia oggetti nuovi e pellegrine bellezze, e mette in bocca ai personaggi l'eloquenza propria all'esser loro, al loro carattere, alle loro passioni. — Senza questo stile, la tragedia, come ogni alto poema, riesce languida, e per così dire, dilavata: sia pure bien disegnata, tratteggiata, disposta; ella non apparisce che un puro disegno, che, per quanto eccellentemente, ed esattamente delineato sia, mancando dell'attrativa del colorito, non produrrà mai l'ammirazione, il piacere, l'incanto d'un quadro di Tiziano, o di Paolo Veronese.

Córre affouto a abraçar-se co'a columna
De Segurança. Almeno sente as pûas
Do rigor, do desdèm da sua Phyllis
Espinhar-lhe as entrânhas dolorosas;
Em quanto Elio assustado acanha os membros,
E todo se encolhêra n'uma cifra,
Por esconder-se ao malfeitor phantasma,
Que elle a si proprio ergueo na eivada mente.
Jaz estirado em tormentoso equuleo,
Quebrado a tratos do Odio e da Vingança
Esse altivo, que um gosto, uma palavra

I versi d'una tal tragedia, benchè eleganti e pensierosi, non saranno che una prosa consegnata in linee di undeci sillabe. Non potranno mai destare negli animi il trasporto, il rapimento che vi desta la colorita imaginosa Poesia: e la tragedia in prosa è un meschino ritrovato del nostro povero secolo.

Ranieri Calsabigi.

Faire passer ses idées ou ses sentimens dans l'ame de ceux qui nous entendent, tel est en deux mots le seul objet raisonnable que puisse se proposer un discours en vers aussi bien qu'en prose. Mais la marche de l'Orateur est plus uniforme et plus mesurée, parce qu'elle est plus communément dirigée vers l'esprit et le jugement. Celle du Poëte, presque toujours tournée du côté de l'imagination et du cœur, doit être plus franche et plus hardie, parce que ses mouvemens aussi momentanés que rapides ne sont susceptibles ni de se combiner ni de se soutenir comme les perceptions de l'esprit et les raisonnemens du jugement. Aussi lui est-il permis d'employer toute sorte de ressorts pour ébranler. — La Nature entière est sous ses mains pour fournir des secours; et si la terre ne lui présente point des armes victorieuses, il faut qu'il enfante des prodiges et des miracles; qu'il cherche et qu'il trouve au ciel ou dans les enfers tous les prestiges dont il a besoin pour éblouir, émouvoir, épouvanter, séduire. L'Ode surtout plus que tous les autres genres de Poésie noble se préparant une carrière plus courte, doit aussi la fournir avec plus

Mal-julgada accendeo em chammas de ira.
Cuidas que não tem sempre a Mente abertas
As pórtas ao tropél das infinitas
Variadas pinturas, ou chymeras
Que indeféssa a Imaginação lhe arrója?
O colorîdo da fileira immensa
De quadros que offerece nesses homens
O nascimento, a compleição, a plana,
As companhias, hábitos, usanças,
São exercicio, são libérta alçada
Do pincél dos Poétas, a quem coube
Abranger c'os seus braços alentados
Quanta apparencia ostenta este Universo,
E o que a noss' alma no seu peito encérra.
Vê se ha hi lingua tão valente e ricca,
Que acuda com palavras ajustadas
A' descripção, clareza, e louçanîa
De que um Vate carêce, quando as pinta.
Sejão pois teus estudos e ousadias

---

de chaleur et de vitesse. Tous les poëmes héroïques doivent marcher à pas de géant; il faut que l'Ode vole; sa trace doit être insensible; elle ne s'appuye que pour s'élancer; c'est entre le ciel et la terre que sa route est marquée par les Muses. Toute chute est impardonnable; et s'il ne lui est pas possible de se soutenir constamment à la même hauteur, il faut que sa descente soit pareille au vol d'un oiseau qui s'abaisse un instant pour reprendre aussitôt un élan plus rapide et plus élevé.

Vauvilliers, Essai sur Pindare.

Le genre lyrique veut être grand, riche, sublime, hardi; il *demande des tours singuliers*, des élans, des traits de feu, des écarts. Il ne veut point d'ordre sensible; il évite les détails trop analysés, les généralités scientifiques, les subtilités; il lui faut des objets qu'on voye, qu'on touche, qui se remuent.

— *Batteux. Princip. de Littérat. tome 3. page 293.*

Enriquecer a lingua, que te válha
Quando avìvas com rasgos eloquentes
Quanto na alma arrojado debuxaste.
Allì estanca a força, abarca os meios
Da dar valìa ás vis, ennobrecendo-as
C'o lugar em que as pões: (lidado emprego!)
Tecer, co' as de bom uso, na urdidura,
Reclamadas antigas; com bons laços
Duas encadear que uma componhão;
Forjar nóvas, enérgicas, sonóras,
Com que agrades, te louvem e te admirem:
Sejas vergél, jardìm, com fructos, flores,
Estas vistosas, succulentos èsses,
Com que brindes, contentes gôsto e vista
Dos que cheguem a vêr o teu cultivo.

Lançado a pontapés sáia das faldas
De bifido Parnasso o Vate aguádo
A quem fastìo dão caudáes correntes
Do sublime discurso. Ande acanhado
Esgravatando em bréjos de pedantes
Os termos com que escreva, e com que enóje.
Quem ao douto Diniz, Méstre atilado
No mistér de compor em prósa ou verso,
Vedou téqui (com visos de tyranno)
Empregar a seu gosto a phrase nóbre
A enérgica palavra antiga, ou nóva,
Colhida com sagaz utilidade
No egregio prosador, audaz Poéta,
Ou inventada com feliz estudo?
Quem lhe impedir de ser senhor da lingua
De podêr meneá-la, como queira,
Póde ao Pintor tolhêr, que mésele as côres,

Que no panno as estenda a seu arbitrio.
Que homem tégóra ousou arguir Vieyra, (1)
Luso Apélles, de ter ennobrecido
D'um modérno painél a formosura
Co'as ruïnas d'um Templo, d'um Colosso,
C'os derrocados arcos d'um Triumpho?

Que homem ha hi tão bronco em nossa historia,
Que ignore pêrdas que custou á lingua
O reinado da insipida Ignorancia!
Esse stûpido Monstro as fuscas azas
Despregou, e cobrio co'ellas o Reino!
Tapou o sól, poz noite nos Ingenhos,
Bafejou anagrammas, forçou glósas, (2)
Inçou de oucos conceîtos predicaveis
Os pùlpitos, e as aulas de sophismas;
E degradou a lingua de nobreza,
Despindo-a de affouteza, e bizarrîa.
Que carêce que emprendão esses, que hoje
Quizérem remontá-la á antiga plana,
Repô-la em seu solar autorisado,
Restituir-lhe os bens, que lhe escorchárão?
Se os Clássicos (da enlcada algaravîa
Que ella era, antes da nossa éra de Augusto) (3)
Com porfiado fito apparelhárão

---

(1) Célebre Pintor Portuguez.

(2) A cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos se escondêrão
Longo tempo nas grutas do Parnasso.

Hyssop. Cant. 1.

(3) Feliz reinado de D. Manoel.

Lingua para os Lusiadas, e Castro:
Assim vós da mestiça gerigonça
D'esses baforinheiros francezistas,
Assim vós, que punis pela pureza
Do matérno vulgar, com grão disvello
Qual trigo joeirai, o que inda resta
De nativa e singéla, e pura falla
Do ataroucado joio campanudo
De gente em solidéo, de gente em côche.

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos Clássicos, e soltem-se
As correntes da antiga sãa linguagem.
Rompão-se as minas Grêgas e Latinas;
(Não césso de o dizer, porque é urgente)
Cavêmos a facundia, que abasteça
Nossa prósa eloquente, e culto verso.
Sacudâmos das fallas, dos escriptos
Toda a phrase estrangeira, e frandulagem
D'essa tinha, que comichôna affeia
O gésto airoso do idioma Luso.
Quero dar, que em Francez hajão formosas
Expressões, curtas phrases elegantes;
Mas indoles diff'rentes tem as linguas;
Nem toda a phrase em toda a lingua ajusta.
Ponde um bello nariz, alvo de néve,
N'uma formosa cára trigueirinha;
(Trigueiras ha, que ás louras se avantajão)
O nariz alvo no morêno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.
Nunca nariz Francez na Lusa cára,
Que é filha da Latina; e só Latinas

Feições lhe quádrão. São feições parentas. (1)
Se nativo não é, não e singélo,
Quanto pões nesse rosto, esses besuntos,
São mascárras, são lôdo immundo. Oh Vates,
Não fique uma só nódoa em nosso idioma
D'esse lôdo, que o enxovalhou tégóra.
Ora pois que esses guápos modernistas
Tudo achão no Francez; e quem tal crêra!
Até a lingua Lusa em Francez achão;
E riem c'um riso parvo dos que affanão
Por beberem nos Clássicos a phrase
Constante e pura; e revocarem
As antigas palavras que nos faltão
Para clareza, adorno, ou brevidade;
E degradar da lingua essa matûla
De termos franduleiros, que os patólas
Querem nella metter á queima-roupa:
E pois que esse Francez tanto nos gábão
De ricco, e bello, e de apto para tudo,
Quéro de Autor Francez (1) acreditado
Por litterato Crítico profundo,
Citar em termos *ibi* a mesma urgencia
De restaurar á lingua antigas vózes
E phrases obsolétas. — Tendo ditto
Que a lingua é acanhada, porque a apurão,
Ou cuidão apurá-la, cerceando-lhe

---

(1) Fallando um muito judicioso, e mui conhecido Autor Francez das linguas modernas da Europa, diz que a menos barbara dellas será sempre a que máis se apparentar com a Latina, adoçando-se e ennobrecendo-se com as vózes que tirar della. As provas são bem claras na lingua Italiana, Hespanhola e Portugueza.

(2) Dacier. *Préface de Plutarque.*

Energia de termos, que já fôrão
Caro grangeio de seus bons Maiores;
Continúa dizendo : « Bem devêrão
» Revocar antes do desuso as vózes
» Que lá mandára insipido melindre ;
» Mórmente hoje que tanto tem medrado
» Em todo o estudo a seára das idéias.
» Que escassez deploravel (lógo exclama)
» Ver sempre a locução máis baixa e ténue
» Que o conceito, de que ella é o retrato !
» E a lingua, que é o buril do pensamento ,
» Ser frouxa , ou ser rebélde á mão do Méstre ,
» Que quér assinalar valentes rasgos ,
» E assemelhar a estampa co' a figura !
» Bem sérve a lingua , a quem os hombros mette
» Contra os que se dão manha a empobrecê-la ,
» Lidando em empolgar certas maneiras
» De fallar naturáes , de que os Antigos
» Usárão , (1) e só tem em seu desvìo ,
» Um senão que lhe argûem , sem dar próvas. »
Que dizeis d'um Francez , meus francezistas ,
Que vos dá tal sopápo na bochêcha !
Não ha que retrucar ; baixai a tromba :
Senão — cito (2) outros mil , dado que eu crêra

---

(1) E é tão cérto , que inda hoje que os Francezes tem a traducção de Plutarcho feita por este Dacier ; que modernamente tem outra do Abbade Ricard , lêm ainda os sabios com prazer a antiquissima traducção de Jacques Amyot , que vivia na éra de Francisco Iº. Rei de França. D'elle diz o egregio Racine , que a sua traducção em seu stylo antigo tem uma tal graça , que elle imagina , ser impossivel , que a igualem na lingua Franceza , que agora se usa.

(2) Dans cette langue embarrassée d'articles, dépourvue d'in-

Que este só vos derruba, e tápa a bôcca.

Se por força de fado, ou por penuria
Forçados somos a expremer dos livros
Francezes o alimento das sciencias;
Se como na palêstra empoeirada
Vamos luttar contra a Ignorancia bruta
No gymnasio Francez, tomêmos o uso
Dos antigos Athlétas, que ao sahirem
Do pugilato, ou férvida carreira,
A poeira dos fatos sacudião,
E banhando-se em liquidas correntes
Do Ilisso (1) (que, allì pérto, com sereno
Passeio alégra studiosas margens)
Os córpos asseiavão diligentes.
Assim vi sempre o litterato Erîlo,
Depois de revolver Francez volume,
Desempoar-se da estrangeira phrase
Co' espanador de Barros, ou Vieyra.

Abérta a lîce está, bons Oradores,
Franco o stadio — correi, sublimes Vates.
Inventai, adoptai proprios, Latinos;
Ressuscitai enérgicas, sonóras,
As antigas palavras venerandas,
Que esvaneção toda essa bastardia

---

versions, pauvre en termes poétiques, stérile en tours hardis asservie à l'éternelle monotonie de la rime, et manquant pourtant de rimes dans les sujets nobles.

VOLTAIRE. *Discours aux Velches.*

(1) Rio que corria pérto do Gymnasio Atheniense.

De que nos inção frivolos tarécos.
Tal, no côrro, se vê, quando cobérto
C'um gafo borborinho de garôtos,
Vem mui sizuda a Guarda, em duas filas;
Encára co'a Real tribuna, e lógo
Dóbra á direita, á esquerda, pelos lados
Vai varrendo a matûla, e rebanhada
A impõe fóra dos festiváes palanques.
De termos já sabidos formai novos (1)
(Força é que eu vo-lo diga, e que o re-diga)
Juntando-os com primor em laço estreito,
E sereis de bons Mestres approvados.
Que tres (2) conheço eu, que estas veredas
Por unicas apontão a quem busca
No Circo da Eloquencia ennobrecer-se,
Ou com bons versos deleitar o ouvido
De amadores de Horacio e de Virgilio.
Com vosco a máis me arrójo, ousados Vates,
A quem máis francas pórtas abre Apollo; (3)

---

(1) Reddiderit junctura novum— - Horat. *de Art.*

(2) Cicer. Horat. Quintilian.

(3) Fœcunda licentia Vatum. — Ovid.
Sed Vatem egregium, cui non sit publica vena,
Qui nihil expositum soleat deducere, nec qui
Communi feriat carmen triviale moneta.
Juvenal. Satyr. 7.

Pódem-me accusar (e talvez com bem razão) de serem longas de sobejo, e de serem muito amontoadas as notas desta Carta. Mas peço-lhes que me perdôem : e certo estou que o farão, logo que considerem, que estou vélho e póbre, e por conseguinte solitario e triste ; que não tenho amigos que me divirtão, nem posses pará ir a theatros, ou jogar nas assembléas; que todo o tempo emprégo em ler quatro alfarrabios, que comprei

Vós, que a mais broncas pedregosas brenhas
Deveis súbir; por mais emmaranhadas
Sélvas deveis romper até ao cume
Do difficil Parnasso. A vós só cábe
Penetrar nos reconditos archivos,
Revolver, pôr de parte, e tirar fóra
Com largo privilegio ousados termos
A nenhuns Oradores outorgados,
Termos; por temerarios, mais felizes. (1)

---

a vintem, e os mais caros a tostão; e se não leio, escrevo; e só d'esse modo me posso forrar de enojos e enfadamentos da solidão. Um Amigo unico que aqui tenho A. M. de Curnieu ri ás vezes d'estes meus destemperos poéticos, e essa é a unica consolação da minha mesquinha vida. Se lá pela affortunada Elysia ha algum desconsolado como eu, talvez que me desculpe e diga comsigo, *solatium est miseris.*

Far-vos-hia compaixão ver um vélho de 65 annos, que algum dia viveo abastado, e estimado de seus conterraneos (e conterraneas) desvalìdo e só, vivendo em Parìs, como n'um descampado, embrulhado no manto da pobreza, e diante delle, e pelos lados os Cuidados da vida, o trafego da casa, as lembranças do passado, e mais que tudo a sêcca Melancholia, estendendo a cada instante os braços para o apertar nelles, e o levar de rastos, até aos umbráes do passamento. Então verieis se é peqnena lida a minha a de luttar de contìnuo com tantos inimigos, sem me poder valer de outra arma, que da penna, para arredar de mim toda essa catérva de enfadonhas harpias. Assim direi com Horacio, e com Cïcero:

Prætulerim scriptor delirus inersque videri,
Dum mea delectent mala me, vel denique fallant.

HORAT. *Lib.* 2. *Epist.* 2.

Etenim si delectamur cùm scribimus, quis est tam invidus qui ab eo nos abducat!

Cicer. de finib Lib. 1°.

(1) E mui felizes! Que essa affouteza nas phrases e nas pala-

Que, quando exérce um Orador o ingenho
Sobre a vida civil, e sobre assumptos
A que ella já cunhou corrente nome,
Tu, Poéta sublime, a quem descóbre
Ampla Imaginação aventurada
Nóvos mundos de objectos extra-alcance
D'algum sentido humano o máis alérta,
Te arrójas (que é forçóso) (1) Adão moderno
A dar, a nóvas cousas, nomes nóvos.
E os que a atalhar se atrévem com barreiras
Do teu ousar o arrebatado curso,
Não são Vates, nem Vates folhcárão. (2)
Nóva contende ser no stylo e phrase
A pompa das palavras e sentenças, (3)
Se é nóvo quanto o Vate charo aos Numes
Da mente divinal descarta aos homens.
Nunca soube fallar, escrever nunca, (4)

---

vras (quando bem regrada por são entendimento) é quem dá todo o garbo, todo o brilho ao pensamento. Vede-o bem no elogio que Quintiliano faz ao Venusino: *Variisque verbis et figuris felicissime audax.*

(1) Si forte necesse est
Indiciis monstrare recentibus abdita rerum.
HORAT. *de Arte.*

(2) La Poésie est la musique des ames nobles.
Pour aimer les beautés de l'imagination, il faut avoir de l'imagination: La Mothe, qui en avait peu, s'ennuyait à la lecture de l'Iliade; et l'abbé Trublet, qui n'en avait point, ne pouvait lire deux Chants de suite de la Henriade. VOLT.

(3) Quid est enim tam furiosum, quam verborum vel optimorum atque ornatissimorum sonitus inanis, nulla subjecta sententia nec scientia. --- *Cicer.* 1 *de Orator.*

(4) Que les images soient un agrément nécessaire dans un discours d'éloquence ou de poésie, cela est indubitable. Elles

Em nóbre phrase, nem co' a altiva idéia
Descortinou paîzes inda occultos,
Campos de esmalte, Torres, e Palacios
De estranha relevada architectura,
Nóvos Heróes, ou nóvos Céos e Numes
De máis alto poder, máis majestade;
De máis vivo fallar, que a ténue prósa,
Quem denéga ao Poéta affoutos, nóvos

---

nous mèttent sous les yeux les objets dont on parle; elles y arrêtent la vue de l'esprit; elles soutiennent l'attention; elles préviennent le dégoût, et ce n'est pas sans raison qu'on a dit que tout Auteur doit être peintre. . . .

. . . . Voulez-vous donc faire des discours qui soient assurés de nous plaire? Notre imagination est naturellement vaste; présentez-lui de grandes images. Elle ne peut souffrir des portraits secs et durs; présentez-lui des images gracieuses. Que du moins l'un ou l'autre paraisse toujours dans vos tableaux. Mais si vous trouviez le secret de les y rassembler quelquefois tous les deux, le grand dans le gracieux, et le gracieux dans le grand, voilà le beau complet des images.

Essai sur le Beau, chap. 3.

Maggiori (difficoltà) ancora sono quelle che s'incontrano nei versi. E ciò perchè ivi si ricercano modi di dire di somma gagliardia, o di somma delicatezza, e in ogni cosa il fiore ultimo della espressione, il che non si può ottenere, se non hai come schierata dinanzi alla mente la suppellettile tutta e il tesoro delle parole, delle locuzioni, delle metafore della lingua in cui tu scrivi. Anzi non basta quello che dagli altri fu detto: è necessario formarsi talvolta come una nova lingua; perchè l'espressione penetrando addentro nell'animo, non sia come altri (Essais de Montaigne) disse, *superficiale*, perchè si dia sfoco a quel estro che ha invaso ed agita il Poéta.

Algarotti Saggio sopra la necessità di scrivere nella propria lingua.

Na novidade da phrase, e agradavel torneio que lhe dá Ho-

Termos, de alheia bócca nunca dictos (1).
É bem cérto, que ao descobrir co'a vista
Altas montanhas, estendidos mares,
(Pela primeira vez subido ao mundo)
O Selvagem, nascido n'uma cóva,
N'uma cóva até então afferrolhado,
Não sabe como os chame. — Tal se vira
O Vate, que não ousa nóvos termos
Impor a nóvos sóes, novo Universo,
Que Estro omni-creador tira do Cháos,
E na Imaginação lhe põe á vista,
Se, em si fiado, não inventa o Vate,
Ou se engeita colhêr na Ausonia, e Grecia
Nomes, que a *turba* imaginada indiquem;
Ei-lo, como o Selvagem, na tortura
De não saber contar o que descóbre:
Faltão-lhe sanctos, não lhes dá baptismo.
Já, quando a lingua, em que nasceo, mais ricca
Do que em prata o Perú, em termos fosse,
Sentiria penuria em pôr patentes
As idéias, que um vivo, e claro lume

---

racio consiste pela maior parte a belléza e encanto de seu stylo poetico, que tanto valia com Augusto e com Mecenas, que tanto cansárão em imitâ-lo todos os bons Poétas lyricos de todas as Nações cultas; e que inda hoje é, e será sempre o modêlo mais perfeito da locução das Musas engraçadas e sublimes. Reparai bem que o conceito de Horacio, e de todos os bons Poétas sempre foi, que assim como para acarear a attenção é necessaria a novidade do pensamento, assim para acarear o deleite é necessaria a novidade da dicção.

Hoc opus, hoc studium parvi properemus et ampli.
Si patriæ volumus, si nobis vivere cari.

(1) Insigne recens, adhuc

No ingenho lhe accendeo. Darei conselho
A tantos apoucados zeladores
Do avarento fallar, ensôsso, impuro,
Que se appliquem a dar discretas artes
De compôr Sarrabáes, entrançar Lôas,
Sem se enfronhar nos mélicos assumptos,
A dar regras, a contrastar palavras. (1)
Com frouxos sons não férve esse Estro ousado
Que Apollo sópra no Attico alaúde:
Mágicas vózes rompem, com que impelle
Os peitos dos Heróes; quebranta, anceia
Roxos tyrannos no infiado trono,
Com cantos entranhados de terrores.
Estes só conta Clio entre os Alumnos,
Que cingir dévem do Parnasso os louros;
Não minguados versistas, que recúão,
Quando a Musa affoutezas lhes demanda.

Indictum ore alio. --- Horat. *Lib.* 3. *Od.* 25.

Como, quando arrebatados pelo Estro os Vates á conversação com os Numes --- *referre sermones Deorum.* --- Horat. *Lib.* 3. *Od.* 3 --- deixão a terra, desempeçando a alma as azas (de que é dotada) d'esse lôdo corporeo, para vôar ao Olympo. --- *Non usitata, nec tenui ferar penna biformis per liquidum æthera.* Id *Lib.* 2. *Od.* 20.

Metaphysica é esta que não a comprehendem os brutos mortáes, a quem a Divinda de negou luzir-lhes na imaginação aquellas faiscas do fogo Celeste, que inflamma os Vates, quando vêm cousas que ninguem vio, e dizem palavras que ninguem disse. Ah! que se esses raptos, se essas chammas as comprehendesse o Vulgo, talvez se podésse esperar delle, que algum dia chegasse a penetrar até pela Theologia.

(1) Nam si intra illos arctos certæ dimensionis fines non plus liceat (poetis) quam nobis in hac latitudine, obmutescant necesse erit. --- J. Ludovici Vives lib. de ratione dicendi.

Vêde-me um Pindaro altear o vôo
Enfiando a senda, do Estro arrebatado,
Beber no Olympo a práctica dos Numes,
E vir, junto do Alphêô, soltá-la aos homens.
Palavras immortáes compunha affouto,
Em que immortáes conceitos embebia:
E Vós, sequazes do Thebano Cysne,
Que vos prezáes de erguer o vôo ás nuvens,
E vós acobardáes-vos? Encolheis-vos (1)
Na derróta que deixa assinaláda?
Ousai, ousai; que está pendente a palma
Ao que ama a gloria, e se aventura ao premio. (2)

Quem vos tólhe avultar ouro sobre ouro,
Com que a lingua se augmente, e se afidalgue?
Por ventura é pavôr de ser mordidos
De inséctos litterarios terrulentos! (3)

---

(1) Au sommet glacé du Rodhope
Qu'il soumit tant de fois à ses accords touchans,
Par de timides sons, le fils de Calliope
Ne préludait point à ses chants.

Plein d'une audace pindarique,
Il faut que, des hauteurs du sublime Hélicon,
Le premier trait que lance un Poëte lyrique
Soit une flèche d'Apollon. *Le Brun.*

(2) Le souffle du Génie et ses fécondes flammes
N'ont jamais descendu que dans de nobles ames.
Volt. *Epître à Mlle. Clairon.*

(3) Je ris quand je vois tant d'Aristarques nains
Qui rendant contre nous leurs arrêts clandestins,
Usurpent de censeurs le hardi privilége. *Vigée.*

De nóvas Philamintas (1) sabichônas?
De Bonzos? de Rançosos, que hoje arrótão
Pôr banca de puristas e censores?
Um, porque máis não leó, em toda a vida,
Que as gordas Odes do cerval Talaya,
Ou versinhos anões a anãas Nerinas (2)
Do Cantarino Caldas, a quem parvos
Pöem alcunha de Anacreonte Luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome: pois tanto o fulo Caldas,
Imita a Anacreonte em versos, quanto
Negro perú, na alvura, ao branco Cysne. (3)
Outra, que só de Albano e Damiana
Tomou de cór as modorraës outavas;
E inda outros, que no Chagas, na Henriqueida, (4)
Na Gazetta do alarve Castrioto,

(1) Voyez les Femmes Savantes de Molière.

(2) Les Auteurs médiocres, sans génie et sans ame, nous présentent les objets froids comme eux et inanimés, au lieu que les grands Ecrivains nous les transmettent, si j'ose ainsi le dire, avec toutes les images, et avec tous les mouvemens qu'ils en reçoivent eux-mêmes. Les uns ne font que les crayonner, les autres les peignent. Ceux-là ne savent tout au plus que les décrire; ceux-ci les gravent jusqu'au fond du cœur par le tour d'imagination et de sentiment dont ils les animent. Nous en sommes frappés comme d'un coup d'éclair qui nous surprend.

Essai sur le Beau, chap. 3.

(3) Sæpe enervatos versus scribit qui dat operam ut scribat delicatos. — *Vetus schol. in Horat. de Art. vers. 26.*

(4) Não sei que figadal reiró tomou o A. contra este tão panegyricado Poéta. Eu de mim sei, que muitas obrigações lhe devo. Nas minhas maiores insomnias acudia ao Menezes, que sempre me acalentou de modo, que se fallia á primeira outava,

Ou nas infames traducções de Bonzos (1)
De lingua Portugueza se attestárão,
Quererem dar quináos na phrase pura
É mais que ser Orate, é ser jumento.
  E chamáes-los Puristas e Censores?
Táes patólas temeis? táes modernistas?
Vós émulos de Pindaro! Mal cábe
Cobardia em quem diz: « *Pindaro imito.* »
Quem nas bandeiras triumpháes milita
Do Marte máis intrépido dos Vates
Não tenha susto de rançósos gansos,
De Doutoras, de afrancezados Bonzos.
Pejo é ter pejo de relé tão civel!
  Se dáes humilde ouvido a vózes néscias
De tanto scrupuloso, que não gósta
Dos Clássicos o grosso Chocolate,
De medo que o jejum lhes não quebrante
Da lingua quaresmal, que penitentes

---

mal que eu entrava pela segunda, vinha logo apontando o Somno, e com seus surrateiros dedos me ia grudando as pestanas.
Nota do Editor.

(1) D'esta audacia, senhor, d'este descôco,
Que entre nós sem limite vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias
É a nossa Portuguez, casta linguagem
Que em tantas traducções corre envasada
(Traducções, que merecem ser queimadas)
Em mil termos e phrases Gallicanas.
Ah! se, as marmoreas campas levantando,
Sahissem dos sepulchros, onde jazem
Suas honradas cinzas., os antigos
Lusitanos Varões, que com a penna,
Ou com a espada e lança a Patria ornárão,

Abraçárão, na qual morrer persistem:
Se recuáes ás mágras ameaças
Com que do alcance o ardor cortar-vos lidão
De nóvos termos de raiz Latina,
De antigos, (1) de inventados, de compostos,
Que a lingua adóção, enriquecem, ornão,
Vêr-vos-heis (qual nos vîmos) tão estreitos
No acanhado repizo das palavras,
Que com mesquinha mão vos migalharem
Os Fiéis mui perluxos do idioma,
Que não possáes, de apêrto, revolver-vos,
Na lazeira do stîtico discurso (2).

Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentão seus escriptos,
Estes nóvos ridiculos autores: —
Como se a bella, fertil lingua nossa,
Primogénita filha da Latina,
Precisasse de estranhos atavios;
Sûbito, certamente, pensarião
Que nos sertões estavão de Caconda,
Quilimane, Sofala, ou Moçambique;
Até que já por fim desenganados
Que erão em Portugal, que os Portuguezes
Erão tambem os que os costumes, lingua
Por tão estranhos modos affrontavão
Segunda vez de pejo morrerião.

Hyssope, Poema de A. D. da C.

(1) Quin et victa situ, si me penuria adaxit,
Verba licet renovare, licet tua, sancta Vetustas,
Vatibus endogredi sacraria. Sæpius olli
Ætatis gaudent insignibus antiquae,
Et veterum ornatus induti ingrederé avorum.

Vida in arte poetica.. Lib. 3°.

(2) Non satis est illis utcumque claudere versum,

Não sei que Trasgo, (1) no sallão da tésta
Me anda saltando, e me revólve tudo;
Traquînas desarruma os trástes todos.... :
Que espalhafato!... Lá no fundo me érgue
Um theatro (dos muitos que armar vêdes,
E que *Caseiros* chamão) e surrindo
Me diz malino e concho: « Aqui te ingenho

Et res verborum propriâ vi reddere claras.
Omnia sed numeris vocum concordibus aptant;
Atque sono quæcumque canunt, imitantur, et apta
Verborum facie et quæsito carminis ore.
Nam diversa opus est veluti dare versibus ora
Diversosque habitus: nec qualis primus et alter,
Talis et inde alter utroque incedit eodem.
Hic melior motuque pedum et pernicibus alis
Molle viam tacito lapsu per levia radit.
Ille autem membris ac mole ignavius, ingens
Incedit tardo molimine subsidendo.
Ecce aliquis subit egregio pulcherrimus ore
Cui lætum membris Venus omnibus afflat honorem;
Contra alius rudis informes ostendit et artus,
Hirsutumque supercilium, et caudam sinuosam;
Ingratus visu, sonitu illætabilis ipso:
Nec vero hæ sine lege datæ, sine mente figuræ,
Sed facies sua pro meritis, habitusque sonusque
Cunctis quisque suus vocum discrimine certo, etc.

Idem. Ibid.

(1) Não se admirem d'esta extravagancia: que é a cabeça d'um solitario (e muito mais se elle é Poéta) como um remoînho de barafundas; tudo é phantasma. Revolvem-se as idéias como feijões, que fervem na panélla; e quando menos se precata, se acha o póbre Vate enfiado na veia arrebatáda d'um rio de disparates, sem que ache modo de abordar á praia do bom senso.

Se eu tivésse á minha ilharga um amigo prudente que me dissesse não sigas essa idéia; emenda aqui, aclara além, etc. etc.

» Uma comparação, para argumento
» Do que intentas provar ». Ora Leitores
Mui benévolos meus, fazei de conta
Que vêdes d'entre carmezîs cortinas
Sahir muito arraiada uma Princeza,
De dous riváes Sob'ranos pretendida....
Vai senão quando, trava-se uma guerra;
E do Amor, que é concórdia e paz, as armas
Decidirão com sangue a gran conquista.
O theatro é pequeno, e Actores poucos,
Máis pouca a gente que enchão táes comparsas (1)
Para dar um combate bem renhido
De dous exércitos campáes, que em fórma
Avancem, firão, mattem, morrão, fujão.
Aqui é o grão busîris, que embetésga
O mais agudo e perspicaz miôlo;
Mas do quál sáe campando o meu Duende.
O Diréctor da scena manda astuto,
Que daquî sáião quatro, de lá quatro
Soldados com broquéis, com capacêtes
De grosso papelão, pintado á brócha:
Logo uns contra outros, com motim sobejo
Com catânas de páo, que dão pranchadas
Nos broquéis, nas couraças que retinem,
Assomados, sanhudos acomettão,
Dêm talhos, dêm revezes, acutîlem;
Que entrem n'um bastidor, sáião por outro;
Sempre gritando, sempre acomettendo,

---

talvez que não fossem tão despropositadas estas minhas bagatellas. Mas tudo me falta, porque me falta o dinheiro.

(1) Ordinariamente são as meninas da Casa, alguns vizinhos e dous ou tres amantes, que representão nas figuras principáes.

Se empurrem, se acalcanhem. — São sós outo;
Quatro de cada banda, e sempre os mesmos
Bonécos a girar em róda viva.
Atéquî do meu Trásgo a travessura;
Mas que igualmente me resurge a idéia
Do que eu vi n'uma feira da Sorbonna, (1)
Feira mui ricca em bôlos mascavados,
Mui massîssos, mui duros, mui grosseiros,
Sem gosto algum, que toda a Guápa enfeira
Para si, para a filha, e para o amante,
Pão de spécie se chama o ricco bôlo.
Vi (digo) na tal feira, co' estes ólhos
(Que a terra, ou mar tem de comer sem falta)
Uma Camara óptica, com vistas
Das grandes luminárias de Veneza,
No dia, em que a Republica parîra (2)
Um Dóge de attuffada Carapuça: (3)
Em róda harto plebeo embasbacado
Na córada lantérna movediça,
Zimborio luminoso da tal óptica;
Que volteando no rodîzio unctuoso,
Em véra effigie representa 'a entrada
D'El Rei de França em Rheims, indo sagrar-se,
Eis *Cavallos-Ligeiros*, eis *Gens-d'armas*,
Ei-los *Guardas-do Corpo*, eis *Mosqueteiros*,
Que correm, que galópão.... Que quantia,

---

(1) Em dia de sancta Ursula, se fazia antigamente na praça da Universidade uma feira, que valia bem cada tenda doze vintens de mercancia.

(2) São palavras formáes do homem que declarava a significação das vistas.

(3) Veja-se a pintura della nos livros que tratão do brazão.

De cavallos que passa! — *Viva*, *viva*.
Pois erão (que os vi bem) quatro bonécos,
N'uma roda que andava em dirandina,
D'uma véla de sêbo á luz pingósa.
 Tal, Oradores, tem de acontecer-vos,
E a vós peior, oh Vates, se deixardes
Empobrecer a lingua a arbitrio, e ranço
De Seiscentistas, Mandriões, Tarêlos.
Essas poucas palavras, que ficarem
Pelas mãos dos grammatico-perluxos
Minguadas, expremidas, escoimadas
Nos versos, e na prósa, em remoînho (1)
Contînuo correrão umas traz outras
A appanhar-se, a esmurrar-se em *cabra-céga*.

 Mas tratão-nos (dizeis) de Quinhentistas:
Quinhentistas sejáes (2) Campai de o ser-des;
E que elles de ó não serem se envergonhem.
Que riso, ou que labéo vem d'esse apodo?
Beberes luz da idade de ouro augusta,
Que nas armas, nas lettras nos fez claros!
Elles de que éra são? — Dos Asneiristas!
Que em toda éra houve, e agóra inda máis nésta.
De Quinhentistas vos prezái, Alumnos.

---

(1) Summa paupertas in eadem (verba) nos frequentissime revolvit. — *Quintilian. lib.* 12. *cap.* 10.

(2) Men' moveat cimex Pantilius? aut cruciet quod
Vellicet absentem Demetrius? aut quod ineptus
Fannius Hermogenis lædat conviva Tigelli?
Plotius et Varius, Mæcenas, Virgiliusque,
Valgius, et probet hæc Octavius optimus, atque
Fuscus: et hæc utinam Viscorum laudet uterque.

Horat. *Satyr.* 10. *Lib.* 1.

Nêsse bom sec'lo as lettras Portuguezas
Tomárão praça entre as Nações mais cultas
E hoje os que tomão tudo dos Francezes,
Nem terão um só canto em que se mettão.
Nessa éra a Castro muito antes luzia,
Que Corneilles, Racines visse a França;
Nessa o Camões Lusiadas compunha,
Quando Henrique (1) inda ao longe não raiava,
Nem suspeitado inda era o seu Homéro.
Éra ditosa, que a âtenúa o encómio. (2)
Asia te louve, e as Cóstas Africanas,
Povoadas de padrões da nossa gloria.
O brado, que inda dura pela Italia,
Por França, pelo Nórte máis instruido;
De alguns claros ingenhos Portuguezes,
Nos consérva no crédito e conceito
De estimaveis Nações. Esse bom nome
No-lo querem delir quatro fedelhos,
Motejando os antigos, e escrevendo
N'uma giria franceza desgostosa,
Que a si, que ao nosso seculo injurîa.
Inda em bem, que o Diniz, e alguns de escôlha
Nos vingão dessa córja, e desaggravão: (3)
Inda em bem que os estranhos dão estima

---

(1) La Henriade.

(2) Magna modis tenuare parvis.

HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 3.

(3) Ce serait aux Auteurs à s'entendre, je crois,
Pour renverser bientôt ces ridicules lois:
S'étayant l'un par l'autre, ils n'auraient rien à craindre;
Ils étendraient le cercle où l'on veut les restreindre,
Et pourraient corriger cette erreur par le fait.

Prologue du Philinte de Molière.

A Barros, e a Camões, que ruîns insultão!
Affortunada idade de Quinhentos,
Quando os teus te põem nódoa, alheios te honrão!

Correi-vos, Seiscentistas, ou Pacóvios;
Que néscios motejáes do que é de preço;
Do que não entendeis, julgáes a êsmo.
Temei, não cáia sobre vós o apodo,
Vosso motejo insulso, e parvo riso,
Quáes fléchas no ar viradas, que se encravão
Em quem as disparou, e vão vingando
Mal-nascidas, inmméritas injùrias.
Apprendei, estudai; e os bons Autores
Sabereis ter em crédito e valia.
Elles a lingua, e seu primor creárão,
Elles no-la polìrão.— Que se os néscios
De quadra posterior não esgarrassem
Da estrada, que battida lhe elles tinhão,
Nunca por táes rodeios, táes ambages
Intrincadas, se fôrão despenhàndo
A si, e a vós, que ás cégas, os seguisteis.
E, pois que novo sól vos allumîa,
E a dextra nóvos Guîas vos estendem,
Para fóra surdir da negra furna;
Lançai a mão á côma fugitiva,
Com que a donósa Occasião vos brinda.
Eis que, de seu regaço, os bons Autores
Vos embórca a Impressão. Lede, e re-lêde:
Que os móldes engraçados da Facundia
Asseáda, e nóbre, e ricca nelles jazem.
De Quinhentistas vos honrai briosos,
Que é ser herdeiros dos caudáes Latinos,

De não-murcha eloquencia arvores férteis.
Prezai esses que ousados os imitão, —
Ou temei-os, se não sabeis hourâ-los:
Que armas tem, e tão déstros as meneião — —
Que (pela Styx (1) vos juro, e vos tres-juro)
Se os assanháes com vossas parvoîces,
E se os ólhos abaixão despeitosos
A ler vosso ruin verso, aguáda prósa,
Ou de ouvir-vos fallar se naõ desdenhão,
Que nem na vossa escripta nem nas fallas,
Ha hi membro, que escape a seus revézes.

---

(1) Muito ouvi eu fallar neste juramento dos Deoses pela Styge, sem saber a razão porque elles temião tanto jurar falso. Ora o que me a mim aconteceo, póde muito bem succeder a muita gente que sabe muita cousa; mas não o castigo que se dava ao Nume que não cumpria o que jurava. O Padre Antonio Tavares com quem apprendi toda a arte de Manoel Alvares ajoujada de Chorros, Cartapacios, Promptuarios e mais mixordia Syntaxistica, bem persuadido estou que tal não sabia; e se o soube foi tão maráo que o guardou para si, e nunca mo disse. Eu não quero ser assim. Direi o que (pelos meus riccos seis vintens) me explicou uma sigana tirando-me *la buena dicha* e explicando-me tin tin por tin tin quantas macacôas tinhão de me vir da mão de Deos, da mão dos Bonzos, e do Diabo.

Com *Deus super omnia* concluia o Sarrabal saloio o seu Reportorio.

Qualquer dos Immortáes, que do nevoso
Olympo a cima occupão, se de grado
Estraga com perjurio a fé jurada,
Um anno inteiro o spr'ito se lhe embóta,
Nem chega ao pasto de ambrosia ou nectar;
Antes sem respirar, e mudo jaz,
Máo lethargo em leito plano o cobre.
Mas depois que um grande anno esteve enfermo,
Males mil um traz outro supportando,

Musas, que sobre o deleitoso Pindo,
No regaço de Apollo, estáes cantando
Variadas Canções de agrado cheias,
Que com grande attenção estão ouvindo,
E em seus ânimos promptos recolhendo
Subtîs Horacios, Pindaros altivos,
Mandai uma de vós, a máis florente,
Que venha amenizar estes meus versos
Mui sêccos, mui Grammatico-prolixos,
Que eu mesmo me enfastio de escrevê-los. —
Mas, nenhuma se móve: — Apollo apenas
Um pouco o rosto vólve sobre a esquerda
Com gésto desdenhoso, e me responde:
« Tens máis que pSr-lhe fim? Levanta a pluma
» Do cansado papel: fórra o fastîo
» A mim, ás Musas, e ao Leitor coitado. »

~~~~~~~~~~~

Péço-te, Amigo meu, péço desculpa
Do longo enfado, que escrevi sem tento;
Mas tão corrente o pensamento vinha,
Tanto em fervor na veia borbotavão
As idéias, — que no papél rugia
A penna, em despachar-se pressurosa.
Máis curta fôra, a me acudir pachôrra
De ordenâ-la, limâ-la, e reduzî-la.

Dão-lhe esilio novennio eternos Numes:
Sem que nêsses nove annos co'elle tratem
Em conselho que tómem, nem banquete;
Porêm no anno dezeno a tratar volta
C'os bandos immortáes, que nas Celestes
Casas moradas tem.

HESIOD. *Théogen.*
~~~~~~~~~~~

Mas tu, que além do vulgo te remontas,
Qual Contraste sizudo, pões a marca
No precioso quilate da materia,
Curando pouco do feitio tôsco.

FIM.

P. S. Se alguma alma piedosa compadecida dos achaques desta prolongadissima escriptura, quizer empunhar um bem affiado podão; e aquì, allì talhando sem misericordia repitições, luxuriante viço; etc. etc. etc. a quizer tornar máis abbreviada, e por essé modo máis maneira, e tambem mais util e agradavel, o seu Autor lh'o agradecerá mui cordialmente; pelo muito confórme que elle sempre esteve com esta máxima do inimitavel La Fontaine.

Les ouvrages les plus courts
Sont toujours les meilleurs. En cela j'ai pour guides
Tous les maîtres de l'art, et tiens qu'il faut laisser
Dans les plus beaux sujets quelque chose à penser.

Bem podéra o Autor (dirão alguns perluxos) encurtar como lhe era permittido, a sáia desta estiradissima parlenda; sim, senhores; bem a encurtára, se me eu vira teso e crêspo, nos meus 24 e um ferrugento. Oh como eu empunhára a catâna da crìtica; e talho daquì, revéz d'acolá, gilvaz um atraz de outro; não lhe ficava são o quarto da sua refastellada *prosopopéa*! Mas, misero de mim! que 82 annos me quebrárão os brios, e tão desazado tenho o juizo, que pegar eu na penna, e sahir-me por ella um chorrilho de destemperos, é tão corrente cousa como cheirar a alho quem de alho comeo assôrda; ou cambalear pela rua quem muito de misiélla se tomou.

Tómem-me esta desculpa, em lugar da requisita emenda, em quanto eu me consólo... Oh quanto me consolaria agóra um bom prato de trouxas de óvos, ou de óvos mólles!

DIOS

TE LA DEPARÉ BUENA.

Quando estava estremando de altas Odes
Os titulos pompósos, *Excellencias*,
Reverencias, Altezas, Senhorías ,
Bem andava enleiada a mão na empreza;
Mais enleiado o Sp'rito. — Poucas vezes
Cursei do Paço as cortesãas mesuras,
Nem fui do Méstre-salla Alumno espérto. —
Nas préssas Deos acóde. — Eis que no quarto
Entra mui têsa, mui refestellada
Dona *Etiquetta*, de ademan sizudo;
Tóma os papéis, vai dando precedencias,
Ordena, arranja, métte na fileira
Os pretendentes, que imprimir-se anhélão.
  Nunca vi procissão tão bem compósta;
Pendão, cruzes, andor mais bem seguidos.
Fiquei maravilhado e satisfeito:
E tendo eu dado á Dona arrumadora
Devîdas graças, ella muito inteira
Voltou de léve o rôsto, e despedio-se.
  Mas entra lógo a férvida Amizade
Descompõe a Matrîcula, entremeia
Mecânicos mortáes com semideoses,
E Rascôas com Damas de donáire.

Vistes vós um rapaz, que arruma as Sótas,
Condes, A'zes, e Reis no seu barálho,
E o mais vulgo dos náipes, por seu turno, —
Que se mira no quadro? — Assim estava
Eu, antes que a Amizade embrulhe tudo.
Neste ensejo (1) entra Amor, cq' a Formosura,
Métte as mãos ambas nos papéis, revólve,
Embarálha, transtórna . . . ri, — e vai-se.
Eis-me em grande embelêco, em gran desórdem.
Peiór está que estava. (2) Triste, e mudo,
Perpléxo não atino c'o remedio
De dar rumo a tanta Ode transmalhada.
Lembrou-me Deos em bem. — Ponho o capóte;
Lanço na ába o tropél das Poesîas,

---

(1) Ei-lo lá vem co'as drogas da antigualha. — Ouço eu já daqui dizer a alguns d'esses bonécos affrancezados. — Esse *ensejo* que elle metteo aqui á queima-roupa, pilhou-o elle de Azurara, ou Castanheda. Quiz-nos campar de erudito encampando-nos palavras Affonsinhas. — Ao que respondo : Nunca eu quiz, meu bonéco, campar por palavras, nem ainda campar por sentenças. Diverti-me com escrever versos, e nunca cuidei na bazofia de campar por Poéta, e menos por Antiquario. Escrevo a palavra que melhor significa o que intento dizer, sem me apurar em modernices, nem antigualhas. Bem podéra eu, se quizésse dar razão do meu ditto acarretar argumentos, e ainda autoridades, que não me faltarião : por agora, sómente, para tapar-te a bòcca te apponto esta unica que sei de cór, por que é a regra por onde me govérno, quando escrevo, e que te servirá de muito, se accaso entendes Latim; *Si aut vetustum verbum sit, quod tamen consuetudo ferre possit; aut factum vel conjunctione, vel novitate, in quo item auribus consuetudinique parcendum, aut translatum, quod maxime tanquam stellis quibusdam notat et illuminat orationem.* — CICERO. 3. de Oratore.

(2) Titulo d'uma Comedia Castelhana.

E côrro ás portas da piedosa Sórte.
Alli lastimo o meu fracasso, e péço
Atálho a tão sinistro desarranjo.
  Olhou-me compassiva a Deosa; e lógo
Diz a Mercurio: « *Escréve-me esses nomes.* »
Ella depois co'as déstras mãos enróla
De papél os notados quadradinhos,
E bem vascolejados no galéro
Alado de Mercurio, m'os vai dando
Pela mesma ordem, que os vereis seguidos.

~~~~~~~~
~~~~~~~~

ODE.

Justum et tenacem propositi virum
Non civium ardor prava jubentium,
Non vultus instantis Tyrani
Mente quatit solida.

HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 3.

QUEM, póde aos pés lançar soberbas iras
Do Fado rigoroso;
Quem, sem torcer a vista, olhou seguro
As duas mãos da Deosa
Que Antio governa, carregadas
De premios, de infortunios,
Nobre Varão, desprezador dos Fados,
Superior á Fortuna,
Verá sem medo encapellar-se as ondas
Por cima dos rochedos,
Fumegando de espuma, a Náo aberta
Entregar o costado
A's pontas dos cachópos naufragosos,
Sem perder no semblante
A côr tranquilla do esforçado peito.
Nem quando Jove attira
O trisulco farpão, estrago e morte
Das torres e sobreiros,
Baixa a vista, de susto estreita os hombros:
Antes constante espéra

A pé firme o naufragio, as varias sombras
Da carranca da Morte.
Que não crê tão injusta a mão suprema (1)
Que o raio vingativo
Sacuda ao coração, que ermo de culpa
Não téme, não deseja.
O que perde a constancia nás desgraças,
Ao soldado assemelha,
Que, no calor da briga, arrója o escúdo,
Para correr mais léve
A commetter descorçoado os pulsos
A's captivas correntes.
Eu vi, Meu charo Freire, com tranquillo
Desassombrado rosto (2)
O braço alçado, c'o punhal luzente,
A coberta Calumnia
M'o apontar ao peito; os grilhões promptos,
As lôbregas masmorras
C'o seio aberto, accesa a infame teia,
Sem demover os ólhos:
Vi ao longe a Pobreza, a aguda Fome
Que os braços alargavão-me;

---

(1) The Gods, in bounty, work up storms about us,
That give mankind occasion to exert
Their hidden strength, and throw out into practice
Virtues which shun the day, and lie conceal'd
In the smooth seasons and the calms of life. — *Adisson's Cato.*

(2) Ecce spectaculum dignum, ad quod respiciat, intentus operi suo, Deus! Ecce par Deo dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus! Non video, inquam, quid habeat in terris Jupiter pulchrius, si convertere animum velit, quam ut spectet Catonem, jam partibus non semel fractis, nihilo minus inter ruinas publicas erectum. — *Senec. de Divin. Provid.*

A má Fama, o Viver desconhecido
Que o manto espesso, escuro
Abrião pelas pontas, e envolver-me
Nas dóbras pretendião;
Os gemidos do póbre, da viúva
Ouvi na despedida,
Os abraços da Patria, dos amigos,
Sem derramar um pranto,
Sem que o passo me atalhem resoluto,
Para o nobre degrêdo.
Assim Coriolano perseguido
Pelas iras da Inveja
Animoso cruzava a praça, as portas
Da ingrata Roma; os prantos
Da Mãe, da Espôsa, o esperançoso nome
De si, dos nobres filhos,
Abafando no peito estimulado:
E as portas êrmas, tristes
Que outróra ovante o vírão, carrêgado
De louros, de victorias,
Seguido de despojos, de captivos,
Gemêrão, quando olhárão
Entre raros amigos, baixos, mudos,
O illustre desterrado,
Levar a estranhos Lares as virtudes
Saudosas a Roma.

DESPÊGO DO MUNDO.

Na Asia e na Europa se ateou a guerra
Que na América e na A'frica lavrára ;
E a Morte já segou com foice avara
Um Grão-Lâma , um Sultão , Deoses da Terra.
Ronceira veio a nóva
A's plácidas campinas ,
Onde só dos amores , das boninas
Tratâmos , quando o campo se renóva ;
E quando o hynverno inérte (1) o mundo enluta
Com desabrido manto ,
(Junto do accêso lar) cada um desfruta
O prazer sábio e sancto ,
De fallar da virtude , e praticà-la ,
C'o sumo de Lyêo molhando a falla.

---

(1) *Bruma iners.* Certos malsins , com provisões falsas da Censoria , se intermettem a me qualificarem de contrabando algumas allegações latinas , com que escóro ás vêzes esta ou aquella phrase menos usada. Como são pacóios ! D'onde , senão do Latim , nos veio o mais nítido phraseado de nossa lingua ? Quando Fr. Heitor Pinto escrevia *dar obra ao estudo* fallava elle Arabico , ou Hollandez ? E Arráes , e Vieyra etc. etc. etc. não copiavão elles phrases latinas ? Sómente lhes faltou o pôrem , como eu , o latim á margem.

ODE

Em 23 de Dezembro de 1796, dia dos meus annos.

——————— Transfuga divitum
Partes linquere gestio
Contemptæ dominus splendidior rei.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 16.

QUANTO acérta o que orgulhos e etiquêttas,
Deixando a côrte, desaloja da alma;
E ás portas das cidades turbulentas
Déspe ambições e invejas!
Já livre do pesado encargo, os léves,
Rindo, sacóde, restaurados membros; (1)

(1) Aos que estranharem este hyperbato, pedirei por mercê, que folhêem um pouco a Poética de Aristoteles, acharão no cap. 22., pouco mais ou menos, as palavras seguintes: — Zombou Arephrate dos Trágicos que se valem de palavras, e de construcções de que ninguem usa. . . . E não repara, por cérto, que por isso mesmo é que táes palavras e táes construcções são o primor da arte, como não vindas do theor de fallar ordinario. Capacitem-se por uma vêz que o canto Divino da Lyra não é uma conversação comadresca, e que se a linguagem do enthusiasmo fôra a linguagem do vulgo, adeos Poesia, adeos Poétas.

Odi profanum, etc. etc. etc.

Para encetar ; desassombrado , o trilho
Do campéstre tugûrio ,
Olhos fitos no plácido repouso ,
Que pôz seu throno em prados solitarios ;
Vê juncto delle o altar da Sapiencia ,
Que em puro fôgo brilha.
Lá não lhe nasce o dia turvo e feio ,
En-nublado c'os sustos dos acasos ;
Nem agourar-lhe vem a noite inquiéta
Mordazes nóvas perdas.
A Primavéra o vê sadîo e lédo ;
Vem deleitá-lo o saboroso Outono ,
Que maduros , na cêpa que plantára ,
Louros cachos blazôna.
Em práctica suave , ao lar sentado
C'o amigo , que comprára com virtudes ,
Robusta enzinha , que voraz chammeja ,
Lhe arréda os alvos frios.
Sente rodar tranquillo , e sem mudança
A carroça do Tempo , e acérta apenas
Com raras cãas , que lhe hão semeado os annos ,
Na des-rugada fronte.
Quando vai longe o fio das bonanças ,
E os dias cheios , puros , empregados
No bem da humanidade , vê sem susto
Vir o sperado termo :
E estranha a Mórte o vulto do home' inteiro , (1)
Que encostado nos braços da Innocencia ,
Lhe entréga o sôpro livre , e não-manchado
De incógnito remorso.

---

(1) *Integér vitæ* Horat.

Tal espéro acabar mais claros dias
Despidos d'estes longos infortunios,
Que o coração com mágoas estreitavão
De perenne tormento;
Apenas duas lúcidas Estrêllas,
Que máis que Póllux e Castor, na Elysia,
Aos náufragos no Golphão da Desgraça,
As ondas abonanção,
E dous leáes amigos, que estremados
Nóta em seu livro de ouro o honrado Brio,
Me alcancem visitar vedados Lares
Do meu rústico alvêrgue.
Hoje, que, alêm de lustros onze, avança
A carreira que abri para a Virtude,
Quando aos olhos me deo primeiro assalto
A estranha luz do dia:
Hoje com quatro taças (mais vertentes
De prazer que de Baccho) brindo aos Numes
Tutelares, que um Templo tem sagrado
No arcano de meu peito.
Pois que estes quatro Numes, como eu, prézas,
Gentil Delmira, a festejar me ajuda,
Com quatro taças mais, seu sancto Amparo,
E as áureas Esperanças.
Oh quem obtêr podéra que estes brindes
Cheguem férvidos (quáes me saltão na alma)
Nas azas do Desejo agradecido
A's Côrtes de Háya e Elysia!

SONETO

MOTTE.

Da voz o garbo, e do çantar a gala.

Glosa.

Ora lá vai a Deos, e á Ventura
Um soneto de arromba: *Estrepitosos*
Pregões da Fama, que aos Heróes famosos
Móvem as cinzas na alta sepultura. . . .
Atéquî não vai máo. Se o Éstro atura,
Dou dous trincos c'os dêdos gloriosos
Para os rompantes oucos, ou rançósos
Da caterva outeiral, que mais se apùra.
Continuêmos. *Quando a tuba excita,*
O Ar se atróa, o Pólo estremecendo,
C'o retumbante som, que a sphéra abala...
Óra esta não desdiz da acima-ditta.
E o Motte?... Vem d'encaixe: vem nascendo.
Da voz o garbo, e do cantar a gala.

Muitos Leitores tem reparado na supèr-exorbitante catérva de tróvas qne tem parido a minha cachimónia: eu mesmo me desbautizo da paciencia apporfiada de quem tal leo: Agóra lhes declaro o enigma. Quem vive póbre, não o cansão visitas; quem se vê desprovido de visitas vive só; quem vive só, labora-lhe a imaginação no painel da sua desgraça, acóde-lhe obstinada tristeza, que traz comsigo afferrada molestia, precursora de prematûra mórte. Que subterfugio? Passear. Mas só! — Cansa, e enója. Lêr? Tambem cansa o animo, e cansa a vista. Escrever? — O que? — Escrever de raiva, como eu fiz, sem tom nem som.

O D E

A' MINHA MORTE.

——————————————— Nullum
Sæva caput Proserpina fugit.
HORAT. *Lib.* 1. *Od.* 13.

SEI, que um dia fatal me espéra, e talha
A' minha vida o estame:
Nem Prosérpina evìta uma só frente.
Sei que vivi: mas quando
Tem de soltar-se, ignóro, o vivo laço;
E se cláros, ou turvos
Se hão- de erguer para mim os sóes vindouros. —
Pois, que ao sévo Destino
Me é vedado fugir, fugi ao longe
Roázes Amarguras,
Que estes per-meios annos minar vìnheis.
Rir quéro — e mui folgado,
De vos vêr ir correndo, de encolhidas,
Escondendo na fuga,
As cáudas dos medònhos ameaços.
Quéro, entre mil saùdes,
De vermêlha, faustissima alegrìa
Ir passando em resenha,

Taça apoz taça, a lista dos amigos,
E o côro das formósas,
Que a vida me entretêrão com agrado,
E reforçado e lésto
C'o néctar da videira, as mãos travando
Co' as engraçadas Musas,
Em dansa festival, com pé ligeiro,
Na matizada rélva,
Cansar de tanto jûbilo o meu sp'rito,
Que se vá (sem que o sinta)
Continuar o baile nos Elysios,
Entre o Garção e Horacio.
De lá, em nóvas Odes, que mais válhão
Que quantas fiz tégóra,
(Pois que emendadas pelo douto Méstre)
Darei pasto á manîa
De versejar, que me tomou bem tenro,
Que zombou de remédios.
E de lá mandarei guápos modélos,
Onde ávidos alumnos
Bebão largas lições; — se achar Correio;
Que delles se encarrégue,
E re-fretando a barca de Charonte,
Cá lhas recóve ao Mundo.

ENIGMA.

Nos campos de Mavorte
Quem ha que não conheça quanto eu valha?
Chamo os guerreiros ao perigo, á morte:
No rijo da batalha
Lhes dou alma, eu que sou inanimada.
Não tenho amor de glória;
Mas tróco as mãos (ás vêzes) á Victoria,
E ganho a palma á trópa derrotada.

EPITAPHIO

D'UMA NA'DEGA EPISCOPAL.

Aqui jaz um tassalho do trazeiro
De cérto Bispo. Aos seus Diocesanos
Summo prazer lhes déra (ha muitos annos)
Ver junto do tassalho, o Bispo inteiro.

FÁBULA.

OS O'CULOS E A TOUPEIRA.

1.

Uma Toupeira, um dia
Sahìo do seu buraco, a correr mundo;
Mas lógo pre-sentio quão pouco via
Para estudo tão largo e tão profundo.

2.

Acáso nêsse prado
D'onde ella ìa encetar a longa róta,
Tinha os mimosos óculos deixado
Ao despédir do dia, uma Devóta.

3.

A Toupeira que vira
Como delles fizéra util emprêgo
A sancta Vélha, traça o como adquira
Móvel tão apto a Bicho peti-cégo.

4.

C'os óculos, anciosa,
Vai têr co'a Mãe á tócca, e d'este achádo

Gabar a serventia preciosa,
Mui de gôsto, — que a Mãe — tornou aguado,

5.

Dizendo : » Oh párvoa filha
» Tanto esse móvel foi para ti feito,
» Quanto para um bezerro uma servîlha,
» E para um asno ûm livro vem a geito ».

SONHOS

DE ALGUMAS PESSOAS QUE EU CONHEÇO.

Sonha Brito diplomas e finuras
Da Officina Politica; o Corrêa
Prazer de preguiceiro, e algum bom ditto;
Manoel-Pedro A máis B; sua Lyra o Lima;
Marialva sciencias, honra e brîo,
E máis cérta cousinha, que eu não digo;
Borges apoquentados Diccionarios,
Filinto Odes de Horacio e trouxas d'óvos.

ODE

AO ÉSTRO.

Quindi s'io tempro le felici corde
L'anima scorre entro furor celeste
E a novi pensieri in cima siedi :
Per gli eterni sentieri ascendi e riedi
Colma sempre di voglie altere e grandi.
Alessandro Guidi.
Ode al Cardinal Panfili.

1.

Éstro filho de Apollo, quando desces
Do verde Pindo, sobre accesas nuvens,
Impetuoso assaltas
Inopinado Ingenho,
E chamma imperiosa, insana fûria
Levantas na alma digna de teu vôo.

2.

Tu á morada Olympia arrebataste
O Cantor Grêgo, Páe da heróica tuba,
Que a Achilles iracundo
Trôa, quando affadiga
O anhelante Hector, longo dos muros
Da emmudecida Troya descórada.

3.

Tu lhe déste ousadîa, com que olhasse

Fito a fito o tremendo Soberano
Dos Deoses e dos Homens,
Que só c'um sobre-cenho
(Quando a chólera as faces lhe roxêa)
Abala os Céos e a Térra, empóla os máres.

4.

E lhe déste o pincél, com que arriscado
Pinta a Jove, e o trìsculo raio iroso
Que a mão de ardor lhe córa
Ao remessâ-lo ás gentes: —
E os fuzìs vingativos da cadeia,
Que suspende e castìga o error de Juno. (1)

5.

Ao Épico pregão do Ausonio Pôvo,
Da trompa argentea os áros (2) enrolaste,
Quando cantou sonóro
Accolhidos na Italia
Os Troyanos Penates foragidos,
E da alta Roma os triumphantes muros.

6.

Pintaste-lhe o Furor impio, sentado
Sobre as armas cruéis, e atraz das cóstas
Retorcidos os pulsos
Com cem laços de bronze,

---

(1) Iliad. 15.

(2) Não me lembra ter lido nos Crystaes d'alma, ou no Thesouro de Prudentes, se tinhão um só áro, ou mais como os nossos, *Corni da Caccia*, as trompas dos antigos.

No templo, afferrolhado, de Mavorte,
Bramando horrendo co'a sanguînea bôcca.

7.

Abriste-lhe a Cavérna da Sibylla,
E as prophéticas folhas do Futuro,
Pejadas de succéssos,
Que as entranhas dos Fados
Sem ordem, sem conselho des-compunhão,
Ao capricho dos ventos revoando.

8.

Tu a Pindaro, a Alcêo, aô Venusino
Subiste em tuas azas inflammadas
Ao concêlho das Musas,
Onde ávidos gostárão
O almo liquor da reservada veia,
Que em Divino transmuda o canto humano.

9.

Franqueaste-lhe allì pródigas chaves
Dos thesouros que encérra a Natureza;
E o fusco véo rasgando,
Que lhes cobria a mente,
O trilho que conduz da Terra ao Olympo,
Ao colloquio dos Numes, lhe apontaste.

10.

Assim Camões, por Ti enfurecido,
Ao cume do Parnasso se avizinha;
E os Delphicos loureiros,
Quando elle sóbe, curvão

Ao novo Homéro os orgulhosos tópes ;
E arrédão larga estrada ao Vate egrégio.

11.

Callìope a mão lhe dá ; e ás doutas grutas ,
(Do rápido talento asylo) o guia ,
Onde a sublime trama
Da Iliada sonóra ,
Palpando as chórdas da Épica harmonìa ,
Cantára Apollo , e transcrevêra Homéro.

12.

Allì subìo Camões ; allì a Musa
A bôcca e vózes do immortal Alumno
Banhou de Poesia ;
E co' as Irmãas que invóca ,
Co' as tres Graças , que tudo afformoseão
Enchem do Vate o peito , dadivosas.

13.

Eis chega ao sábio côro o Ausonio Cysne
Comedido , e das faces ressumbrando
Assômos de Celeste :
E tanto se affeiçôa
Do valìdo das Musas Tagitanas ,
Que por Alumno e confidente o acceita.

14.

Das reconditas minas da Memória ,
A seu pedido , as riccas veias ábre ,
Que Camões enthesoura :
Tambem lhe réga o ingenho

Co' Épico arcano, em limpidas correntes,
Que manárão nos nóvos Argonautas.

15.

Entôa o forte Gama, avassallando
Os mares não-trilhados de outros lenhos,
Impávido affrontando
O conflicto das ondas,
Que o Thyoneo contra elle accappellava,
Ajudado do imprόvido Neptuno.

16.

Sobrevêm Sapho, e canta de Inez linda
A ternura fiél, trágico térmo
De viçosos Amores.
Ambição crua e céga,
Cubiça de mal-firme valimento
Tu lhe entérras no peito o frio ferro!

17.

Homéro inchando á tuba o bronzeo ventre
Mais alto resoava, e tinha em fôgo
A vista rutilante
Quando lançava as vózes
Do Adamastor membrudo, e arduas vinganças
Do quebrado segrêdo de seus mares.

18.

Como sentiste do animo o alvoroto,
Absôrto Vate, quando o întimo seio
Os sons te revolvião
D'aquella voz valente,

Tonante voz, encêrro de prodigios,
Voz de que assim se ufana a natureza!

19.

Como já n'alta mente as côres punha
Nos quadros dos Lusiadas illustres!
Aqui se ateia a briga
Dos doze de Inglaterra:
Alêm, da agua que sorve, engrossa a nuvem,
E o pé que tem no mar, a si recólhe.

20.

Quanto se érgue entre stupidos humanos
Quem ao nascer sortio um peito altivo
Capaz de inclyta empreza?
Máis que homem é um Nume.
Os parabens te dou, oh Lusa Patria:
Tambem os tómo, de dever-te o bêrço.

21.

Oh próle de Japêto, a tudo ousada,
De ser do barro vosso me gratúlo,
Quando contemplo a chamma
Que em vós prendeo celeste,
Luzir no ingenho, disferir no esforço,
Brazão, e assombro das futuras éras!

22.

Lógo Tyrtêo, para as feróces guerras
O prendou c'o clarim agudo e forte,
Que a côr ao gésto muda;
E nelle os tons lhe ensaia,

Com que reconte as ásperas batalhas
De Nuno féro, e do pugnaz Pacheco.

23.

Eis no carro, que as alvas pombas tìrão
Lhe entréga agradecida a meiga Venus
(Do mimoso regaço)
Quadros de Jdália e Chypre,
As fontes, e arvorêdos namorados,
Com que elle adorne a Ilha dos amores.

24.

Os ólhos para a sphéra erguei celéste :
Como raia vermêlha no Oriente !
Do centro escapa um lume
Que de ouro reluzente
Vai as nuvens cubrindo... Um Deos radioso
Com plácido semblante á terra désce.

25.

Pelo cinto do lùcido horisonte
Melodîas dulci-sonas se espalhão ;
Alados Hymnos vôão
Flammigeros em tôrno
Da verde-laurea fronte ; as alvas azas
Dos Zéphyros, na lyra, férem vózes.

26.

Mas já o previdente Apollo abrindo
O fatidico seio do Futuro,
Movido do ardimento
Do generoso Vate,

Pões nelle os ólhos de splendor trajados,
E estas aladas vózes lhe dirige :

27.

» Feliz Mancêbo, que a veréda pizas
» Dos dous Cysnes, que além de todos prézo,
» Não desmaies, ao vêres
» Os sustos, os despenhos
» Que ameação na senda alcantilada
» Do laurifero Pindo, temeroso.

28.

» Com meu ráio facundo, e nunca-incérto
» Quéro teu guìa ser na Épica lida :
» E serás celebrado
» Na esteira perigosa
» Que intrépido em rasgâ-la aos teus a stranhos
» De não-murchandas flores a esmaltares.

29.

» Mas Éstro adquire glória, e não thesouros.
» Morrerás pobre, tendo submettido
» Mais riscos, mais trabalhos
» Que o Gama, a quem dás nome.
» Aos Vates, que só põem na Fama o fito
» Serás pharol de náufrago penêdo.

30.

» O mesmo Fado desastroso empunhà
» Irado ráio, em damno dos que vênhão
» Por estas broncas frágas,
» E absôrtos na harmonìa

» Dos sonorosos teus ousados vérsos,
» Te imitarão na lyra, e na desgraça.

31.

» Coridon, Coridon, que împroba estrêlla
» Te dá Nome immortal, fonte de invéjas?
» Pelos sallões das honras
» Te arreméssa ás masmôrras,
» Onde os annos consumes, que devêrão
» Ser de ampla glória e louros assombrados.

32.

» Lá vai, de atroz Calumnia perseguido
» Correr mares, trilhar estranhas terras
» O cândido Filinto
» Que tanto tinha a peito
» O seu Camões grandîloquo a quem lia
» Com gôsto, com respeito ás Musas grato.

33.

» Lá, comtigo abraçado, em seu destêrro,
» Em ti bébe a corrente nobre e pura,
» Com que os seus vérsos banha.
» Ainda, ausente, brada
» A's nóvas A'guias da sobêrba Elysia,
» Que o teu canto e dicção tómem por Nórte.

34.

» Mas, em quanto te estuda, e te defende,
» Lavra contra elle séttas a Ignorancia;
» E dos seus bens e fama
» Põe ópimo despôjo

» Nos altares da Inveja, e da Calumnia.
» Iniquo galardão de haver-te amado! (1)

EPIGRAMMA.

Apollo um dia, ao ler cérta Ode minha:
» Nunca inspirei (me diz) tão frouxa obrinha. »
— Apollo (eu lhe respondo muito inteiro)
— Eu não armo ao louvor, armo ao dinheiro.

---

(1) Não me faltarão accusações críticas de que quebrei o fio da Ode, e que a falta de nexo é mais um desvarìo meu, que um deparado delirio. Venhão accusações, affiem as criticas, que costumado estou a não reparar defeitos similhantes; que se na verdade o são, quéro antes errar com Pindàro, que ser methódico ao geito de táes Censores. Já que tenho emcima da mesa o des-methódico Pindaro, apontarei a esses mestraços a Ode 4 em que elle louva a Arcesiláo, vencedor na carreira Olympia, onde depois de se lançar á vôo solto na expedição dos Argonautas e conquista do Vellocino, que tão arredada parece do assumptò, se volta ao Vencedor, e diz: » *Agora, oh novo Œdipo, acérta com o enigma. Um antigo Carvalho*, etc. etc. para lhe fallar em Demophilo, e lhe pedir, que o recólha do destêrro á Côrte, etc. ete. Qual de nós se desvîa máis?

MADRIGAL.

Ao vêr-te, oh minha Marcia, tão formosa,
Não estranho que os ólhos lhe vendasse
Venus a Amor, com sustos de ciosa,
Que por Ti (se Te visse) a não trocasse.

SONETO.

» Tardîo ás vezes, sempre merecido,
» Tem a Virtude o prémio apparelhado
» Ao proficuo talento, ao peito honrado,
» Que do Devêr o stadio tem corrido.
» O Sabio, que dos louros esquécido,
» Só no obrar bem os ólhos tem cravado
» Inópino tambem se acha c'roado
» Por mãos sob'ranas c'o laurél devîdo.
» Util á Patria seja, as paixões dóme,
» Seja piedoso, honésto, affavel, justo;
» Que no futuro o espéra înclyto nome ».
Assim fallou Minerva ao Côro augusto,
Pondo no Templo do immortal Renome,
De glória ornado, o teu prezado Busto.

ODE

> Frui paratis et valido mihi,
> Latoë, dones, et precor integra
> Cum mente, nec turpem senectam
> Degere, nec Cythara carentem.
>
> *Horat. L.* I. *od.* 31.

Quê cuidas, meu Pilaer, que péde aos Fados
O Poéta Filinto?
Quando vê, por detraz do pardo monte
Erguer-se o Sól dourado;
Ou quando, já trilhado o ethéreo cinto,
Mólha o cansado Côche
No pégo Occidental do azul Neptuno?
Não põe nas aras cégas
Da soberba Fortuna offrendas, vótos
De sôffrego interesse;
Nem péde, novo Midas, que entre os dêdos,
Em flavo ouro luzente
Se lhe tórnem as pédras, as correntes;
Nem tósem seus pastîos
Grossos rebanhos de nervudos touros,
Para lavrar activo.
Com vinte jugos dilatadas geiras.

Commêtta ousado os sustos
Do assanhado Oceâno verde-negro
O mercador ganhoso,
Que a vida em menos preço tem que o lucro; (1)
Ouça silvar os ventos
Pela gemida enxarcia enfurecidos;
Accappelladas ondas
Na esmorecida prôa lhe rebentem;
Rache o ruivo corisco
O grande masto em re-tisnada róca;
Que elle só fita os ólhos
Nas lóges do Brasil; por entre os raios
Vê chegar o Mineiro;
Ouve por entre os roncos, e estampido
Dos trovões, tinnir dóbras
No mostrador avaro; vê vendidos
Os enfardados pannos. —
Porque não justiçou Jóve potente
Com despedido fógo
O mortal, que arrancou com mão culpada
Das entranhas da Térra
Esse ouro malfeitor, fonte de crimes,
Estrago da Innocencia!
Bem foi idade de ouro a feliz éra,
Que pallidas figuras
Não vio nos cunhos do ouro amoedado,
Para deshonra e morte;
Que não vio a Ambição, a Tyrannîa
Medrar, assoberbando
Com desiguáes riquezas os singélos

---

(1) E vil tesor piû que la vita há caro — Chiabrera, tom. I.

Costumes da Virtude.
Eu sobranceiro ás vágas empoladas
Da turbulenta Côrte,
Verei correr ás Mitras, aos Governos
Imprudentes humanos,
Que o valor não conhecem do Socêgo.
O Corno de Abundancia
Emborcando sonóro a um Thersîtes,
Louros dobrões a rôdo
Sóbrio o verei com olhos não-torcidos; (1)
Segûro de mim-mesmo.
Coberta a mesa de Faisões custosos,
Em dourada baixéla;
Dez Lacaios esbéltos, ôlho á lérta,
Pelos crystáes derramem
De Constança e Tokai os raros vinhos;
Com descuido, e desprêzo
O'lho o luxo, a sobêrba dos manjares,
O desperdicio, o custo
Com máis justa partilha bem-logrados
Na Viûva, no Orphão rôto. —
Sem orgulhoso apprêsto dá Natura
Saudavel sustento:
Saboroso legume, herdada fructa
Accarêa appetite
Ao Sabio que ganhou com sóbrio emprêgo
Proveitoso cansaço. —
Para alojar o corpo d'um Magnata,
Talvez pygmêo e sêcco,
Trinta sallões de vasta Architectura

---

(1) Oculo irretorto. — Horat. *Lib.* 2. *Od.* 2.

Fazem gemer a terra
Com altos torreões, chumbados tectos;
E o grande Cincinnato
N'uma bréve choupana vive ricco,
Folgado, e farto de honras. —
Que não dão diamantes, nem Palacios
Descansada ventura;
Nem vem o Somno, com as mansas plantas,
Abrir cortinas de ouro,
Para estender-se ao lado ambicioso
Do Cortezão inquiéto.
Eu, que além piso a ráia a doze lustros,
Que de altérna fortuna
Com sombra iguál provei pênas, favôres,
Que bebi proveitoso
Sazonadas lições da Experiencia
Na carreira da vida:
Que c'o fanál da reflexão attenta
Vi no pégo do Nada
Cahir tantas corôas — subir tantas
Que improprias frontes curvão;
Tanto desejo ardente não-cumprido,
Ou môrto apenas-nado;
Tantos riccos, illustres, poderosos,
E tão poucos felices,
Só peço aos Céos doûrada Medianîa
Em plácido remanso,
Saûde alégre, e Lyra, com que cante
Louvores da Amizade.

A MULHÉR E A VACCA.

Perdeo Mulhér e Vacca, em outo dias
O gordo Almeno : um, já lhe a Filha off'rece,
Outro a Sobrinha, a Irmãa : que se enfenece
Cada um de impôr com Deos suas Marîas.
Almeno, que quer cousa que lhe renda,
Busca a rêz, e não tópa c'uma attáca;
Mas tópa com Mulhér, que lhe despenda :
Que é máis fácil achar Mulhér, que Vacca.

LYRAS.

1.

Tinha de fachos mil a noite ornado
A argentada Princeza :
De amor, graça e belleza
O campo ethéreo Venus povoado.

2.

A Terra, com perfume precioso
Em tôrno recendîa;
E plácido dormîa
Sobre a dourada areia o pégo undoso;

3.

Quando veio roubar a formosura
De tudo o que é criado,
Marcia, fiel traslado
Da belleza do Céo, sublìme e pura.

4.

Com Lyrios, que estendeo, vestio ufana
A fórma divinal;
Em acceso coral
Tingio, sorrindo, a bôcca soberana.

5.

As madeixas tomou das veias de ouro,
Nos óllios pôz saphîras,
Que das séttas, que atiras,
São, féro Amor, o mais caudal thesouro

6.

Todos seus dons lhe pôz o Céo no peito;
Como órna o Regio Spôso,
C'o enfeite mais custoso,
A Princeza, a quem rende a alma, sujeito.

7.

Eu vi affadigados os Amores,
E as Graças, que cantavão
Em quanto se moldavão
Seus graciosos géstos vencedores. (1)

---

(1) Illam, quidquid agit, quoquo vestigia flectit,
Componit furtim, subsequiturque decor.

Tibull. *Lib.* 4. *Carm.* 2.

8.

Das Sereyas o canto deleitoso
Lhe nasceo sem estudo;
E o dom de enlevar tudo
Envôlto veio em seu sorriso airoso.

MADRIGAL.

Prazer! Prazer! oh falso, oh bandoleiro!
» Que fugindo te ausentas
» De nós, sem saudade, e tão ligeiro:
» As penas nos augmentas,
» Se, mal que te accolhêmos, já nos deixas ».
Eis que o lindo Prazer tão suspirado
Me responde: — Que vãas são tuas queixas!
— Aos Numes graças rende, que hão creado
— O Prazer bréve: que, a ser eu comprido,
— Me houvérão (certo) para si retido. —

ODE

TRADUZIDA.

1.

Tu, cujo ingenho ergueo para balisa
A varonil Virtude,
Que sem máis guîa, ao Templo seu te alçaste
Por îngremes verédas,
Charo * * *, que atroz Des-asocêgo
Pôz no teu peito o alvergue
Do triste Enôjo, da pungente Mágoa?
Verdugo de ti mesmo,
Porque a dar armas, lùgubre porfîas
Ao teu mordaz Desastre?

2.

Affugenta esse Enôjo voluntario
Que te captiva a idéia;
Deixa ás almas vulgares, que se accurvem
Com tão frouxos revézes,
Affronta c'o infortunio, e crava os olhos
No broquél da Esperança,
Que contra o Fado e seus punháes te ampara.
Se zune o vento, e se hoje
Sobre ti ronca a tùmida borrasca,
Na bárra á manhãa surges.

3.

Nem sempre accecita o mar os rijos sôpros
Dos agastados Euros;
Nem turvas precipitadas torrentes
Alagão sempre os campos.
Quando a nuvem infeliz abafa o peito
Sem albor de refugio,
É durîssimo o peso da Desdita :
Mas logo se aligeira,
Dês-que aponta no rûbido horisonte
Esperançoso ráio.

4.

Mudado, um dia, em plácido Socêgo
O teu roaz Cuidado,
Será qual sônho infausto, e pavoroso,
Que ao despertar se esváe.
Chama o Valor, confîa. — Se o Piloto
Sagaz téme a tormenta,
Quando Neptuno aliza o equóreo plaino,
Tambem, quando os negrumes
Os corações dos Náutas amedrontão,
Espéra por Bonança.

5.

Sei, que ao Sabio, de penas combatido,
Appetecer é dado
(Quando ouvio prompto o brado da Virtude)
Da Fortuna os favores.
Mas a Virtude que não sóffre, e affâna,
Que se céva em branduras,
Muitas vêzes em vil frouxeza pára.
A Sequidão, o Orgulho,

Com a Dureza da alma os lados cingem
Dos deslumbrados riccos.

6.

Não que prósperos dias dormentassem
Teus sizudos disvéllos;
Nem que para accordâ-los fallecessem
Inîquos infortùnios.
Nem que, pouco leál, tua Virtude
Tomasse por modélo
Esse soberbo, e tétrico insensato
De inchada e vil soberba,
Que a mór desgraça, que sentio na vida,
Foi ser sempre ditoso.

7.

E quando o mal, quando a tristeza é ténue,
Por nos sárar da Dita;
E c'os bens opulentos não transpôrmos
Da Sapiencia as métas,
Util é sempre o Mal que affermosêa
A presente Ventura:
Pósta á luz, c'os soffridos Pezadumes,
Co' a sua ágra lembrança
Affîa o paladar enfastiado
De ditôso Socêgo.

8.

Tal áta o Sól dourado, e a fusca Noite
A cadeia dos annos;
E téce o Fado o circulo da vida
Com gôstos, com tristezas.
Com previsto saber o Céo prudente

Recipróca o proveito
Das vèzes designáes do humano trato ;
E a miùdo arranca ainda
Divina mão, do seio do Infortunio,
O Bem máis precioso.

9.

Porque cansâmos com perdidos rogos,
O renitente Olympo ?
Dos desvairados lances da Fortuna.
Jaz este mundo escravo.
Jóve, formando o homem, semelhou-o
Aos Gémeos, que entre os Deoses
Pòz a Fábula. Deoses, que, por cérto,
De estranha divindade,
Ora são Cidadãos do Avérno escùro,
Ora do Céo, preclaros.

10.

Assim por vîs supplicios, por branduras
A seu sabor nos róda :
O Sabio só, de preparado peito,
Resiste a seus caprichos,
Que ólha com rosto iguál, em todo o tempo
A Cortezãa mudavel,
Que a fineza menor lhe desmerece,
Ou já que o false incáuta,
Ou já menos-lembrada, o leito antigo,
Por inconstancia busque.

SONETO.

Co'a catâna debaixo do capóte
Vinha de noite um bêbado Marujo
Tomando a rua derrengado e sujo,
Té que na esquîna c'o nariz deo bóte.
« A mim! . . . a mim! . . . Irra, c'o piparote!
» Mêtta mão, se é capaz. — Que eu cá não fujo. »
Trape, zape. — É bem rijo o tal sabujo!
« Não recûa! . . . Traz málha. — Traz pelóte. »
A pedra dura, ás têzas cutiladas,
Ferida, faîscou! . . . . Ficou patinho
O Marujo! . . . Fez pé atraz. . . . e lógo
Co' estas se desforrou, razões pausadas:
« É valhaco! é traidor! . . Vou-me, e embaînho.
» Não brigo com quem traz armas de fôgo. »

EPIGRAMMA.

Ouvio Francisca a um Prégador famoso
Dizer, que no marido
Recáhe todo o error peccaminoso
Por mulher commettido,
Se elle o débito léva a alheio leito.

Francisca a bom recado
Pôz do sermão o machacaz conceito.
« Farei tanto peccado
» (Disse zelosa) e culpas tão immundas,
» Que darei c'o meu hóme' nas profundas. »

ENIGMA.

Negra sou, se máis negra, mais formosa.
Nenhum, se eu não o appróvo é claro feito:
De mim depende a fama gloriosa;
Dou a vivos e a mortos seu direito:
Em mim pódes achar, ora encerrada
Uma sentença, agora um desatino;
O Bem, e o Mal, sem dar palavra, ensino;
E ensino tudo, não sabendo eu nada.

CARTA

AO SENHOR

JOZÉ BONIFACIO DE ANDRADA. (1)

DEFEITOS DA PHILOSOPHIA.

On a banni les démons et les fées ;
Sous la raison les graces étouffées
Livrent nos cœurs à l'insipidité. — *Cont. de V.*

So ben che sono molti come voi
Che credono romansi e favolette
Le cose delle fate : — e sono buoi.
Ricciardetto. *Cant.* 20.

Em quanto nossos Páes, nossas Avós,
Encostados na fé do Padre Cura,
Crião Fadas, Duendes, crião Bruxas,
Quão felices que fôrão! Que Socêgo
Lhe adormentava então o entendimento ! —
Não lhe davão tormento as barafundas
D'esse fiscal Esp'rito, que aforôa,

(1) Naturalista, enviado pela Rainha N. Snra. a França, Allemanha etc. etc.

Que examina hoje tudo, e que amplos gôstos
De enfeitadas chyméras affugenta.
   Junto do lar ardente, em curvo cerco,
Baixas as téstas, córpos bem cerrados,
Toda a familia nos serões de hynverno,
Embelésada néstas ventoînhas
Inquilinas do mundo imaginario,
Não sente o como ronca, esbravejando,
O vento, pelo trémulo arvorêdo;
Nem como, a têlha-vãa reméche e grita
Por saltante pedrisco fustigada.
Apenas, quando vai o Conto em meio,
Arréda do Leitor, um tanto, os ólhos,
Para dar um meneio á frigideira,
Ou virar o bom lombo que re-pinga.
   Um Cavalleiro, que a viseira cala,
Embraça o seu broquel de amante motte,
E vai correr o mundo, confiado
Na aguda lança, e na talhante espada;
Que accommétte arriscadas aventuras
Por livrar encantadas formosuras
De mimosas Princesas; de esquecidas
Masmôrras retirar ao claro dia
Um Montesinos, guápo Cavalleiro,
(Saudades da misera Belérma!) (1)
Que para o conquistar, em campo affronta
Gigantes, Malandrins, Dragos, Duendes,
E de toda a refréga sáhe com brio: —
Descrever (como digo) essas proêzas

---

(1) Haja vista ao minuête de *Belerma misera*, que vem nas Óperas do Judeo. Creio qui é (segundo minha lembrança) na Ópera de D. Quixote.

Era o talento d'uma *sábia pluma*,
Estimada na Côrte, e na Cidade;
Farta leitura de villões e nóbres,
Que, enchendo-lhe a alma de gostôso enlêvo,
Criava nos guerreiros mais sabidos
Campanudo volor, cortez agrado.
De Carlos Magno o folheado livro,
C'os doze Pares de esforçado pulso
Parîo mais valentões (1) á nossa Elysia
Que não darão (nos séculos vindouros)
Embrulhos para as tendas, as fidalgas
Fòlhas d'um cérto Autor lá dos Algarves
Nos copiados (2) seus bastos volumes.
Em duros corações que térnos golpes,
Não dérão sempre as lagrimas pudîcas,
Os saxi-fragos rógos da formosa
Lastimada Floripes? Qual foi nunca
A Dama bem-nascida, bem criada,
A donosa Donzella bem-fallante,
Que lendo na novélla os altos feitos,
Galhardîas de justas, e torneios
A's Béllas dedicados, e vencidos,
Não bebêsse vãagloria, e bons desejos
De correr similhantes aventuras,
A desconto d'um susto em negro bósque,
D'um assalto de amor em leito de ouro?
Conversando, sonhando (ao menos) nellas,
Em quanto de as correr não chega o dia,

---

(1) Vid. na Corte na Aldeia, discurso 1º. o soldado da India, que ouvia nos quarteis ler livros de Cavallarîas.

(2) É Autor a quem a composição d'um volume custa o esforçadissimo disvello de trasladar d'outro volume.

Quantas hóras com gôsto se não pássão?
  Não assim esses livros engóiados,
Com que hoje enguìção guapas livrarìas;
Cartapacios de linhas, de figuras
Nigromanticas, barbaras, insólitas,
De Algebrìas, de Chymicas, de Phósphoros,
De Syntheses, de Análvses, *et reliqua*,
Com que tantos ingenhos parafùsão,
Com perda de papél, perda de tempo,
Sem deleite do Autor, nem dos Leitores.
Ah! quanto o bem-merecem (muito fólgo!)
Lhe vênhão na garùpa as escoimadas
Crìticas finas, cáusticas Censuras,
Bichos desconhecidos nos bons tempos
Do bom sizo dos nossos bons Maiores.
  Que cousa ha hi nos mátos espinhosos
D'essa magra e subtil philosophia (1)

---

(1) La Poesia cava bien più partito da un' illusione interessante, che da una verità fredda. — Cesarotti.

Je respecte la vérité comme les Philosophes; mais je regrette que les hommes aient renoncé à ces préjugés aimables, à ces tendres illusions qui faisaient le charme de sa vie, en donnant un nouvel attrait au sentiment et à la morale. L'illusion embellit tout, même dans la nature; les arts s'étudient à nous tromper pour nous rendre heureux. Que de bonheur les erreurs enchanteresses répandaient sur les liens qui unissent les hommes; que de plaisirs, que de consolations l'imagination créait autour de nous! Mais l'ame s'est réfroidie dans le creuset des sciences exactes: on a voulu tout analyser, on a déchiré le voile du cœur humain: on n'a pas voulu croire que le culte de la Félicité doit avoir ses mystères, comme celui des Dieux. Vous croyez, nous dit un Newtonien, que ces arbres sont verds? Mais cette verdure n'est qu'un jeu des rayons de la lumière. Un philosophe chagrin est venu nous dire qu'il n'existait point de véritable

Que emparelhar se atreva c'um bom Conto
De fadas, c'o condão d'uma varinha?
N'uma vólta de mão, c'um léve tóque
D'essa bemdita vára milagrosa
Vos fazîão sahir lá das entranhas
Da terra obediente, altos Palacios
De abalastro, com seus capitéis de ouro
Engastados de fina pedrarîa,
Sumptuosos jardins, fontes, passeios

---

amitié, et que tous les sentimens avaient leur source dans l'intérêt personnel. On a vu le monde tel qu'il est, et c'est un grand malheur; la fable la plus ingénieuse de l'antiquité, c'est celle de Psiché; elle voulut voir l'Amour qui la rendait heureuse; mais a peine a-t-elle porté sur ses traits la fatale lumière, que l'Amour n'est plus qu'un songe : la fable de Psiché est l'histoire du dix-huitième siècle.

Ce sont les femmes qui ont le plus perdu à ce nouvel état de choses; les femmes sont tout où règne l'illusion, elles ne sont rien dans un pays où le plaisir est soumis au calcul; elles ont voulu franchir la distance que le vide de l'imagination laissait entre nous; elles étaient négligées, elles se sont rapprochées; elles sont devenues plus faciles; le plaisir n'y a pas plus gagné que la morale, elles sont plus corrompues, mais il s'en faut bien qu'elles soient plus heureuses : on voit moins leurs charmes depuis qu'elles les montrent; elles ont oublié que l'Amour est aveugle, et qu'il ne voit rien des attraits qu'on étale en public. Imitez la rose qui a reçu de la nature des feuilles pour cacher son éclat, et des épines pour la défendre.

La beauté perd son empire à mesure que l'illusion perd le sien. Examinez les mœurs des Sauvages de la mer du Sud, les femmes s'y montrent telles que la nature les a formées; jamais le bonheur n'*y* est appelé par le désir. Aussi la beauté y languit dans la plus vile servitude. Je ne sais pas jusqu'à quel point nos *beautés* veulent nous rapprocher de cet état, mais il n'est que trop vrai que l'Amour a perdu ses charmes en perdant son

Que recheião, que sérvem, que afformósão
Mil Pagens cortezãos, mil Nymphas bellas.
D'uma casca de nóz cahir a rôdo
As perlas, em chuveiro, as emeraldas,
São prodigios que pásmão, que divértem
O mais triste fidalgo embezerrado
De não ter conseguido uma commenda
Por cansados serviços, por vinte annos
A fio ter cursado os venerandos (1)
Tijólos de palacio, e feito airosas
Nos beijamãos as sólitas mesuras.
Nem conto os mimos, músicas e amores
Surdindo da caverna, máis escura
Que as Princezas amantes, pensativas
Na solidão maviósa deleitavão.
Oh ricco Ariosto! Oh vate nóbre e farto
De brilhantes idéias variadas!
Um cento de Palacios de alabastro
Nunca te custou máis que quatro rasgos
Da riquissima pluma creadora.
Não sem razão a sapiente Crusca

---

bandeau; c'est une fleur dont la tige est desséchée, depuis qu'elle a été trop exposée au grand jour: si cela dure, bientôt on ne saura plus comment s'y prendre pour aimer et pour estimer les femmes. On va m'accuser d'être un misanthrope, ce sont des hommages et non des conseils qu'il faut adresser à la beauté.

Qui pourtant, plus que moi, rendit un culte fervent d'amour aux femmes, et leur érigea plus de temples dans son cœur? Je suis, hélas! l'*aveugle inconsolable d'avoir cessé de l'être.*

LOVE-TRUE.

(1) Assim lhe chamou o Marquez de Valença n'um discurso que em nome da Academia Real da historia pronunciou diante de SS. Magdes. em dia de beijamão pelos annos de. . . .

Te déra sobre o Tasso a primazîa.
Oh riccas Fadas, ricco encantamento,
Enleio dos sentidos agradavel,
Com que saudade crûa, e com que pena
Vos chóro de entre nós affugentadas,
Por esses máos Philosophos, esquivos
De todo o bom saber, toda a delicia
De entretida licção, de util estudo!
Assim, Amigo Andrada, a minha Musa
Em seu ócio sagrado divertida,
Com desenfado, um dia assim traçava
Esse embrião de ensôssos destempêros,
Acceitos com desdêm ou com surriso,
Segundo te áchem lépido, ou trombudo.

EXAME DE CONSCIENCIA.

VIZINHO 1°.

» Vizinho onde é que vás?

VIZINHO 2°.

» Vou-me a confêsso.

VIZINHO 1°.

» Boa memória tens, faço os peccados;
» Mas mal que os faço, adeos; — lógo os esquéço

VIZINHO 2°.

» Faze como eu. Dous murros bem succados
» Cálma em tua mulher; lógo ella azinha
» Te réza da que hás feito a ladaînha.
» Corre co' a réza, e chimpa-lha no bico
» Ao mouco passa-culpas. Dominico ».

SONETO.

Ólha, Filena; o Rio turvo, e feio
Corria com as ondas encrespadas,
Como ora embórca as aguas descansadas
E mostra a areia trémula no seio.
O'lha o risonho dia que nos veio,
Depois de tão medonhas trovoadas;
O'lha as terras de flores esmaltadas,
No travêsso matiz, da vista enleio.
Tal, mudavel Filena é a minha vida:
Sou triste, ou sou alegre, como vejo
Tua face irada, ou de rigor despida.
Se me affagas, sou prado que verdejo;
Se te esquivas, campina desabrida.
Tanto dispõe de mim o meu desejo! (1)

A UM RETRATO

De M. de BUFFON.

Talento perspicaz, saber profundo:
Dai-lhe a matéria, dar-vos-há um Mundo.

(1) Parece-me que li este verso em Fernão Alvres de Oriente: se me engano, dou-o por não ditto.

ODE.

Serves animæ dimidium meæ,
Horat. Lib. 1. *Od.* 3.

Péde, péde (me disse Jóve um dia,
Quando têve acabado o seu despacho,
E dado ordens ao mundo)
Era dia de festa, e de alegria,
Em que de Juno não soffreo o empacho, (1)
Nem seus zelos sem fundo.
— Péde riquezas, péde imperios, péde
Sciencias, artes, honras, formosura;
De tudo tenho a rôdo. —
Senhor Jóve, que em dons se assim des-méde,
Grato a sua mercê: tanta ventura
Não quadra cá a meu modo.
Nasci sem ambição. A ter vinte annos,
Pedîra uma *Muchacha* graciosa,
Mansa como um borrêgo:
Mas fiz sessenta e cinco; se entre humanos
D'um amigo me deo jóia preciosa,
Que m'a salve o encarrégo.

(1) Fatigué sans cesse par les reproches, les emportemens de son épouse acariàtre. — L'Abbé Cormilliolle, préface de la traduction de Stace.

CONTO.

Era uma vez Bieito, e máis Briolanja
Casados ha seis annos, sempre amigos,
Amigo o filho, o gato, o cão; e amigos
(Cousa pasmosa!) O harda (1) e'o canario.
Nunca, ao salvar da pifia humanidade
O diluviano resto, reinar vira
Tão boa intelligencia
Noé no encêrro da arca.
Vai senão quando, em festa dominguecira,
Tão de bandas tomou a cabelleira
Bieito, que azoado, apenas entra,
Desanca sua mulher;
Esta para desabafar a raiva,
Põe em lençóes de vinho o pobre filho;
O filho dá no cão, o cão no gato,
E este arranha o harda em certa parte.
Todo chólera o harda
Férra ao canario os dentes no gasnête,
E põe-lhe a alma de avêsso.

Moralidade do Conto.

Vêjão vossas mercês que desavenças
Não procedem da culpa d'um marmanjo!

---

(1) Assim chama Vieyra o que os Francezes chamão —*Ecureuil.*

Toda a casa atéllì tão mansa e quêda
Desmanchou da harmonìa o tom pacato.
Assim vai n'um convento
Quando o Prior tres-louca, a bóla-vento
Vai Lente, e Prégador, Leigo, e Donato.

ODE

A HORACIO.

———— Usque ego postera
Crescam laude recens. ———
Horat. Lib. 3. *Od.* 30.

QUAL vai lambendo activa labareda
Crepitante espessura,
Ou qual Euro nas vagas Sicilianas
Desmedido galópa,
O Ferino Africano rompe, arraza.
Os reparos das Ìtalas Cidades. . . .

Emulândo os arrôjos desenvôltos
Do Cysne de Dírcéa,
O avistas lá nos Alpes (despeitoso
De atalhadas victorias)
Esse asp'ro Hannibal, retorcendo a vista
Contra Roma, que ao seu furor se esquiva.

Se as venustas Canções de Anacreonte
Na Cythara renóvas
Erato, a linda Venus, Baccho imbérbe
Te rodeião, te inspirão:
Dádiva é sua, que te amostre o dêdo
Cantor suave na Romana Lyra.

Chlóe, Glyceria, Lydia nomeadas
Por todo o Lacio imperio,
Aos Grêgos módos, já por Ti Latinos,
Dévem rumor perenne.
Vive nas tuas chordas, e flammeja
Do teu ciùme a chólera difficil.

Era vosso, oh Camênas, quando affouto
Dormia mui-seguro
No tópe do Vulturio descampado,
Entre Ursos, entre Vîboras:
Vós chamastes as Pombas, que tecêrão
De murta e louro o milagroso abrigo.

Allì Clio, bebendo a voz de Phébo,
Soprou na infante veia
Os poeticos sons, que Elle na Lyra
Mandou á Eternidade.
Accêsa, allì fatidica revéla
A's Irmãas a vindoura luz de Horacio.

» Qual, pela madrugada sólta a Abêlha
» O affadigado vôo,
» Vai chupar nos casúlos orvalhados

» O mellifluo perfume,
» E açodada c'o doce pêso acóde
» A' colmêa a lavrar os louros favos;

» Tal, nos Campos da Grecia irás colhendo,
» Flacco, o beijo das flores,
» E o mel tem de manar das tuas Odes
» Com tal sabor, e arôma,
» Que crescendo em louvor, sempre recente,
» Éras, e éras verás inimitado.

EMPRÊGO DAS NOVE MUSAS.

1.

Com ópa e manto azul, de aureas estrêllas
Recamado, passeia majestosa,
C'um compasso na mão a Musa Urania
Dos Céos medindo a vasta redondeza.

2.

Embócca a tuba argentea a augusta Clio
E faz soar n'um Pólo e n'outro a Fama
Dos Reis e dos Heróes, que sobre-humanas
Obras, em bem dos Póvos emprendêrão.

3.

Callìope, na Lyra, em sons medidos
Conta as mesmas acções que Clio escreve;

E os Deoses, para ouvì-la, se debrução
Do Olympo, no seu Cântico enlevados.

4.

Melpomene, a purpúrea, roçagante
Roupa arrastrando, c'o cothurno piza
Sceptros, corôas, pelo chão cahidas
Das mãos dos crùs, dos pallidos Tyrannos.

5.

E Thalìa que ri, que sempre mófa,
Com mão malina, e folgazãa lhe rasga
Ao Vicio a máscara; e subtîs verdades
Com risonho primor enfeita airósa.

6.

De murta se engrinalda a branda Erato,
Empréga as mãos 'em coroar amantes
Co'as rósas de Cythéra, e guìa as pennas
De Horacio, Anacreonte, e de Petrarcha.

7.

Sobre alcatifas de viçosa rélva
Sentada Eutérpe, adóça o canto á flauta,
Nas lições della attentos os Pastores,
A conquistar as Drìadas apprendem.

8.

Nóva fálla máis viva que as palavras
Com que a alma exprima a força dos affectos

Nos géstos dá Polymnia ; as mãos , o rôsto
Dão mais que vózes , dão as côres da alma.

9.

Com déstras plantas , lévemente airosas ,
Terpsîchore mil symbolos descréve ,
Dá vida , alęnta os animos que jázem ,
C'o inérte peso do O'cio , quebrantados.

ENIGMA.

Sem principio , sem fim symbolo claro
Da duração etérna ,
Nada sou , se não vem em meu amparo
Uma de nóve Irmãs , próle patérna.
Nome e figura
Em vão repito
Desajudada , e só : mas com mistura ,
Com cortejo traz mim
Tenho principio e fim — valho infinito.

ODE Á VIRTUDE.

> Virtus recludens immeritis mori
> Cœlum, negata tentat iter via,
> Cœtusque vulgares et udam
> Spernit humum fugiente penna.
>
> *Horat. Lib.* 3. *Od.* 2.

1.

Foragîda entre os homens, e medrosa
Tu, Virtude, te escondes:
Do seio do alto Deos, d'onde descendes,
Rara as terras visitas.
Que dellas te affugenta um vicio (1) inféstο,
Vil arremêdo, que te usurpa o nome.

2.

Mafômas falsos, Cromwéis tyrannos,
Em teu manto embuçados,
Vertendo sangue, atropellando sceptros
Te fizérão mal-quista,
Em vivo fôgo, em lòbregas masmôrras
Te dérão não-devida sepultura.

(1) A Hypocrisia.

3.

Tu douras os Celestes apposentos
Com tua luz sagrada :
Tu és o sól , que nésta sombra espêssa
Os Justos allumîas;
A tua luz dá na alma , a aclára , a esfórça ,
E põe no humano assômos de divino.

4.

Entre ródas , equûleos , e catástas
O Varão virtuoso
Mostra ao medonho algôz plácido o rôsto;
E envergonha o Tyranno :
Abre , entre as séttas, abre entre as machadas
No corpo retalhado uma álma inteira.

5.

Co'a vulnifica prôa o grande Castro
Rompe os Indicos mares
Alastrados de pérolas luzentes :
Visorei parco e póbre ,
A quem vislumbres dos rubìs do Oriente
Não desviárão do alvo da Virtude.

6.

Envôlto em negro fumo , em pó, em fôgo,
Entre estalladas pédras
Da mina , e despedido baluárte ,
O impávido Fernando
Desfigurado , ardente ainda , ainda
Na semi-viva mão apérta a espada :

7.

E c'os ólhos nos Turcos assombrados
Quer nesse arranco extrêmo
Vingar a Fortaleza! — Oh Castro forte,
Mandas tomar-lhe o pôsto
O espêlho de teu animo, e virtude,
O único esteio da prosápia illustre. (1)

8.

Que a tanto o guìa aquelle raio puro
Da Honra bem fundada;
Que por Deos, pelo Rei, e pela Patria,
Vê, sem torcer a vista,
Da Morte a fouce, os cóffres do Avarento;
Sem susto a Morte; e sem cubîça o ouro.

9.

Emmudecei, profanos; afastai-vos,
Ministro do Deos summo,
Que os Céos, que as Terras c'um acêno rege,
Direi cousas mais altas
Que descrida não pensa a Iniquidade,
Mas que da sãa Virtude fôrão dignas.

10.

Virtude, que és o prémio de ti mesma,
Tu zombas da Fortuna,
Îdolo vão dos homens imprudentes.
A Tóga respeitada,

---

(1) O seu filho máis vélho D. Alvaro de Castro.

O Bastão militar, o Sceptro de ouro
Não dão honra sem ti, dão vituperio.

11.

Tu, quando cóbres e'o immortal escudo
O peito a ti votado:
Em vão lhe arrója lanças o Destino;
Despontadas, por terra
Cáhem; se atroz Inveja te mareia
D'entre os aleives cándida re-brilhas.

12.

Tu vens nas almas, quando ao mundo brótão;
Qual o botão mimoso,
Que ajudado do sól, da mão cultôra,
Des-dóbra do casûlo
Os soberbos matizes, mil-córados,
Que bordou curiosa a Natureza.

13.

Tu, qual ardente luz, da rija pédra
De entre trabalhos duros
Exprimes teu valor, vibras luzeiros;
Se vem favonios sôpros,
Lógo se ateião altas labarédas,
E vás lavrar por almas bem-nascidas.

14.

Eu te vejo, oh Virtude! Vens descendo
Formosa em nuvens de ouro;
Pelas modéstas roupas te distingo,
Pelo sereno lume,

Que te reveste a alvura, e doura a fronte,
De lidadas victorias coroada.

15.

Onde me elévas na veloz carreira?
Os globos das estrellas
Vejo rodar por esse vácuo immenso.
Que nóvos sóes, que mundos!
Que ordem! que justas leis entre si guardão!
Do Creador, girando, o aceno cumprem.

16.

E estes montes, e a fúlgida Cidade, (1)
Com muralhas tão riccas;
Que em dôze pórtas, dôze pérlas abre
De bi-partida entrada!
Calçadas, de ouro acrysolado, as ruas!
Diamantes, da Salla o pavimento!

17.

Que cânticos! que música doçura!
A, que o throno rodeia,
Nuvem de ouro, se abala!... Uma voz rompe
De majestade cheia: —
« Aqui só tem entrada os que vencêrão
» O difficil caminho da virtude.

---

(1) Os montes de Sião, e a Jerusalem celeste.

FRUCTOS DA EXPERIENCIA.

Depois de sessenta annos que imagino
Na causa, e nos effeitos, de quem cóme,
Quanto eu bem profundei com sério tino,
É dar-me um bom jantar cábo da fóme.

IMITAÇÃO

D'UNS VERSOS DE GRESSET.

Do cáliz das violêttas
Sahi, mimosas velludadas fôlhas;
Estendei a fragrancia
Pel as occultas, intrincadas sendas
D'este ameno retiro,
Que Flora coroou de alta verdura.
A Musa embrandecida
Des-cáhe em aprazivel devancio;
E súbito entranhada
De doce canto, e de éstro irresistivel,
Valles, sêrros, florestas,
Toda a scena das plácidas campinas
A seus ólhos se enfeitão,
Cóbrão alma, se avivão, se menêão.
Se ante a vista de vulgo

São méra sólidão , são mórtas sombras ,
Se é mudo claustro um bosque ,
Se o ribeiro é um fio de agua mansa ,
E os Zéphiros ruído ,
Que acaso móve as fôlhas descuidadas
De tecido arvorêdo ;
Tudo reluz , e pensa , e vive , e córre
Para os a que abrio Callìope
Claridade de Délphico luzeiro.
Essas aguas , queixosas
Nymphas são , que de Jóve vão fugindo ,
Para ir cahir nos braços
Dos Zagáes , que as vontades lhes prendêrão :
Tem vida , tem alento
Esses Fétos , que um sôpro abála e treme , (1)
E as flôres que as esmaltão ,
Já fôrão celebradas formosuras ,
Mudadas em boninas.
Esses , que agóra , alados Mariposas ,
Com vôos , com requébros
As namórão , outróra amores fôrão ,
Que de pura fineza
Por ellas , aqui vivem transformados.

---

(1) Ha exemplos de verbos neutros com significação activa e o verbo *tremer* é um d'esses.

SONETO.

Uns lindos olhos, vivos, bem-rasgados,
Um garbo senhoril, nevada alvura;
Metal de voz que enleva de doçura,
Dentes de aljofar, em rubî cravados:
Fios de ouro, que enrédão meus cuidados,
Alvo peito, que céga de candura;
Mil prendas; e (o que é máis que formosura)
Uma graça, que rouba mil agrados. —
Mil extrêmos de preço mais subido
Encérra a linda Marcia, a quem off'reço
Um culto, que nem della inda é sabido:
Tão pouco de mim julgo que a mereço,
Que enojá-la não quéro de atrevido
Co' as penas, que por ella em vão padêço.

ENIGMA.

Sou Pintor e painél, que represento
O que nenhum Pintor pintou tégóra:
Pinto os gestos, a côr, o movimento,
E o que eu pinto não péga, surge fóra.

ODE.

Si la vertu se montrait aux mortels
Ce ne serait ni par l'art des grimoires,
Ni sous des traits farouches et cruels,
Mais sous votre air, ou sous celui des Graces
Qu'elle viendrait mériter nos autels.

GRESSET.

QUEM me dirá que incógnito caminho,
Déve trilhar afloulo,
Quem salvar quer da venenosa vista
Da disvellada Inveja
O thesouro opulento de virtudes,
Que lhe reluz no peito?
Houve mortal tão puro, a quem o dente,
Maligno não mordêsse?
E no candor da vida intemerada
Lividez não marcasse?—
Des sãos costumes Sócrates modêlo,
(Brazão da humana próle)
Não a poude evitar; não o poude Tito,
Delicias do universo.
Sônho!... ou deliro!... Aligeirar-se o corpo
E em pennas so-pesar-se
Sinto estranhado!... Trava-me do braço,
E me guîa a Ulisséa
Arrebatado Nume!... Entra na Côrte,

E as nuvens da Lisonja
Afastando co'as azas estridentes,
Me abrio o claro seio
Da Verdade, mal-quista nos Palacios.
« Aqui dentro reside
» Quem soube unir com laço estreito e puro,
» A formosura, as Graças,
» Quem compôr das virtudes todas soube
» » Uma única virtude.
» Grata, affavel, activa se contenta
» De affortunar os outros.
» Méde as razões, o valimento, a força
» Pelo interesse da alma:
» Toda empenhada no favor alheio,
» Nada no proprio. Vale,
» Soccórre com prazer, sem pôr a vista
» Na ingratidão futura.
» Com este esforço se grangeia a Estima,
» Sem despertar invejas.
» Tem no peito bondade inexhaurivel,
» Que pelo rôsto e ólhos
» Lhe vérte graciosa, e se derrama.
» Tu vês, oh Vate ingenuo,
» Armania; vês o trilho de seus passos
» No incógnito caminho.
» Vai publicar um vérso generoso
» As lições que apprendeste:
» Convida esse universo a praticâ-las.
» Vejão com alto espanto,
» Quem pôz como ella á inveja duro freio
» Quem collocou a Dita
» Em bem-aventurar (com mão que esconde)
» Os animos que a buscão.

» Buscão todos. — Que em seu olhar benigno
» Todos o abrigo encontrão.
» Ah não sáias ousado alèm da raia
» Que austero te abaliso.
» Louvar de seu ingenho os dótes raros
» Escassamente póde
» Quem tanto como Armania ingenho alcance.
» Esse inda o creio longe
» De hombrear com o assumpto, quando cante
» O valor de seu peito.

EPIGRAMMA.

Mandou-me Amor, que esta O'pera vertêsse;
Ou sábio ou néscio a Amor tudo obedece.
Censor, que lês a traducção do Drama;
Os erros meus desculpa.
Amor tem toda a culpa.
Não vê erros um cégo; e é cégo o que ama. (1)

SONETO.

MOTTE.

Do duro Amor tomei o jugo brando

Glosa.

Vi passar pela minha rua um dia

(1) Scilicet insano nemo in amore videt.
Propert. Lib. 2. Eleg. 14.

Duas compridas filas de amadores.
Móstra uma, alegre, os aureos passadores
Com que Amor as entranhas lhe ferîa.
Outra com pranto a sua dôr carpîa
Refrescando co' a mão sévos ardores,
Que, com facho infernal, Zelos traidores
No peito lhe ateiavão á porfia.
Seguî a procissão dos penitentes,
Té onde um sacerdote nos umbráes
Do Templo, um jugo a todos ia dando:
Quando, ao passar a fila dos contentes,
O meu turno chegou, — fiz como os máis,
Do duro amor tomei o jugo brando.

ODE.

Fervet, immensusque ruit profundo
Pindarus ore. HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 2.

STROPHE I.

VAGANDO entre o matiz, e ingenuas várzeas
Das Graças, (1) onde a côr ponho a meus Hymnos;
Pelas márgens Dirceéas
Colhendo o esmalte, e beijo (2) das bonînas,

---

(1) Imitação de Pindaro na 6 ode Pyth.
(2) Delicata florum oscula. Marull.

A' Thebana feição, com mão lidada,
Esta tri-chórde c'roa
Armo em cìrculo, e teço: co' ella enflóro
A fronte radiante
Do charo Pollião (1) dos Céos bem-quisto,
Dos Céos; — d'onde comsigo
Trouxe as Filhas, que á luz déra a Memória.

ANTISTROPHE I.

Mnemósyne (2) de Eleutheris (3) Rainha
De ósculos nóve obtêve nóve (4) Filhas:
Jóve (5) as prezou por suas.
Mas quando a vaga Lua dôze vezes (6)

---

(1) Respeitos forçosos disfarção por agóra os nomes verdadeiros.

(2) Mnemósyne, ou a Deosa da memoria.

(3) Eleutheris, ou a Liberdade, sem a qual se não compõe versos sublimes.

(4) No prólogo do seu terceiro livro das fábulas diz Phœdro:

Tonanti sancta Mnemosyne Jovi
Faecunda novies artium peperit chorum.

Mas Hesìodo é quem inventou esta ficção de admiravel poesia, com que o Poéta denota bem, que a Memoria, fecundada pelo Estro, que vem de Jupiter, dá á luz as Musas (*scilicet*) as Artes e as Sciencias que nas Musas são representadas. E posto que sejão em numero maior as Artes do que as Musas, escolheo o Poéta o numero nóve, que é symbolico, que é perfeito como composto de tres vêzes tres, e que por tal segundo as idéias Egypcias, e Chaldaicas encerra todas as virtudes e perfeições, e servia tão bem por isso de base a todos os mysterios.

(5) Jupiter para as gerar se transformou em um Pastor, diz Ovid. metamorph. 6. e daqui vem, que ellas influìrão tantas eclogas pastorìs modernas.

(6) Hesìodo o diz assim; mas sem nos dar a razão. Se porêm

Atou as curvas pontas luminosas,
C'os raios prateando
A parda face da selvósa Terra,
Mnemósyne cingida
De estreita dôr, clamando jaz, do Olympo
Nas fraldas: — Vem, Lucîna.. —
E esta lógo a allumiou com filhas nóve.

EPODO I.

Com larga mão os Fados as dotárão
De suave-immortal-mùsico alento.
Nos inda tenros labios
Succo de Attico mél (1) brandos vertêrão;
A guarda lhes foi dada
Dos vérsos com que as almas se lisonjão; (2)
Com que as lidas dos homens, e dos Numes,
Da voz medida (3) aos sons amenos, dórmem.

STROPHE II.

Lógo que a ténue infancia (4), (atropellando,
Com os passos do Tempo desenvolto,

---

minhas conjecturas tem algum préstimo neste silencio de Hesiodo, ahi lhe arrumo essas duas. Quem sabe se não era então mais longo o tempo da prenhez? E quem duvida que as Musas não tenhão privilegio de ficarem mais tempo no ventre para virem máis refeitas e mais mocetonas, que as outras Mulheres.

(1) *Attico rore.*

(2) Camões.

(3) A toada dos versos, os quaes observão certas medidas.

(4) As nóve infantas, então ténues pela frouxidão da idade.

Da Primavera a quadra)
Toccou ligeira a séptima balisa ;
O sangue natural, que altivo ordena
Vêr os que, a vêr o dia,
Amantes nos mandárão, se apodéra
Dos nóve tenros peitos,
Que briósos c'os braços nóve e nóve
Da Mãe o cóllo enrédão,
Por que á face do Páe qüeira guiá-las.

ANTISTROPHE II.

Mnemósyne insoffrida (1) de contento,
Desprendendo, e beijando, uma apoz outra,
Mãozinhas torneadas,
No seio as tóma em lágrimas (2) surrindo,
E sólta a voz., que sóbe da alma á lingua,
Entallada (3) em suspiros.
(Mas suspiros de gôsto !) . . . que a entranhava
Deleitosa ternura,
Vendo a Dita cobrir com azas de ouro
Suas Filhas, no instante
De vêr o excelso Páe, que lhes deo vida..

EPODO II.

Depois que entreteceo n'uma grinalda
Molles violèttas c'o matiz das flores,
Os puros fios de ouro

(1) Bene ferre magnam disce fortunam. Horat. Lib. 3, od. 27.

(2) Lágrimas e surrisos que bem compétem ao mimoso amor de Mãe.

(3) Vocem suspiria premunt.

Lhes corôou, e as ópas nas cinturas,
Lhes prendeo com alinho:
Ante a trópa gentil marchando airosa,
Noite e dia o caminho acomettendo,
Co'as nóve Musas piza a praia Ethiópia.

STROPHE III.

As Donzellas viçosas, não confrontes
Inda c'o mal, co' as ímprobas (1) fadígas
Tremêrão, quando olhárão
Do mar sanhûdo a tôrva catadura;
E espavorîda a juvenil coragem
Recuárão vergando,
Qual molle o junco, ao duro sôpro do Euro,
Na alagôa stremece.
A Mãe não-abalada lhes confórta
Os peitos palpitántes,
E as consóla com este alado accento:

ANTISTROPHE III.

« Cobrai ânimo, oh Filhas, Próle èstrême
« Do Deos sob'rano, que na dextra ingente
» Sopésa o roxo raio;
» Não vos dêm que temer as vágas oucas,
» Que roucas re-volvendo re-murmurão.
» Já pérto assôma o dia
» Que alto domînio vos trará sobre ellas,
» C'os sons do encanto vósso. (2)

---

(1) Labor improbus. Virgil. Georg. 1, v. 145, 146.
(2) Que muito é que tenhão os versos e a harmonîa poderìo

» Rompei-me d'esse mar as longas rugas?
» Arremetei affoitas,
» Que a Jóvè ides saudar no hùmido. Reino. »

EPODO III.

E lógo ás vástas ondas se arremêssa,
D'um salto : — como um Cysne, que mergulha,
Se A'guia pelò ar avista;
Ou qual, por listas do arco, baixa a prumo,
Iris, e na agua cála as coloradas plantas,
Quando Juno com pressuroso Divinal mandado,
(Mansageira fiél) a envìa a Thetis. (1)

STROPHE IV.

Ellas, o combro olhando, que o mergulho
Da Mãe no mar erguêra, e o como rompe
C'os braços destemìdo
O grosso rôlo de agua, dão de gólpe
(Baixa a cabeça, os ólhos apertando,)

---

sobre Neptuno e as suas Nymphas, quando tanto vencêrão a crueza do mal-encarado Plutão, das Furias e do Tri-fauce Cão de fila!

(1) Não sei porque Hygino chama a Téthis ama de Leite de Juno : *Junonis nutrici;* menos que não seja em razão de ser Juno figurada pelo elemento do ar, que carece do humor das aguas para se sustentar; e então a allegoria é excellente, como o são todas as dos antigos, quando se lhes entra no âmago Não são tão agradaveis, nem tão subtìs muitas outras que hoje vógão muito ao largo, dado que sejão bem ensòssas, e corriqueiras! Tambem (para tornarmos ao ponto) quiz talvez o poéta indicar a opinião de Thales Milésio, que tinha a agua por productora de tudo o que é materia.

No chão do salso argento.
O mar dellas ferido em cima salta, (1)
Os ares borrifando;
Em mil debrûns de cîrculos lavrado, (2)
Com vagas sobre vagas,
Cóbre a (que as engolio) fauce (3) profunda.

ANTISTROPHE IV.

Eis que abértas as mãos, joêlhos curvos,
Os delicados braços revolvendo,
Rasgavão por mil módos
De Neptuno spumoso o azul imperio.
Assim vergando vai chumbada córda,
Pelá onda verde ao fundo,
Tirando a si da rêde os nós olhûdos.
Já profundão com ancia,
E ás priscas pórtas chegão já do Alcáçar
Abobadado da agua,
Onde o Oceâno a Jóve banquetêa.

EPODO IV.

D'este alcacar eterno, alti-columnio
De rios cem a borbulhões sahîa
A perennal corrente.
Da aurea cimalha pende, entre as arcadas
De verde esmalte insigne,

---

(1) *D'ancora o mar ferido emcima salta.* Camões

(2) *Expressor efficax styli et veritatis, imaginem pene in obtutus dedit lepore linguæ.* Avien. Nota do Editor.

(3) Ter fluctus ibidem
Torquet agens circum, et rapidus vorat æquora vortex.
Virg. AEn. 1.

O vagabundo carro, que circumda
Com despedido curso noite e dìa
Duas vezes do mundo a redondeza.

STROPHE V.

Tem cerradas multìplices sementes
(Eternas Filhas da Agua,) (1) a Natureza,
Em riccas taças de ouro.
Lá membrudos Tritões põem peito aos Rios,
Que entâllados rebentão das montanhas
A florejar as veigas; —
E á volta em vastos lagos os recólhem (2).
Eis que entra o infantil bando,
Quando Pomôna, erguidos os manjares,
Concertava nas mesas
Os multi-côres fructos saborosos.

ANTISTROPHE V.

Então Apollo c'o arco harmonioso
Despósa a doce voz, que alegra a fronte
Dos recostados Numes.
Mas Jùpiter c'os ólhos cérca (1) a mesa,
E a penetrante vista longe-estende
Ao rutilante Chôro,
Que airosas tem no rosto a Graça, o Brio
De viva côr pintados;

---

(1) Segue o poéta (como já apontei) o systêma de Thales Milésio.

(2) In quo desinimus, quo sacri currimus omnes.
Ovid. *Metam.*

(3) *Cérca-a mesa*, corre em róda com os ólhos a mesa. É plura-

E em divinos clarões bem denuncião
A clara augusta fonte
D'onde alta origem immortáes bebêrão.

EDODO V.

Logo des-curva o braço, e o corpo erguendo
O acume fita dos avaros ólhos . . .
Eis c'um abraço envolve,
E estreita a todas c'um milhão de affagos.
Ama ver-lhes nos rostos
Tanto mimo singélo, tanto aviso :
E por dar a tal hóspede (1) contento,
Quér das Mûsicas nóve ouvir o canto.

STROPHE VI.

Ellas então a airosa bôcca abrindo,
Pleno cóffre de Arabico perfume.,
Com almo e douto sp'rito,
Dérão vida a celestes cantilenas,
Da Lyra magoando as Délias córdas.
De Minerva e Neptuno
O antigo desafio discantárão :
Como ella fez proficua
Brotar da Terra a pallida Oliveira,
Elle o hinnidor ginêtte,
Vindouro annuncio das campáes batalhas.

ANTISTROPHE VI.

Depois com voz cantárão máis robusta

---

se de que usa Barros na Chrónica d'Elrei Clarimundo, *et alibi*

(1) Dizemos igualmente *hóspede*, o que *hospéda*, e o que é *hospedado*.

A férrea, precipitada bigorna (1).
Que nóve e nóve dias,
A revoltões, medìo os céos, e infernos,
Que bronzeo muro abrange, e que allongando-se
Todos em tôrno os cinge;
E a Noite com tres mantos lhes offusca
As trîplices muralhas.
Lá, (sem curvar) ante as tremendas pórtas
Sostêm nos hombros duros
Athlante espadaûdo, o firmamento.

EPODO VI.

Lá, nesse abysmo omnipotente é que uiva
A cohorte rebélde, que assaltára
A Jóve gigantóphono: (2)
Ao lado os Arsenáes estão fornidos
Das retortas centêlhas,
Que aos máos o Deos arroja volteando:
Qual, em torno da tésta, brande o dardo
Que atira ao inimigo o Mouro infrene.

STROPHE VII.

No máis fundo da lôbrega voragem
D'esse Orco profundissimo, as raîzes

---

(1) Jûpiter quiz castigar os Titães no inferno, e este tão longe é da terra, quanto esta dista do Céo: para medir ao justo esta distancia, despedio Jóve do Céo uma bigorna de ferreiro, que rodou nóve dias e nóve noites, até topar com a terra; d'esta outros nó e dias, e noites, até cahir no inferno:

(2) *Gigantophonos.* — Gigantum interfector. Mattador de Gigantes.

Prendem da Terra, e Mares (1);
De estrêllas recamada, allì a Noite,
Saúda o Dia, ou já do Mundo vinda,
O encontre á larga bôcca
Do golphão cavernoso; ou quando sáhe
A deitar trévas, e luto
Pelas altas montanhas, fundos valles,
O vê tornar cansado
De espalhar os luzeiros no Universo.

ANTISTROPHE VII.

O ferido Bordão (2) na lyra trôa,
Com rijo som, que os astros estreméce:
Lógo as Musas recitão
O assalto dos Gigantes contra os Numes;
Como na encósta do Othris (3) se enfileirão
Os Titães, e contra elles
No Olympo Deoses, annos déz, cerrárão
Granizo de fréchadas
Em resposta das arrancadas róchas,
Que aos Céos lhes remettião
Cem braços, entonando frontes cento. (4)

EPODO VII.

Com duvidosas azas a Fortuna

---

(1) Necessario é que os Poétas vejão com outros olhos as cousas de que fallão. Eu por mim, não posso comprehender que feitio tenhão as raìzes dos mares. Mas talvez isto proceda de que eu não faço versos.

Nota do Editor.

(2) A chorda máis grossa da lyra.

(3) Monte da Phócide pérto do Parnasso.

(4) Magnum illa terrorem intulerat Jovi

Ora estes, ora aquelles amparava.
Eis Jóve diz que sôe
Tuba divina a recolher os Numes,
Espargindo reposo.
Manda verter de néctar cópia grande
Pelas taças; — que bebão nóvos brios,
E re-tentem máis fortes a refréga.

STROPHE VIII.

Do terrífico raio armando o braço,
Quo em relampagos vivos róxeava,
Encrésp a o largo peito
Co'a horrenda pélle (1) de ouriçada grenha.
Marte franzindo a fronte em negras iras,
Movia a enorme adarga.
C'uma queixada o Lemnio (2) a mão guarnece
Callosa: em pó envoltó,
Em punho tem Apollo a bésta arcada (3),
E sua Irmãa guerreira,
D'outro lado, a Dictinna, (4) lhe faz muro.

ANTISTROPHE VIII.

Cobrio Bellona a tésta c'o aço fino

Fidens, juventus horrida, brachiis,
Fratresque tendentes opaco
Pelion imposuisse Olympo.

HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 4.

(1) A pélle da cabra Amalthéa, que lhe deo de mammar, que depois lhe servio de couraça.
(2) Vulcano, que na Ilha de Lemnos tinha a sua officina.
(3) *Arcada*, formada em arco. — *Nota inutil.*
(4) Diana, assim chamada em Créta.

Onde Medusa flammas vomitava
Da cholérica bôcca;
E enxérta no cerrado punho, a hacha,
Que os Reis agasta, quando allûe irosa
As venerandas tôrres
Das Cidades. A Styge (1) os braços, côxas,
E os peitos em-muralha
D'um cossolête negro; e contra Gyges,
E Bryarêo, e Cotys
Traz pela dextra a vencedora filha. (2)

EPODO VIII.

Alumnos das batalhas Rheco, e Mimas,
Guerreiros duros, rompem as entranhas
Pedernáes dos rochedos,
Para em cardumes arrojar os tiros.
Léve, como uma lança,
Typhêo brande esgalhado um grão Pinheiro;
Jóga Encélado um monte, que (não tarde!)
Inteiro o accurve (3) cargo da Sicília. (4)

---

(1) *Styge.* O Poéta, tomando exemplo em Hésiodo, que muito antes o fizera, personalîsa a Styge. *Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.*

(2) *Dicitur victoria Stygis filia bello Gigantum Jovi favisse.* Servius in Virgil. *Æneid. 6.*

(3) *Accurve* por *accurvará* — o subjunctivo pelo futuro. O Autor máis costumado a Horacio, e a Virgilio, que a Grammáticas perluxas imitava as licenças, que lia nos clássicos.
Nota do Editor.

(4) Lógo que Jûpiter venceo a batalha contra os Titães, para castigar Encélado, so-pesou lévemente esta montanha, que é hoje o Etna, e arrojando-a a Encélado, o derribou com ella,

STROPHE IX.

Trovão contra trovão abalroando,
A que Azas deo sanhudas Euro, e Noto,
Rompem, retumbão, roncão,
Taés na refréga embatem os dous campos,
E do asp'ro encontro o Pólo ao longe tôa.
Pulverulenta nuvem,
Do robusto calcado róda aos astros;
O dia se ennegrece,
O mar se empóla, os montes abalados
Dão prolixo rugido,
Rebrama o Céo, assustão-se os infernos.

ANTISTROPHE IX.

Eis Alcides magnânimo ameaça
C'o arco stridente a Rheco... Eis que recúa
Ao golpe d'um penhasco,
Que Mimas, que o lascou, dardou zunindo.
Co' a tri-farpada lança entra Neptuno,
Cérra c'o grão Typhêo,
Que no ar rodêa a sibilante funda.
Phébo a certeira flécha

---

e mandou, que eternamente alli jazêsse. Quem estas batalhas vio não as escreveo, e quem as escreveo não as vio. Por herança nos viérão com tudo cinco versos excellentes.

Fama est, Enceladi semustum fulgure corpus
Urgeri mole hac; ingentemque insuper Ætnam
Impositam, ruptis flammam expirare caminis:
Et, fessum quoties motat latus, intremere omnem
Murmure Trinacriam, et cœlum subtexere fumo.

Æneid. 3. *vers.* 578.

Despede a Encélado, que vérga ao tiro.
Mas já Porphyrio o pulso (1)
Lhe atordôa c'um canto. (2) E abate-lhe o arco.

EPODO IX.

O Padre omnipotente atéza o braço
Nervudo, avermelhado do corisco;
O peito a meio curva,
E sacode o trovão flammi-spirante,
Que estálla serpeando,
(Qual cóbra, as rôscas destorcendo, silvã)
A ardente-aguda luz aponta horrenda
A's sacrîlegas frontes gigantéas, (3)

STROPHE X.

Queimados té á base, os dous pilares
Do mundo, vérgão: o Ar, a Terra, as Ondas
Crepitosas faîscão,
Apenas nos Titães, zumbindo, estoura
O desenvolto, vingativo raio.
Inda hoje exhala o enxofre
Que então os campos denegrio de Phlegra.
Aquî dérão repouso
As Filhas da Memoria aos sons da lyra,

---

(1) De Apollo.

(2) A pedra, o pao, *o canto* arremessando.

Camões. Cant. 1.

(3) A quem começar já a enfastiar-se da longura da Ode, aconselho, que beba um trago de bom vinho de Malvasia; dê dous passeios; converse com algum amigo; e quando se achar mais espairecido, e fresco, continûe a lê-lá, que (á fé) lhe asseguro não lhe parecerá tão longa.

Fechando a canção nóbre
Com este hymno suave de triumpho.

ANTISTROPHE X.

E Jóve, que os extáticos ouvidos
Banhava em sem-igual contentamento,
A' voz tão sobre humana,
Que arremedava o seu furor profundo;
Encósta o corpo atraz, e ri de Marte,
Que sobre a lança dura
Pousando a frente sôffrega de rixas,
Roncava a somno solto, (1)
Embebido em doçura. Eis manda ás Filhas,
Que entre ósculos abraça,
Péção sublime dom, digno do Canto.

EPODO X.

Chega-se então a elle a Próle sua;
C'o a mão mimosa o joêlho uma lhe affaga,
Outra lhe ameiga térna
Da spêssa barba as ondas majestosas.
A negra sobrancêlha
Longo tempo as assusta, as emmudece,
Té que assim desatou a voz melliflua,
Em nome das Irmãas, a só Calliope:

STROPHE XI.

« Outorga-nos, oh Páe, que o nosso Canto
Em todo o tempo a todos dê agrado.

---

(1) Pindar. Od.

Dos bosques e das grutas ,
Dos montes , rios , veigas , e campinas
Sejâmos por Princezas respeitadas ;
Que os dulcî-sonos vêrsos
Se estendão immortáes por sua face.
Sejão partilha nossa
Os sonorosos , divináes Cantôres ,
Prophetas e Adivinhos ,
Que o lume avistão do subtil futuro. (1)

ANTISTROPHE XI.

Sejão por nós oráculos cantados ,
E os potentes Sináes (2) mágicas Lettras (3)
De stupendo prodigio.
Caiba ás Musas reger com brando imperio
As furias do Orco , (4) e do Olvîdo o somno ;
Notar o curvo trilho

---

(1) Creio que o poéta deo aqui o epitheto de *subtil* ao Futuro; não porque o Futuro o seja; mas por que bem subtil ha de ter a vista o Propheta que acertar com elle. Assim Horacio chama *ensanguentada* a Ira , od. 2. do 3 liv. , bem que a Ira não seja encarnada , nem amarella ; mas sim pelos effeitos. Os exemplos desta figura são tão frequentes que só pódem nescios fazer reparo nella Houve comtudo certo embaixador que lendo uma ode do Autor , embicou n'uma metáphora similhante , e c'um risinho amarello e bêsta lhe disse : « Pois a Alegria é loura ? Tão alva e loura, como a Morte é pallida : V. Ex. é que me parece loura no caso.

Nota do Editor.

(2) Phenómenos , Meteoros ; tambem se podem entender destas palavras , os Sináes hyeroglîphicos.

(3) Amuletos , Talismães , e outras drógas , com que se arma a crença dos stupidos.

(4) Despertando este ; e amansando as outras.

Dos lumes (1) que no Céo vagos (2) se pésão ;
E ser-mos poderosas
De arrancar-mos , do vil , corporeo lôdo , (3)
As almas , para unì-las
A' substancia immortal , que as procreára.

EPODO XI.

» Outorga , que os Heróes , que os Soberanos ,
Que á nossa divindade dérem culto ,
Nos Reinos seus , por divos (4)
Os venérem ; que os Reis , por nós ornados
Com dádivas de louro ,
Sejão pasmo dos homens , quando entrarem
Com cortejo , nas festiváes Metrópoles ,
Ou dérem justas leis ás pias gentes. »

STROPHE XII.

Já curvando o joêlho respeitoso (5)
A pedida mercê punha assim termo.
Eis que Jóve magnífico
Largo lh'o outorga , os ólhos inclinando :

---

(1) Astronomia de que Urania tem cuidado.

(2) Se librão.

(3) Assim o canta a Igreja.

(4) Como foi o *Divus Achilles* , *Divus Augustus* etc.

(5) Um Poéta d'agua doce , ou bem grammático diria — curvando o joêlho respeitosamente — Mas um Poéta que imita Camões , e os que elle d'antes imitou , dá ao joelho o epîtheto que cabia á pessoa , e evita o prosáico adverbio em *mente* , tão desvalîdo em Poesia , e que mesmo alguns versos em Camões desfêia.

Nota do Editor.

« Se todas as mortáes, que em braços tive
(Disse) me concebessem
Táes filhas, ah! quão pouco me anciárão
E Juno, e seus enfados!
Corrido estou dos que ella deo ao Mundo,
Já monstros aleijados, (1)
Já próle de execranda valentía, (2)

ANTISTROPHE XII.

Como Marte. Mas Vós, caros penhores,
Que máis, que o lume de meus ólhos prézo,
De vossa Mãe no seio
Vos puz, para encantar homens, e Numes.
Voltái ao mundo, as ondas re-talhando,
E com facunda lingua
Minha glória cantai, e o prémio vosso.
Vossa Arte as artes todas,
Oh! gentîs Filhas, vencerá sob'rana
Se não raivar captiva
Nos grilhões de Artes, (3) ás Musas desairosos.

---

(1) Vulcano.

(2) Marte.

(3) Falla aqui Júpiter (que mui bem o entende) nas artes poéticas modernas, compostas por não-poétas, que se inculcão aos ignorantes por grandes sabichões, quando médrão em regras postiças, inventadas por certas Academias ou conciliabulos de máo gosto, cujas regras, ou antes ferropêas atalhão o vôo do Éstro, e d'um Poéta elevado, fazem um . . . um. . . Não ponho os nomes, por não scandalisar; mas assaz acanhados regristas mal abrem a bôcca, ou mal escrevem, são lógo conhecidos pela pinta, como gallinhas pela calça.

Nota do Editor.

EPODO XII.

Qual meneia o Piloto, em mar infido
Do velì-vago lenho as déstras rédeas,
Rége o Orador os peitos,
E os Reis régem as ondas da peleja.
Seja Arte, e experiencia
Embóra a regra dos mortáes mistéres;
Que em vós só meu furor, do vosso canto
Sacra fonte será, pharól, e adôrno,

STROPHE XIII.

Qual chama Iman possante a si o férro,
E este a si prende um férro, que outro prende,
Assim de Apollo o esp'rito,
A mim subindo, subirá os vossos
Ao conceito immortal, divina idéia.
Vós alçando, e embebendo
A mente dos fatîdicos Alumnos,
Com seus canóros versos
Enlevando as attónitas vontades,
Serão Iman violento,
Que os ânimos da gente ate, e subjugue. (1)

ANTISTROPHE XIII.

Por que em falso não creia esse orbe indouto
Que da Arte, e do Éstro não, a Vós descende

---

(1) Parece que devia o Poéta dizer-*subjugue*, e *ate* por que primeiro déve subjugar, e depois atar. Mas elle seguio o exemplo tão obvio nos clássicos, que usando por elegancia da figura *usteron-posteron* pos-pûnhão o que devião antepôr e *vice versa*.

Nota do Editor.

Vosso lavor sublime ,
Vós , oh Destinos , expulsai-me ao longe
Toda a arte , que se ufane de appossar-se
Da primorosa téla :
Dai , (1) que este meu vigor se rasgue , e estrême
(Sob vossa mão potente)
Em Prophecîa , (2) Amor , (3) Versos , (4) Mysterios , (5)
Quatro alternadas furias
Vosso (5) encanto , e deleite soberano.

EPODO XIII.

Não fóge tão veloz o raio accêso ,
Que despéço da mão , qual vôa a humano
Peito furor divino ;
Se êrmo de vicios , ricco de virtudes
Preparado (7) o recébe.
Que os Deoses , de mui bons , nunca malogrão
Seus dons sagrados de valor subido
Na alma que em lôdo se manchou de culpa.

STROPHE XIV.

Quando eu impetuoso , e furibundo
Viér turbar-vos o estranhado peito ,
Acolhei tanto abalo ;
Deixai que a alma vos trêma á furia tôrva ,

---

(1) Dai-por *concedei* ; *ordenai.*
(2) Oráculos antigos , como Delphos , Dodóna etc.
(3) Amor insano.
(4) Furor Poético.
(5) De Baccho , de Cybele , de Elensis etc.
(6) Das Musas.
(7) *Horat. Lib. 2. Od. 10. Benè præparatum pectus.*

Que vos sacóde as ìntimas entranhas.
Consenti que ella impére
No Temploda alma , de que a fiz senhora ,
Que exhalando virtudes ,
Vèrta os arcanos meus no vosso ingenho ,
E delles vos fecunde
Sem estudo , sem arte , e sem fadiga. (1)

ANTISTROPHE XIV.

Mas antes que estas dádivas sagradas
Nos vates derrameis, tratai que sejão
Salvos de nódoa os peitos.
Com sanctas aguas da Castalia pura ,
Limpai o cóffre , que táes dons recólhe :
Que é máis grádo , e máis nédio
O trigo em terra estrême semeado. —
Puro , e nìtido o Ingenho
Súbito sólta arrebatados vòos ;
E vai seu furor délphico
Pôr de assento no coração dos homens.

EPODO XIV.

E quem sem meu furor cantar se atréve
Orphão de graça , e de altivez fallido
Verá seu charro métro ;

(1) Não se deve entender tão litteralmente , em quanto aos Poétas modernos , o que aqui encommenda o senhor Jûpiter; ao menos que não concedâmos a soberania de Poétas àquelles a quem hoje nem o titulo damos de versistas. Jûpiter falla dos Poétas inspirados , à quem o Éstro dá maióres vòos , que nunca Artes, nem cansados estudos podêrão dar.

Combalidos, e pêccos os abôrtos
Virão da veia sua,
Forçados fructos de infeliz terrêno!
Por que luz venha ás gentes, que a Poesia
Não é podêr humano, é dom divino.

STROPHE XV.

» Os que eu, para Poétas invejados
Escolhi, por arbitrio meu supremo,
Intérpretes sincéros
Das vontades dos Numes serão dittos:
Bem que os apóde loucos, furiosos,
Mal-dizente vulgacho,
Sempre avêzo a morder c'o injurio dente.
Fâmulo, a cada Vate
Doar-lhe quero, obediente, e préstes,
Que os mandados lhe observe,
Espirito sujeito ao Vate illustre.

ANTISTROPHE XV.

« Ide, que é tempo, os Campos espumosos
Surcar, oh Filhas, doce glória minha,
Meu brazão máis facundo.
Ide, minha Progenie máis amada,
Bem que grão prazo não hajáes, no Mundo,
De ter firme aposento.
Que ha-de estreitar-vos a arripiar caminho (1)

---

(1) Phrase é esta de que com muita elegancia usou o Padre Vieyra, que sabìa bem joeirar os termos de que se valìa com tanta felicidade, e que inda hoje o fazem ler, a pezar de tanto...
Póde bem succeder que o *arripiar caminho* não agrade hoje a certos arripiados. Paciencia!

Bruta Ignorancia ousada;
Té que um Pharo de Luz Latina, e Grêga
Vos guie ao chão deixado,
E a pedestre Ignorancia ponha em fuga. »

EPODO XV.

Nisto, Jóve as redondas faces enche (1)
De soberano espirito, que infunde
Nas divinas Donzellas; (2)
E de mimo lhe off'réce o alaúde,
Que armou Cyllenio alado.
Já fendem, perfiladas, as planicies
Do Oceâno, c'os braços denodados;
E os mares rebattidos re-murmurão.

STROPHE XVI.

Salve, oh Próle divina, florescente;
Dai calor a meu animo, que enrame
D'este hymno as verdes fôlhas,
E as engrinalde em cîrculo compléto.
Des-nevoai-me a mente, e arrojai lônge
O sob'rôsso do vicio.

---

(1) ——— Quin Jupiter ambas buccas *inflet* — *Horat.*

(2) Muito tempo cismei para atinar co' a razão de serem sempre donzellas as Musas. (Provavelmente ficarão para Tias *in sæcula sæculorum*). Como Môças tão galantes, tão prendadas, não houve noivo que as procurasse; algumas como Calliope dérão algum fructo de certos dares e tomares, que talvez as atalhou de achar maridos; mas outras houve, que nunca a maledicencia abocanhou: por que não casárão essas? Eis o motivo. Apollo, que nas entranhas da terra cria o ouro, não teve ainda o instincto de lhe amuar ao canto das gavêtas bons cartuxos que namorassem pertendentes.

Oh dai-me atalaiar com sempre-aguda
Vista, dos Céos o arcano,
E os versos escolher, que máis contentem;
Com que Alumno das Graças
Cante o meu Protector na Lyra vossa.

ANTISTROPHE XVI.

Vinhão talhando as ondas azuladas
C'os peitos de alabastro, quáes de Reinos
Longinquos vem surgindo
Sobre o horisonte, de nóve nuvenzinhas
No prophtéico seio das Sibyllas,
Que um Nume aquéce, e inflamma.
Lógo de aguda luz cravando a farpa,
A's gentes cubiçosas
De ver, entre rebuços, seus desejos,
Dão nóvas do futuro:
Enleio a lingua, escuridão as vózes. (1)

EPODO XVI.

Já respostas prophéticas se alargão
Por toda a redondeza; e vão os Versos,
Dictados por Apollo
Revestir os Oráculos antigos. (2)
Em verso as Leis se encerrão;
A Amizade dos Reis o Verso a alcança;
O Verso, para as inclytas emprêzas,
Arma, e robóra dos Herócs o brio.

---

(1) Nunca as Sibyllas, nem os outros Oráculos fallárão sem escuridão, e enleio.

(2) *Antigos* para nós; modernos, e nóvos para os versos.

STROPHE XVII.

Ao sancto brado seu lógo acordárão
Adivinhos, e Alumnos seus viérão
Os Divinos Poétas.
Divinos; que sem arte, e sem rebuço,
A livre Natureza descrifravão.
Sem arte, mas com Éstro
Davão vida a singélas escripturas.
Muséo, e Orphêo viérão
Eumolpo, Lino, e Ascrêo; (1) e esse Divino, (2)
Com cujo Canto, a Grecia,
Se ergueo sublime, perennal triumpho.

ANTISTROPHE XVII.

Insanos, e co' a branda accêsa farpa,
(Das virgens (3) tiro), que arde na alma, e ferve,
Os segredos dos Numes
Com coragem frenética (4) assoalhão.
Alta noite os Esp'ritos bons, e as Musas
Lhe apparecião, quando
Pastoravão seus bois no campo hervoso; (5)
E ao som de aguas saùdosas,
Sacros Ministros de Orgias, e Mysterios (6)

---

(1) Hesiodo.
(2) Homéro.
(3) Disparada pelas Musas que dizem virgens, ou ao menos não casadas. (*innuptas*)
(4) Muito conhecido é por frenezi o furor Poético.
(5) Vejão a estampa que vem no frontispicio da nova traducção Franceza de Quinto de Smyrna.
(6) Do Paganismo, que só aos Adéptos se descobrião.

Lédas os promovião,
Travando em cêrco Bacchicas Choréas.

EPODO XVII.

Traz estes sacros Vates, grande turba
De Poétas humanos, nóva messe
(Somenos (1) dos primeiros)
Chegou. E como derradeiros vindos,
Com arte entristecida,
Com estudo, trahîrão, des-lustroso,
Os versos muito á quém dos de alta veia,
Frios do antigo ardor sagrado, e sancto.

STROPHE XVII.

Um da guerra, que o féro Adrasto a Thebas
Conduzîra, embocou a horrenda Tuba;
Da Noite os alvos fachos
Este (2 canta; outro (3) lavra em verso a Terra.
No discrime da flauta a sette vózes (4)
Inventou a Sicilia (5)
Cantar rebanhos. Os Théssalos (6) vogavão
Na Scythia, em sons máis nóbres.

---

(1) Vid. Pausanias in Beoticis.

Não franzão o nariz á palavra *somenos*, que usou della Camões n'um Poêma Épico, e não o degradou por ella, de sublime.

(2) Arato.

(3) *Opera et dies* de Hesiodo.

(4) Septem discrimina vocum.

(5) Theócrito Poéta Siciliano.

(6) Poema épico dos Argonautas, composto par Apollonio.

Um de Cassandra a furia (1) ; outro sublima
Aos Céos, Régios entrêchos ; (2)
Ou Facecias no humilde sócco moldão. (3)

ANTISTROPHE XVIII.

Longo tracto de tempo já corrido
Traz os Vates humanos, bafejárão
Com sua graça as Musas
Os ouvidos dos Quirináes prophetas. (4)
Nunca igual á priméva (5) nem segunda,
Com já cansado alento
Como ultima chegada os commovião.
Mas na lyra rebelde
Tanto os ávidos dêdos callejárão,
Que seu gorgeio illustre
Mais alto sòa, que do Imperio o grito. (6)

EPODO XVIII.

Populosas Provincias instigando

---

(1) Lycophron.

(2) Tragedias de Sóphocles e outros trágicos Grêgos.

(3) Os Autores de Comedias.

(4) Os Poétas Romanos.

(5) A graça ultima com que as Musas inspirárão os Romanos (segundo o parecer dos que melhor entendem a Poesìa Grêga) não era nem tão singéla com nobreza, nem tão natural com elevação, como as Poesias de Homéro, Pindaro, etc., etc.

(6) El Rei de Prussia fallando de Virgilio (Épitre à Jordan) diz assim :

Ce bel esprit qui, par ses vers divins,
Illustra plus l'empire des Romains,
Que les Césars n'ont pu, par la victoire,
En assurer la grandeur et la gloire.

Armava então a rústica Ignorancia, (1)
Contra as nóve Camênas,
A cegueira dos Princepes feroces.
Ante as de aço luzente
Cerradas hóstes, pávidas as Musas
Deixão a Terra; o vôo aos Céos estendem,
Onde entrão açodadas arquejando;

STROPHE XIX.

E do thrôno patérno vão em róda
Sentar-se; e allì c'o Irmão (2) vidente (3) Apollo,
Cantão o poder summo
De Jóve. Os Divos nunca sem as Musas
Algo emprendem, ou já sejão de vòdas
Em solemne Festejo;
Ou já co'a alterna dansa o Empyreo alégrem.
Mas já lá assóma o termo

---

(1) Irrupção dos Bárbaros Septemtrionáes, no Império Romano decadente.

Digão que amontòo notas sobre notas. Eu digo que tem razão, e tambem digo, que eu a tenho: porquanto se todos os meus Leitores fossem como Antonio Diniz e N. e N., e alguns outros que não nomeio, escusada era uma só nota. Mas ai! do Poéta desgraçado que cáhe em mãos de pedantes, ou rançosos, se não léva a espada desembainhada contra ensôssos reparos. Outra razão tenho. Pessoas ha curiosas de ler, que não tendo obrigação de saber de cór a fábula, nem a historia e mil outros requisitos, fólgão muito de acharem junto á difficuldade a nota comesinha, que lha esclarece. Para essas, e não para outras tómo o trabalho enfadosissimo de commentar versos, que me custárão menos a compôr, que a explicar em notas.

(2) Apollo, filho de Jûpiter e Latona; e as Musas filhas tambem de Jûpiter, e Mnemósyne.

(3) Vidente, e Propheta são synonymos.

Que as ha-de appressurar a tomar no Orbe
Nóva e longa pousada. —
Eis, com seu passo eternamente firme,

ANTISTROPHE XIX.

Júpiter do alto sólio se abalança;
Das Noctî-genas Parcas guia á salla
A planta omnipotente. —
Até côxas (1) lhes désce o trajo curto;
Do tronco Dodonêo a espessa côma
Lhes dá sombra ás melênas
Cahidas, tristemente branquejando.
Em tres coxins sentadas,
Cingidas junto ao peito, em roda fião;
Com sobrecenho esquivo
Da crêspa fronte a catadura affeião.

EPODO XIX.

As maûnças dos fusos se estrellavão
Com ruivas sardas de áspera ferrugem:
De aço duro coberta,
Nos quadrîs se atravessa a fatal róca.
N'um Cóffre, em meio d'ellas,
Cerra o Tempo as taréfas, cerra os fusos;
E os curtos, longos fios, lisos, broncos,
(Como o Fado assim quiz) bem, mal, dobados.

STROPHE XX.

As tres Irmãas, á dura lida attentas,
Fadado carmen roucas murmuravão,

---

(1) Imitação de Catullo nas Nupcias de Peléo e Thétis.

Fiando o estâme vivo
Do charo Pollião vindoura fórma.
Clóto, que o fio tórce, estes dous versos
Nóve vezes re-canta:
« Tôrço a vida, qual nunca mais formosa
Meus dêdos retorcêrão. »
Mal que foi nû, da massaróca de ouro,
O fuso, a tóma o Fado,
E de Saturno, e Rhéa ao Filho, a entrêga.

ANTISTROPHE XX.

Lógo Jóve, em presença dos máis Numes,
Mólda de massa ethérea um corpo humano,
Com suas mãos Celestes:
Faces lhe avulta, alisa a grave fronte,
Afila-lhe o nariz, rasga-lhe os ólhos; (1)
E com sôpro Divino
O Sp'rito lhe infundio, que em mil virtudes
Vinha todo banhado.
A' perfeição da illustre fórma assistem
As nóve Filhas suas,
Ao alto Padre attentas, que assim falla:

EPODO XII.

« Nada hajáes de temer: que um douto Guia
N'este vos dou, quando outra vez ao Mundo

---

(1) Dirão, que ha nesta strophe varias phrases tiradas de Vieyra. Sim, senhores; e me honro muito de que assim m'o censurem. Fação o mesmo os que escrevem certa moxinifada de gallicismos, e acabar-se-ha entre nós o abuso de compôr livros bastardos, em lingua de Peralvilho.

Baixeis. Segui-o ousadas;
Que em seu saber seguro vos dou armas,
Que todo o susto espancão.
Despojai-vos de pallidos receios;
Que o General intrépido, e prudente
Derrotará as hóstes da Ignorancia. »

STROPHE XIII.

Eis, co'ellas perfiladas, vérte o Guia
A terra o vôo: as lìquidas campinas (2)
Talhão co'a affouta dextra,
Sobre alìgeros ventos reclinadas.
Tal vemos, entre as nuvens, ir voando
De Grous, de brancos Cysnes
Ordenado esqüadrão, seguindo o rumo,
Que o Antesignano enfìa.
Co'a Terra investem. Logo no horisonte,
Que fuzilou da esquerda,
Claro signal se abrio, que são chegadas.

ANTISTROPHE XXI.

Chara Musa, que Zéphyro, soprando
Máis que rijo, o baixel, em que eu surcava
Com infunadas vélas,
Os molles combros de agua, assim arriba,
Torna á marcada (1) areia o teu Alumno?

---

(1) *Per liquidum Æthera.*

HORAT. *Lib.* 2. *Od. ultima.*

(2) Como por instincto, ou desejo de pôr pés em terra, não só o Patrão d'um barco, mas inda os Passageiros marcão de longe certo sitio na praia, onde levão designio de desembarcar.

Não vês Varrão na praia ,
Co'a vista , e meigo acêno convidar-te ?
Não vês a Nympha sua ,
Plautina , que te chama , á fóz do pôrto ,
C'os lumes (1) da alva face ,
Que de Estrêlla polar te estão servindo ?

EPODO XXI.

Dá-te préssa a ferrar o sôlto panno ,
Que a Canção vai prolixa. Téme , oh Musa ,
De dar á Inveja assumpto ,
Que sacrîlega vibre a lingua , e trace
De me affundar o nome
Na agua do Olvîdo. — Ah ! quanto máis no fundo
M'o calca , mais escôa , e vem boiando.,
Qual vem léve cortiça á flor do pégo.

STROPHE XXII.

Não curves , nem aos ladros d'esse Monstro
Espaduas fugitivas acobardes.
Grão mal é a Desventura ;
Mas é suprema gloría dar invejas.
Anchorada no porto da Ventura
Tua lida irá sentar-se
Aos pés de immortal Nume ; e esses ; que a abôrto
Fórça canina inveja
(Que em se morder os membros gásta a ráiva)

---

(1) Já muito ha que outros Poétas chamárão os ólhos Sóes , estrêllas , luzeiros do Céo do rôsto. Pela mesma razão , ou metáphora chamavão os Persas o Sól ou Mythra , Ôlho do Mundo. Fica uma metáphora por outra.

Versos, (1) dous Sóes não darão,
Sem perder a zombada, ignóbil vida.

ANTISTROPHE XXII.

Branda Lyra, urde ainda um Canto ao Sabio
Que te dá doce affan na Dória córda.
Que a affouto Vate, nunca
Tolheo torrente rouca, ìngreme rócha
De ir respirar suavìssimos perfumes
Junto dos bons Esp'ritos,
Que dão alma ao saber, á Melodìa.
Quem, com braço vaìdoso,
Poderá este Hymno aos Céos lançar, tão alto,
Quanto é virtuoso, e instruido
O Varão, que é tão digno de meus versos!

EPODO XXII.

Pregcando os seus dótes, e grandezas,
Por sette linguas (2) desta Lyra de ouro,

---

(1) Os estudiosos, costumados a ler nos clássicos Latinos, e ainda nos Portuguezes, transposições de termos, que dão elegancia á phrase, não estranharão este hyperbato, sabendo que é uma figura que exprime antes a impetuosidade e tropel das ideias, que assaltão a imaginação, que a ordem grammática que a tranquillidade de espirito consente no discurso. Além de que, os melhores Poétas transpõem muitas vézes os termos por lhes desmanchar o theor prosaico que tanto desmente do Estro, o qual sempre se reputa levar de ròjo a imaginação do Vate. Se porêm é necessario para os que não tem lição de Clássicos pòr em termos correntes, a phrase transposta, ella diz assim: E esses versos, que a Canina Inveja etc. fórça a abòrto, dous Sóes não darão, etc. etc.

(2) Imitando a Pindaro, chama o Poéta *linguas* as cordas da

Não quéro entoar d'Elle
Hypérboles, que Syndicos me estranhem.
Amo cantar sincero ,
Que Elle orna a Terra , como a Pérla a C'roa :
Que em Justiça , em Verdade, em Leáes feitos
Léva ás antigas éras gran ventagem.

STROPHE XXIII.

Desceo co'as Musas a adornar de novo
O desalinho do Orbe. Elle a quem ornão
Tantas prendas nativas,
Com suas lettras as alçou de estima :
Seu nome egregio affórmosando tudo ;
Ou já com pés medidos
Assujeite a escriptura a rithmo estreito ;
Ora em números sòltos
Outorgue passo franco á penna. Elle honra
Quem as Castálias (1) ama ;
Guia-lhe o ingenho , e o bom lavor lhe agrada.

ANTISTROPHE XXIII.

Canção respeita o seu sublime esp'rito ,
Como vindo dos Céos , a espargir brando
As nossas Leis severas
Com mél suave de Atticas Abêlhas. (2)

---

sua Lyra , por quanto os instrumentos quando destra mão os ameiga , são então máis agradaveis, se máis imitão a voz humana.

Nota do Editor.

(1) As Musas a quem dão differentes nomes , de Aónias , Piérides , etc. etc.

(2) Allegoricamente falla do eloquente stylo, assazonado de doçura Grêga.

Elle á sacra Balança na alta dextra
Tem o fiél seguro :
E com agudos ólhos indefessos ,
Nos bons , nos máos cravados ,
Na esconsa estrada os véla , e inda na plana.

EPODO XXIII.

Ao ruîdo da minha Lyra , inquietos
O'lhos derrama a Patria , e attenta em tôrno
Onde encravar-se irá
O farpão , que tão destramente vibro
Ao fùlgido Alvo insigne.
Virtudes , que pedìs virtuoso encomio ,
Trahir-vos fôra , não mandar , com claro
Pregão , o vosso nome , a estranhos Climas.

STROPHE XXIV.

Um despende , em tal lida , ávido , os annos ,
Quando outro a seu sabor vario os diverte :
Tua alma , oh Pollião charo ,
Só no que é bom se enléva , e no que é justo.
Não sem causa Cesonia , alta Princeza ,
Teu mérito atinando ,
De tão boa , a Ti bom , a si attrahe.
Bem que com dura lança
Seu Páe domou alvorotadas iras
Da Volania ; (1) e com ouro (2)

---

(1) Todos os nomes proprios são fingidos , em razão (como ao principio se disse) de respeitos particulares mui forçosos.

(2) Chama o Poéta allegoricamente *ouro* a riqueza das scien-

Grêgo e Latino re-dourou o Reino;

ANTISTROPHE XXIV.

Jámáis obrou acção de tal valìa,
Como o ter procreado a flor viçosa (1)
Desta immortal Bonina
De immortal graça, de immortal talento;
Em que o Céo se revê, o Céo se enléva,
E fito empréga a vista
Nos dons, com que lhe ornou o ìnclyto Esp'rito.
Com verso ousado, e nóbre
Já me cinjo a cantâ-la, a meu contento,
Apenas dê remate
Aos louvores do Tronco seu excelso.

EPODO XXIV.

Mas da Ode as lèis me tìrão já do braço,
E já me accusão de estender tão longe
As dóbras de meu Canto.

---

cias; e não impropriamente: porquanto são ellas máis uteis, e máis duraveis, e proprias, que se as désse invejado metal.

Nota do Editor.

(1) Foi licito a Horacio dizer: — as breves flores da amena rosa — *Lib.* 2. *Od.* 3o. Tambem creio me será permittido (ainda que de muitas leguas longe de Horacio) dizer — a flor viçosa da Bonina: tanto máis que tomamos a flor pelo máis mimoso e delicado de qualquer cousa; como *a flor de farinha*; dizemos a quem manosêa uma fructa, que co'as mãos lhe tira a flor etc., etc. Mil exemplos citar podéra E que máis difficuldade ha hi para a intelligencia do conceito em dizer a flor viçosa da Bonina; ou a Bonina flor viçosa?

Pois que a flux esta Flor (1) cantar me vedão;
Estranho ardor me lavra
De ir meus gorgeios disferir canóro
No teu ouvido; e o meu potente encanto
Entranhar-to no seio negocioso. (2)

---

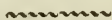
(1) Como o nome desta Princeza se parecia com o de uma flor mui conhecida, como a uma flor lhe falla o Poéta. Se me vira com appetite de citar, não me faltarião exemplos dos melhores em meu abono.

(2) Estava nesse tempo encarregado dos principáes negocios da Monarchia o Herόe a quem foi dedicado este Poëma.

Bem capacitados creio todos os que me conhecêrão, que nunca peguei na penna com intenção de que fossem impressos os meus escriptos. Fiz versos por desenfado, e para descarregar a mente das idéias, que se amotinavão de encerradas. — Aqui vinha a pedir de bôcca a comparação com o alvorôto dos ventos na caverna de Eólo, e o citar — *illi indignantes magno cum murmure montis, circum claustra fremunt;* e depois, para a destemparada torrente, que de versos impetuosos se tem ha máis de quarenta annos despenhado por esse mundo de Christo, citar o — *Quâ data porta ruunt!* — Mas, viva a Modestia! que desmente muito a basófia com a probreza. Aos meus versos que andão impressos essa, e nunca ess'outra lhes deo Carta de alforria. Comecei por uma Ode á Raìnha N. S., para lhe lembrar (no caso muito duvidoso, que lhe chegasse ás mãos), que um vassallo seu, vìctima de calumniosa inveja padecia em longo destêrro, trabalhos, e penuria, de que não era merecedor; dos quáes S. Majestade podia por sua Justiça, e sua Benignidade libertà-lo. Este o motivo da primeira Ode impressa. O caminho uma vez aberto, e franqueado o primeiro passo, veio a Amizade requerer seus direitos, e sahi á luz em segundo folhêtto; dahi em segundo, e máis terceiro *et reliqua,* continuando sempre na supposição, que não chegaria o cabedal de minhas folhas a avultar em livro:

por quanto nunca me conheci com juizo para tanto. Vai senão quando ; eis que folha sobre folha foi medrando o Volume ; e quando menos me precatava , achei-me Progenitor d'um tômo impresso com máis de trezentas paginas inchado. Já lhe não podia ir á mão. — *Nescit vox missa reverti.* — Esta Ode foi quem me abrio os ólhos , nesta nóva impressão , á cerca do vulto que já fazião as miûdas burundangas poéticas. Em quanto îa folha a folha , nunca lhes sommei a conta ; mas esta tal Odesinha desmedio-se tanto com a patarata de Epodos , e Antistrophes ; intumeceo-se tanto c'os accréscimos das notas que (descontórme do comedimento e humildade das outras) deitou por esses trigos , demasiando-se em dôbro , e tres-dôbro das suas Camaradas ; como mulher de Mercador ricco , que vai á Igrêja com roupas de *afásta afásta* , e occupa com a refastellada redondeza o lugar de duas Damas , e uma Criada. — Acháes que passa de longa ? Tambem eu. Fazei á Ode , o que eu fazia aos escarramões , quando era estudante , partia-os pelo meio , e comia a primeira ametade , e depois a segunda.

Se eu para desculpar a desmesurada gigantêz desta Ode , me quizesse escorar em algum exemplo , mui volumoso o tinha eu nas Odes do Senhor Bezêrra , que como Professor da Universidade déve mui bem saber todas as bitólas d'uma Ode. Ora elle faz odes *sine fine dicentes*. *Ergo* Rosas.

Direi , par fim , como um amigo meu pôz por epigraphe nas suas Obras.

Se as Odes do Bezêrra , e do Talaya ,
Sem pêjo , se imprimîrão ;
Quem tólhe á Minha Musa , que Ella sáia
Por onde essas sahîrão ?

DESVARÌO.

——— Dieu ne fit la sagesse
Pour les cerveaux qui hantent les Neuf-Sœurs.

La Fontaine.

Que deos? Que homem? Que musa? ou que demonio
Me aturdio a cabeça socegada,
Com revôltos poéticos vapôres?
Que tinha eu com Apollo, e co' as Piérias?
Com Pégasos, Parnassos, Hypocrênes,
E outros sonhos de Orates rematados?
Quem quizer perder tempo, perder sizo,
A saúde estragar, vasar a bôlsa,
Tóme dos versos a fatal manîa:
Que a Deosa dos Poétas lógo ordena
Que para bem cumprir c'os estatutos
Da tres-loucada, póbre Confraria,
Em que o boçal versejador se alista,
Não côma um só boccado com socêgo,
Nem breve noite durma a somno sôlto: (1)

(1) Quæ poterunt unquam satis expurgare cicutæ
Ni melius dormire putem quam scribere versus.
Horat. *Lib.* 2. *Epist.* 2.

Mas da bôcca a comìda mal-mascada
Passe ao ventre voraz mal-engolida ,
Se êrga da mêsa , encaixe o consoante ,
Que escarnicando , e a accinte lhe fez fóscas ;
Que no rôto enxergão pernêe insomne ,
E de Phebêos Duendes avexado
Tresvalîe com oucas ventoînhas (2).

Quando a Manhãa com dêdos côr de rosa ,
Vem as portas abrir ao sol que acórda ;
Quando todo o mortal , espergniçando ,
Estira os braços , pálpebras desgruda ,
Põe o fito no almôço , ou no trabalho ,
O póbre Vate extremunhado busca
O fêcho atarracado d'uma glosa ,
Ou róe e escarva nas peccantes unhas ,
Maldito encantoado consoante.

E o como arquêa na franzida tésta
Espantados , e fitos , grandes ólhos ,
Quando revólve no azoado ingenho
Pensamento subtil , valente phrase ,
Ou desvairadas furias de altas Odes !

~~~~~~~~

Para bem conhecerdes estes loucos ;
Darei alguns signáes. Quando vós virdes
Um homem de convérsa atrapalhada ,

---

(2) Chè le Muse son peste dè cervelli :
E chi vuole far bene i fatti sui
Fugga Apollo più rato che non feo
La ritrosetta figlia di Peneo.

RICCIARDETO.
~~~~~~~~

Estouvado no trato , em termo , em gésto ,
Que vai pelos passeios , pelas ruas
Ruminando chyméras todo absòrto ,
Aquì se enxurda , allì marra co' a gente ;
Passa , como um sandeu , d'um cabo ao outro ,
Sem caminho , ou carreira concertada ;
Em casa , e fóra , fóra de si mesmo ,
Embebido no espaço imaginario ;
Não cuidar nos seus bens , no seu alinho ,
Nem cortejar a Deosa da Fortuna ,
Para alcançar , por graça , o metal louro ,
Que dá Vida agradavel , Honrá (1) , Amigos ;
Por Poéta , ou por doudo , que é o mesmo ,
Lógo m'o assinalai em bom canhênho.

~~~~~~~~~~

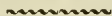
Pois se como a possesso espiritado
O Demonio (2) o aguilhôa co' a venêta
De imprimir engrazados consoantes ,
Então lhe quero eu lágrimas e affanno. —
Em casa do Impressor lá estão á l'erta ,
Esperando o suado manuscripto ,
Consummições de cóbres , amarguras ,
Erratas de impressão , lògro de Obreiros ,
Gatunices do Próto , papéis faltos ,
As correcções sem cabo , e sem medida ,
Cheios de erros , e sem sentido os versos ;

---

(1) Dat fundus honores , amicitiam.

HORAT.

(2) Não reparem na lettra grande , que ponho a este nome. Sujeito , de quem tanto se falla , e que entre muita gente é máis nomeado que Cesar e Alexandre , bem póde ter jus a uma lettra grande.
~~~~~~~~~~

Depois de trinta provas emmendadas.
Que loucura ! Que absurdo indesculpavel,
Perder tempo, e saûde, e paciencia
Perder as bellas louras reluzentes,
Ganhadas com suor, — talvez sumidas
Aos ólhos do appetite máis golôso,
Por ir em negra estampa correr mundo,
Apoz um nome vão. Bem pêcco fructo
É o ser por bom Poéta decantado.

Ah ! se a Diva Rázão, compadecida
Da enfermidade que lhes lavra na alma,
Lhes corrêsse a cortina do Futuro,
E lhes mostrasse o mar calamitoso,
Crêspo de escólhos, denso de naufragios,
Onde irão mil Poétas dar a pique,
E engrossar o cardume dos passados;
Talvez que o mêdo lhe encolhêsse as azas
Da presumpção balôfa de ser lidos (1).
Tomai exemplo em mim, Ingenhos cégos.
Que ganhei eu c'um Cartapacio de Odes,
Com dez cansados lustros de Versista ?
Risos, Invejas, Crîticas, Calumnias
Breve Fama, Destêrro, e desamparo (2).

---

(1) Nullam enim virtus aliam mercedem laborum, periculorumque desiderat, præter laudis et gloriæ : quâ quidem distractâ..... quid est quod in hoc tam exiguo vitæ curriculo et tam brevi, tantis nos in laboribus exerceamus.

Cicero *pro Lege Maniliâ.*

(3) C'est un métier trop dangereux, et la méprisable fumée de la réputation fait trop d'ennemis, et empoisonne trop la vie.

Lettre de M. D. V. à un membre de l'Académie.

O D E.

— — Quem tu, Dea, tempore in omni
Omnibus ornatum voluisti excellere rebus.

LUCRET. *Lib.* 1°. *vers.* 57.

NÃo quéro cantar Môças, que estou vélho,
Ensôsso, e derreugado:
Já pendurei de Venus nas parêdes
Do namôro as insignias (1);
E a Lyra des-montei das meigas córdas,
Que discantárão Marcias,
Delmiras, Élias, mil formosas Nymphas
Do saũdoso Téjo.
Hoje o meu Araũjo só pertendo
Entoar nos meus versos.
Elle os fináes accentos de meu Canto
Acceitará benigno.
Se as flôres me acceitou a Formosura,
Côlha a Amizade os fructos;
Máis sazonados são, se máis tardîos
Os tributos do Outono.
Dize, oh Musa, quem deo prendas tão amplas;
Quem de îndole prestante....
Eis que rodear-me vejo as Musas todas,

(1) HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 26.

Clamando de contentes:
» Nós fômos quem no berço o embalámos
» Com Délias Cantilênas.
» Nós o talento, nós a mente vasta
» Lhe povoámos lédas
» De jucundo saber, de quantas artes
» Te enlevão, quando o escutas.
» Mas nossa Mãe Mnemósyne, que olhava
» Tão donosa porfia,
» A qual primeira, com seus dons o ornasse,
» Risonha nos reprende:
— Que podeis vós sem mim? O saber todo,
— Que lhe verteis no ingenho,
— Resvalará, se o cravo lhe não pondes
— Da ferrênha memoria.
— Essa seja o dom meu nativo (1),
— Com que me prendou Jóve. —
» Lógo as Graças (das Musas Companheiras)
» E, por todas, Aglaura,
» Como quem de maior thesouro é ricca,
Diz com despejo airoso:
» E quando o vosso Alumno tenha todas
As artes, as sciencias,
» Bem encravadas co' a tenaz memoria,
Qual é vóssa ufania!
» Será sábio, e enfadoso como um livro,
Se lhe fallêce o enfeite
» Do mimôso primôr, da gála nóbre,

(1) Todos sabem que Mnemósyne é a Memoria. Todos o sabem, e eu só o ponho aqui, para que me não esqueça; que ainda ha poucos dias não sube dizer o meu nome, nem de que còr erão os meus primeiros calções.

—Que tudo affermosêa ;
—Essa lhe damos nós ; essa é o enlêvo
—Dos que melhor juizão.—

IMITATION

LIBRE ET BADINE, DIFFUSE, BABILLARDE.

Ridentem dicere verum
Quid vetat? HORAT. *Satyr.* 1.

On peut en badinant dire la vérité.

Je ne chante plus les belles ;
L'amour propre, ou le bon sens
M'avertit depuis long-tems
Que je suis trop vieux pour elles :
Dans le temple de Vénus,
A côté de son image,
Déjà dorment suspendus
Les frivoles attributs
Des plaisirs de mon jeune âge.
Sur les bords heureux du Tage,
Imitant le doux langage
De Flaccus, d'Anacréon,
De Tibulle et de Nason,
Autrefois j'ai peint Delmire.
Flore, Ima, Cloé, Thémire ;

Et mille autres de ma lyre
Ont aussi goûté le son :
Araüjo est le seul nom
Qu'aujourd'hui ma voix entonne ;
C'est à lui que je prétends
Consacrer mes derniers chants,
Et tresser une couronne.

Si les jeux ont emporté
Mon printems et mon été,
Doucereuse ou folichonne,
Là ma Muse n'a chanté
Que l'Amour et la Beauté ;
L'Amitié me le pardonne,
Et reçoit avec bonté
Les tributs de mon Automne :
Fructidor les a mûris,
Et l'estime qui les donne
Est aussi de quelque prix.

Toi de qui le feu m'inspire,
Et seconde mes transports,
Viens, ô Muse, me redire
Quelles mains, dans un seul corps,
Assemblèrent sans mesure
Tous les dons de la Nature ;....
Qui versa tant de trésors
Dans cette ame noble et pure !...
A ces mots, soudain je vois
Les neuf doctes Immortelles
Accourir autour de moi : —
« C'est nous-mêmes, disent-elles ;
» Le former fut notre emploi.
» Dès l'instant de sa naissance

» Nous soignâmes son enfance ;
» Chaque jour à son berceau
» Nous allions avec tendresse
» Répéter quelque air nouveau
» Des cantiques du Permesse.
» C'est par nous qu'il fut instruit ;
» Nos mains mêmes l'ont conduit
» Par des routes lumineuses ,
» Jusqu'aux sources généreuses
» Du savoir et de l'esprit :
» D'une culture divine
» Ses talents sont l'heureux fruit ;
» Reconnais leur origine :
» Notre mère Mnémosine
» Contemplait d'un œil ravi
» Ce disciple si chéri ;
» Elle observe , elle examine
» Comme chacune à l'envi
» Le caresse et l'endoctrine :
» Les enfans profitent bien ,
» Quand les maîtres sont habiles ;
» Mais leurs fibres sont débiles ,
» Leurs cervelles trop mobiles ;
» Et moi seule ai le moyen
» De les rendre moins labiles :
» Sans mémoire on ne sait rien ;
» Tous vos dons les plus utiles
» Ne sont que des dons stériles ,
» Nous dit-elle , sans le mien ;
» Du savoir , de l'éloquence,
» La mémoire est le soutien ,
» Et c'est moi qui la dispense.
» Puis d'un air doux et riant :

» Ce trésor, ce don suprême
» Que me fit Jupiter même,
» Je l'accorde à cet enfant.
» Le charmant trio des Grâces,
» Qui des Muses suit les traces,
» Vint aussi donner sa voix ;
» Aglaé, la plus capable,
» S'exprima pour toutes trois
» Avec une aisance aimable :
» Souveraines des beaux arts,
» Des esprits et des oreilles,
» Vos leçons, vos doctes veilles,
» Le pouvoir de vos regards
» Font sans doute des merveilles ;
» Mais pour votre nourrisson
» Je connais un autre don
» Nécessaire à votre gloire :
» Le trésor de la mémoire,
» Enrichi d'un vaste amas
» De sublimes connaissances,
» De mots, d'arts et des sciences,
» Forme un grave savantas :
» Que doit-il de-là s'ensuivre ?
» Vous aurez un froid pédant,
» Un parleur sec et pesant,
» Ennuyeux comme un gros livre.
» Être aimable est le grand point ;
» Un *bel art* c'est l'art de plaire ;
» Nul, sans nous, ne peut le faire,
» Et sans grace on ne plaît point :
» Agrémens, goût, élégance,
» Politesse, noble aisance,
» Aux talents, à la science,

» Tout cela doit être joint :
» Unissez à la sagesse
» Cette grace enchanteresse
» Par qui tout est embelli :
» A ce jeune favori
» Nous faisons cette largesse ;
» Votre ouvrage est accompli.

Ant. Mathevon de Curnieu.

FÁBULA.

No crystal d'uma fonte clara e pura
Uma Macaca estava contemplando
A sua formosura :
Os mômos, e os pulinhos revezando,
Da sua presumpção indicios dava,
E de ser bella, com prazer, gozava.
Um Burro, que pastava
Não longe do mostrengo presumpçôso
Condoîdo as orêlhas sacudia.
E comsigo dizia :
« Se, ao menos, o meu pórte grave, e airoso,
Se a minha voz tonante ella tivéra,
De ser vaîdosa a permissão lhe eu déra. »

Quantos conheço ahi, que tómão azo
De notar erros meus ; e estão no caso
Do Burro, e da Macaca !

ODE.

—— Non Aquilo impotens
Possit diruere, aut innumerabilis
Annorum series, et fuga temporum.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 30.

PROMETHÊO, quando quiz, industrioso
Dar alma á humana fórma, que plasmára,
Roubou dos Céos a sempre-viva flamma,
De Minerva amparado.
E disse ao Homem: » Tu darás ao Mundo
Filhos de bem-diversa natureza:
Táes tem de atravessar perecedouros
O quêdo stygio Lago;
Que deixarão de si curta lembrança;
E quáes ruîn; nenhuma, a maior parte.
O Olvîdo, c'o seu negro mudo manto,
Tem de os cobrir sem termo.
Mas os filhos do Ingenho, que derivão
Dos Céos a altiva Origem, terão vida
Tão longa como os Astros, que desdenhão
Da barca de Charonte.
Similhantes a Pallas, quando rompe
Do cérebro de Jóve, vem armados
De arremessões fulmineos contra o Olvîdo,
Contra a fouce da Morte.

SONETO.

D'UA longos dias Venus reparava
Que seu filho Cupido emmagrecia :
A viva côr no rôsto emmortecia ;
A rapidez nas azas affrouxava.
Sollìcita o Concelho convocava
Das Nymphas, e remedio lhes pedia
Para o filho doente, em quem bem via
Quão mal do Imperio as rédeas meneava.
Depois que sôbre o mal bem consultárão,
A flux concluem todas, que era *Tédio.*
Receitão perrexîs espertadores.
Mil drógas, não-acceitas, apontárão....
— O Ciûme (diz Venus) é o remedio
Provado contra o tédio dos Amores.

SAÛDOSA INFANCIA.

Donósos dias de feliz memoria,
Quando em vós cuido, cuido ir remontando
A contraveia o Rio de meus annos :
As flóreas, frêscas ribas me deleitão ;
Respiro o ar puro da manhãa da vida.

O D E.

Commentario sobre o-*Addis cornua pauperi* de Horacio Lib. 3. Od. 21. mal entendido atéqui pelos seus expositores.

— — Injurium est de Poeta malè sobrio
Lectorem abstemium judicare.

Auson.

Poétas por Poétas sejão lidos :
Sejão só por Poétas explicadas
Suas obras divinas : que não lavra
No esquivo ingenho d'um Bentley Saturno ,
D'um Minéllio , um Juvencio apoquentados
A sacra chamma do Éstro desenvôlto.
Como póde colhêr um acanhado
Sêcco commentador a idéia altiva
D'um destemido Vate alî-potente ,
Que d'um ao outro Pólo estende o vôo ,
Quando elle (1) as azas tem agorentadas ?
D'este erro vem , d'este fallaz desfôrço
Tanta inepcia , e sentido extraviado !

(1) O Commentador.

Tão pesados juízos, tão perluxos,
Recheados de tão frívola sabença;
E os lugares difíceis que elles saltão
Como faz por brazido qualquer gato.
Cada qual de sua arte falle e escreva:
Commente a Euclides Newton e Descartes,
De Demósthenes Tullio nos dê conta,
E a Pìndaro interpréte e siga Flacco,
E fallaremos todos com acêrto.
Et addis cornua pauperi tégóra
Absconso, escuro foi. Versão genuìna
Não achei em Páe vélho, (1) em Cartapacio,
Nem sentido frizante lhe foi dado
Que me enchesse as medidas do desejo.
Inda os mais sabichões, que máis se gábão
De terem as entranhas do conceito
Esgravatado com prolixos ólhos;
Nem mesmo ás cégas inda o apalpárão.
Que nenhum se lembrou, que o Venusino
Foi Poéta, e Propheta n'este texto:
Que o nome *Vate*, em Délphico sentido
Inclùe os dous potentes attributos.
Sim: que é Vidente um Vate; que o Futuro
Rastrêa, e fére com a aguda vista,
Como mimôso do Vidente Apollo, (2)

---

(1) *Páe vélho* clamavão no meu tempo de estudante, uma versão litteral, que se apprendia de cór, para fazer o exame; e que (segundo meu parecer) era a respeito do exame de Latim, o que a respeito do exame de Moral, era o Larraga.

(2) Videt omnia Phœbus,
Certus enim promissit Apollo.

HORAT. *Od.*

E a quem franquêa o dom, com que entre os Divos,
Claro e sublime, a todos se aventaja.
Horacio tinha pois os ólhos fitos
(Como desta Ode, quem vê claro, cólhe)
Na célebre Parîs. —Não qual ella era
Tugurio vil de póbres pescadores;
Mas, na Mãe das Sciencias, e das Artes,
No centro do bom gôsto, e aureo luxo.
Via virar desta Éra a ingente róda
Pejada de recônditos successos;
Com ella voltear cabêça a baixo
Tôrpe Devassidão, insano Jôgo,
Infame Embriaguez, que facilmente
É das máis feias culpas a Princeza.
Via que assim correndo atropellava
Os breves annos, as fugaces Horas.
E via Baccho de luzente face,
Que sobraçando a mosqueada pelle,
C'o açoite, que assomado destorcia,
Levava a tróte os bandos do vulgacho;
E apontando-lhe o ramo embandeirado,
Com as mãos estendidas abarcava
O couce das ranchadas; pelas portas
Das *Guinguéttas* (1) os empurrava a frôxo.

———— Sacris se condidit antris
Incubuitque adyto, vates ibi factus Apollo.

LUCAN. *Lib.* 8.

At mihi Fatorum leges avique futuri
Eventura Pater posse videre dedit.

TIBULL. *Lib.* 3. *Æleg.* 4.

(1) *Guinguêttas* (fallo com que os não dérão por cá uma rabissaca) são casas de Pasto nos suburbios de Parîs; as quaes são

Via por certo, e de bem-longe, Horacio,
Que *per fas*, *e per nefas*, nos Domingos
Por uso usado, e por peccado vélho
Toda a cabêça de artesão, e obreiro
De bandas tomar déve a cabelleira. (1)
O jornal da semana é cousa ténue:
Se co'a pádeira, se c'o taverneiro,
Co'a tenda o aranzél se ajusta, e paga,
Pouco, ou nenhum dinheiro nas mãos fica,
Com que uma cãa se tire na Guinguêtta,
Entre o assado perum, e a larga pinga.
Que regresso? — Nenhum. — A sêde apérta:

---

tambem tavérnas, e casas de baile. São tantas, e tão diversas, que serìa dellas difficultosa a descripção. Algumas tem sallas e jardins tão vastos, que folgado dansarião nellas, quatro centas pessoas. Tempos houve (em 1760) em que os Princepes vinhão dansar nellas, accompanhando-se de varias Actrices, Dansarinas, e outras Cortezãas de bico revòlto. A esta frequencia de toda a casta de Pòvo, e á celebridade de certas *Guinguêttas*, e de seu taverneiro allude Palissot no cantos 3º. da sua Dunciada, quando diz:

« Voyez la France accourir au tonneau
» Qui sert de trône à Monsieur Ramponeau. »

O commum é, que nos Domingos, e féstas, se enchem todas de immenso Pòvo de ambos os sexos, que sentados ás mesas, bem servidas por diligentes Criados de *Guinguêtta* cómem fino, bébem largo, riem de escancara, dansão á fivellêtta, e deitão uma cãa fóra todas as semanas. Findo o folguêdo, abração com vigor nôvo, na segunda feira, o usado trabalho. — Não sei se estes régabofes tomarião pé em Portugal.

(1) E é tão certo o tal camarço, que eu mesmo vi na Praça da Estrapada um bêbado estendido por terra, sem dar acôrdo de si, e a quem nem apupos de rapazes, nem latidos de cães, nem

Afferrado nas rôscas da guéla
O vermelho appetite da canada
Pica, puxa, arrepella, affóga, esgana,
E Baccho o está de longe convidando.

MULHER.

Lá vái fulano para a Casa-branca (1)
Braços dados co'a sua Maricóta.
Como vão guapos! se ella fôra arisca.... »

MARIDO.

—Elle é feliz, que tem mulher, que ajude
A levar este carro de miserias. —

~~~~~~~~~~~~

Sêde infame de vinho baptizado,
A quanto obrigas, quando o peito abrazas!
O sôfrego marido fêcha os ólhos
A um meigo gésto, a um requebrado riso
Com que a mulher engóda o dadivoso;
E affróuxa as rédeas do áspero Recato,
Deixando accrescentar máis uma ponta
A' Vulcanea grinalda retorcida,
Com que á risca, e sem vêsgo Commentario,
Se cumpre no pobrête o puro texto
Et addis cornua pauperi de Horacio.

---

mãocheias de pocira pela cara o tornavão a seu sentido, chegar a elle um Camarada, amaldiçoar o séstro do vinho, que tanto embrutéce os homens, e concluir dizendo: « Tal me tem de succeder Domingo. »

(1) *Guinguêtta* muito affréguezada.
~~~~~~~~~~~~

FÁBULA.

O RATO, E O VAGA-LUME.

RATO.

Esperdiças a luz.

VAGA-LUME.

Que te allumîa

RATO.

Em bom lavor te emprégas?

VAGA-LUME.

Tu o destróes.

RATO.

Aturado me occupo.

VAGA-LUME.

Quando róes.

RATO.

És um ociôso.

VAGA-LUME.

Sou de noite guîa

O Vaga-Lume é o Sabio, o Rato é o Crîtico.

ODE.

— — *Te* peritus
Discet Iber, Rhodanique potor.

Lendo os teus versos, numeroso Elmano (1),
E o não-vulgar conceito, e a feliz phrase,
Disse entre mim: » Depõe, Filinto, a Lyra,
Já vélha, já cansada:
Que este Mancêbo vem tomar-te os louros
Ganhados com teu Canto na aurea quadra,
Em que ao bom Coridon, a Elpino, a Alfeno
Applaudia Ulisséa. »
Ronca hoje, e sem alento a minha Clio
Não trôa sons altivos, arrojados:
Vai pedestre soltando em frouxo métro
Desleixadas Cantigas.
Desceo Apollo, e o Côro das Donzellas
A' morada de Elmano; e esse, que outróra,
Canto nos dava nome, o pôz na bôcca
Do novo amado Cysne.

(1) O Senhor Manoel Maria de Barboza du Bocage.

PROPHECÌA (*).

Que tristezas alégres (1) vão subindo !
E que alegrias tristes vão descendo !
Nascem nos troncos de folhuda rama
Elephantes , Onçãos , e Crocodilos.
Aqui pára o pincél , allî a pluma (2) :
Vivo traslado de não-visto côrpo.
Em ródas de ouropél passa , e transpassa
O rotundo esquadrão dos infinitos.
O galhudo pastél dos consoantes
Ao sôpro tremerá da cannafistula ;
Sem descer dos Tyrinthios almagrados
Nota de despeitosas affluencias (3).
Virá tempo , em que a lingua Lusitana

(*) Alguns pontos desta prophecìa me parecêrão escuros : mas uso é das táes não se entenderem , senão no tempo prefixo , em que se cumprem. Além de que, Merlin, que no-la deixou, não a vio bem distincta e clara ; porque (como diz Boileau) *Ce que l'on conçoit bien s'énonce clairement.*

(1) É de crer , que Jorge Ferreira tinha noticia desta prophecìa : porquanto na sua Comedia *Ulisippo* falla de *alegrias tristes* , *e tristezas contentes.*

(2) Foi opinião antiga que os homens nascêrão das árvores ; » *duro robore nati* » Que muito que dellas nascessem tambem os animáes.

(3) Faz allusão a outra prophecìa mais antiga , que ainda atégóra se não entendeo , a pezar de outocentas explicações.

Seja nóva Babel de escuro enleio ;
Avêssa , mixtiforme algaravîa
Gallo-Lusa invenção aperaltada.
Virá um espantalho Legatorio (1)
Enrufado perû , himpando alcunhas ,
Dictar ufano bárbaras soalhas
Que envôltas em dourada Hollandez folha ,
Vão pela pósta desgostar a Europa.
Que não verão os séculos vindouros !
Verão aguas descerem por penêdos ,
E penêdos descerem pelas aguas.
Os cornîpedes Faunos , Egipanes ,
Vestidos á Mourisca , os Campanarios
Revolver com perluxa garridice ;
Lindos Orang-otangs sorver a sphera
Diamantina da extática lembrança ,
E avêsso co'a mestiça gerigonça
Erguer o Téjo a encanecida frente ,
E os ólhos verde-mares derramando
Por todo o Cáes da pédra , e Boa-vista ,
Perguntar ás lindissimas Neréas ,
Que bárbara Nação , sem que elle o saiba ,
Conquistar veio a misera Ulisséa ,
E dar-lhe a nova lingua enlabuzada ?
Que ha muito sabe , os Vencedores darem

---

(1) Se abrisse a Natureza o grande reposteiro , e amostrasse a verdadeira árvore genealogica d'estes empanturrados ; que galante Comedia para as gentes de juîzo , que cóque da clava de Hércules para certas cabêças fôfas ! Que Páes Lacaios , Mouros , Frades , Judêos etc. etc. não tem dado descendencias nunca-suspeitadas ! Quando estou de pachôrra , mando representar entremezes desta laia no theátro da minha imaginação , para rir á custa d'essas bexigas inchadas de ar fedorento.

A sua lingua aos Póvos que hão vencido.
O que porêm lhe enche a alma de ancia, e pasmo
É ter sido a conquista tão callada,
Tão occulta, que andando noite e dia,
Rondando aquellas praias, não lhe veio
Aos ouvidos ruîdo de tambòres;
Nem estrondo de grossa artilharia,
Como se usa no conquistar dos Reinos.
Só conheceo que estavão conquistados
Os Lusos, quando ouvio o nôvo enleio
Da linguagem bastarda, tão diversa
Da que o Camões cantava á sua beira,
E o fêz allì deter-se, e as suas Nymphas,
Enlevados no Canto, e na doçura
Das phrases d'esse tempo, que as de agóra,
Ou já que eu de mui vélho, ou de mui surdo,
Não comprenda cabal o que elles dizem;
A lingua, que elles fallão, tão avêssa
Nada para elle tem que claro seja.
» Páezinho (lhe responde bem-fallante
Linda Tágide Ulîna) não te admires.
Nem tu mais surdo estás, nem velhentado,
Nem conquistado foi o Reino Luso:
Mas tudo empeorou no triste idiôma (1),
C'um andaço, uma lépra, que aquî lavra
Pelas bôccas de certos Peralvilhos.
Chamão-lhe gallicismo, os mais expértos,

---

(1) Dirão que repizo muito no fallar afrancezado dos Tarêlos. Mas para que repizão elles em fallar mal a sua lingua! Vejo que se não emendão, continûo. Tanto dá a agua na pédra que etc.

Tanto dá c'o martello o Carpinteiro,
Que entérra o prégo n'alma do madeiro. *Anónymo.*

Que este ar todo empéstou. É gran desgraça
Que a Real Académia não fabrique
Para estes empéstados de ruin phrase
Um Lazarêtto , e boa quarentena ,
Onde por doutas mãos curados sejão
Com xaropes de córda , ou de azorrague ,
Como doudos de nova phrenesìa.
Delles , Páezinho Téjo , vem a mácula.
Nós mesmas , que corremos estas praias
Desejosas de ouvir nossos amantes
E com elles ter prazo de recreio ;
Apenas , longe em longe , a Elpino , a Alfeno ,
Na phrase de Camões , teu tão valìdo
Ouvimos Portugueza melodìa ,
Imitada dos nossos bons Cantôres ,
Das éras de ouro da grandeza Lusa.
Com cappêllo farrusco se cobrĩão
Longas orêlhas burricáes , que agóra
Abanão com descôco , e affouteza
A' sombra de pedantes enruffados
De engoiádo saber , que tem diante
Por guias uns fulanos , que furtárão
Ou quizérão furtar pela surrélfa
O Bastão commandante que empunhárão
Camões , Barros , Ferreira , Arráes , Lucena.
Mas detraz do Phantasma asn'-orelhudo ,
C'o azorrague sonante , vem correndo ,
Um filho teu , prezado amante nosso ,
Que a um cinge o nariz , a outro a orêlha
Com lìvido vergão de longa dura.
Já recúão. Já fógem trasmalhados
Bem zurzidos da mão pesada , e irosa.
Antes vereis , Catérva malandrina ,

Derretidos os Céos , o mar enchuto ,
O Sarrabal saloio fallar certo ,
O Piégas beber o sette estrêllo ,
Em feição de Café , ou Chocolate ;
Que a vossa infame , idióta burundanga
Mêtta pé no alto váo da Lusa falla.
Desmammai-vos do aperaltado leite ,
De que vossos escriptos se embostellão :
Lêde os Clássicos , único remedio
Contra o Francez ozagre , que vos gáffa.

SONETO.

Que tôrpe Monstro , féro , truculento
De descarnada ossada carcomida ,
Co'a açacalada fouce no ar erguida ,
Vejo entrar pelo pállido aposento ?
Da myrrhada garganta o infecto alento
Sópra no rôsto a Délia adormecida :
Vejo-lhe a côr murchar-se , espavorida ,
A alma deixa a morada , e esváe no vento.
Mil Cupidos , sem arco , e passadores ,
Vão chorando traz ella , assim cortada
Na quadra dos affagos , dos amores.
Quando eu ía sparzir , com mão magoada
O lindo côrpo de saudosas flôres. . . .
Acordei — ao cantar de Délia amada.

O D E.

——— Quod adest memento
Componere æquus.
HORAT. *Lib.* 3. *Od.* 29.

QUANDO o sól, ja subindo do horisonte,
Encéta ufano a rápida carreira
E Morphêo ás pestanas, que cerrára,
Vai dando a despedida:
Comêção de tropél a vir subindo
Os Cuidados, que o somno soppeára,
D'entre elles rompe o Almôço inexoravel,
Pedindo precedencias.
Vem depois a máis turba, que afastada
Com poderosa mão se arruma aos lados
Respeitosa — por que entre as duas filas,
Passe da trópa o Cabo,
Que eu chamarei com nome conhecido
Desejo de Políticas noticias,
D'este que augmenta, d'outro que fraquêa
A's forças do adversario.
Mas o Factor (1) esta ordem de nóve annos

(1) Desde que se fôrão remechendo os animos em 1789, e medrou o desbarato dos folhêttos pelas ruas de Parìs, veio sempre a fio, e ás nóve horas da manhãa um distribuidor de

Com impia novidade desconcerta ;
Trazendo ás duas , a que vinha ás nóve ,
Universal Gazétta.
Oh tu , potente Redactor , que as rédeas
Do governo das nóvas nos modéras ;
Restaura ao posto antigo a grande folha ,
Tão mal des-possuîda.

EPIGRAMMA.

DEIXA'RA certo Bispo em testamento
Dez moédas , por legado
A quem compônha , e gráve em seu moîmento
Epitaphio exalçado.

EPITAPHIO (1).

Foi Prelado mui sabio , mai virtuòso
Mui pagador , mui casto, mui formôso.
« Cessa , oh pluma , que em tal louvor, te enrédas
» Mentiste , máis que a flux , por déz moédas ».

Cartas e papéis pelas pórtas e moradas , que aqui chamão Factor , trazer-me o papel periódico de que eu era assignante. Esta Ode foi composta em razão da estranheza que me causou a mudança da hora assignallada.

(1) Falla o Poéta.

NOTICIAS

ATRAZADAS.

D'ENTRE cruéis apêrtos,
E enleios encobertos
Brotou a prósa, que util foi no mundo
A' esquiva humanidade,
No preciso commercio das idéias;
Qual bróta do fecundo
Seio da térra a loura saciedade,
Que as cataduras feias
Da fóme, e da magreza deita a longe. —
Dos Céos a Poesîa
Desceo ladeada de înclytas figuras,
Com que a mente lisonje,
De dôces fávos, mélica ambrosîa,
Que enlévão almas puras.
Almas communs, no pão tómem sustento;
Que spiritos sublimes
Só com Attico mél se saborêão.
Sem grande atrevimento
Não tómão sobre si os fracos vimes
Carrêgos que os derreião.
Robustos freixos, válidos Carvalhos
Só púgnão c'os negrumes.
A quem Deos não prendou c'o sacro louro,
Que corôa os trabalhos

De aos Póvos descifrar fallas dos Numes,
Vem com sequaz estouro
A vingança de Apollo, vem risadas
Das Musas, e do Pégaso pateadas.

CANÇÃO.

Ah! se in ciel, benigne stelle,
La pietà non é smarrita?
O toglietemi la vita,
O rendetemi il mio ben.

METASTAS.

Uma dòr próvo tal, um tal tormento,
Que muito vem a ser se não acabo.

CAMÕES *Son.* v. 26.

1.

QUE mimoso prazer! Teu rôsto amado
Me raiou na alma! Oh astro meu luzente!
Desfez-se em continente
O negrume cerrado,
Que me assombrava o coração afflicto,
Em saudades tristissimas sopîto.

2.

Bem, como quando aponta o sól radiante
Pelos hervosos cumes dos outeiros;
Fógem bruscos nevoeiros,
Da rôxa luz brilhante;
Assim, mal vi teu rôsto, assim fugião
As Mágoas, que de lutto a alma cobrião

3.

Quem sempre assim de amor nos brandos laços!
Dôces queixas de amor absôrto ouvîra!
Da idade não sentîra
O vôo. — Entre os teus braços
Me córte o fio, com a fouce, a Morte;
Que pérco a vida, sem sentir o córte!

4.

Se a meiga Venus, se o gentil Cupido
Céde a meus votos, céde á minha Amada:
Se esta união prezada
Não rompe um Nome infîdo....
Não dou por mais feliz o vil Mineiro
Sobre montes de sórdido dinheiro.

5.

Não dou por máis feliz o Rei no thrôno
Lisonjado de Cortesãos astutos.
Já meus ólhos enchutos,
Já alégres dão abôno
Do gôsto, em que se engólfa o peito, ao vêr-te,
Dos sustos, que se affastão, de perder-te.

6.

Amor quanto é maiór, máis é medroso:
Descóra, que lhe fuja o bem ganhado. —
Quasi vejo roubado
O Bem mais precioso...
Das mãos m'o arrancão !.. Marcia ! e tu — consentes ?
Ah ! Não digas, que me amas.. Marcia.. Ai.. Mentes.

7.

Quéro deixar-te. — — Antes que tu te enlaces
Nos braços d'esse, que de Ti me priva. — —
Resgato a alma captiva,
Antes, que a elles passes. —
Não quéro vêr, em teus grilhões atado,
Lograr-se outrem d'um Bem, a mim roubado.

8.

Irei vertendo lágrimas iradas
Por éssas nùas práias arenosas:
A's Nayadas piedosas
Minhas queixas magoadas
Irei contar. — Irei cravar no peito
Um punhal, vingador de meu despeito. — —

9.

Não, linda glória d'esta vida tua;
Déspe os temôres de eu querer deixar-te
Eu ! — — Que jurei amar-te ! — —
A sórte amarga e crua
Não fará que perjure a sãa vontade
Do amar em Ti a minha Divindade.

10.

Não Inconstancia, não os Desfavôres
Menos puro farão meu culto amante. — —
Que eu falte a ser constante
Aos ólhos roubadores,
A's faces de carmim, madeixas de ouro,
Em quem Venus, e Amor põem seu thesouro! —

11.

Vivas ausente, ou vivas sempre á vista,
O teu Filinto ha-de adorar-te puro.
Tens meu peito seguro,
Tens segura a conquista:
Nem d'outra sorte esses teus ólhos rendem,
Nem estes meus outra adorar pertendem.

12.

Jurei a Amor em teu altar sagrado
De agasalhar no seio a Lealdade.
Não temas falsidade
N'um coração honrado.
Não quebrarei o juramento amante,
Que fiz ao Deos, que fiz ao teu semblante.

SONETO

TRADUZIDO.

Dentro do peito, em parte a máis sensiva,
Nasce um querer, que apoz passa á Cuidado;
De esperanças se nutre, e inopinado
Tyranno a Liberdade nos captiva.
Sustos, Zèlos, Rancor, Peçonha activa
Traz por seus Cortezãos, e sempre, ao lado;
Deixa a Paz e o Descanso alvorotado,
E aos mîseros mortaes morte motiva.
Quér, não-quér, eis cubiça, eis se desvìa,
Com facho, ora com gèlo o peito anceia:
Amigo, ora inimigo ama e desama.
Insano frenesì! Louca manìa!
Se saber quéres como se nomeia;
(O Céo delle te guarde!) Amor se chama.

METAMORPHOSE

DA BORBOLÊTA.

Saio de vil casulo a insultar flôres,
Co' as que nos ares trajo, aladas côres.

ODE.

Il est certains esprits d'un naturel hargneux
Qui toujours ont besoin de guerre :
Ils aiment à piquer ; se plaisent à déplaire,
Et montrent pour cela des talens merveilleux.
Quant à moi je les fuis sans cesse,
Eussent-ils tous les dons et tous les attributs ;
J'y veux de l'indulgence, ou de la politesse.
C'est la parure des vertus.

FLORIAN.

Aos que prendárão com seus dons as Musas,
Ou agrado (1) entre os grandes lhe obtivérão,
E alento nos amigos — ou nos doutos
Acolhimento e auxilio.
A minha estrêlla iniqua inimizou-me
Da Fortuna os mimósos ; pôz-me esquivos
Quantos com aura, quantos com doutrina
Podérão dar-me a dextra.
Até dous bons Amigos, em quem toda
A esperança librei da aura, ou conselho,
Trocárão o Favónio da Amizade
Em pechósa investida.
Mal haja o chárco immundo (2), immundos áres

(1) Principibus placuisse viris. HORAT.

(2) Hollanda.

Que compleições tão boas achacárão !
Mal-haja a Turba (1), e enxôfre negro e duro
Que os ingenhos lhes tólda !
Que Deos tão amoravel me seria
O que a mim, que os Amigos sarrazinas
Volvêsse ás térras, que bafeja Apollo
Com mais benigno raio !
Nascer-me-ião felizes os bons versos,
Com desafôgo da alma; e os meus Quintilios (2)
Cortando o viço, ou des-curvando o ramo
Dar-lhe-ião louçania (3).

---

(1) Fôgo, de térra em adôbes e de carvão de fórja.

(2) Quintilio si quid recitares, corrige sodes,
Hoc agebat et hoc. *Horat. de Art.*

(3) Un esprit bien fait, qui sait entendre raillerie, se lasse pourtant à la fin des plaisanteries perpétuelles; il entre en défiance, il soupçonne qu'on veut le rendre ridicule. Cette idée le trouble, lui ravit son enjouement : ce n'est plus qu'en esquivant qu'il soutient encore la joute ; sa défaite est assurée, pour peu que vous le pressiez, mais gardez-vous de le faire. Dans un combat d'esprit, surtout avec des amis, on doit craindre de remporter un avantage trop complet.

Théorie du sentiment.

Cum tua pervideas oculis male lippus inunctis
Cur in amicorum vitiis tam cernis acutum,
Quam aut aquila, aut serpens Epidaurius ?

HORAT. *Satyr.* 3. *Lib.* 1.

SONETO

AOS ANNOS DA SENHORA D. M. J. R. D.

Jóve chamou os lìvidos Pezares ,
As Invejas de face carcomida ,
As Iras , a Vingança , a Fé-mentida
As Traições , os impróvidos Azáres :
« Hoje ireis aos tristissimos lugares ,
» (Lhes disse o Deos) (1) á Styge denegrida ;
» A vassallagem a Plutão devida
» Lhe ide render nos lúgubres altares ».
Já parte de tropel o bando immundo ,
Que o mal pelo Universo repartîa ,
Tudo hoje nos será fausto e jucundo.
Fói obsequente o Deos. Quiz que este dia ,
Em que , oh Nympha gentil , vieste ao mundo ,
Fôsse todo de féstas e alegrîa.

(1) É pena , que *quisquis fuit ille deorum* nos não dê máis vêzes d'esses dias. Eu creio que depois que morreo a tal Senhora D. M. J. R. D. o Senhor Jóve se embezerrou com nosco ; e nunca máis mandou a tal córja des-comunhal render vassallagem a Plutão.

Nota do Editor.

ODE.

Nos bene concordes ter dènis jungit ab annis
Nullo unquam spatio debilitatus amor:
Nomen amicitiæ per te sublimius extat,
Per me clarescit nomen amicitiæ.
Tu Pylades mihi; curarum tu dulce levamen,
Scriberis Vati fortis amansque tuo:
Perque ego mille vices, varia et discrimina rerum
Dicar Oresteà te coluisse fide.

A. M. de Curnieu.

Eis-nos, honrado Mathevon, na vida,
Inda uma vez, unidos
Ambos entre os abraços da Amizade (1),
Nesta Parìs famosa
Por crimes execrandos, por virtudes
De heróicas idades.
Queirão as Parcas estender o fio
D'esta união sagrada,
Até quandó, curvados da velhice,
N'um báculo encostados,
Vamos ao sól sentar-nos vagarósos,
No emparreirado abrigo

(1) Le nœud qui nous unit touche au sixième lustre;
La distance et le temps ne l'ont point affaibli.
Par toi de l'amitié le culte est rétabli;
Par moi ce nom sacré brille d'un nouveau lustre.

D'um rùstico poiál, junto da porta
Da modesta pousada;
E lá nos recrear-mos c'o gorgeio
Da pintada avezinha,
Ou c'o murmurio das quebradas aguas
D'um claro arroiozinho:
Talvez c'o som monótono da nóra,
Que a fresquidão debruça
Dos cinturados vasos, e ha-de na hórta
Des-sedentar o seio
Da tenra alface, da tronchuda couve,
Do córado morângão.
Inda talvez nos venha abrir o riso
Os enrugados labios
Com lembranças de apodos engraçados
Que outróra bem frisárão
Nas vãaglorias d'um fátuo, nos melindres
De uma Hécuba dengósa.
E o nosso Flacco, o nosso amado Méstre
Na Amizade, e virtudes,
Com seus versos virá bem accolhidos
Deleitar-nos a falla.
Quáes nos vio Portugal, nos veja a França
Além dos sette lustros
Constantes na virtude e na amizade;
De nós sáiba o segrêdo
De renovar n'esta éra de Philáutes,
Em laço nunca-sôlto
Por discrimes de Ausencia, e de Infortunio,
Os Pylades e Orestes (1).

---

(1) De mes jours orageux tu charmeras le reste;

SONETO (*).

Á sombra d'um verde Álamo frondoso
Beijava o peito a Chlori Thirso, um dia,
Amor, c'uma azá o furto lhe encobria
Com outra a Chlori o rôsto vergonhoso.
Ella, ao Pastor amante e sequioso,
De si, co'a mão sem fòrça despedia;
Elle, c'o lindo còrpo o seu cingia,
Tomando o gôsto ao pômo saboroso.
Ri-se Amor. Salta aos braços da Pastôra;
Beija-lhes os olhos, que os mortáes lhe rendem;
E, (assim dizendo) applaca a frouxa briga:
« Consente o escasso alìvio a quem te adora:
» Que a sède que esses ólhos na alma accendem
» Só no meu Templo, e áras se mitìga ».

Je chanterai partout et ton ame, et ton cœur;
Et partout l'on dira : « Constans dans le malheur,
» L'un des deux fut Pylade, et l'autre fut Oreste. »

A. M. DE C.

(*) O assumpto d'este Soneto despertaria o appetite na alma mais enfastiada. Ella era a máis formosa; a máis aceada aldeãa que meus ólhos tem visto: elle um estudante tão gentil, que trajado de mulher, não tinha de que se envergonhar entre as mais bellas. Ambos sós detraz d'um espèsso vallado, não vistos (ao parecer) de ninguem: elle de dezoito annos e ella de quinze. Que idade! Que illusão! Que fôgo!

LYRAS.

1.

N'ESTES sagrados bósques, onde vivo
Retirada do mundo
Mal-assombrado e esquivo,
Dou repouso profundo

2.

Aos que deixando as Côrtes ambiciosas,
Seu fausto e valimento,
Nestas ribas viçosas
Buscão plácido assento.

3.

Não venha aquî o Amor, que é captiveiro;
Que fôra injusto aggravo
A um Nume livre e inteiro
Pôr-lhe ao lado um escravo.

4.

A' Amizade, que acóde c'o confôrto,
A virtude offereço;
Aos náufragos dou pôrto;
Aos bons corôas têço.

5.

Quem com a medianîa se contenta
Góza de prazer puro;
Aura de vida o alenta,
Dórme são e seguro.

O D E.

Vides ut alta stet nive candidum
— — — — — — — — geluque
Flumina constiterint acuto!
— — — — benignus
Deprome quadrimum.

Horat. *Lib.* 1. *Od.* 9.

Passémos, Aguiar, em festa, e riso,
Este dia, que o sól vio já sessenta
E dous hynvérnos ir precipitar-se
No Gôlphão das Idades.
Em quanto nos desvîa a Mórte a fouce
Da sujeita cervîz, dêmos a Baccho
Os momentos da vida, sonegados
Ao teimoso Infortunio.
Venha a gôrda *Pollarda*, c'o a *Omelétta*
Regalar os golósos gorgomilos,
Que depois banharêmos c'o cheiroso
Dourado Carcavéllos.

Risquêmos este dia de contento
Desse aranzél de dias enfadonhos,
Perdidos entre a çáfia casmurrada
Da sepulchral Hollanda.
Olha como éssas ruas e telhados
Alvèjão c'os tapêtes de alta néve!
O sól encapotado!... O Céo tristonho!...
Fechêmos-lhe as janellas.
Insultêmos com luzes prematuras (1)
As tres horas da tarde em-noitecidas:
Dêmos-lhes váia; que nos não desbótem

---

(1) Tem-me censurado algumas phrases, que tem similhança co' as Latinas. Nescios! que não advertem que os mais riccos florões da lingua Portugueza são os termos e phrases que pedimos emprestadas aos Latinos! Com que enriquecêmos, com que polimos nós, nas éras de Camões e Barros, o nosso barbaro Vasconço, senão com os empréstimos da lingua que fallárão os Ciceros e os Virgilios! Oxalá que não fossem tão medrósos de censuras deslavadas, e que não se acanhassem tantos bons ingenhos, que eu conheço, e que eu não conheço; e que esses nos enfeitassem a lingua com atavìos da Latina e Grêga, tapando a bòcca aos mesquinhos censores, com lhes metter em casa riquezas, e formosura Com muito agradecimento e applauso da Républica Litteraria devem ser accolhidos em Portugal os Autores que accommódão á Lingua Lusitana o theor da phrase Latina e Grêga (quanto cabe no possivel) betando nella as côres, e ainda as competentes liberdades dellas, que lhe não serão já tão estranhas, achando-se entre parentas, e amigas. Não é a nossa lingua tão incompativel com a transposição dos termos, que não imite a Latina nos hypérbatos, estragando a ordem grammatical; para acòdir á viveza e acção do pensamento, á vehemencia das paixões, transpondo, e transtornando as phrases; e este é o verdadeiro cunho d'um sublime e attrevido ingenho, que n'esta harmoniosa desordem debuxa o quadro da sua imaginação, e accostuma a lingua á valentia, e robustez das

C'o tôrpe vulto a fésta.
Façâmos côrro, na área das entranhas,
Em que danse o Prazer, dêm cavalhadas
Os Risos, os Remóques, e inda a Pulha
Salgada, mas decente:
E á mesa com Delmira, e c'o bom Monge
Empunhêmos rubìs, louros topazios
A' saùde das duas, (1) cubiçosas
De ter quinhão no gáudio.

SONETO

A' MO'RTE DA SNRA. D. J. MARGDA. DE M. F. E S:

De lùgubres vestidos mal-trajada
Os tardos passos para mim movîa
A pállida, a mortal Melancholîa
De spectros furiáes accompanhada.
Toccou-me co'a mão frîa e descarnada
O côrpo, que se géla, e se arrepîa:
A alma tremeo — ao som, que assìm rompia
Da bôcca sempre triste e desbotada:

---

figuras pittorescas, impetuosas, atrevidas, que dão todo o luzimento ao discurso, e dão ao desenvolto Escriptor renome eterno.

(1) Madame Monge, e Madame Aguiar.

« A condição humana o Fado ordena
» Que se têça de gòsto, e de amargura
» Nem ha Bem puro, nem contînua Pena.
» Mas, Junia mórta, e co'élla â fé máis pura,
» A que pênes comigo te condemna
» Até que vás morar na sepultura.

ODE.

Solventur risu tabulæ, tu missus abibis.
HORAT. *de Art.*

COBÉRTO o Campo está, coberta a altura
Do soberbo Palacio (1)
Com deslûmbrante alvissimo regêlo:
Trémem com o Austro irado
De negros troncos desfolhados cumes.
O Pardal, sem abrigo
Na des-provîda néve entra, e mergulha
O bico, que agra fóme
Aguçou na penuria, O Céo negrêja,
E esquiva ao sól passagem,
Por entre espêssos toldos. Mûda a Térra,
Mudos os ares, prende

(1) De Versalhes.

Nas engelhadas gentes impio Tédio
Que as idéias ensóssa (1).
Fui-me ter com as Musas que acudissem
A celebrar meus annos.
Dei com ellas, e Apollo a fazer côrte
A um rúbido brazîdo,
Contando estalos do folgaz magusto.
Horacio andava aos pulos
Apanhando as castanhas bombardeiras:
Catullo em calças largas
Tirava da algibeira o seu cachimbo;
Dava quatro fumaças,
Com que o pardal de Lésbia sacudîa
O pipillante bico.
Lésbia ralhava, Apollo ria, as Musas
Castanhas esbrugadas
Dávão na palma ao vélho Anacreonte,
E as tîgridas Bacchantes
Nos taboleiros de xarão trazîão
Carcavéllos, Chamusca,
Com que empurrar a entalladora buxa.
Perdi o tempo, e o rôgo:
E já, sem desmanchar o régabófe,
Thalîa, com descôco,
Zombando do convite, me responde:
« Não deixarêmos (certo!)
» Tão ricco fôgo, e as estouráves castanhas,
» Por teus minguados versos. »

---

(2) Assim como a Alegria anima, dá côr, dá brilho ás máis léves idéias; assim o Tédio as esmoréce, as murcha; e as *ensóssa*, como diz o Autor.

Nota do Editor.

SONETO.

Estende o manto, estende, oh Noite escura,
Enluta de horror feio o alégre prado;
Mólda-o bem c'o pezar d'um desgraçado,
A quem nem feições lembrão da Ventura.
Nubla as estrêllas, Céo; que esta amargura,
Em que se agóra céva o meu cuidado,
Gostará de ver tudo assim trajado
Da negra côr da minha Desventura,
Ronquem roucos trovões, rasguem-se os ares,
Rebente o már em vão n'ôucos rochedos,
Solte-se o Céo em grossas lanças de agua:
Consolar-me só pódem já pezares;
Quéro nutrir-me de arriscados mêdos,
Quéro saciar de mágoa a minha mágoa.

O D E.

Vexet eques metuendus hastà (*)
Vitamque sub dio et trepidis agat
In rebus. —

Horat. *Lib.* 3. *Od.* 2.

Aos féros gólpes da Fortuna iniqua
Mal resiste o cobarde, que em regalos
Da lauta mesa, da venal amiga
Passou sem gloria os dias.
O rouco tóque do tambor guerreiro
Como ouvirá constante, e os estampîdos
Da rôta bomba, da assoviante bálla
Na travada peleja:
Como as brigas dos ventos descompostos
Na assanhada campina, e os mares verdes
Rebentando na pôppa, desornada
Da bandeira e varandas,
Quem des-lembrado da Virtude, e nôme
Farto busca o jantar, sem somno o leito;
Quem streméce ao roncar do mar distante,
Ao despir d'um estóque!

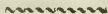
(*) Não me censurem de que uso de Epigraphe Latino a uma Sr.ª. Saibão que ella o entendia talvez melhor, que alguns dos que me censurarem. Se eu a nomeasse...

Esses Gamas e Castros, que investîrão
Contra agouros do Adamastor sanhudo,
Que as traições, que os perigos arrostárão
Do mar, e gente, ignotos,
Não davão culto á Embriaguêz, ao Luxo
(Îdolos tôrpes dos ruîns vindouros)
Nem pejavão as ruas, embalando-se
Em rodantes andôres.
Nem bella Daphne as Damas d'outro tempo
Escutárão vádios, caprichosos
De insulsas módas, de ruins costumes
Sem mérito, sem honra.
Vinhão d'Africa os seus Galans, honrados
Co'as airósas feridas (1) no semblante,
Tinctos em Mouro sangue, as mãos beijar-lhes,
As mãos tão merecidas.

---

(1) E ainda que as Donzellas nóbres, que no Paço andavão, tivessem alguma honesta affeição, não admittião algum, sem primeiramente em militar exercicio se mostrar forte, e animoso; porque n'este tempo a ambição andava degradada d'este Reino, e a simples modestia reinava nelle; e sobre tudo a Cavallaria e esfôrço se estimava, se procurava, e tinha em muito ».

Mariz, dos Reis, *pag.* 510.

O D E.

AD ILL^{mam}. ET EXC^{mam}. D. D. J. I. F. etc. etc.

Quod genus, Clio facilis, modorum
Quos tibi mittam potius ministret
Quam quibus nomen meritum lucrata
Lesbia Sappho ?
Illa vocali modulata Sistro
Protulit dignè numeros perenni
Laude, queis vivit, celebrisque vivet
Juncta Phaoni.
Tu sacras artes veterum diserta
Suscitas Musà, facilemque præbet
Se tibi Phœbus numeris canoris
Verba liganti.
Docta sermones variæ loquelæ
Scripta percurris studio perenni
Quæ tulit curà vigili legenda
Quælibet ætas.
Nunc quidem Lusûm, superis benignis,
Quomodo crevit bene res perampla,
Et legis Reges, celebrata quorum
Fama per orbem.
Cæteros inter meritò notabis

Laude complures, genus unde ducis
Ipsa præclarum, reliquisque nullà
Parte secundum.
Prole diceris meritò beata,
Moribus structa placidis, cuîque
Pullulat jam nunc Proavûm, Patrisque in
Pectore virtus.

TRADUCÇÃO

DA ODE LATINA.

Com que métricos sons a affavel Clio,
Me acudirá melhór, para offertar-te,
Que o métro que acquirio á Lesbia Sappho
Tão largo nóme no Orbe?
Ella no loquaz Sistro modulando,
Soltou cadencias tão suave e douta,
Que, juncta ao seu Phaon, inda hoje vive,
E vivirá famosa.
Tu perita na bella antiguidade,
Seus sacros sons na Lyra ressuscitas;
Phébo a teu rógo attende, quando entôas
Canoras Cantilenas.
De diversas Nações Cidadãa sábia
Descobres com lidado estudo quantos
Arcanos qualquer Éra commettêra
Ao disvéllo incansado.

Agóra lês as ínclytas façanhas
Com que Elysia medrou, do Céo bem vista;
Lês as acções dos Reis, cujo renôme
Tem estendido a Fama.
Com devido louvor verás, entre elles,
Muitos de quem derivas a nobreza,
Em alto gráo preclaros, que não cédem
Primazìa aos máis-nóbres.
Tens próle bem-munida em sãos costumes,
Por quem te pregoarão ditosa as Éras:
Já no seu peito abrólha, dos Maiores,
E do Páe a virtude.

F. M$^{el.}$ do Nascimento (1).

---

(1) A familia dos *Nascimentos* é antiquissima. Na sua carta genealógica se estende, como Chefe, Adão Seu filho Caîn foi o primeiro em quem assentou o appellido de *Nascimento*: por quanto seu Páe não fôra nascido, mas *Creado*: D'este primogénito pois vem a fidalga linhagem dos *Nascimentos* que o Autor do Pentateuco traz muito ao longo individuada de Páe a filhos. As armas d'esta familia são — *Em campo de prata uma Mulher parindo* — (a qual é Éva). Job, que tambem era d'esta familia dos *Nascimentos*, e foi potentissimo Régulo nos desértos da Arabia, ajuntou ao escudo das antigas armas este lemma em Latim — *Venhães embóra, embóra venhães* — David, Monarcha da victoriosissima Judéa, illustre vergontea da árvore dos *Nascimentos* achando cabêllos brancos a este lemma fez outro máis comesinho, que diz assim — *Boa estréa te accompanhe.* — Ps. 28. Ha livros e máis livros, que contestão o fio nunca ròto desta prosapia até o traductor F. Manoel do Nascimento. A familia que contar Avós mais atrazados póde-se gabar de antiga.

Nota do Editor.

SONETO

ESTANDO AUSENTE

Da SNRA. D. M. J. R. D.

Todo o lembrar da tua formosura
Já o peito a agudos tiros mal defende :
Já do Ciúme o ardor , que assim me accende
Me entréga a vida aos gólpes da amargura.
Que muro entre nós põe a Ausencia dura ?
Quem com grilhões os pés aquî me prende ?
Ah ! se esta acerba dôr o prazo estende ,
Sem vêr-te , verei , Marcia a sepultura.
E vós , oh Faunos , que me estáes ouvindo ,
Devendo magoar-vos meus pezares ,
Protérvos ! de meus prantos estáes rindo ?
O Céo vos dê no Amor ruîns azares ;
E as Nymphas , que buscáes , de vós fugindo ,
Zombem dos áis , com que canseis os áres.

SONETO

A' CERCA DE CERTOS DA'RES E TOMA'RES

DA SNR.ᴬ D. FL. E. G. DE S.

Québro comtigo o desleal contracto;
Que me desdenha, Amor, sem causa, Flóra.
Pagou os mimos, com que esta alma a adora,
(Obras tuas !) c'um termo infiél e ingrato.
Quando máis lhe encareço o desbarato
Que me fez na alma..., A Pérfida, a Traidora
C'um riso iniquo (que inda assim namóra)
Zomba do mal que fêz, do ìmprobo tracto.
Se o puro amar, se a fé tão pouco prézas
De quem se deo por gôsto a ti rendido,
Que injusto que és, Amor, com táes cruezas !
Não firas, com rigor tão desmedido,
Peitos em que se lavrão táes finezas,
Se o teu Reino não quéres destruîdo.

ODE.

Gloire à Vénus dans la Cour éthérée ;
Paix sur la terre aux fidèles amans.

MES. de GNIDE.

AGUIAR, — quanto és contente!
Tens á vista, e nos braços a Consorte,
Ha tanto suspirada. —
De cá, d'onde sózinho leio e escrevo,
Te contemplo ditôso,
E comtigo me alégro.... Mas que muito!
Se Venus, de benigna,
Lembrada de mil férvidas offrendas
Que lhe puz nos altares,
Rompendo á azul abóbada, a mim désce
E me érgue d'ante os ólhos
Certa cortina que estorvava a vista (1)
De París a Versalhes:
E quiz que eu visse a tua Amada, entrando
Anciósa no teu quarto.

(1) —— Omnem, quæ nunc obducta tuenti
Mortales hebetat visus, et humida circum
Caligat, nubem eripiam. ———

VIRG. *Æneid. Lib.* 2.

Pelos lados, diante, e detraz d'ella
Os Amôres, e os Risos
Abraçados com cêstos mil de Flôres,
Que a frôxo derramavão;
Os Prazêres, com grandes açafates
De abraços e de beijos;
E um que escondia um Coffre, em que fechados
Vinhão uns dons preciósos,
Que entre os lençóes foi pôr mui recatado,
Para depois o abrirem
Entre os segrêdos da callada noite...
Máis me disse ao ouvido
Cértas cousinhas Venus, que ora callo;
Que é devido o segrêdo
A's Damas, muito máis quando são Deosas.
Em mim, com máis resérva;
Que houve d'ella promessa de inda dar-me
De amor um ramilhête;
Antes que me armem de bordão os annos.

SONETO

DEPOIS DE CERTA AUSENCIA

DA SNRA. D. M. J. R. D.

Marcia ! Marcia ! Meu Bem ! Que grossa enchente
De prazêres pela alma se me espalha !
Oh , como ao ver-te , fóge , e se transmalha
Dos pezares o turvo bando ingente !
Não sou em mim.. A alvoroçada mente
Soltar-se emprende , e a ti voar trabalha.
Acóde o Amor : no coração entalha
Vindouros gôstos c'o farpão ardente.
Hei-de ser mais feliz. Sôpro divino
A idéia arrebatada me bafêja....
Já ouço a voz do Oráculo benigno :
« Terás Marcia , a pezar do Ciûme e Invéja ;
» Gozarás de seu peito alabastrino.
» Tens Deos Amor nos Céos , que te protêja.

ODE (*).

— — — Nil sine magno
Vita labore dedit mortalibus.
HORAT. *Satyr*. 9. *Lib*. 1.

DA' de mão á preguiça lisonjeira,
Lança-a ao longe de ti; que não se alcanção
Os segrêdos das Musas, sem fadigas,
Sem indeféſso estudo.
O'lha-as no cimo d'ìngremes montanhas,
Applicadas ás Artes ingenhosas;
E em tôrno em seus aſsentos merecidos
Os cuidadosos Vates.
O'lha a rama vivaz, que a frente cinge
De Camões sublimado e sonorôso:
Vê como Adamastor desmesurado,
Para elle se debruça;
E ao largo da alta espádua lhe dá móstra
Do honrado Cavalleiro, e gentil Dama,
Que vio morrer de fome os filhos caros,
Nas ardentes areias.
Lá, junto áquélla fonte dos Amôres.
O'lha as Nymphas do Munda; inda orvalhadas
As faces tem das lágrimas sentidas,

(1) Ao Snr. Ag. Routiez, que traduzia Camões.

Que por Inez vertêrão.

Não o ouves tu, na Lyra resonnante
Cantar do Gama os ìmprobos trabalhos,
Que as portas da Asia, superando riscos,
Se abrio ousado e forte?

Lá vai surcando os mares do Oriente,
No nadante baixél empavezado
Tremóla as Quinas Lusas vencedoras
Junto aos bêrços da Aurora.

Cheio o peito de incógnitos segrêdos,
Eis sólta as vélas, fita em Lysia os ólhos,
Os ólhos satisfeitos, com que vìra
As Îndicas Nerćias.

Esperado da bella Protectôra,
E das Nymphas, que Amor feridas tinha,
Os Amôres lhe acênão; e os Prazêres
Lhe estão abrindo os braços.

A virtude érgue o prémio refulgente
Além de longas métas arriscadas;
Péde affrontados mêdos, péde p'rigos,
Aos que a arrancâ-lo córrem.

Mas lógo que vencidas as fadigas
Sobrepuja o valor, lá está àssomada
A Fama, que apregôa a merecida
Bem conquistada glória.

Ouviste o Canto? — Eis co'a guerreira dextra
A's escabrosas fragas te convìda:
Eis te aponta a veréda inda trilhada
De seus pés resolutos.

» Vem escutar-me, vem (te diz benigno)
» Sé da Poesìa os penetráes vedados
» Quéres investìgar no almo Congresso
» Dos immortáes Cantôres.

» Rompe com passo ardîdo a encósta dura
» Esmága espinhos, desmaranha balsas :
» Filinto, a quem fiz cérto o meu designio
» Te esforçará os passos.

TRADUCTION DE L'ODE

DA' DE MÃO A' PREGUIÇA LISONJEIRA.

Repousse loin de toi la paresse flatteuse ;
Les doctes secrets des Neuf-Sœurs
Sont le pénible fruit des constantes sueurs
D'une carrière studieuse.

Vois-les sur le sommet de la double colline
Cultiver les arts libéraux ;
Des Poètes, aux rangs marqués par leurs travaux,
Contemple la troupe divine.

Vois du grand Camoëns la glorieuse tête
Ceinte de lauriers florissants ;
L'énorme Adamastor fléchi par ses accents,
De son front calmer la tempête.

Dans les sables brûlants il lui fait voir les restes
De ce couple d'infortunés
Dont les fils, par la faim, sous leurs yeux consternés,
Ont fini leurs destins funestes.

Non loin de cette source aux amours consacrée
Vois les nymphes du Mondégo,
Mêlant encor des pleurs au cristal de son eau
Pour cette Inès tant adorée.

Eh ! ne l'entends-tu pas célébrer sur sa lyre
L'inébranlable fermeté
De ce hardi Gama qui, sur les mers porté,
Conquit l'Asiatique empire ?

Le voilà d'Orient foulant les vastes ondes
Sur son vaisseau triomphateur :
Des lieux où naît le jour, son pavillon vainqueur
Fait trembler les plaines profondes.

Plein de vastes projèts, aux campagnes liquides,
Des vents invoquant le pouvoir,
Content, il fuit nos bords de l'œil dont il va voir
Les indiennes Néréides.

Vénus, déjà Vénus, ses nymphes protectrices
Brûlent pour lui de vifs désirs :
Les Amours caressans, les folâtres Plaisirs
A ses vœux se montrent propices.

La Vertu montre au loin la brillante couronne
Par-de-là les monts sourcilleux ;
Elle veut des périls, des exploits merveilleux
De ceux à qui sa main la donne.

Mais dès que la valeur des mains de la victoire
Voit ceindre son front radieux
La renommée alors paraît planant aux cieux
Et proclame une juste gloire.

Sont chant t'a-t-il frappé ? — Vois, de sa main guerrière
Il te fait signe de gravir ;

Il te montre aux sentiers que tu dois parcourir
Ses pas empreints sur la poussière.

« Viens m'entendre, dit-il, viens, si ton cœur désire
» Pénétrer l'art mystérieux
» Du langage divin qu'en cercle glorieux
» Parlent les maîtres de la lyre.

» Viens d'une main hardie écarter la barrière;
» Viens fouler le sol épineux :
» De mon projet instruit, Filintè officieux
» Te soutiendra dans la carrière. »

LYRAS.

1.

Flores, ás alcatifas de verdura,
Quando o Orbe regenéra
A alégre Primavéra,
Vós dáes a ricca, a airosa bordadura.

2.

Com que deleite me encantáes a vista!
Quanto me é grato agóra
Soltar o extrêmo embóra
Ao frio, á néve da estação mal-quista!

3.

Vós, Flores, descahis do mólle seio
De Venus, quando passa
C'os Amores, e enlaça
Na dansa as Graças, com festivo enleio.

4.

No matiz se apurou a Natureza,
Pondo as côres máis finas:
Das térras peregrinas
Vos colheo o perfume que máis préza.

5.

Os Zéphyros nas azas delicadas
O bafêjo odoroso
Por tributo donoso,
Lévão com gôsto ás Célicas pousadas.

EPIGRAMMA.

Caiu doente. — Eis vem Médico douto,
Que discorre tres horas muito affouto,
No nôme que á molestia Autores dão.
« Curou-vos? » (perguntáes) » Senhores, não. »

ODE

A' ILL^ma^. E EX.C^ma^. SNR^a^.

D. ANNA APOLLONIA DE VILHENA ABREU SOARES.

——— D'alti pensieri e regi,
D'alta beltà, ma sua beltà non cura,
O tanto sol, quanto honestà se'n fregi.
Tasso *nella Jerusal. Cant. est.* 54.

NÃo te assombre de longe a mão da Idade,
Que da viçosa face as rósas murche,
Nem que o mimoso rutilante lume
Dos ólhos te amorteça.
Sustos são, que prender em Ti lhes néga
O respeitando acêno do alto Nume,
Que nas azas do Tempo tem imperio.
Zômba da sua fouce.
Que assim zombou Ninon (1) sempre formosa
Em quem quatorze lustros não podérão
Marcar a belleza; e que acceitava

(1) Vid. Lettres de Ninon de l'Enclos au marq. de Sévigné.

Galans , rendidos vótos.
Quando foi que as Virtudes , os Talentos ,
Que o Mimo , e a Graça não sobrevivêrão
A' caduca illusão da formosura ,
Gábo de poucos dias (1) ?
Não são vélhas as Musas , nem descêrão ,
Depois de tanto século , um só ponto
De valîa c'os sabios. O teu Nome
A' Eternidade o mando ;
Qual já mandei de Marcia , e de Delmira ,
Ternissima saudade , amor sem mancha ,
Gratidão da máis sólida amisade ,
Envôltas em meus versos.
Em quanto à lyra de Camões sublime
Soar pelo Universo , irão do Alumno (2)
Os números , seguindo-lhe os vestigios ,
A' sombra do seu Flacco.

---

(1) Anceps, forma, bonum mortalibus exigui donum breve temporis. Senec. *Hyppolit. Act.* 3.

(2) Parecerá muita presumpção : mas entendamo-nos. Eu não me dou por igual a Camões (*Vade rétro vaídade!*) Digo sómente , que quem entender a lingua em que fallou Camões , quererá por curiosidade ver outros Poétas máis; verá Ferreira , verá Bernardes; verá tambem Elpino , Coridon , Alfeno, e talvez Filinto. E muito principalmente se lhe dissessem que Filinto foi o Alumno máis adorador que Camões teve n'estas éras.

SONETO (1).

Quem vio, do Téjo erguer-se um fumo brando
Com visos de alva cassa transparente;
Córar-se ao Sól roxeando no Oriente,
Entre néve e carmim luzes cambiando:
Quem vio este vapor ir-se moldando
Em mil fórmas, de aspécto differente;
Quàl, nas fórmas, crystal resplandecente
Vai diversas effigies acceitando:
Se acaso vio fingir-se a névoa pura
N'alvos membros de Dama delicada,
Talhados pela mão da Formosura,
Vio em tòsco uma cópia debuxada
D'aquella, em que empreguei toda a ternura,
Do meu Bem, minha Marcia tanto amada.

---

(1) Uma manhãa de Julho, que me puz á janella, na Ribeira das Náos, vinha-se erguendo o sól tão córado, e dava táes vislumbres aos novelinhos de névoa que se despegavão do Téjo, que se me affigurou o que diz o Soneto.

SACRIFICIO

A BACCHO.

Almo senhor das pampinosas vinhas,
Baccho, Rei da Alegrìa galhofeira,
Lá deixo aos pés da divinal parreira
Quebradas, as do Amor, fléchas daninhas.
Escravo fugidìo,
Seu jugo sacodì,
E me entreguei a Ti,
Deos contente, vermêlho e luzidìo.
Por próva de que venho bom vassallo
Seguir teu estendarte,
De Nise os mimos, feitos com tanta arte
Já me não dão abalo:
Honte' os escriptos da fiél Delmira
Queimei em voraz fôgo;
E a Chloris mandei lógo
Seu retrato, que finge que respira.
Só conservo um annel da loura Oláia
Fino, —e de boa láia;
Que á manhãa, se risonho, oh Baccho, me ólhas
Vendo, por me prover d'um sacca-rôlhas.

ODE.

AEtas parentum pejor avis, tulit
Nos nequiores, mox daturos
Progeniem vitiosiorem.
Horat. *Lib.* 3. *Od.* 3.

Vai o Mundo a peior, Amigo calvo;
Tudo se abastardêa, e degenéra:
Miseros homens, vindos em má quadra,
Sômos os homens de hoje.
Os séc'los tão gabados de Innocencia,
De candura, e de amor, séculos de ouro
São para nós de bronze, e férro duro;
De barro para muitos.
Ha trinta annos as Môças c'os Rapazes
Brincávão sem malicia; hoje as Crianças
Namórão já do berço, (1) e inda promettem
Máis protérva relé.
No tempo antigo as Damas das novéllas
Erão de ouro, de pérlas, de alabastro,
Todas rubîs, e rósas, e açucenas;
Hoje — são de ôsso e carne.
Erão meigas, fiéis, erão cortêzes
A's prendas, ao valor, ao bom ensino:

(1) — — — — — — Amores
De tenero meditatur ungui.
Horat.

Hoje, ariscas a tudo, só se ameigão
Com redondos dobrões.
A valentia, a robustez, a força,
Cáro presente de almas cabelludas, (1)
Pouco a pouco affrouxou; perdeo-se a barba
C'o rapar dos barbeiros.
Roldão, que os Mandricardos, Rodomontes,
Vestidos de armas finas alanhava;
Que enfiava dez homens n'uma lança;
Hoje — traria róca.
Dom Quichotte, que outróra, destemido
Investîa descomunháes Gigantes,
Malandrinos foliões, azenhas de agua,
Hoje fôra um Marîcas.
Ah tempo, tempo! em que um Fidalgo nosso
C'um gólpe da catâna abria um Touro,
E c'o resto do gólpe a sepultura!
Que o fizésse alguem hoje!
Erão hómens de barbas té á cinta,
De retorcidos, ásperos bigódes,
Não barbîcas de agóra, amoladinhos,
Tres-calando pivêtes.
O Cónego Bernardes, que brincando,
Fez duzentas outavas (2) de repente,
A' Lua cheia; não faria agóra
Uma tróva sequér.
O Capucho Macêdo, (3) insigne lauro

---

(1) Do Marquez de Pombal dizião os praguentos, que tinha cabêllos no coração.

(2) Teve elle a bondade de m'as lêr, e eu a de as ouvir.

(3) Leião o *Journal de Paris* de 20 de Outubro de 1783, ou a Chrónica dos Capuchos da Soledade.

Do Délphico furor versi-potente,
Que da Poesìa navegava o gòlphão
Com infunadas vélas,
Abarrotando o mundo de Poèmas,
As Odes, e Elegìas desunhava,
Nádava em Epigrammas, e Epitaphios; (1)
Hoje daria em sêcco.
É o que eu digo. O sec'los empeiorão.
Vai tudo a menos. Todo o bom se acaba.
Formosura, valor, talentos férteis
C'os bons vélhos morrêrão.
E eu ando, Amigo, ha tempos esquécidos
Forjando uns versos, que mandar-te póssa
Em trôco de Soneto das *Lampreias*,
E não me occórre nada.
Ingenha idéia um verso. — Mètto-o á fórja:
Ou lá rebenta, ou na bigórna estála:
E se dallì sáhe são; quando o mal-cuido,
Fálha ao córrer-lhe a lima.
Mas quem vejo eu entrar com gran sotâna,
Barba espêssa, cortada á Fernandina,
Carregado de tômos, grandes, gróssos
De lêttra miùda e céga?
Eu sou Tostado (2) (diz) venho animar-te.

---

(1) Fr. Francisco de Sto. Augustinho Macêdo, natural de Coimbra, que além das conclusões de *omni scibili* (cousa profundissimamente stupendissima) e mil differentes producções em prósa, que honrão a Seráphica, compôz 48 Poèmas-Épicos, 113 Elegìas, 115 Epitaphios, 2600 Poèmas heróicos, 110 Odes: 300 Epigrammas, 4 Comedias latinas, e máis de 1,500,000 versos a differentes assumptos. — *Journal de Paris*. (ibi).

(2) Delle se disse.

» Tens mêdo de escrever ? Põe cá os olhos.
» Vês esta livraria ? É toda minha ;
» Anda toda em meu nome.
» Sábes tu, que estes grandes volumaços
» Fizérão tanta bulha n'este mundo,
» Que de grande Escriptor o illustre nome
» Me assoalhou a Fama !
» E como os compuz eu ? — Aprende, aprende.
» Abrindo muito livro desleixado,
» Tirando d'um e d'outro ; e com caseiras
» Linhas sirzindo tudo.
» Enche de citações os teus escriptos,
» Se escrever muito, a pouco custo, queres :
» Traslada d'um Autor laudas inteiras,
» D'outro furta as idéias.
» Inda agóra vóssês tem mais soccórros
» Que eu tinha no meu tempo : tem Moréri,
» Tem Berlink (1), e mil outros Diccionarios,
» Valhacoutos de néscios.
» Tambem, para o que digo, é são conselho
» Torcer as guardas ao que bons dissérão.
» Ou já dizer bem d'um, já malhar n'outro : —
» Com razão. — ou sem ella.
» Os hómens não são grandes, por ser grandes ;
» Mas sim por que soubérão bem fingî-lo.
» Quantos jázem no pó, que sós merecem
» Os louros que outros roubão !
» Tóma estes meus avisos ; serás grande :
» Que eu fui-o assim tambem, e mil o fôrão

Hic stupor est mundi, qui scibile discutit omne.

(1) *Theatrum mundi.*

» Que hoje estão em famósas companhias
» Logrando honras de sabios.
» Nem cuides em compor invenções nóvas :
» Que *nil sub sole novum* (1) diz o adagio ;
» E ao fôgo , máis que á luz vão cértas obras
» De odiosa novidade.
Assim disse com voz doutôra e cheia ;
Olhou-me c'um tregeito compassivo ;
E mal que os livros arrumou nos hombros ,
Traçou a lôba , e foi-se.
Elle bem me animou ; mas eu não pósso
O alheio dar por meu. Não sou Tostado ;
Nem blazôno deixar para as estantes
Gigantes de retalhos.

---

(2) Muito tempo ha que ouço gritar Criticos (que não escrevem) que nada se diz hoje que novo séja, nem em prósa nem em verso : e esses Criticos são os principáes a quem essa desgraça acontece. Quantos Autores antigos estimados então e agóra , copiárão de outros o que hoje nelles lêmos ? Não é unico no seu género moderno La Fontaine , que em suas obras não pôz de sua casa máis que as linhas e o feitio ! Tão ténue glória lhe cabe ao escriptor contemporaneo nosso que dá nóvo traje elegante e airoso á idéia que lhe veio de outrem , talvez mal-amanhada ? E eu acho que val máis dizer com graça cousas já dittas , que dizer cousas nóvas com sem-saboria,

Qu'est ce qu'une pensée neuve , brillante , extraordinaire ? Ce n'est point , comme se le persuadent les ignorans , une pensée que personne n'a jamais eue , ni dû avoir ; c'est au contraire une pensée qui a dû venir à tout le monde , et que quelqu'un s'avise le premier d'exprimer. Un bon mot n'est bon mot qu'en ce qu'il dit une chose que chacun pensait , et qu'il l'a dit d'une manière vive , fine et nouvelle.

BOILEAU, dans la préface.

SONETO.

NOS ANNOS

DA SENHORA D. M. R. DE A. E S.

MOTTE.

Causando ao Filho amor, á Mãe invéja.

GLOSA.

Venus o livro abrio do Fado, um dia,
Por ver se inda outro Anchises a esperava:
E ao collo o Filho pérfido (1) espreitava
Se inda em Jóve outra sétta empregaria.
Quando em meio o volume revolvia,
Com este acérbo oráculo acertava:
» Nas térras, nascerá, que o Téjo lava,
» Nympha, que a Venus roube a Primazîa:
» Que os altáres, em que hoje o mundo a adora,
» Derribe, e aos pés rendido o Filho veja,
» Algemado por mãos da Vencedora...
Cumprio-se o Fado. O mundo a mão vos beija
No dia, em que nasceis, e estáes, Senhora,
Causando ao Filho amor, á Mãe invéja.

(1) Perfidum ridens.

CONTO.

Um sancto Cura, em mui solemne dia
Com voz clara o Te-deum garganteava
Repousado: outro verso lh'o alternava
Com pastrana, devota gritaria
O rebanho, que a Igrêja e o adro enchîa.
Por fado máo do Cura, um doudo estava
Junto delle; e que muito a mal tomava
A chorùda algazarra estrepitosa.
Vai-se ao Cura, desanda a mão nervosa;
E c'um bom bofetão lhe cóbre o rôsto;
Dizendo zombeteiro e descomposto:
» Soube-te bem o coscorrão, meu ricco
» Alv'rotador do Pôvo! léva a esmóla.
» Se tu não começáras a Charola,
» Toda esta Córja não abrìra bico. »

ENIGMA.

Os hómens e animáes, valles e montes
Envôlvo no meu manto, e não me sentem:
Por séculos perennes me consentem
Mui largo imperio n'esses horisontes.
Eu sou a Mãe da Noite atraiçoada;
E quér-me a Mórte companheira sua,

Como ella á formosura sou malvada,
E apágo quanto aclara o sól e a lua.
Se a lua tem do sól a luz devida,
Elle guerra comigo traz renhida:
E o sol que tudo vê não póde ver-me,
Que ante elle mesmo, eu sei delle esconder-me.

O D E.

Dans des tourmens cruels voir languir ce qu'on aime,
C'est sentir mille fois les coups affreux du sort :
Dieux, qui d'un œil serein voyez ma peine extrême,
Secourez mon Iris, ou donnez-moi la mort.

ROUTIEZ.

QUANDO a Fortuna, de inconstante aviso,
Encetou com desgraças
O varão que não veio humilde, abjecto
Adorar o seu Nume,
Na refalsada Côrte, ou ante os cóffres
Chapeados de Pluto;
Levando avante, o seu empenho, e acinte,
Maléfica lhe embórca
Sobre a cabêça a mágoas devotada,
Toda a Urna infelice,
Que Jóve encheo cholérico co'as penas
De atormentado inférno.
Dos hombros do Varão constante e justo
Resválão debruçadas

Pèrdas de bens, deshonras mal-soffridas

A lhe afferrar o peito

Co'as garras affaimadas da probreza;

Lógo os tristes Pezares

Em tôrno ao coração serpeião, mórdem,

Trajando a rôjo lutos.

Vem a má nóva, de agouradas fallas,

Que se compõe sequéla

De tibiezas, senões, des-confianças,

Desamparo de amigos.

A Doença, com mão finada abrange

Os fatigados membros,

E no âmago do peito as amarguras

Vão assentar morada.

Com índice maligno a Providencia

Lhe aponta no futuro,

Em nebuloso quadro hórridas fórmas

De sinistros succéssos.

Quem não quizéra, com melhor semblante

Despedir-se do dia,

E fraudar, com as sombras do jazîgo,

Do Fado os ameaços?

Qual é a alma tão fórte, que resista

Aos prantos d'uma Amante

Ingénua, comedida, affável, térna,

Que, nos braços da Angustia,

Implóra com os ólhos arrazados

De lágrimas mimósas,

Arredado soccôrro, e este lh'o embarga

A's despresadas pórtas

O agudo rôsto da Miséria esquiva!

Amigos insensiveis

Vêde, que é óbra vóssa este rascunho

Das penas de Filinto :
O'bra vóssa , que o dáes ao desamparo
Com culpado descuido.

EPIGRAMMA.

Eu lìa a um grão Doutor
De gôrda catadura
Do sublime Camões a rima pura
Do nunca assaz louvado Adamastor.
Quando máis enlevado
Em seu canto divino
Ameigo a voz , e em brando tom a affino
Para lhe lêr Inez , e seus amores,
E sua injusta mórte , injustas dores ;
Ouço o Doutor roncar alto e rasgado ;
Então o abalo , e grito-lhe enfadado :
» Doutor , Doutor , desperta
» Que Phébo quiz que o Vate
» Neste almo Canto ao Pindo se arrebate ,
» E de Hypocrêne a fonte tenha aberta. »
— Que inuteis , que perdidas
— (Diz-me o Doutor) comigo táes razões !
— Prefiro o meu Ulino ao teu Camões. —
Diz-me : e torna a roncar o nôvo Midas.

SAUDADE EXTRÊMA.

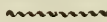
1.

Gentil Rôla, que sobre o ramo sêcco,
D'esse viúvo freixo, brandas queixas
Espalhas toda a noite, e escutas o éccho
Repetir-te mavioso, iguáes endêchas :

2.

Não chóres. Ouve o meu saudoso canto,
Que excéde quanta mágoa arrója a sorte :
Ninguem, como eu padéce extrêmo tanto,
Que a ninguem roubou tanto a crua Mórte.

3.

Tu viste Marcia : a Marcia, oh Rôla, ouviste.
Quanta belleza, oh Céos! quanta doçura!
Tem coração de bronze quem resiste
A' dôr de a vèr no horror da sepultura.

4.

Tu pódes ter formósa companhia
Térna e fiél. Filinto desgraçado
Té perdeo a sperança lisonjeira
De achar Marcia em transumpto inanimado.

SONETO

TRADUZIDO.

QUANDO Adão vio chegar Eva formosa,
Para elle obrada pela mão divina,
Grande amor lhe tomou; e a tal Menina
Não lhe foi (inda bem) descarinhosa.
Adão, unico home' (a Deos graças) góza
Mulhér que não dá zêlos, mulhér dina.
Como não fôra essa Eva amante e fina,
Se do homem só que havîa ella era Espôsa!
Eu não sei se na conta vou errado.
Seja robusto Adão, de idade inteira,
Corpo gentil, juîzo delicado: —
Que Eva o Diábo vio, e creo asneira,
Não lhe ouvir lérias, não o ter ao lado,
Ser mulhér, e não ser namoradeira.

O D E.

Chi sperar poteva il sole,
Quando l'alba procellosa
Questo giorno partori.

METASTAS.

O Lavrador que rasga á terra ingrata
    As aváras entranhas;
A quem fallaz seára mal-responde
    Com mesquinha colheita,
(A'vida mira dos filhinhos rôtos,
    Da espôsa enfraquecida)
Não manda aos Céos máis graças, se co'a rélha
    Quebrou a tálha de ouro,
Por fugitivo Mouro (1) allì guardada,
    Do que eu vi a Alegrìa
Brotar do seio de tão feias nuvens,
    Que pesando no peito,
De apêrto, aos ólhos, lágrimas forçávão.

(1) Crêrão nóssas Avós que appressados os Mouros a sahir de Portugal, enterrárão seus thesouros; hoje rondão seus mânes, pelos jazìgos d'aquellas talhas, em figura de vélhas, outras vèzes de douradas cóbras, que com assobìos e gaifonas, engódão os intrépidos a certas condescendencias, prêço do thesouro que promettem descobrir-lhe.

Embóra exulte e côrra
Beijar a terra o Náuta descórado,
Que na brusca tormenta
Zunir os ventos, fuzilar os raios
Vio sôbre as ondas vêrdes,
Que fendidas, o náufrago navio
Bateo co' a quilha a areia.
Eu, que outro Sól não vêjo, outra bonança,
Que do rôsto formôso
De Marcia me não venha, única Venus
Que as tormentas serêna
N'esta minha alma erguidas, por ausencias,
Por ásperos ciúmes,
Maiór prazer senti, que o Navegante.
Elle só perde a vida
E as perigosas, pállidas riquezas:
Mas que é o ouro, — e a vida
A quem pérde um mimoso olhar de Marcia?
O Réo, que vem subindo
Trémulo a escada, a ouvir lêr a sentença,
E em vêz da mórte infame
Se lhe intìma o perdão, com a soltura;
Ou quem anciado arquêja
C'o a afflicta carga d'um funesto sônho,
Por bandoleiros duros
Sente romper o peito espavorido,
Entrar a frìa adaga,
As desmaiadas carnes descozendo-lhe, —
Que a espôsa condoîda
Accórda; elle descansa acariciado
Nos braços da Consorte,
Entre beijos de amor com laço estreito:
Não se dêm por felizes

Se ousão comigo pleitear ventura.
Foi mais vivo o meu jùbilo
Que vi a Marcia, longo tempo ausente,
E a vi, quando perdida
Tinha esperança de tornar a vê-la.
Tive em meus braços Marcia,
Quando ìa só verter saudoso pranto
Ao tristissimo sitio,
Que vio nossa penosa despedida.
Os áres, que enlutados
Ameaçávão lùgubres chuveiros,
De novo o azul vestìrão
C'um gracioso olhar (1) da alégre Marcia.
Os campos se toucárão
De nóvas flores, e de gòsto rìrão :
O sól, que se ìa pondo,
Nunca de nós se foi com máis saudade.
Marcia, querida Marcia
Que prazer que gozámos ! que ternuras !
Depois de tantas mágoas ! —
Ditoso padecer ! mágoas ditósas,
Que táes gôstos rendêrão !

---

(1) Vultu, qüo Cœlum tempestatesque serenat. Virg.

SONETO.

« Escréve. (Amor me diz com tom sevéro.)
» Filinto, escréve os versos magoados,
» Com que ao som de teus férros namorados
» Teu canto me insultou de ìmprobo e féro.
» São arrôjos d'um animo sincéro
» Teus insultos, em tanta dôr gerados.
» Dos cordões d'uma aljava pendurados,
» Por monumento no meu Templo os quéro.
» Conta as minhas façanhas sanguinosas,
» Meu facho invicto, e as de encantado gume
» Certeiras fléchas, de ferir sequiosas.
» Leião *Feréza*, *Ingratidão*, *Ciúme*
» Meus escravos, nas folhas lastimósas;
» Adórem, têmão meu tremendo Nume. »

ORIGEM

DA

MALVASIA.

D'um bacêllo, que fructo inda não dava
Fazîa Baccho, um dia, alta resenha;
Aquì cortava os gômmos abrolhados,
Allì expunha a vara ao sól benigno,

Torcìa a parra a dar geitósa sombra
Ao pimpôlho abrazado... Em táes disvéllos,
Eis d'um basto rosal emmaranhado,
No alcance d'uma Nympha, sáe Cupido;
E vê Baccho, no ardor de seus amanhos;
Diz entre si, surrindo: « Triste Nume,
» Que a divindade estragas em táes lidas;
» Esta sétta a gozar do O'cio te ensine. »
Junta os córnos cruéis da eburnea lùa,
Despéde a fárpa (á Nympha antes dispósta)
E no âmago do peito a Baccho a embébe.
Baccho, que não temèra o bando inteiro
Dos Gigantes, (1) trepando monte a monte,
Antes duro, co'as unhas, co'a queixada
Do leão ruivo, derribára a Rhéco...
Baccho tremeo c'o desalmado gólpe,
Perdeo inteiro a vista; o immenso côrpo
Vergou, cahio, medio o chão c'os membros.
Co'a rija quéda, da ferida crúa
Gólfa a espadana do Celeste sangue,
Que as cêpas réga em cálido ribeiro.—
Baccho de dòr, de pèjo se lastìma,
E enche os áres de prantos despeitósos.
« Érgue-te, (Amor lhe diz, surrindo iniquo)
» Domador de Leões, de irósos Tigres;
» Deos invencivel, triumphador das Indias.
» Deos generoso, que trouxéste aos homens

---

(1) Tu, cum parentis regna per arduum
Cohors gigantûm scanderet impia,
Rhecum retorsisti leonis
Unguibus, horribili que malâ.

HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 16.

» O segrêdo do néctar, dado aos Numes
» Érgue-te; e vem prestár a vassallagem
» A Amor, que te venceo. Largo e profundo
» O farpão te fará de mim lembrado. »
E nisto vôa, e fende o Céo abérto
Com descuidadas azas, logrativo.
As cêpas que bebêrão do divino
Sangue de Bacchó, sùbito perdêrão
Quanto acérbo nas veias lhe corria,
De tão mellifluo humor alimentadas.
Dos gômmos de tal vinha á Grécia vindos
Nasceo a Malvasîa; que graciosa
Não desdenhou as terras da Madeira;
E inda cedeo doçuras de seus fructos
A' feliz Carcavéllos, e Setúbal,
Que o Celeste sabor inda conservão
Do sangue divinal que em si tomárão.

MADRIGAL.

O Deos Amor, por se vingar um dia
D'uns açoites que a Mãe lhe deo, raivósos,
Na mente revolvîa
Projectos acintosos.
« Buscar-lhe-hei novo Adonis?.. novo Anchises?..
» (Diz comsigo) Não cáio n'essa chança.
» Finura é de aprendizes
» Dar-lhe, por me vingar, nóva folgança.
» Melhor!... Melhor!.. Com rêde

» Nóva , em braços de Marte , o Olympo inteiro....
» Mas Venus , n'um terreiro ,
» Córa ella máis se a vêm , — se a vêm na alcôva! »
Depois de ter projectos mil traçado ,
Desfechou em lhe dar ciúme activo.
Formou Marcia máis bella ; e nella aò vivo
Debuxou das tres Graças o traslado.

O D E.

Em 23 de Dezembro de 1760, dia dos meus annos.

O rus , quando ego te aspiciam ! quandoque licebit
Nunc veterum libris , nunc somno et inertibus horis
Ducere sollicitæ jucunda oblivia vitæ.

HORAT. *Lib.* 2. *Sat.* 6.

Hoc erat in votis.

1.

CÉos , que tirastes do encobérto Nada
O fio de que a vida me tecêstes ,
Bordada longe em longe
De murchas alegrias ;
Mas o razo tingido de desgôstos
Na verdenegra escuma do Odio e Invéja.

2.

Sem vos pedir a luz do ignóto dia, (1)
Que mal commetter pude não-nascido,
Para atiçar os fáchos
De precóce vingança;
E na carreira da immatura Idade,
O meu castigo anteceder a culpa!

3.

Se a mim, que não a vós, coubéra em sorte
Traçar da minha vida o cheio quadro;
Qual serpeia o regato
Com socegada veia,
Entre esmaltados prados saùdosos;
Brandos, contentes annos deslizára.

4.

Longe dos montes da Ambição altiva,
N'um abatido valle, a humilde chóça
Porìa, em salvo ampáro
Das vîboras da Invéja,
Abrigo do Prazer, do Riso honésto,
Da virtude, e das Graças innocentes.

5.

C'uma lyra nas mãos, ás Musas cáro,
Na beira d'uma fonte crystallina,
Que salpicca de aljôfar
O serpão, o tomilho,
A' sombra d'um verde álamo frondoso

---

(1) *Feliciorem.... judicavi qui nondum natus est, nec vidit mala quæ sùb sole fiunt.* Ecclesiastæ. Cap. 4.

Saudarìa a nóva Primavéra.

6.

A singélla Canção enfeitaria
Co' as flores do saber, que em annos tenros
Me espalhou pelo seio
A cândida Natura,
De Minerva os preceitos espinhosos
Ameigando com plácido carinho.

7.

Sem cuidar d'onde os mármores me venhão
Para invejandos pórticos, nem Cédros
De etérna construcţura,
Me darei por contente
Com chôpos, que sustentem póbre côlmo
Domicilio de mim perecedouro.

8.

D'onde, sem atezar cordél tedioso (1)
Porei a meu prazer de estrême frucťa
Os sabòrósos troncos :
E os seus córados pêsos,
Dos ólhos alegrìa, e não-custoso
Regalo meu, dos hóspedes regalo.

---

(1) Où tout s'aligne au cordeau,
De la froide symétrie
Ou de l'ennuyeux niveau.

Grécourt.

Grove nods a grove, each alley as a brother.

Pope.

9.

Plantando outróra co' a contente dextra,
Loura vinha, á visita inopinada,
Ao festival encontro
Do suspirado Amigo;
Ora um rosal, votado aô riso meigo
Do applacado ciûme de Marfisa.

10.

Allì alto Pinheiro, pouso de A'guias,
Sagrado ás nótas da vivaz Lembrança
Do quebrado Infortunio:
Lá tremedoras Fáias
(De Tytiro feliz augusta sombra) (1)
Devida offrenda ás Campesinas Musas. —

11.

Crião Augustos immortáes Virgílios,
Ingenhos claros de óptimos Horacios
Com meigo olhar favónio
De sábia Majestade;
E os que ignótos sorvêra a Styge escura
Nóbres, e longe d'ella, ao Céo remontão.

12.

Filinto os bens perdeo. Filinto triste,
Que não achou Mecênas, que de Augusto

---

(1) Tityre, tu patulæ recubans sub tegmine fagi.
VIRG.

O ouvido lhe inclinasse !
Triste , infeliz Filinto
Tórna a teu sônho , tórna a teu desejo ,
E em sônho espéra só de ser ditoso.

13.

Hespérido vergel de pômos de ouro ,
Reluzindo entre vêrdes lizas folhas ,
Déra cheiroso circo
A' Státua da Amizade ,
Tão formosa , tão rára , tão ingénua ,
Como em meu peito , seu sacrario , assìste.

14.

De Carvalhos civìs uma lamêda
Cortarìa alterósa a ampla Campina
Em desparzidas álas :
Etérno monumento
Do salvo Cidadão ; e honrados Nômes ,
Que um bósque historiado compozessem.

15.

Onde eu , quando máis alto o ardor da sésta
Encálma os gados , e emmudéce os campos ,
Explicasse os segrêdos
D'aquelles caros nômes
Conversando co'as vêrdes Hamadrias ,
Depositarias de ìntimos successos.

16.

Allì fôra meu gôsto recostar-me
Ao som de buliçósas avelleiras ,

Mollemente pousando
Na esquêrda a face, e ir lendo
Vêrdes padrões de máis alégres dias,
Póstos por minhas mãos, por mim gravados.

17.

Sobre tapêtes de macia grâma
Que Philósopho (1) Plátano ensombrasse,
Com folhage hospedeira
Os ramos entrançando
C'o vizinho Pereiro, que defronte
Lida por descansar sobre elle os fructos;

18.

Quando, por entre os dous amigos troncos
Passeia, costeando-lhe as raîzes
O chocalheiro arroio,
Que das musgosas róchas
A espadana orvalhósa desentála,
Argentada de bôlhas correntîas.

19.

Saûdosa Campina, qual na mente
Agora te debuxo, tu só fôras
Alvo de invéjas minhas;
Aos troncos teus atada
Me tens a ambição da alma; a minha vista
Fêz ponte, em ti cravada, a meus desejos.

---

(1) Cicero. Lib. 1. de Oratore, sub initium.

20.

Se qual te sônho, com clareza eu visse
Nas ennubladas folhas do Futuro
Augusta Divindade
Des-ferrolhando as portas
Do desabrido cárcere, onde jázem
Castigados meus bens tão innocentes! —

21.

Deliro?.. Ou lá co'a dextra um Deos me aponta,
Rôto o seio dos escondidos Fados?,,
Os sùpplices joêlhos
Dobrando respeitoso
Homem humano ao Thrôno envia rógos
A' Clemente Raînha Lusitana!..

22.

Já piza aos pés o céllo da Calúmnia:
Diz aos meus bens: « Surgi. » — Eis surgem fóra. —
Já rasgos de ventura
Vão lavrando na têa
Dos annos de Filinto agradecido
Vivo matiz de generosas flôres.

23.

Se os dôze lustros meus erguer-se pódem
D'este cargo de mágoas, de pobrezas;
E as correntes quebradas
Dos pulsos sacudindo,
Pódem ver de Alegrìa a loura face....
Vivirei longos annos n'um só dia.

24.

Na Lyra affeita a prantos e pezares
De amargo lutto ha muito remontada ;
E que os festivos métros
Desaprendeo gemente ,
Despirei a voz triste ; e em córdas de ouro ,
A vir de novo , chamarei os Hymnos.

25.

Da Augusta mão , do mavioso peito
Um bálsamo virá , com que eu ainda ,
N'essas inértes horas
De recobrado somno
Cobrirei de jucundo esquécimento
As cicatrices dos rasgados gólpes.

26.

Ah ! quão tardío ! — Que a rugósa dextra
Da pesada Velhice já na fronte
Me gravou seus ferrêtes ,
E com pungentes dôres
A Gôtta me agrilhôa , e me atravéssa
Os pés que anhélão por corrêr á Pátria.

27.

Como súbito accende árduo Desejo
O spr'ito alvoroçado de speranças !
Já ponho á-quem os máres :
Saûdo a foz do rîo ,
Que ora alégre , quão triste á despedida ,
Chama ás Nymphas , e os braços me offerece.

28.

Verei os meus Penates tão queridos,
A areia beijarei do Téjo ovante,
E saudando as Musas,
Que infante me embalárão,
Com divinas Canções, no chão nativo
Contente e parco, vivirei ditoso.

29.

Com pouco é ricco o Sábio : — e estende ainda
Co'as sóbras do seu pouco a mão piedosa
A' Viuva affligida,
Ao desvalido honrado.
Mais se alégra c'os bens, quando soccórre
Que Avaros, com montões do ouro, que amûão.

30.

Allì virá o Amigo sem dobrêza (1),
Que em amizade envelheceo comigo,
Entrelaçar-me o braço,
Para entreter saudoso,
Ao abrigo do sól, junto á Choupana,
Dòces lembranças engastadas na alma.

---

(1) A. M. de Curnieu. — L'esprit ne se délasse jamais si agréablement que dans l'entretien d'un fidèle ami. Il n'y a point de bonheur dans la vie qui approche de la jouissance d'un ami vertueux et discret. Sa conversation éclaire et soulage l'esprit, fait naître de nouvelles pensées, anime à la vertu, excite à former de bons desseins, calme les passions, et met à profit les momens de la vie, où l'on trouve plus de plaisir.

Spectateur. tom. 2. Discours 4.

31.

E co'a quebrada voz , mas inda grata ,
Repetiremos as Canções , que outróra
Enlevados ouvimos
Nos bósques de loureiros ,
Domicilios de Pìndaro , e de Horacio ,
Sem que esquéção os sons de Anacreonte.

EPIGRAMMA.

Um póbre esfarrapado , — quasi nù
Mostrava o peito , e o ventre nû e crû.
Ferrolhado em gaióla
Por ter scandalizado
Boas almas , a quem pedira esmóla ;
Citão-lhe as testemunhas ,
Que elle tinha citado :
Vem mulhóres : — que em suas caramunhas
Assevérão jurando
Bem terem visto o rôto póbre , quando
Ante ellas esmolára ;
Mas nenhuma na cara lhe encarára.

SONETO.

MOTTE.

Já descer vêjo a frêsca madrugada.

Glosa.

JA' a Noite vai colhendo o manto escuro
Recamado de estrêllas radiosas :
Do Tempo as gentìs Filhas graciosas
Lávão Pyróes e Ethonte em néctar puro.
Já Lùcifer com passo mui seguro
Piza do Oriente as plagas luminosas ;
E as sombras vão fugindo de medrosas ,
A amparar-se do Sól c'o Stygio muro.
Tingem-se as nuvens já no Céo luzente
Da lindissima côr apavonada ,
E a Terra enfeita a torreada frente ;
E já a Aurora co'a dextra alva e rosada
Abre as portas ao dia ; e do Nascente
Já descer vêjo a frêsca madrugada.

ODE

A CUPIDO,

Tendo uma bolsa nas mãos, e aos pés o o fácho, a aljava, o arco, as fléchas.

— — — — Fore enim tutum iter et patens
Converso in pretium deo.
Horat. *Lib.* 3. *Od.* 16.

Car de trouver une rebelle,
Ce n'est la mode à gens de qui la main
Par les présens s'applanit tout chemin.
La Fontaine. *Conte du Magnifique.*

Tens bem razão, Amor: largáste o fácho,
Largáste aljava e fléchas,
Que hoje força não tem, nem prendem lume
Nos corações de gêlo.
Nem com Lyra nas mãos fôras seguro
Fundar império na alma:
Que não vêjo por cá tão brando ouvido
Que te franquêe accésso.
Mas se quéres (tal foi teu pensamento)
Abrir as bipatentes
Do peito feminil guardadas pórtas,

Tóma as aladas plantas,
O Cyllenio Galéro, e vai correndo
Com bolsa prenhe d'ouro,
Que eu, coração não aches te promètto,
Que a fléchas táes resista (1).

EPITAPHIO.

1.

Aqui jaz um Gatinho mui querido,
Beijado, annedeado e tanto e tanto...
Quanto a Delmira é lástimas e pranto
Hoje, que a Mórte o deo ao duro Olvido.

2.

Ei-lo vai por caminho longo e escuro (1)
Buscar o Reino vão (2) de Proserpîna,

---

(1) La clef du coffre fort et des cœurs, c'est la même;
Que si ce n'est celle des cœurs,
C'est du moins celle des faveurs.
La Fontaine.

At tibi, qui Venerem docuisti vendere primus,
Quisquis es, infelix, urgeat ossa lapis.
Tibull. *Lib.* 1. *Eleg.* 4.

(1) Qui nunc it per iter tenebricosum
Illuc unde negant redire quemquam. Catull.

(2) Domus exilis Plutonia.

Saûdoso de sua Ama, e da benina
Mão que o manjar lhe dava eleito e puro.

3

Sêja-te a térra leve : e se no prado
Elysio, póstos ha de mór aprêço
Para ti a Plutão com vérsos péço (1)
De Gato Abbade, o pôsto regalado.

REVELAÇÃO.

Achava-me no monte do Martyrio (2)
Do Senhor São Diniz, alta montanha
Mui famosa, e a Parîs mui sobranceira,
Quando vêjo passar tres muito louros,
Mui gordinhos meninos, mui formósos,
Que vão rindo, brincando e caminhando.
Quiz vêr, de curioso, os tres Anjinhos
E saber onde os passos os levávão.
Responde-me cortêz o mais-idôso
(Que podia bem ter nóve a dez annos)
Veador de Venus sou, este é Mórdomo,
E Camareiro mór esse pequeno.
Vamos á Capital da Elysia terra

(1) Carmine Di superi placantur, carmine Manes.

Hor. *L.* 2. *E.* 3.

(2) *Montmartre*, montanha de Parìs tão alta, como o Castello de Lisbòa.

Se quéres, vem comnosco. Dou ao passo, (1)
E brinco (bem que vélho) c'os que brincão!
Nós que chegamos á ditósa Elysia,
E os mancebinhos que entrão pelas lóges,
E que enfeirando vão a todo o custo
Os livros Portuguezes. — Allì pásmo,
E pergunto; « Pois Venus que é tão bella
» Que tem outros cuidados, pérde o tempo
» Em lêr livros? Belleza poupa estudos.
» Bella Dama que lê téme a velhice.
» Venus é immortal, e sempre bella
» (Me responde o Amorzinho mais travêsso)
» Mas Venus que amou tanto a Lusitana
» Gente, que amou a Lusitana lingua;
» Que o seu altar vio sempre cumulado
» De víctimas, de vótos off'recidos
» Pelo genio amador dos Portuguezes:
» E o Romano fallar tão adoptado
» Do Pôvo imitador das claras obras
» Dos Camillos, dos Régulos, dos Décios,
» Se provê, cada século, dos livros
» Que os amores contem, ou altos feitos
» Dos Portuguezes seus, tão estimados.
» Vem comnosco, e verás. » — Eis-nos chegados.
Que quem vai com Amores, vai depréssa.
Nos palacios de Idalia tinha armada
De Romanos e Lusos Escriptores
Deleitosa escolhida Livrarîa.
Allì a vêjo entrar. — Mal que deo vista

(1) Apósto eu, que não deo tino de mim a Inquisição. Como, se nos ella visse, calmava comigo e c'os tres amorinhos nas masmòrras!

Da nova provisão de livros Lusos ;
Aqui abre , e revolve ; allì folheia
Elpino e Coridon — máis um ou outro :
Pouco vê que lhe agrade , pouco estrêma ;
Os máis com esquivança , e com enôjo
Deita por terra , ou da janella arrója ;
E aos Amores das compras incumbidos ,
Assim reprende : « Não conheço n'esses
» A lingua de Camões , nem de Ferreira ,
» Que tanto me agradou , que a tinha ao lado
» Do Romano fallar , do meu Tibullo ,
» Do que soube avivar o amor de Dido ,
» E d'esse que cantou Lydia e Glicera.
» Esses livros de novo mixtiforio
» Que trazeis , são da lingua contrabando ,
» E são forjados por boçáes pedantes
» Na schóla do Telêmaco capado. »

EPIGRAMMA.

Prégava o Padre André (1) , com máis que humano
Esp'rito e zêlo , o Amor Celeste e puro :
« Tende embóra (dizia mui-seguro)
» O pêjo virginal d'um Franciscano :
» Tende inda , o que máis é , essa elegante
» Capucha subtileza :

(1) Foi mui conhecido em França no século passado um Graciano , pelo nome do *Petit Père André.* Delle falla S. Francisco de Sales n'uma Carta em que refere uma passagem do sermão que lhe ouvìra , e que na verdade é donosa e célebre.

» D'um Carmelita
» A angelica pureza :
» Do Jesuita
» O peito humilde , e da pobreza amante :
» Se não tendes Amor sincéro e fórte
» Despedi-vos do Céo , n'hora da mórte. »

SONETO.

Aqui , oh Musas do sádio Pindo ;
Acodi , acodi em continente.
Trazei com vôsco Apollo omni-sciente
E esse Nepenthe de préstimo (1) infindo.
Quéro mandâ-lo á Haya rebolindo ;
E a poder do benigno ingrediente
Pôr , como um pêro , são , certo doente
Que amor da *du* C*** vai consumindo
Eilas que chegão ! — Phébo escafedendo (2)
Vai-se a Mercurio ! pede-lhe que parta
C'uma Carta da amante. Eilo correndo
Chêga ao leito ; as cortinas prompto aparta ;
E B*** , que saudoso está morrendo ,
Se érgue em pé , rijo e são , com lêr a Carta.

---

(1) As virtudes da herva Nepenthe , segundo Homéro , são maravilhosas : os Commentadores enchem láudas e láudas de seus louvores ; que a serem verdadeiras , a tal hervinha desbancaria o Contracto do Tabaco.

(2) Não achou J. F. Barretto tão vil o verbo *escafedendo* , que o não pozesse no livro 4°. da versão da Eneida.

ODE

A' ESPERANÇA.

Sperat infestis, metuit secundis
Alteram sortem bene preparatum
Pectus. — — — —

HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 10.

1.

VEM, vem, dôce Esperança, único alívio
D'esta alma lastimada;
Móstra, na c'roa, a flor da Amendoeira,
Que ao Lavrador previsto,
Da Primavéra próxima dá nóvas.

2.

Vem, vem, dôce Eperança, tu que anímas
Na escravidão pesada
O afflicto prisioneiro: por-ti canta,
Condemnado ao trabalho,
Ao som da braga, que nos pés lhe sôa (1).

(1) Spes etiam valida solatur compede vinctum

3.

Por ti velêja o panno na tormenta
O mareante affouto :
No mar lárgo , ao saudoso passageiro ,
(Da spôsa e dos filhinhos)
Tu lhe pintas a terra pelas nuv. ns.

4.

Tu consolas no leito o lasso enfêrmo ,
C'os áres da melhóra ,
Tu dás vivos clarões ao moribundo ,
Nos já vidrados ólhos ,
Dos horisontes da Celéste Pátria.

5.

Eu já fui de teus dons tambem mimoso ;
A vida largos annos
Rebatida entre acérbos infortunios
A sustentei robusta
Com os pômos de teus vergéis viçosos.

6.

Mas agóra , que Marcia vive ausente ;
Que não me alenta esquiva
C'o brando mimo d'um de seus agrados ,
Que farei infelice ,
Se tu , meiga Esperança , não me acódes ?

Crura sonant ferro , sed canit inter opus.

Tibull. *Lib.* 1. *Eleg.* 4.

7.

Ai ! que um de seus agrados é mais dôce ,
Que o néctar saboroso ;
É mais dôce que os beijos requintados
Da namorada Venus ,
A que o Grêgo (1) põe preço tão subîdo.

8.

Vem , vem , dôce Esperança , que eu promêtto
Ornar os teus altares
Co'a viçosa verbêna , que te agrada ,
Co'a linda flor , que agóra ,
Enfeita os troncos , que te são sagrados.

SONETO.

D'alvas cãas o semblante povoado,
Vélho de ólhos previstos , cautelosos ,
Calva a cabêça , os membros animosos ,
Pardo , comprido manto sobraçava :
Na dextra curvo báculo arvorava ,
Com que regîa os passos vigorosos ;
Dava brados aos Môços mal-cuidosos ,
Que Amor em suas rêdes emmalhava.
Corri traz elle a vêr que nos querîa.

(1) Anacreonte.

(Elle era o Desengano mal-acceito.)
« Deixa Môço enganado (me dizia)
» De arrastar vis grilhões sérvo , e sujeito
» A' Traição , ao Desdêm , á Tyrannîa ,
« Que Nize esconde em refalsado peito. »

CONTO.

« O pão furtado aguça o appetite :
» Negáça e perrexil é a lei , que tólhe.
» Ir e vir , tomar este ou 'stoutro atalho ,
» Não tem pico nenhum , se é permittido.
» Dá-lhe o sáinête , de que a lei t'o véde ,
» Vem-te agua á bôcca , o coração te pula.
» Nós somos filhos de Eva , cubiçosa ;
» Inda em nós lavra de Eva peccadora
» A nódoa original. Mas péde escusa.
» Bem que outros que obrarião peior que Eva ,
» No lance em que Eva obrou , inda hoje a accusem. »
Assim fallava cérto spôso um dia
A' Consórte que de ira esbravejava
Contra Eva , que o gatásio nos pregou ,
D'onde a flux todo o nósso mal surdio.
« Despenhar n'um abysmo de miserias
» Seu spôso , e toda a sua descendencia ! . . .
» (Dizia) E por que lucro , ou que regalo ?
» Por ensôssa maçãa ! Nóssa Mãe Eva
» Tinha bem fraco gôsto. — Ou fraco ou fórte ,
» (Lhe retruca o Marido) Quem foi causa ,
» Quem tudo nos danou , não foi o fructo ,

» Mas sim a Lei que ao gôsto pôz travézes :
» Do vedado lhe veio o sabor summo.
» Mas seja , ou não assim ; apósto , e digo ,
» Que quem te ora vedasse qualquer cousa ,
» Da qual bem pouco , ou nada se te désse ,
» (Digo mais) cousa mesmo a ti nociva ,
» Que almejáras por ella , se a não tinhas.
» Eu , almejar ? . . . (Diz ella) — Sim , te juro.
» (Tórna o Marido) é que o farás sem falta.
» Desde já , se máis teimas , faço a apósta.
» Olá , se teimo (lhe responde) e a acceito. »
Sobre palavra entre ambos se stipùla ,
(Segundo ouvi dizer) gróssa quantîa.
« Não quéro (diz o mui pacáto spôso)
» Pôr-te empecîlho em cousa que te custe.
» Fica-te um Charco á esquêrda no caminho
» Que guia ao banho : — Vá no Charco a apósta.
» Se a fìo , um mez inteiro , em indo ou vindo ,
» Reprézas a vontade que não mólhes
» Na bórda do tal Charco ambos os pés ,
» Ganhas a apósta , e dou-me por vencido.
» Mas se ao passar te encravas no recife ,
» Sem remissão perdêste o teu dinheiro. »
Ora o tal Charco , em termos bem frizantes ,
Era um lameiro , um cano de infundices ,
Digno (pelo não vêr) d'um bom rodeio.
Fêz dar muita risada o desafìo ,
A' Dama , que festeja o bom mercado
De ôvo por um reál , e o tem tão cérto
Da apósta o ganho , como china em burra :
E já cuida no emprêgo que ha-de dar-lhe ,
Que traste comprará , que novo diche ,
Ou qual de toucador novo taréco. —

Roupas mórmente, e bem da móda, a enlévão.
Pártem, como era de uso, para o banho
(Não, sem dar surrateira vista ao Charco.)
Para a primeira vêz, não é já pouco!
Nem d'esta feita foi mais largo o arròjo.
Com ir, e vir azinha se avezárão
Ao verdoengo, á babuje, e lôdo da agua;
Que a tudo habituar-nos sabe o Tempo!
Fêz mais o Tempo! Fêz, que o Charco agrade.
O ingenho humano é trêfego, e exquisito!
Quando lhe chamò humano, inclùo nelle,
Por tres quartos e máis, o ingenho fêmeo
(Em lances de appetite!) O que mui claro
C'o seguinte succésso vo-lo próvo.
Eis que entra a conceber (nos diz a historia)
Velleidade a tal senhora minha
De chafurdar n'essa agua suja e negra.
(Que já vai nella obrando effeito a apósta!)
E ao vêr o charco, já lhe dava enôjo
Da agua do banho a limpa e clara veia.
Aqui entrou com seu bedêlho o Démo!
Fosse o que fosse: a Dama de sizuda
Nem nisso boquejou a Joanninha,
Sua Aia, que com ella vinha ao banho;
Ladìna, e mui perfeita em seu emprêgo,
E era máis que Aia; que era a dos segrèdos,
E por acênos a Ama adivinhava;
E tinha a alma (não minto) tão maneira,
Que em cem annos, e máis, que allì servisse
Nunca darìa um não ao querer da Ama.
Mas palrámos já muito da Criada,
Que é máis que tempo de voltar á Dona,
Que em si com muito custo se refreia.

Medrava o Charco em convidoso engôdo,
Dobrado esfôrço em resistir-lhe incumbe.
Pérto. — E máis pérto os pés se lhe avizinhão;
Por gostinho de exótico tempêro,
Já não se vai ao banho, vai-se ao Charco.
Já c'o dêdo se apontão a Joanna
Os marrécos, que dentro patinhavão,
E que invejosa a Mocetona os via!
E com elles trocára boamente!
Que ancias lhe vinhão lá do âmago da alma
De ser páta (sequér) por dous minutos.
A miúdo, alêm do ponto nos arrastra
A próxima Occasião, que empuxa e tenta.
Parando a Dama á bórda apaûlada,
N'um súbito violento accésso, um dia,
Tira um pé curioso da chinélla,
Tócca ao de léve a ouréla verde e suja,
E desta vêz não vai máis longe a Dama
Que o scrúpulo a atalhou, pondo-se em meio.
Bons combates no peito se renhião;
Mas bem quadra a virtude em qualquer lance.
Ora o Marido que da frésta espreita
O entrêcho da tramoia, muito sonso
Rindo estava, e contava pelos dêdos
Que a seu salvo não léva o mez ao cabo.
Bem contava (ao que a Chrónica nos réza)
Que gualdidos do mez quasi os dous têrços,
Chêga o crítico dia finalmente:
E o spôso astuto que tecîa o lôgro,
Do aguçado capricho vendo a altura;
Diz-lhe que vai pôr ólhos na vindîma,
Dar uma vólta, e vir, lá pela frêsca.
Mas sáe ao Campo, e recolhendo as rédeas,

Vem descahir em casa da Abegôa ,
Onde occulto os redóres ataláia.
Partir vê lógo para o banho espértas
Ama e Aia — no Charco demorar-se , —
Contemplâ-lo , — deixâ-lo a muito custo :
Como quem com pezar de clara fonte
Saudosa se arrancasse suspirando. —
Minava-a lá no banho incendio occulto ,
Que inquiéta , e triste , e pensativa a lança
Fóra da agua , mais cedo que á hora do uso.
Dá-se a pérros , comsigo regateia ,
Põe-lhe a espóra a paixão , o animo vérga ,
E no alcance a virtude lhe coxeia.
« Passa já de aturar (diz a Ama á Môça ,
» Apontando a ferida) Não. — É muito.
» Não há apósta que valha o que eu padeço ,
» Nem se me dá da apósta um léve adarme ;
» Que alto o declaro , e fixo o determino ;
» Eu hei-de ir ás do fim : — ou Charco , ou nada.
» Que o sáibão , que o não sáibão : — stou ninando.
» Nem o caso é de morte : — e quando o fôra ,
» Tem de ir , desd'ora , avante o meu desejo. —
» Bem mórte de homem que é , Minha Ama , o caso,
» Para táes escarcéos: (Disse a Joanninha)
» Cá tinha meus barruntos. — Inquietar-se
» Por tão pouco ; cismar ! — Como é Menina !
» Faz gôsto disso ? — Cumpra-o , e dê dous trincos.
» Quanto máis que o senhor anda por fóra.
» Quem é que a vê ? — Ninguem ; a bom seguro.
» E se a vêm ? — Grande Perda ! — Perde a apósta.
» Deos nos válha ? — Virá a morrer de fóme
» Por isso ? — Um gôsto val mais que ouro , e pérlas. —
» Além de que , tal móca lhe urdiremos

Que o gôsto, e que o proveito entre n'um sacco.
» Váles pesada a ouro (a Ama lhe tórna) :
» Hôje seja a função, que não mais tarde. »
E nisto, já se amânhão para a fólga :
Chinellinhas na mão, os pés nûzinhos,
Caminhão aguçosas para o Charco.
Vai diante a senhora, de lampeira,
E lógo vem de retaguarda a Môça,
Deitando de caminho em róda o lúzio,
Se ha espìa, ou malsim que sonso espreite..
Cómem-lhe de ancia os pés. No Charco arrisca
Primeiro um pé, com que o terrêno sonde,
Logo o arréda, mas outro tóma o posto,
Que também logo encólhe mui ligeira. —
Em conclusão : depois de muitos mômos,
Lá vão os dous pés juntos de mergulho,
Até o lôdo, onde as rãas são inquilinas.
Chafurdar, péguinhar allì folgada
Superlativo gôsto lhe dá na alma ;
Nunca no banho achou igual deleite.
Em tanto o spôso (Perdoai) vigîa
Muito a seu grado quanto allì se passa ;
Dentro em seu coração folgando muito
De não ter posto a próva mais forçósa
Tão noviça virtude, e tão vidrenta.
Só de cuidar no impróvido infortunio,
De susto estremecìa. D'esto aviso
Vendo o caso avançado e bem maduro
Vem, chasqueando, apparecer á Dama.
Não dá mais susto uma alma do outro mundo !
« Léva, léva ; — abalar daqui — Corrâmos »
Mas quem córre descalsa, córre pouco.
Entrão na salla ; e co' ellas entra o spôso.

Que lhe diz lógo : » E bem ! tève máo gôsto
Nossa Mãe Eva em pôr (que tal é a surra !)
Nessa maçãa fatal seu appetíte ?

SONETO

AOS ANNOS

DE SENHORA D. F. X. A DE S.

Venus hôje descìa , dos Amores
E das venustas Graças rodeada ;
Cruzava em dança o vôo a turba alada ,
Fréchando á terra ardentes passadores :
Vi pousar os travêssos voadores :
Venus o teu coração quiz por morada ;
As Graças na garganta torneada ,
E nos peitos morárão mattadores.
Dous Cupidos tomárão aposento
Nos ólhos petulantes : dous ufanos
Nas faces de carmim buscão assento.
A mais trópa accolher-se , nos arcânos
Thrônos do almo prazer , vai n'um momento.
Que donosa visita em dia de annos !

O D E.

—Non gemmis, neque purpurâ venale, nec auro.—
HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 16.

QUANDO sinto subir-me á memoria
As imagens dos annos sabórósos;
Quando a Infancia com brincos donósos
Me ensinou a alegrar;
Bem quizéra despir-me das honras,
Crûs tyrannos dos meigos prazêres,
Dar de mão ao renôme, aos havêres,
E á puericia tornar.
Se não dão nôme illustre e riquezas
Desatado theor de alegrîa,
Máis valor me merece um só dia
Que essa Infancia alegrou,
Que trinta annos de insîpido fausto
De lisonja mal-dada, mal-vista,
De cansada etiquêta, mal-quista
C'um taful como eu sou.

ENIGMA.

Quando um varão, que illustra a Pátria, o Mundo
Vos sáe á luz do dia,
Com elle unido, alto poder me envìa.
Quando sábio e profundo
Abre as pórtas á lúcida verdade
Eu as chaves nessa hora
Lhe dou;
E eu sou
O que lhe aponto a Aurora
Rasgando a escuridade
Das nuvens que Ignorancia lhe atropella.
Com elle ufano brilho;
E com elle me humilho,
Quando contra elle inflûe hórrida strêlla:
Com elle tenho vida
E em sua morte a minha é comprehendida.

MORALIDADE.

Cupido me levou dos ólhos Marcia,
Cupido m'a trará:
Mas os annos, que o Tempo me ha roubado,
Quem m'os restituirá?

BILHETE (1).

NÃo sei que Fado máo, Fortuna escura
Inflúio contra mim, do Ceo patente
Passos baldados, e furtiva ausencia.
Não cuido ter da sorte merecido
Tão agras, e tão longas esquivanças.
Quizéra deparar c'um Bruxo espérto,
Sagaz em descobrir esconderêlos,
E saber delle a causa desabrida
D'onde o meu venha contumaz queixume.
Quizéra ir ter c'o Fado, e folhear-lhe
O grosso bacamarte, em que anda escrito
Quanto é, quanto ha-de ser, quanto ha passado:
E nas láudas pintadas de successos,
Quizéra vêr a mão desamorosa,
Que amigos tão leáes de mim arréda. —
Como, agastado, allì lhe perguntára:
« Dize, enojoso Deos, que error tão grande,
» Que crime commetti desventuroso?
» Eu as mãos não manchei no Pátrio sangue,
» Nem sacrîlego entrei nos sacros templos
» A revolver arcânos prohibidos,
» De myrrhados Heróes divinos óssos.

(1) Este bilhete m'o dictou de improviso o despeito de me desencontrar nas horas com uns amigos, e lh'o deixei escritto sobre a mesa; e depois no dia seguinte, com elles passei o dia inteiro.

» Os tremendos mysterios de Elensina
» Não profanei com desmandada lingua.
» Que fiz eu pois, que me grangeie a mágoa
» De nunca achar em tres prolixos dias
» Os mui dignos objectos, mui prezados
» Da maior amizade, e mór estima? »
Embócca, oh Fama, a altìsona trombêta,
E dá-me à ouvir no meu retiro escuro,
Quem separa de mim tão caras frontes.
Ser-me-ha consolação neste desvìo
Lançar mil maldições, raios, coriscos,
Contra quem me desquita de seu lado;
Lastimar-me do Fado, e quantos Deos
E Jóve rebanha na malhada Olympia.
Que se com rógos demover os Numes
Não pude, hei-de abalar esse Acheronte,
Chamar as Furias, e infernáes flagéllos,
O Cérbero trifauce, o Orco horrendo,
Com ródas, com penêdos, com os prégos
Que a Promethêo cravárão diamantinos
No Cáucaso (Tartárea ferramenta!)
Para affligir o indigno que me rouba
Tão cara, tão gostosa Companhìa. (1)

---

(1) Dirão que é muito espalhafato, para um simples desencontro. E eu direi, que se conhecessem as virtudes, e os talentos, e a amizade das pessoas que eu buscava, acharião diminuto o meu desafôgo.

ODE.

Quas Hector sensurus erat, poscente Magistro,
Verberibus jussas, præbuit ille manus.
Ovid. *de Art. amandi. Lib.* 1.

Cantei essa Ode (1), Mathevon difficil,
Pelos módos de Horacio:
Mas tão mal me affinei; que esse arremêdo
Mal semêlha o modêlo.
Tentei-o, ao menos! e o tentâ-lo é nóbre.
Tu vê, tu nóta e risca.
Tu não poupes a lima; não perdôes
A ambicioso viço,
Nem á pêcca, insofrida, ensôssa prósa. (2)

---

(1) Não confia o Campião, que affronta as lanças etc. etc.

(2) Cuidács vós que a Poesìa (e principalmente a Lyrica) se não atreva em phrases, e em palavras? E que com tanto que no fim da linha sôe o cascavel do consoante, baste o compôr, em prósa chilre, alguns mólhos de palavras, com alcunha de Strophes, para as bautizar por Odes? Cuidáes vós, que o grande e perênne louvor, que em todos os séculos mereceo Horacio; que as honras, e amizade que elle grangeou de Augusto, Mecênas, etc. etc., lhe não procédem da maneira atrevida, e ao mesmo tempo elegante, com que ornou seus pensamentos, que com trajo menos affouto passarião por triviáes, e não darião na alma aquelle beliseo, que acorda a attenção, e que na estranheza da

Tóma a Censoria vára.
Não quéro os filhos meus tratar com mimo,
Como os filhos mórgádos.

---

phrase, ou da palavra, requer a admiração, e ao mesmo passo o louvor de tão arrojado Ingenho, que desprezando Criticas engoiadas, busca os perigos, para delles sahir com glória? Sim: perigoso e resvaladio é o caminho da novidade na phrase, e no conceito. Experimentai-o, e sereis do meu parecer. Se ficáes áquêm do acêrto, sois deslavado, e mesquinho; se temerario, passáes as barreiras, marráes c'o destempêro, e c'o ridiculo.

Vós, que talvez me censuráes alguns atrevimentos, não ousarieis escrever o que eu escrevo: e vós consólaes-me. Imagináes subir um degráo ou dous acima de mim engatinhados na Critica, e desceis quatro na opinião dos que accostumados a Horacio, põem o feliz atrevimento entre os dótes e formosura da Ode. Os *auritos Carvalhos* parecêrão atrevidos ao vélho Scholiastes, e todos que o bem entendem, e que por isso o admirão, desejárão tê-lo ditto. Quando Horacio diz: — *Apinhado de hombros bébe com máis silencio o Pôvo, pelo ouvido, as batalhas, e o desbarato dos Tyrannos.* — Não se póde conter o Commentador, que não clame « *Pulcherrima enargia!* »

Um Poéta, e não dos peiores se contentaria com dizer, — *Co' a chegada da primavéra tremêrão, e sussurrárão as movediças folhas.* Mas Horacio, que queria levar a palma Lyrica, punha a mira no delicado, no exquisito deleite que pula no coração do ouvinte, ao súbito encontro d'uma nóbre, elegante, arrojada, escolhida phrase, que com sabor estranho, o assombra deliciosamente; e dizia assim: — *Nas movediças folhas tremeo e sussurou a vinda Primavéra.* — Assim tóma vulto, se móve e nos apparece a imagem, que o Poéta levantou na mente. Assim falla a poesia sempre pintando com valentia. Desmanchai, e destroncai os membros d'estes tres versos, que nunca achareis prósa; mas sim os desparzidos membros d'um Poéta. — *discerpti membra Poetæ* como dos de Ennio, — *Postquam Discordia tetra belli ferratos postes, portasque refregit*, — dizia o entendedor Horacio.

Qual Téthis entregou a Chiron duro
O pouco vividouro
Filho. E máis o Centauro , nas tenrinhas
Cóstas vergões lhe erguia ;

Ha hi atrevimento, que iguale ao — *vultus nimium lubricus aspici!* — Não creio que em Virgilio , Ovidio etc. etc. se encontre similhante. Assim se não encontra , mesmo entre os Romanos , e muito menos depois entre os Lyricos das Nações modernas um Poéta que iguale Horacio ; pois que ainda nas melhores Éras de Roma , acha Quintiliano que só elle de todos os lyricos merecia que o lêssem « *Fere solus legi dignus* ».

Nenhum dos Poétas Latinos (que eu saiba) se atreveo a tomar « *medius* » por igualmente idóneo ; e Horacio para estranhar com gôsto , e pasmo os seus ouvintes , ou leitores , arrojou-se a despegar de mui longe um termo atrevidissimo. Inteirado da índole aventureira d'uma Ode , insoffrido de acanhamentos , concebeo a idéia d'um Heróe , que pôsto entre os perigos , e stratagemas da guerra , e os cuidados , e artes que pede o governo em tempo de paz (sirva de exemplo Bonaparte) concebeo , como digo um Heróe no meio de duas figuras , uma dellas a Guerra , e a outra a Paz , e disse : « *Idem pacis eras mediusque belli.* » Atreveo-se ; e fez bem : por isso o louvão, por isso diz delle o citado Quintiliano , bom juiz neste caso : « *et in verbis felicissime audax* « e Petronio : *Horatiique curiosa felicitas.* »

Bem dezejárão muitos bons Ingenhos imitá-lo ; mas talvez que acanhados e temerósos das Censuras , não ousárão : outros faltos da Divina mente e voz que grandemente sôe , não podérão levantar o vôo « *Serpit humi* » D'onde vem , convirem todos os Amadores da Lyra , que o assento , que no Parnasso Romano deixou Horacio vago , ninguem depois delle o occupou ; e ficará assim , até que venha quem com iguáes dótes que elle , como elle se aventure em despeito dos malsins do pensamento atrevido e valente.

É para crer que no decurso de 18 séculos surgírão Ingenhos , com tanta ou máis erudição que Horacio , com imaginação fértil , e agradavel stylo ; que á imitação delle poetárão. Não lhes faltou

Quando Achilles lhe errava. (1) Assim eu quéro
Co' estes meus versos uses.
Bem que hajão como Achilles durar pouco ,
E esse pouco entre invéjas :
E que algum Bonzo , alguma mulherinha
Pedante os aboccanhe.

---

o Saber , não o Ingenho , não a Elegancia. Que lhes faltou pois para ser Horacios ? Faltou-lhes o atrevimento , e o curioso affortunado estudo de dizer com novidade valente , e nóbre o que elles disserão timidos com stylo que lhes ficou áquem da viveza imaginosa , e pittoresca.

E os meus Censores gostarião elles d'estes arròjos ? Góstem , ou não góstem : o meu fito é emprendê-los. Flacco , Flacco , acóde , aos meus bons desejos. Se te não sigo máis desenvòlto a trilhada veréda , não é falta de vontade , mas de posses.

Atrevei-vos , Poétas Lyricos ; ou não fazei Odes : fazei Cantiguinhas com seus —Ai lé , lé.

Dai-nos , oh Musas , Horacios Portuguezes atrevidos , arrojados : e os Criticos que ládrem muito embóra. Os bons Poétas *vivem além da mórte , vão mais velozes que Icaro Dedáleo dar vista ás Costas do Bósphoro gemidor. Aves canoras transpõem Gétulas Syrtes , e Hyperbóreas Campinas. O Colcho , o Dace , que disfarça o médo de Marso batalhão , os últimos Gelões os tem de conhecer. O perito Ibero , e máis o que do Rhódão bébe , tem de nelles doutrinar-se.* HORAT. *Lib.* 2. *Od.* 20.

(1) Metuens virgæ jam grandis Achilles.

JUVENAL. *Satyr.* 7.

AMPHIGURÎ (1).

DA' cá o prezunto,
Rapaz enfeitado:
Quem cóme um boccado
Não mórre de fóme.
Morreo Lobisóme
Em câmas de néve,
Co' a penna que escréve
Decretos do Amor.
Que quiz com primor
Em ricco tapête
Depôr o sainête
Da concha Cyprina.
Eu vi a Menina,
Que vence as formosas,
C'os lyrios, e rósas,
Fallar de sob-capa
A bichos do Papa.
Foi muito daninho
A's cêpas do Minho
O sól d'este hynverno:

(1) O único Poêma Amphigûrico, que vi em Portugal, composto debaixo dos preceitos rigorosos do gennîno Amphigurì, foi o ingenhosissimo, e engraçadissimo Poêma Anónymo » *Duzentos gallêgos não fazem um homem, por que quando cómem*,

Quem pôz o governo
Nas mãos da criança
Não canta nem dansa ;
Mas põe gerigonça
Nos pápos da Onça.
Garrido estribilho ,
Com palha de milho
Vai mui penitente
Nas pélas da gente
Sorver a mostarda ,
Que trouxe a Bastarda
Nas garras do Lôbo.
O magro Farròbo
Nas altas ameias ,
Sem ligas , sem meias
Gritou tartamudo :
« Trazei-me vellúdo
» De pêlo encarnado

---

meu dinheiro teu dinheiro etc. etc. etc. O Autor é incérto, mas não incérta a fama , que de tão abalisada poesia resulta aos Portuguezes. A óbra é unica neste génēro (entre nós) ; mas ûnica como é , bastarìa a acreditar-nos entre os Francezes mesmos , se elles entendessem a nossa lingua , ou se nós menos descuidados da nossa propria glória , o houvéssemos traduzido em Francez , com a gala e bizarrìa que elle tem no original.

Quanto á invenção, e antiquidade desta requintada Poesia , provavel é que ella nos vem dos Grêgos , e o mesmo nome de *Amphigurí* o inculca. Digna éra dos Grêgos , inventores de todas as sciencias , e de todas as Artes a invenção do *Amphigurí*. Dos Escriptores da antiga Grécia , só nos hymnos de Orphêo etc. etc. apparecem alguns visos do Amphigurì. Hesiodo e Homéro lá tem seus laivos, que os Scholiastes négão , mas que M. de la Motte Houdart sagazmente (como em tudo) descobrio. Em Pìndaro não fallêmos; que segundo o ditto

» Que dê máo olhado
» A tres feiticeiros. »
Os vélhos gaiteiros
Rebentão de riso
Co'as tróvas de guizo
Na vãa carapuça.
Bem vai quem se aguça
Por vêr o xavêlho
Do bom scaravelho
Pintado de azul;
E a penca ao Taful
Da párda caraça,
Que bem se almofaça
C'o texto da Glossa.
E viva essa Moça*,
Que compra o rebique,
F diz no repique:
« São bons carapáos. »
A'zados maráos
Com pansa balôfa
Refrescão a fôfa
Nas cóstas do Alfeito.
Mas foi mui bem feito

Là Motte todas as suas odes são um perênne Amphigurî. A Pìndaro, em pontos de Amphigurìs só podemos comparar entre os modernos Portuguezes o Poêma Monómetro do Sr. Dr. Feliz Jozé da Costa, de que só me lembra a invocação, que canta assim:

Donde começarei? Briarêo eburno
Com cem braços de pléctros, d'um Custodio
Vis-rei te dóto; abre em Dório turno
As pestanas, vê o sól d'este episodio:
Vossa Excellencia é o sol; pelo cothurno
O abráção tantos braços; e eu n'este odio,

Trazerem castanhas
De avulsas maranhas
Do monte Pegú.
O Cucurucú
Despindo as baêtas
Mostrou carapètas
Nos Alpes golósos.
Viérão gostósos
Os nabos Turquinos
Trazer aos mèninos
As tôrres da Sé.
Não ouve, não vê
Cruel rapazîa
Dragão que assobîa
Deserto e Filhóta.
O Céo se encapóta
Com manto de sarro
E chóve catharro
Por gôrdas goteiras.
Sacode as peneiras
Brincão Demonico;
Lá léva no bico
Barbudo alguidar.
Mandei bugiar

Rasgo para Cantar; e as córdas plenas
Dizendo vão Menezes e Mecênas.

Lembrão-me ainda mais dous Amphiguris do mesmo Poêma, que merecem ficar em memoria:

1°. Toccão co'as negras mãos de pêlos fulos,
E dão c'os pés, qual péla, ao pólo os pulos.

2°. Dos jogadores perguntai ás trópas:
Não cazão quatro páos com sette cópas?

Dos muitos autores vivos que em prósa, e em verso tem ornado

O homem de ferro,
Que vai como um pérro
Capar os picanços.
Passeião mui mansos
Subtîs Jesuitas
Varrendo as Mesquitas
De são Sarabande.
Aqui vão quebrando
Os écchos das bombas,
Que estourão nas trombas
Dos Rhinocerontes.
Com seis Phaetontes
Nas prégas da cáuda
Compunha uma láuda
De vãos palavrões
Para as Conclusões
O grande Enxobrégas,
Que estanca as bodégas
Da esconsa Prosódia.
Gentil palinódia
Discanta o Sultão
No grão Casarão
Que Merlin lhe acabou.
Aqui me mandou

---

a nossa lingua com similhantes Amphigurìs, callo por ora os nómes, por que a sua modestia se enfadaria dos meus louvores. Mas sem grande offensa, posso inculcar aos nossos aprendizes de finuras de eloquencia, cértas obras em que encontrarão com muitos d'estes pináculos de ingenho, mórmente em freiraticas correspondencias.

Os ingenhosos Francezes pozérão o peito á barra para levarem a palma n'este stupendo exercicio: e com effeito alguns Amphigurìs sahìrão á luz nos seus Almanachs, que lévão as lampas

O seu mensageiro
O mui marralheiro
Autor da matraca,
Que intrépido attáca
Com seus consoantes
Os versos tunantes
Sem táes maravalhas;
E afîa as navalhas
Trombudo Censor,
Sem pèjo, sem dor.
Eu neste entrementes
Vos lanço a seus dentes
Versinhos louquinhos (1).

---

em delicadeza, e pico. Eu os tenho pelos modêlos máis acabados, que n'este género conheço. Os nossos Clássicos Portuguèzes, Camões mesmo, e o eruditissimo Ferreira não nos deixárão um único escasso Amphigurì. Talvez que os assustasse o ingreme da empreza. Alguns Amphigurìs, se derramárão pelas doutíssimas obras Academicas, mas seus nóbres, e religiosos compositores se descuidárão de enfeitar, com tão formoso titulo, as suas reconditas producções; que não de merecem a louçania d'esse brazão.

Eu (não sei, se por máis ignorante, ou máis affouto) sigo os vestigios do incomparavel Poeta que nos deo os «*Duzentos Gallégos não fazem um homem*» etc.; e ao menos se não fui o inventor da obra, quéro conseguir o gaucio de ser um dos que promóvêrão este *non plus ultra* do ingenho humano. E se a móda pégа! (pegará que vem de França) tempo virá que o meu nóme voará diante dos ólhos de todo o mundo: *volitabo per ora omnium* á ilharga dos ufanos Amphigurìs.

(1) O sentido d'este Amphigurì é tão árduo de colhèr, como o das tróvas do Bandarra; o Autor me tinha promettido de m'o explicar, mas creio que lhe esquécèo.

Nota do Editor.

SONETO.

Se o meu Bem crcio em braços de outro amante
Lavra em meu peito férvido Ciúme ;
Arde-me o coração em vivo lume ,
Chammêja a labaréda no semblante :
A vóz rouca , o juîzo delirante
Embrusca-me a alma rábido negrume ;
Megéra afìa o atraiçoado gume ,
E m'o ensópa na mente a cada instante.
Nem das Matérnas furias agitado
Sentio Orestes infernáes horrores ,
Quáes no ânimo revôlvo lacerado.
Os látegos de Aléсto vingadores
Tanto não dóem , nem sente um condemnado ,
No Avérno , ao menos , zêlos mordedores.

EPIGRAMMA.

Entender de Commercio é gran venida
Para dourar com cabedáes a vida :
Val máis que tenças , máis que bons mórgádos.
Sáibão que Fillis d'alugar seu leito ,
Que apenas lhe custou vinte cruzados ,
Tira déz mil , cada anno , de proveito.

USOS

D'ESTE MUNDO.

Nas praças uns perguntão novidades ;
Outros dão volta ás ruas , ao namôro ;
Este usuras cobrar , esse as demandas
Lembrar córre ao Juiz que se divérte.
Ir de Jano aprender a ser bifronte ,
De Mercurio , no trato , a ser bilingue ,
Franco no prometter , no dar escasso.
C'os ólhos fitos no ávido interesse
Ser comsigo leal , com todos falso
É ser homem capaz , home' entendido.
Assim , que vêmos nós por este esconso
Mundo ? Vêmos logrões , vêmos logrados ;
Ninguem vês ir com cândido desejo
Aos Sénecas , aos Sócrates de agóra
Perguntar as lições tão necessarias
De ser honrado , ser com todos justo.
Tão sobêjos se crêm de honra e virtude ,
Que cuida cada um podêr de sóbra
Mostrar na Occasião virtude a rôdo ,
E chega a Occasião , falha a virtude.

ODE.

——— Te doctus prisca loquentem
Te matura senex audiat. — Claudian.

Floreça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portugueza lingua. —
Ferreira. *Carta a Pero Caminha.*

Irritado da dôr, de vêr zombada,
Por insulsos pichótes,
A lingua de Camões sonóra e pura,
Que nos deo tanto nôme;
A phrase nóbre e térsa, com que a Castro
Derramava seu pranto; —
Chorando o fado dos alados Cysnes;
Que do Parnasso as sendas
Nos calcárão com tão gentil despêjo,
E com tanta opulencia
De eloquente riqueza nos fizérão
Herdeiros sumptuosos,
Fui sentar-me cuidoso, magoado
Nas ribeiras do Téjo:
E, a mão na face, descahida a frente,
Lançava ao longe a vista
Pélas aguas do rio caudaloso,
Outróra tão cantadas.

Tão famosas na Europa, e no Oriente.
« Quem vos vio n'outras éras
» Tágides nóbres, célebres nos hymnos;
» Levantar triumphantes
» Nas claras ondas o sobèrbo rôsto;
» Entre as do Alphêo, do Mincio,
» Na Italia e Grécia tão gabadas Nymphas!
» Hôje, de deslembradas,
» Não atreveis erguer-vos, pôr os ólhos
» Nos Cantores de Elysia.... »
Nisto... Sinto um rumor... Turbão-se as ondas;
Borbûlhão, fórmão cêrcos,
Que vão, uns apoz outros, estendendo-se,
E entre a miúda espuma,
Que alvèja pelas lizas verdes tranças,
Diviso o lindo Côro
Das graciosas Nymphas, escoltadas
De Tritões escamosos,
Com a forcada cauda o mar varrendo.
No meio um soberano
Ancião de branca barba ondeada e longa,
Que branda lhe descia
Pela cerulea tóga auri-brilhante.
De Neréa em Neréa
Os verde-mares ólhos perpassando,
Curva Real acêno
A' máis bella das Nymphas, que responda
A meus vivos queixumes,
Callou-se o vento, e as ondas alizárão-se.—
Como em luzente espêlho
Tritões espadaúdos retratárão,
E o Téjo, e suas Nymphas.
Então em mim fitando a clara Déa

O angélico semblante :
« Filinto , com razão , mui justas queixas
» Appaixonado espalhas
» Pelas nossas ribeiras saudosas ,
» Depois que a Mórte crua
» Segou , com fouce avára , aquelles grandes
» Esp'ritos excellentes
» Camões sublime , altîloquo Ferreira ,
» E quantos a éra augusta
» Criou com leite são , clara doutrina ,
» Que a Pátria acreditárão :
» E Nume tutelar , benigno Phébo ,
» De accender não cessava
» Divino fôgo nos ingenhos Lusos ,
» Mostrando-lhes c'roado
» De illustres ramas o desêjo de honra ,
» Ganhada por bons versos.
» Este ar , troando ainda c'os furores
» Da bellicosa tuba
» Que immortal aquéeîa o Vate ousado
» Quando lançava o brado ,
» Que por esse Universo se estendîa ,
» Mostrando os mares da Ásia
» Trilhados das affoutas prôas Lusas ,
» E os feitos memorandos ,
» Que inda éccho fazem nos auritos montes (1) ,

---

(1) *Sicut pictura poesis.* Car telle doit être la langue de celui qui aspire à faire partager à son lecteur les émotions fortes ou tendres qu'excite en lui le spectacle des beautés de la Nature. Des touches froides , une manière méthodique ne sauraient rendre des tableaux touchans ou sublimes ; mais si l'écrivain doué d'un goût chaste et pur , décrit de grands objets avec l'en-

» Despértão insofridos
» Ardentes peitos de Renôme etérno
» A treparem com ancia
» Pela scabrosa encósta do alto Pindo,
» E nelle cortar louros.
» Inda ha pouco Garção, Elpino, Alfêno
» Por Apollo animados,
» E nos nóssos regaços instruìdos,
» As lyras recebêrão
» Dos Cantores máis altos do Parnasso,
» E sôbre as doutas córdas,
» Já renovárão as Canções Dircéas;
» E as Musas, que corridas
» Da rançosa Académica (1) cohórte,
» Fugìrão enojadas,
» Que, de mil semi-vates aprosados
» Escuros, e espinhosos
» Desdenhárão influir os Anagrammas,
» Acrósticos, e Enigmas,
» Ou Góthicos, freiráticos conceitos,
» Já canoras do Pindo
» Vinhão descendo a bafejar os Hymnos
» Dos viçosos Alumnos,
» Nos Grêgos prados, nas Latinas veigas,
» Medrados co'a cultura
» Do apurado saber, ferrenho estudo....

---

thousiasme du Peintre et l'abandon du Poète, alors l'illusion naît; ses images rappellent les modèles, et le sentiment qui l'anime se communique à ses lecteurs.

Variétés littéraires. *Tom.* 1.

(1) Fallo da antiga.

Nota do Editor.

» Eis que de negros Córvos (1)
» Um bando iniquo em tôrno delles grásna
» Invejoso, moléstо,
» Motêja a lingua de áspera, e de antiga;
» De sentido enleado;
» Acha bronco o Camões, charro o Ferreira;
» Camões! a nossa glória!
» Por quem sômos só lidas e estudadas
» Nas térras mais remotas!
» Érguem no pôvo rudo alto ruído
» Contra os nóvos Orphêos (2).
» E assim como as Bistónides raivosas
» O canto lhe affogárão
» Quando no Hébro a dulcìsona cabêça
» Arrojárão dementes;
» Táes contra os meus Alumnos, essas Gralhas
» Os gritos desentôão.
» Dellas te queixa, nellas céva as iras;
» Que as fléchas do ridìculo,
» Horacio e Juvenal te afiáo promptas:
» Que não temos as Nymphas
» Máis armas que as do verso acicalado,
» Que rásga o âmago da alma.
» Não sômos Jóve atirador de raios
» Nem Phébo arcî-tenente,
» Que contra esses, que a pura veia turvão
» Da Pegásea Aganippe,
» E ás estradas do Pindo o passo impédem

---

(1) Adivinhem — Le chagrin de votre indigence est le motif qui vous fait décrier le luxe des enfans du génie.

(2) Ne pouvant entrer dans le sanctuaire des lettres, ils vomissent des blasphêmes contre les Pontifes.

» Aos mimósos das Musas,
» Disparêmos bombardas. Mas tu pódes
» Novo Boileau sevéro
» Cortar por Scuderis, Coitins, La Serres,
» Descoser seus escriptos,
» Ou novo Lôbo, de engraçado pico
» Pô-los tão despreziveis,
» Que nem os ólhos levantar se atrêvão
» Para os que os sons mellifluos
» Anciosos bebem na agua do Parnasso,
» Alta esperança Lusa! »

SONETO.

» NAVÉGAS entre Cabos tormentosos,
» Açoutada de ventos inclementes;
» Rompendo sérras de ondas combatentes,
» Vás naufragar em baixos temerosos.
» Por que deixas os pórtos bonancosos,
» Onde abrem claros sóes dias contentes?
» Onde gorgeião gárrulas correntes,
» Entre bastos rosáes, mirtos verdosos? »
Assim á Nize bella, Amor (que a via
Entre as vagas de turvas tempestades
De zêlos d Filinto) lhe dizia.
Té que, abalada das fieis verdades,
Beijou na face ao Deos, que a persuadia;
E os Ciúmes trocou em saudades.

MADRIGAL.

Mariposa inconstante,
Que namóras a Rosa, a Violétta,
E com vontade inquiéta
A toda a flor te off'reces fino amante,
Vai, léva essa meiguice
Longe d'estas Campinas lealdosas,
Que póde vir Almeno; e se te visse
Render tantas offrendas enganosas,
Te imitaria a errática ternura,
Des-leal a Delmira, á fé máis pura.

EPIGRAMMA.

Este, aqui, tenda; aquelle assenta banca:
Um ganha com pandeiro (1), outro com tranca (2).
Cada um labóra neste escasso mundo,
Com mistér, com officio, ou beneficio.
Chlori acertou, que com saber profundo,
Na alcòva a lóge abrio, do seu officio.

(1) Os prêtos do Rosario.
(2) Os mariólas de páo e córda.

ORIGEM

DO AMOR (1).

No almo dia em que Venus veio ao mundo,
Celebrárão com splendido convite
Seu nascimento os Deoses : até Pluto
C'os máis tomou assento. A' pórta olhava
(Quanto a mesa durou) prompta a Pobreza
A pòr a mão nas sóbras dos manjares.
Pluto, c'o Néctar, que bebeo sobêjo
(Que inda ao mundo não era o vinho dado)
De Jóve nos jardins se deita, e dorme.
D'ha muito que a Pobreza appetecia
Lanço abérto de ter d'um Deos progénie.
Assim, chega-se a Pluto, affavel, meiga,
E a si, com táes caricias o affeiçôa,
Que Amor dalli nasceo : e de nascido
Com Venus n'um só dia, vem, que na alma
Lhe agrada a formosura, e sempre a ségue.

---

(1) Tive o descuido de pòr á margem das traducções, que emprendi por desenfado, os nômes dos Autores originaes : essa a razão, por que agóra, que os quizéra pòr (afim de que me não tenhão por plagiario) me não lembrão; e muito principalmente os d'estes pequenos poêmas. Seja-me exemplo este, de que sómente me lembro, que vem de Grègo : mas de que Grègo ? Ahi tórce a pórca o rabo. Quem se póde lembrar de que Autor fòrão versos ha mais de 40 annos traduzidos?

O D E.

—— Sed Cynaræ breves
Annos fata dedere. —

Horat. *Lib.* 4. *Od.* 13.

As breves Horas, co' as fugazes plantas
Lévão de rôjo, a grão tropél, os annos,
Que na bôcca voraz a Eternidade
Acceita de contino.
Debalde, oh douto Sáles, sôbre os livros
Fatigas a saúde, e os piscos ólhos:
Debalde apùras a lidada idéia
Em busca da Ventura;
Que mal vio a bocêta de Pandóra
Abérta em nosso damno irrepáravel,
Abrio as pennas, e se ergueo do mundo
Corrupto e tenebroso.
Lógo, apoz della, os Deoses desgostados
O vôo lhe alcançárão, e nas limpas
Moradas venturosas se esquécêrão
Dos incáutos humanos.
Os Desastres em álas investírão
Co'a inérme próle do mal-sêcco lôdo,
Sem perdoar ás fôrças, á belleza
A's graças, aos talentos.
Deo córte á Argiva Helêna, a Achilles féro

Da esquiva Morte o inevitavel gume;
E os que affouto levou Typhis a Chólchos,
Vivêrão scassa idade.
Tu não encétes longas esperanças,
Nem confîes nos braços alentados
C'o espérto succo dos viçosos annos,
Nem no córado rôsto:
Quando Marcia, que assemelhava os Numes,
E que dias sem-termo merecia,
Quasi avista os umbráes da Lybitina,
C'os encovados ólhos.

SONETO

TRADUZIDO.

Quanto é singéla a vossa vida, e pura!
Pastores, quanto é brando o vósso estado!
Longe da Invéja, longe do Cuidado,
Zombáes da lingua, que em mentir se apura.
A' sombra dos docéis, que ergue a verdura,
Vai para vós rompendo o alégre prado
O ribeiro das róchas desatado,
Que entre as quebradas plácido murmura.
Ditosos! Desfructáes a Natureza
Entre o gado innocente, entre as boninas,
Entre peitos de amavel singeleza.
Nós, entre dólos, ambições, ruînas,
Mal vêmos o Prazer; que se despréza
De trajar o ouro das culpadas minas.

DESAFÔGO.

Onde estás, oh Philósopho indefésso,
Pio sequaz da rîgida Virtude,
Tão térna a alheios, quanto a si sevéra?
Com que mágoa, com que ira olháras hôje
Desprezada dos homens, e esquecida
Aquella ancia, que em nós pousou Natura
No âmago do peito, — de acudir-mos
Co'as forças, c'o talento, co'as riquezas
A' pena, ao desamparo do homem justo!
Que (baldão da Fortuna iniqua) os Deoses
Pozérão para symbolo do esfôrço,
Luttando a braços c'o áspero infortunio?
Pédra de tóque em que luzisse o ouro
De sua alma viril, onde encravassem
Seus farpões máis agudos as Desgraças,
E os peitos de virtude generósa
Disferissem podêres de árduo auxilio? —
Que nunca os homens são máis sobre-humanos
Máis comparados c'os sublimes Numes,
Que quando acódem com soccôrro activo,
Não-manchado de sórdido interesse,
Nem do fumo de frîvola ufanîa;
Ou cheios de valor e de constancia
Arróstão co'a medonha catadura
Da Desgraça, que apura iradas mágoas
Na casa núa do varão honesto.

Mas Grécia e Roma ha muito que acabárão ;
E as cinzas dos Heróes fórtes e humanos ;
Que as cìvicas corôas preferìão
Ao louro triumphal , tincto de sangue ,
Hòje as pìza , hòje espalha desdenhoso
O vulgo cégo dos Philautes duros ,
Surdo á voz que o reprehende vingadora.
Que os homens , de imprudentes , não alcanção ,
Que o perênne prazer único e puro ,
Que o Céo outórga neste esquivo exilio ,
É o que se esparge pelos seios da alma ,
E que a transpassa de immortal deleite ,
Quando partimos , com bizarra dextra ,
Os bens , que liberal nos deo a sórte ,
E vêmos transluzir radiósa e viva
A Alegrìa no rôsto do afflìgido ,
A Dissabor molésto condemnado.

MORALIDADE.

É nosso coração vorage immensa ,
Em que Honras ; Cargos , lúbrica Ventura
São dos Desêjos vagos a mantença ,
Que , gozados , os manda á sepultura ,
Para abrir nova bòcca á turba densa
De prazêres de nova formosura
Quáes das talhas das Bélides impìas ,
Se esvaècem as aguas fugiuîas.

ODE.

As invéjas da illustre alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados;
Quem valorosas obras exercita
Louvor alheio o esperta e excita.

Camões. Cant. 5. est. 92.

1.

ROMPEM curvadas quilhas atrevidas,
Por climas não-usados,
De Neptuno as espâduas insofridas:
Por sêrros não-trilhados,
Por férvidas areias, crêspos gêlos
Devássa o affouto pé do Orbe os cancellos.

2.

C'o a mão segura ás roupas da Virtude
Não téme o Varão forte
Do Leão, ou da Ursa a garra rude:
Calca o semblante á Mórte,
Ou na férrea pelêja, ou nâ tormenta
As lanças québra, os Euros amedrenta.

3.

Com alto brio, e poucas trópas duras,
Alexandre em Arbéllas

Juncou o campo d'aureas armaduras.
As frentes amaréllas
A tres Pretôres fez voltar , ousado
Viriato de esfôrço e ardìs armado.

4.

Estreméçem c'o insólito rebate ,
Quando o ardido Soáres
De Mécca ás pórtas co'as trombêtas bate.
Tremólão pelos áres
Nos nadantes baixéis farpadas Quinas ,
Quando avista o Cabral Brasil e Minas.

5.

Mas que furor se ateia no meu peito !
Novo fogo me accende ,
Um Deos me peja o coração estreito.
Minha alma se desprende ,
E os ares vai talhando a vôo sôlto ;
A azul morada pizo desenvôlto.

6.

Que Templo é este que á direita vejo ?
Que altar de verde-antigo
Teu sancto simuláchro humilde beijo.
Salve , oh Numen amigo.
Este é da Glória o Templo. Aquî são Numes
Os Varões de honradissimos costumes.

7.

Allî vejo Nunalv'res !.. Sim : na lança
Que foi da Pátria amparo ,
O grave côrpo impávido descansa.
Allî sublime e claro

Está Manoel, está João segundo,
Que ensinou a ser Reis os Reis do Mundo.

8.

Ouço Attaîde, e Constantin valente,
Castro, Cunha e Sampayo
Memorando as façanhas do Oriente:
Do Achem e do Malayo
Contando árduas batalhas que ganhárão,
Gólpes que dérão, Reis que avassallárão.

9.

Dom João da Sylva, para o baixo Mundo
Descendo o olhar pausado,
Tinge o semblante de prazer jucundo.
C'o braço recostado
Na órla do escudo, o corpo sobrânceiro,
Assim te falla, oh novo Cavalleiro.

10.

« Tu, que affouto trilhar do valor quéres
» As difficeis estradas,
» Desvìa o fito de brazões, de havêres,
» Para as acções honradas
» Dos que accêsos no brio alto e prèstante
» A Fama, por fanáes, te pôz diante.

11.

» Na A'sia Albuquerque, na A'frica Menezes
» Valentes retalhárão

(1) Ouvi dizer em França, que Luiz XIV mandára traduzir a chrónica de El Rei D. João segundo, e que como a seu mestre o consultava.

» Indianos broquéis, Mouros arnêzes.
» Os Phócas se assustárão
» Das Lusitanas Náos empavezadas
» Sulcar do Eóo as húmidas estradas.

12.

» Ergue os ólhos á Salla grave e dina. —
» Aquî os vês honrados
» Os Capitães, que em térra peregrina,
» Ou nos Láres amados,
» A rôxa Cruz de módo ennobrecêrão,
» Que entre illustres Heróes lugar se dérão.

13.

» Cavalleiros da rôxa Cruz de Christo
» Vencêrão denodados,
» Com valor, nunca n'outra gente visto,
» Tantos Povos armados,
» Tantos Reinos no Antîpoda Hemispherio,
» Que dérão novo Imperio ao Luso Imperio.

14.

» Por feitos de valor, duras fadigas
» Se ganha a Fama honrada,
» Não por branduras vîs do ócio amigas
» Zonas fria e queimada
» Vîrão do Cancro, á Ursa de Calixto
» Cavalleiros da rôxa Cruz de Christo.

15.

» Eu, já a Fé, e os teus Reis, e a Pátria amada,
» Na guérra, te ensinei

» A defender, com a tingida espada :
» Co' a Mórte me affrontei
» Pela fé, pelos Reis e Pátria. A vida
» Se assim se pérde—a vida é bem-perdida.

16.

» Já com esta (e arrancou a espada inteira)
» Ao Reino vindiquei
» A Crôa que usurpou mão estrangeira.
» Fiz ser Rei o meu Rei
» Com acções de valor, feitos preclaros
» Nas Linhas d'Elvas, e nos Montes-claros.

17.

» Se de imitar meu nome te gloreias,
» As façanhas me imita,
» Ou na Pátria Nação, ou nas alheias.
» O meu valor te incita ;
» Ségue os meus passos, ségue o meu exemplo,
» Se morar quéres neste hourado Templo. »

SONETO.

Do peito as pórtas, me assaltáes, guardadas,
Oh Zêlos, que os buîdos passadores,
Tôrvos na vista, respirando horrores,
Vibráes em vão nas mãos ensanguentadas.
Em vão co' as linguas, em rancor cevadas
Anciáes pôr nódoa em cândidos favores ;

E, aos visos da Suspeita de mil côres,
Dáes fáce a culpas, na alma nem pensadas:
Vindes de armas, sem força, appercebidos.
Vêde os Amores postos em defeza;
Vossos tiros das azas sacudidos.
Nize apurou do Amor toda a fineza
N'um favor, que enlevando-me os sentidos
Não deixa onde empregueis vossa cruêza.

ODE.

——— Operosa parvus
Carmina fingo.
HORAT. *Lib.* 4. *Od.* 2.

1.

LYRA, ha tempos altiva, temeraria;
Que ousavas (mas de longe)
Seguir o trilho do divino Horacio;
Que, escutando-lhe os sons, a voz moldavas
Em seu métro ditoso,
Da Grécia herdado, e que legado a Roma,
Se malogrou em Vates apoucados.

2.

Lyra cansada, lembrem-te as fadigas,
Que por seguir teu Mestre

Desvalidas nos ares te largárão
A' Icaria sorte, sem deixar teu nome
A celebrados mares;
Lá perdeste a conquista aventureira,
E a fama lá trocaste por desdouros.

3.

Lembrem-te ultrajes da ruin Doença,
Que as reliquias do Éstro
Me definhou co' a macilenta dextra,
Quando a arquejar o anhélito entalado
Me assoberbou no peito
O ancioso coração, e que ante os ólhos
Vidrados quasi, a Mórte, e seus Sequazes,

4.

Com feia, ameaçadora catadura
As luzidìas fouces
Medônhos meneavão, e do avaro
Jazigo a campa abérta me apontavão.
E inda tens ancia, oh Lyra,
Que te fira as desafinadas córdas
Com desleixado plęctro? És louca; és louca.

5.

És confiada: que estás chamando os Numes
Ao meu estreito a'vergue.
Já a Gratidão fizeste vir do Olympo,
Me acenas que a cortéje. — Eis-me no enleio.
Faze pois com que Apollo
Co' as Musas desça, — já que és Lyra sua,
Que os sons desção de Pìndaro, e de Flacco.

6.

Como prodigio tal podéste, oh Lyra,
A favor d'Araûjo?
Eis vem co' as Musas Phébo! Vêjo os altos
Soberanos da Lyrica harmonîa!
Já meu curioso ouvido
Bébe a inspirada voz, que léva aos Pólos
O mérito do Heróe de fama digno.

7.

Quando, por sustentar recem-remida
A Lusa Liberdade
Do tyrânnico jugo dos Philippes,
O acclamado João ia amostrar-se
Ao desejoso exército,
E na dianteira General suprêmo
Guiâ-lo pelo trilho da Victoria;

8.

Deo a guardar a vida mal-segura
Das Hispanas ciladas
A Araûjo fiel (1): e allì o Nume
Tutelar da liberta Lusitania,
Que, envôlto em rara nuvem,
Sempre a assistio com disvellado amparo,
Do Rei novo, assim falla, ao Regio Guarda:

---

(1) Para guarda da sua Real Pessoa uma Companhîa de Arcabuzeiros veteranos, de que era Capitão Luiz da Lomba de Araûjo. Vida de D. João IV.

9.

« Tens a teu cargo a glória Portugueza ;
Em ti depositada
Tem toda a confiança o Pôvo Luso.
Sê disvéllos, sê ólhos sempre-abertos ;
Com teu cuidado cérca
Esta nossa esperança, dos Céos vinda,
Resgate do comprido Captiveiro.

10.

Nos ânimos dos Lusos libertados
Se anda tecendo o premio
Agradecido, e em quanto tu vigîas,
Inda outro premio máis subido e raro
Te apresta o Rei guardado:
E o Prophético Nume quér brindar-te
Co' a avára vista d'um arcâno occulto.

11.

A mim m'o descerrou; por que eu cóm elle
Te gratifique o zêlo;
A mim que affecta sou com maior ancia
Em honrar-te a velada fiél guarda.
Gostoso e attento me ouve;
E no âmago do peito forte imprime
As vozes de ouro, que revéla o Fado.

12.

Um Néto, que virá, passada esta Éra,
Coberto de teu nôme,
Bafejado dos Céos, caro ás Aónias,

Antonio de Araujo, has de ser astro,
Que a toda a tua stirpe
Dê luz com seu Ingenho agudo e raro,
Com Pátrio zêlo, e sociáes virtudes.

13.

Do Empyreo, onde te pões teu zêlo activo,
Verás como elle doura
Os cargos, de que o Rei, e a Pátria o incumbem;
Como luz c'os talentos, já nas Côrtes,
Já nos doutos Congressos;
E te darás, por séculos, premiado
Nô brilho de teu Néto generoso.

ODE

DE ARROMBA

A UMA MORTE (1) MUI SENTIDA.

Ah que não sei de nojo como o conte!

Camões.

Fóge, profano vulgo, que aborreço:
Cégo, que nunca viste
As columnas, os pórticos sagrados
Que a morada tornêão

(1) Esta Ode requeria ser gravada sobre o mármore do Mauso-

Da facunda immortal Sabedorìa ,
Sobre asp'ro cume de êrmas róchas broncas.

Caro ás Aónias , destemido Vate
Pela mão de Thalìa
As escabrosas retorcidas frágas
Do fatigoso monte
Vou subindo , tardìo , mas cravados
Os animosos ólhos no altô tecto.

No largo umbral de jaspe o douto Apollo
Rodeado das Musas
Co' a lyra altî-sonante me convida :
Por onde os pés aponto
Curvão-se os louros , abrem-se os silvados
E perfume divino em mim recende.

O sacro horror queme occupava o peito
Se convérte em corage :
Da luz que pelas pórtas rompe e brilha
Sinto ferida a mente.
Desfaz-se a névoa do Êrro ; estálão , québrão ,
Os oucos sons da tùmida Ignorancia.

Com sábia mão a Divindade augusta
Que aquì pousou seu Templo ,
Me déspe os ólhos da embotada vista ,

---

léo, a ter eu tanto juîzo e tanto dinheiro como a Duqueza de Châtillon; que na sua quinta de Ablons junto a Parìs , mandou levantar um muito custoso, a um caso, quasi similhante , e nelle abrir a inscripção , compósta por um Académico.

Céga herança do vulgo.
Com raio perspicaz de agudo lume
Me brinda, e me esclarece generosa.

Desde a Aurora serei até o Occaso
Solemne Vâte ouvido.
Enchutas Ursas (1) e Mouriscas praias
Estudarão meus vérsos.
E a Fama, as azas longas alargando,
Meu nôme estenderá d'um Pólo ao outro.

Eu já a vejo aos montes sobranceira
Com cem bôccas, cem ólhos
Que vêm tudo, e mais contão que não vírão.
Infatigavel Nume,
C'o pé ligeiro, em quanto a terra méde,
Na abóbada do Céo co' a frente róça.

A gente (2), que de nóvas se sustenta
Em tropél se lhe apinha (3).
A voz despréga. — Chego cubiçoso,

---

(1) Todos sabem que Juno pedio ao Oceâno que não deixasse banhar-se em suas aguas Calixto nem seu filho, que a tal Deosa, por ciûme converteo em Ursas, e que Júpiter por conhecimento de amoricos antigos pôz no Céo, para lhe servirem de nórte; e chamarem a si a agulha de marear. A esta vingança de Juno allude o nosso Camões, quando diz no Cant. 5.:

Vimos as Ursas a pezar de Juno
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

(2) A gente de Côrte, os Ociosos, os Peraltas, os Basbaques, que não tendo estudo, ou negocio seu em que se empréguem, mêxem nos alheios, por consumir o tempo.

(3) Deixá-los apinhar, que lindas cousas tem que ouvir.

Que assim me avisa e manda
A voz da Sapiencia, máis segura
Que o crido som dos Dodonêos (1) carvalhos.

E diz: Que todo o Olympo está de nôjo;
Venus, Pallas e Juno
Vão nêgras longas caudas arrastando;
Júpiter, Marte e Apollo
Pozérão choradeiras nas casácas (2)
Pela mórte do Gato de Marfisa.

SONETO

De romper outeiro de Abbadessado.

MOTTE

É TEMPO, OH MUSAS, ROMPA O DOCE CANTO.

GLOSA.

TEM Virtudes estrellado assento
Na aula sublime do Factor do mundo;
C'os pés estão trilhando o collo immundo

---

(1) Nos bósques de Dodona fallavão os Carvalhos consagrados a Júpiter; e aos oraculos que delles vinhão se dava muito crédito. Antigamente tudo fallava, hoje ninguem diz cousa que boa seja.

(2) Os Romanos e os Grêgos trajárão Júpiter e os mais Deoses á sua feição; e eu trajo-os á minha; tanta autoridade tînhão

Do Vicio torpe, do O'cio macilento.
Mas, ah! que vejo? Do aureo Firmamento
Desce um luzeiro rápido-rotundo,
D'onde, com rôsto plácido e jucundo
Sálta uma Nympha ao térreo pavimento.
Serena Religião, sei que procuras
De Tircéa o composto illustre e sancto,
Pasmo das nóssas éras e futuras.
Quéro-a louvar; mas não me atrevo a tanto.
Vinde: acudi do Pindo, oh Nymphas puras
É tempo, oh Musas rompa o doce canto (1).

MADRIGAL.

Dizem que Ausencia
Quebranta Amor:
Mas quem o diz, não tem de amar sciencia:
Que, ausente, eu sinto na alma ancia maior;

---

elles, como eu, para dar roupa a quem a não precisa. *Mas dar Casacas a Deoses sérios* (me dirão os perluxos) *não é trajo decente.* — Veste casaca o Papa que não é bôbo, nem volantim, véstem casaca os Reis e Embaixadores que não são gente escangalhada de riso: e vestírão as freiras de Sancta Anna o menino Jesus de Cadete de verde (que eu o vi) na procissão das Curraleiras; e os Archeiros lhe envergárão a sua farda na grande procissão de Corpo de Deos, de que eu faço relação n'uma carta ao Marechal de C. que aqui irá impressa.

(1) Os outeiros de Abbadessado são as fórjas da máis impudente lisonja: por acêrto, e sem ânimo de tal, se diz nelles a verdade. Assim sabem já todos o que é um soneto a uma Abba-

Arrebatado,
Desejo forte
Lávra em meu peito de colhêr agrado
Da linda bôcca de Elia, que impia sórte
Longe de mim
Apparta assim.
Ausencia a Amor é como ao fôgo o vento;
Ao fraco apága, ao fórte dóbra o alento.

ODE

A' ILLma. E EXma. SENHORA

D. Marianna Joaquina de Vilhena, Coutinho.

Io temo si de begli occhi l'assalto
Ne quali l'amore e la mia morte alberga
Che fuggo lor, come fanciul la verga.

Petrarca.

Em vão, Cupido, séttas sobre séttas
Encravas nesta chaga de meu peito.
Ouves-me um só suspiro, um ai amante,

dessa; que de ordinario não são meninas nem môças. Eu por mim o digo, por máis que lhes queria dar um rebôcco prazenteiro, sempre a Imaginação me pintava uma Abbadessa com óculos no nariz; e um diurno entabacado nas mãos.

Da alma arrojado á bôcca ?
Já córre a mim com passo atropellado
O nono lustro da cadente idade :
Farpões estragas n'um calloso peito.
Que é todo bréclia e ruinas.
Quéres, que entre destêrros e amarguras,
Perda de bens, da fama, dos amigos,
Èrga inda os ólhos para a bréve face
Do Prazer, que me fóge ?
Cégo ! que os tiros empregar não sabes !
Despeja a aljava no formoso seio
Da lindissima Armania, alvo que póssa
Ennobrecer-te os tiros.
Ella que de hecatombes te enche o Templo,
E que onde quér que vólve a térna vista,
Fére, e derruba as almas orgulhosas,
Que o Nume teu desdênhão :
Ella merece que uma alada canna,
De teu arco sonante despedida,
No izento coração, c'o gume de ouro
Rasgue amante ferida.
Sinta o teu braço quem te traz temido ;
Saiba como arde no anhelante peito
Pudibundo suspiro, que receia
Tremer (1) no ouvido amado.
Ufano então da triumphal conquista
Te esquécerás de esperdiçar as séttas
Com mão iniqua a fio malogradas
No peito de Filinto.

---

(1) Esta expressão é muito delicada ; pelo gòsto que lendo-a, senti, julgarei dos outros leitores, segundo que a approvarem, comprehenderem, ou criticarem. *Nota do Editor.*

EPIGRAMMA.

DIA'LOGO

ENTRE O ABBADE E FR. AMBRÓSIO.

UM Abbade d'um rîgido mosteiro
Comia sanctamente um bom robálo :
Eis aquî Frei Ambrósio, mui lampeiro
Do gôsto do jantar vem estoryâ-lo.

FREI AMBRÓSIO.

E diz : » Não coma Vossa Reverencia
» N'um dia de jejum, de penitencia
» Iguarîa guisada com toucinho.
» Hôje, que é dia da Paixão sagrada,
» O Cusinheiro punha esfatiada
» Métade d'um prezunto em branco vinho,
» Para tempêro d'esse peixe grosso,
» Que é Páe e Avô do miuçalho ensôsso,
» Que ao refeitorio vem dizer a culpa
» De não ousar subir á vossa mesa. »

ABBADE.

Padre, é bem taralhão. Sua affouteza
De ir a ôlha espreitar, não tem desculpa.
Quem lhe ensinou a ruin descortezîa
De escoimar os boccados a quem cóme?
Para o futuro, em penitencia tóme,
Ser cégo e mudo em similhante dia.

GENIAL EX ABRUPTO,

OU

ODE A BACCHO.

No dia 23 de Dezembro dia dos meus annos, em 1783, estando á mesa, com dous Portuguezes.

Fas pervicaces, est mihi Thyadas,
Vinique fontem, lactis et uberes
Cantare rivos. — — —

Horat. *Lib.* 2. *Od.* 19.

Empunhêmos, (1) Amigos
As insignias sagradas do grão Bromio;
Altos os cópos, largas as saúdes,
Brindêmos, festejêmos

(1) La Poésie chargée dans les festins de tracer l'éloge du vin avec les couleurs les plus vives, peignit en même temps cette confusion d'idées, ces mouvemens tumultueux, qu'on éprouve avec ses amis, à l'aspect de la liqueur qui pétille dans les coupes. Voyage du jeune Anach. *tom.* 2.

As Anfrisas, as Délias, as Delmiras,
Mysticas Nymphas de engraçadas Orgìas.
Perdêmos o passado;
Não vêmos o futuro, só é nosso
O momento da vida que deleita.
Brindêmos, festejêmos
O barbî-louro Deos sempre mancêbo,
Doador da Alegrìa, e dos Prazêres,
Que em rôxo, em aûreo sumo
Se embebeo precavido, e generoso
Para aditar os Sábios, (1) os Prudentes;
Os que põem na vanguarda
Do exército, que alînhão contra a Pena,
Cópos do Douro, frascos da Chamusca.
Brindêmos, festejêmos
O risonho Sileno, affavel Aio
Do sempre-invicto Domador das Indias:
Que melhor que o Pythágoras,
E outros táes bebedores de agua pura,
Com máximas mais sãas lhe deu ensino;
Lhe deo palmas, triumphos,
Lá onde a loura Aurora o Céo nos abre;
E entre os homens e os Numes lhe deo brado.
Evohé, grão Sileno.
Amigos, evohé! Olhai sizudos,
Como rôxo, e pansudo se escarrancha
Sobre o tonnél festivo;
De hera trémula, e louros enramado,
Os pendentes corymbos lhe aderéção

---

(1) Siccis omnia nam dura Deus proposuit.
Horat. *Lib.* 1. *Od.* 18.

A nunca-triste fronte.
Allì tem thrôno, allì convoca os Faunos
Os cornìgeros Sátyros felpudos
Com a rasa-espumante,
Nectarea taça aos dentes encostada,
Mergulha, ensópa os rùbidos bigodes;
E os beiços espremendo,
Para absorver o cheiro, o pico, o succo
Do vermelho regato, que desliza
Pela esconça garganta,
Arrebatado, extatico, divino
Docemente surri, e os ólhos cérra.
Molhêmos, ensopêmos
As sequiosas fauces nesta ambrosia
Que Lyêo nos plantou, Deos favoravel.
Aqui garrafas, cópos
Esgotêmos a pino, generosos,
A Sileno que o manda, e dá o exemplo.
Lá no bòjo do peito
Façâmos este louro sacrificio
Ao Deos não-avarento de deleites.
A mim depréssa a Urna
Do aureo Champanha, que trasborda e espuma
Pela órla aurì-brilhante de topazios.
Allì dentro se esconde
(Se eu atino) a lépida Alegrìa,
Que salta, que borbulha, estoura, e brilha.
Não me engano. Lá a vèjo
No fundo d'este vaso reluzindo
Co' a viçosa Esperança; e tem nos braços
A rosada Ventura,
Que c'os ólhos me diz: *Quéro agasalho*
Com todos os meus mimos no teu seio.

Amigos, eu aquéço
C'o vigoroso néctar, que se enfìa,
E corre atropellado pellas veias.
Eu canto, eu sou Poéta; (1)
E entro já pelas fôscas espessuras
Do laurîfero Ménalo sonante.
Bassarides, traçados
No hombro esquerdo os Nébridos (2) despójos,
Descomposto o cabêllo, a voz em grita,
Eivados, (3) nûs os peitos,
O'lhos fogósos, espumosa a bôcca
Rompem os bósques, trépão nos rochêdos;
E c'os uivos medônhos,
C'os redôbros dos rîspidos adufes,
Os écchos vão troando re-estrugidos.
Térção nas mãos protervas
Trémulos thyrsos!.. Eis que batem fôgo,
As resinosas pinhas sacudindo.
Baccho, indómito Baccho,
Tu me levas comtigo a mente a rôjo
Por sobresaltos de escarpadas penhas.
Já dóbro o agudo pico
Da montanha que abrio ditosa lapa,
Onde as Nymphas te crîão desveladas
Na mui-ditosa Nysa.

---

(1) Fecundi calices quem non fecere disertum?
HORAT. *Epist* 5. *lib.* 1.

(2) Pélles de côrços, bravìos capros, com que cobrião as Ménades as èspaduas.

Vid. STAT. *in Sylv.* SENEC. *in Trag.* HERC. *fur.*

(3) *Lymphata pectora.* HORAT. OVID.

Que verdejante encósta se debruça,
Pelo revéz do endeosado monte!
Que gárrulos ribeiros
De liquor Nyctilèo córtão os prados,
Embebidos de Arábicos perfumes!
Lá abaixo crésce um gôlfão
Pacìfico, contente, onde almos Génios
Coroados de parras buliçosas
Affógão de mergulho
Hirtas fórmas de lúgubres Espectros
De amarélos semblantes definhados.

TODOS.

Quem são, que são os vultos?

POÉTA.

São Cuidados, pungentes Amarguras,
Que gástão, que consumem as entranhas.

TODOS.

Morrei, morrei, tyrannos:
No pégo da Alegrìa, e da Saúde
Dai os fináes arrancos despeitosos.

POÉTA.

Alvîçaras, Amigos;
Enchei de novo os cópos... rasos, rasos;
E em parabens de gôsto os despejêmos.
Outro vinho, outros cópos —
Mais bojudos — mais cheios — trasbordando...
Abraçai-vos, Amigos. — Lá morrêrão;
Lá vão ao fundo as Mágoas:
C'o folhcado thyrso ponti-agudo
As atravessa, as cráva no profundo.

TODOS.

Quem ?

POÉTA.

E o perguntáes!
Quem se não Baccho ? O Deos, que amado impéra
No contente dominio! O Deos Benigno,
Que aviva, que remóça.
O Deos que inventou bailes e theatros (1)
No douto chão da regalada Grécia
O Deos, que planta e encurva
Por cima das cabêças dos sabìdos
Verdes caramanchões, frêscas parreiras;
E téce opacas sombras
Que afferrênhão os éllos retorcidos,
Contra a calma, e seus raios importunos.
Eia; vamos: Amigos,
Beijar devotos o altar perênne
Do nosso tutelar Lyêo brilhante:
De offrendas mil, e votos
Carreguêmos as mãos agradecidas,
Que com solemne rógo accompanhêmos.
Mas, onde iremos? Onde?
Se aqui presente Baccho pôz seu thrôno,
Da mesa fez altar, da salla templo?
As vìctimas, os vasos
Diante nós estão, Nymphas, Ministros,
Ao Deos acceitos. — Começai comigo.

---

(1) *Carmine qui tragico vilem certavit ob hircum.*

HORAT. *de Art.*

Non hircum animal, sed utrem hirci musto refertum. Cruq.

TODOS.

Evohé, evohé.
Com teu imberbe rôsto, excelso Brómio,
Glória de Nysa, domador do Oriente,
Espanca, arréda as nuvens
Apertadas dos Sustos, das Tristezas,
Que forcêjão subir pelo horisonte:
Embóta o gume á foice
Do med nho esquelêto, que do Avérno
Aponta a nós os macilentos passos.
Evohé, evohé.
Com pipas, com tonéis alçái trincheiras
Que a sêcca perna aquî lançar lhe tôlhão,
Nos umbráes d'este asylo,
Onde fáção perpétuos sacrifícios
Em tôrno d'este altar os teus devotos.
Assim vejas ¡ Oh Baccho,
Trocar-se em templos teus todas as fórjas
Da aguda, mal-fazeja Rabulice,
E os arsenáes medônhos
Da armada Tyrannia; e seus sequazes
Convertidos em mui-leáes amantes
De teu gostôso sumo,
Virem vermêlhos protestar brandura
Nas tuas lizas aras sempre francas (1).

---

(1) A muitos parecerá longo este poêma; mórmente se se considéra, que o fiz á mesa: e assim me parece a mim tambem. E esta será uma daquellas raras vêzes, em que o reparo do Crîtico acérta com o pensamento do Autor. A elle respondo com a minha costumada sinceridade, izenta de todo o desvanecimento. 1°. Que versos de frandulage custão pouco a fazer a quem anda com as

---

O VERDADEIRO AMOR.

CONTO.

NUNCA ouvi de mulhér contar extrêmo,
Que hombrear póssa c'o este peregrino
De Amor máis puro sem igual realce,
Que em bréve phrase aponto a meus Leitores.
Navegavão com próspera viagem
A decantada Mécca dous amantes,
Que os Páes devotos concertado tinhão
Ajuntar em legìtimo consorcio,

---

mãos quasi sempre na massa : pela razão, que vivendo retirado e só, occupo o meu ócio (que é largo) em versejar. 2º Que estava á mesa com Portuguezes que estimo, e cujo idiòma gósto de fallar em terra estranha; além de que, já tinha vindo o assado; tìnhamos bebido dous cópos, e como nada ha que tanto devasse a lingua, começou a Alegrìa a dar á taraméla; e em lugar de murmurar da vizinhança, ou fallar de fémeaço, a minha lingua se desatou em Poesìa. 3º. Que com effeito, quando o fiz não era tão comprido, mas quando o tirei do Borrador, fôrão-se-lhe alargando as cusanchas 4º. Que quanto máis envelhêço máis longas se me estendem as idéias Poéticas e nunca me capacito que disse tudo o que tinha que dizer: e todos sabem que desde Homéro para cá todos os Poétas vélhos fallão muito. 5º. Pela costumada preguiça de emendar o que já fiz: que máis me custa às vèzes a emenda (e ainda a cópia) que o feitio. 6º. Por que estou em terra, onde não tenho Quintilios Portuguezes que me digão : » *Corrige, sodes hoc... et hoc delere jubebat.*

HORAT. *de arte Poet.*

Depois de saûdarem do Prophéta
A sepultura, e de Jacob o pôço.
Ibrahim e Fatima suspiravão
Pelo ditoso dia promettido :
Mas com ver-se e fallar-se erão contentes
Seus accêsos desejos, sempre-castos.
Já se vião de longe agudas grimpas
Co' as Musulmanas luas vencedoras,
Apontadas ao Céo nas altas tôrres
Dos templos de Giddá, na fóz do Estreito;
E o peito alvoroçado dos amantes
Sentìa, ao longe, os passos appressados
Do flórido Hymenêo, que a elles córre
C'o estreito laço na aprazivel dextra.
Que caricias, que mimos não debuxão
Na delicada idéia namorada!
Que prazêres, quáes guarda em seu thesouro
Venus, nas grutas da cheirosa Chypre,
Não passão em revista, e não se escólhem
No futuro com sôfrega vontade
Duas almas que Amor queima e consume!
Tu não pódes, Leitor, com mortas côres
D'um pousado pincel lânguido e frio
Traçar no quadro as deleitosas chammas,
Que abrázão corações junto á baliza
Que co' a dextra sagrada as Leis pozérão,
Por que viva c'o Pêjo o Amor seguro,
Se não amas honésto e esperançado
De unir-te á tua Amada em prazo bréve.
Oh mortáes Esperanças lisonjeiras,
Frágeis ìdolos da alma! vãas chyméras,
Aérias tôrres, frìvolos castellos,
Assentados na areia movediça!

Eis que em róda começa o horisonte
A abafar-se de nuvens denegridas ,
Os pólos se affoguêão com relampagos ,
Nos ares cruzão trémulos coriscos ,
Com horrendo estampîdo estálão ; rásgão
Roucos trovões roncando , rebramando
Nas rôtas róchas da fronteira praia ;
Os ventos se ameação , se acomettem
Na assustada campina de Neptuno ;
As ondas se amontôão , se acappellão ,
Em borbulhosa espuma se espedação ,
Os verdenegros rôlos branqueando.
Um temporal desfeito lhe rebenta
Nas tremedoras vélas de improviso :
O Susto de seus animos se apóssa ,
E a Pallidez se espalha pelos rôstos.
A vêrga géme , estála o grande másto ,
O navîo se enjôa , perde o rumo ;
Jóga desarvorado , e se esconjunta
A quilha aos duros tóques naufragósos.
Um açoute cholérico de vento
O levanta das ondas , e arreméssa
A's crespas órlas de áspero recife ;
E entre fileiras de sequaz espuma
Em ponteagudo escôlho um rombo o alága.
Quem contará da acerba desventura
O lastimoso horror ? o desconfôrto
Da esmorecida pállida Fatima !
Tóma Ibrahim sôbre os robustos hombros
O dòce pèso da formosa amante ;
Co' as ondas lutta , em pouco tendo o p'rigo ,
Quando ólha pérto a salvadora praia.
Eis que uma onda máis dura avança irósa

Des-prende os braços que lhe atava ao cóllo
A chorosa Belleza desmaiada :
Outra onda sobre-vêm, que pósta em meio,
Lh'a arroja longe do cansado alcance.
O fiél amador arréda, e córta
C'o porfiado peito a vaga avára,
Que lhe encóbre as madeixas de Fatima,
Nórte e rumo de seus velados (1) ólhos.
Aqui foi o furor, aqui as fôrças
Tirar do Amor, que não dos lassos membros,
E empregâ-las nas aguas despiedosas.
Debalde as empregava, que máis longe
A cada braccjar lhe punha a Amante
O rigor do Destino, que a cadeia,
Que Amor formou, querìa ver quebrada.
Então fallido o arrôjo de seus braços,
Ibrahim pérde o alcance, pérde o fito,
Que o turvo manto da imminente Mórte
Lhe começa a cobrir de sombra etérna
A desperada saûdosa vista.
Um Marinheiro, que da salva praia
Vìra o vigor de máis ventura digno,
Tão mal-frustrado pela iniqua estrêlla,
A's naufragadas ondas arremétte
Para arrancar da amarga sepultura

---

(1) Velados por veladores, ou que estão sempre de vigìa: como dizemos namorados, na passiva, os que activamente namorão. Temos nos nossos bons Autores, infinitos exemplos de nomes verbaes passivos, a que muito elegantemante dão significação activa, como fazião os Latinos, de quem tomárão os muitos modos de fallar; e máis ainda tomar devêramos, se bom sizo tivéramos.

O pállido Ibrahim da dôr vencido.
Oh excésso de amor, sublime glória
Da fineza d'um home' em tal extrêmo.
De brando á sua Amada, a si sevéro
Estas últimas vozes piedosas
Soltou ao marinheiro compassivo:
« Empréga o teu soccôrro generoso
» Em alma de mais preço que esta minha:
» Salva Fatima; que eu contente môrro,
» Se no ultimo abrir d'estes meus ólhos
» Vejo na praia salvos os seus dias. »

MADRIGAL

A' ILL^MA. E EX^MA. SENHORA

D. ANNA APOLLONIA DE VILHENA, E ABREU SOARES.

Tu sempre noite e dia estás fréchando,
Amor, humanos peitos.
Quem te está tantas fréchas preparando?
Não Vulcano, c'os seus mal-escorreitos
Cyclópes, a servir-te
Fôra agóra bastante.
Como um côxo e tres tórtos (1) acudir-te

---

(1) Não *tórtos*, por que alguem lhes houvesse vasado um ôlho a cada um; mas porque chamamos tôrto o que não nem senão um ôlho — — na cára. São licenças poéticas.

Com armas poderão
Quando tu mil a mil lhe dás vazão ?
Não vês com quanta azáfema o Tonante
Péde ruivas centelhas ,
Quando em Verão e hyuvérno as sobrancelhas
Encréspa flammejante ?
Já d'outra parte
Sanhudo Marte
Para Turcos e Russos (1) péde estóques ,
E alfanjes luzidìos....
Amor , que estes ouvio graves remóques
Com ouvidos macìos ,
Me responde , apontando o máis profuso
Arsenal onde as séttas de máis uso
Sem conto , e sem remedio astuto guarda. —
Os ólhos formosissimos de Anarda.

---

(1) Tomada de Ismailow.

ADEOS

DE CURTA AUSENCIA. (1).

CARMEN.

Adeos, livrinhos meus; daquì a pouco
Ancioso, em vosso alcance, irá Filinto:
Que não se compadece ausencia larga
Entre os que atou idósa companhia,
Com vînculos do alîvio apiedado,
Na minha solidão amarga e escura.
Vós, desenfado meu, vós meu soccôrro,
Vós fôstes brandos, próximos amigos,
Noite e dia espancando meus pezares;
Quando a Desgraça, c'uma negra nuvem,
Me pôz a noite no âmago do peito,
E me abafou o coração de espinhos.
Desde então que em vós sós achei amparo,
Entrando a espairecer da alma a tristeza,
Em vóssos campos de matiz risonho;

---

(1) Quando me preparava para ir á Haya, fiz um pacóte dos poucos alfarrabios que tinha, Livraria de Poéta póbre! E éra minha intenção mandà-los diante; mas o custo do transporte, me fez recuar a resolução Quantas, como esta, morrem de garrotte, por desvalidas de moéda!

Que o sabor renovei d'aquelles fructos,
Que a idade de ouro, gratos sazonára,
Entre as do Ingenho flôres nunca-murchas,
Comecei a cobrar-vos amizade.
E quando foi sárando a peito interno
Das fréchádas malignas do Infortunio,
Que eu já via com ólhos indiff'rentes,
Perdidos beus, perdida a intacta fama;
Que encostado nos braços da leitura
Sobre-via sem ódio os falsos Bonzos,
Que as rêdes da Calúmnia me estendêrão;
Passou a gratidão o que era alìvio.
Nem dádiva ha tão grande, tão valiósa
Como o dar azas, com que se êrga acîma
Das tûrbidas paixões o animo nósso.
Dìvida então bem contrahi com-vôsco
De nunca vos lançar da minha vista.
Sois poucos; vélhos sois; ouro não brilha
Nas fôlhas, nos magnîficos filètes,
Nem vos chamão as guapas livrarias
A pintadas, ornar, luzidas planchas,
Avezadas a immóveis inquilinos:
Mas assim sem alinho, sem vãa-gloria
Me acudistes melhor, que esses garridos,
Destinados a dônos não-leitores,
Que nem abrî-los vem, nem visitâ-los.

Que ingrato galardão, mal merecido
Fôra o deixar-vos, por que lá me acêna,
Com máis riqueza, com fastosos nômes
Um thesouro de livros campanudos,
Que com alto desdêm vos olharìão,
Se pedisseis lugar entre os seus ouros,

Entre os farfantes rótulos, e fitas?
Não sou eu Lavrador desamoroso,
Que mande ao Carniceiro o Boi cansado,
Companheiro das próvidas lavouras,
Quando rasgava os dilatados sulcos,
Depósitos da mésse esperançada,
Largo sustento da caseira próle:
Nem Guerreiro inhumano lanço á margem
Alquebrado dos annos, das carreiras,
O que outróra fogôso, nas batalhas
Renhidas combateo, féro ginête,
E me ajudou a conquistar os louros.
Sim: com-vôsco nas mãos, com-vôsco á vista
Dobrarei da Velhice o Promontorio,
E com vôsco entraria voluntario
Pela fóz do mortal esquécimento.
Vélhos, comigo vélho, amados livros,
Vereis cahir nos ultimos Dezembros
As sêccas fôlhas do curvado tronco,
Que já vistes robusto erguer a cima
Contra o pêso do vento e dos negrumes.
Cadûco pouco leio; os ólhos négão
A' prolixa lição o acume antigo;
E a cansada memoria mal se pêja
De sobrepóstos móveis: mas não pérco
Lembranças do potente auxilio vósso,
Nas refrégas do aspérrimo Infortunio.
Sereis sempre a meu lado agradecido,
Companheiros n'esta aura de ventura,
Que nos baféja a próxima partida,
Quáes o fôstes nos roncos da borrasca.
Ireis comigo á Casa bemfeitora,
D'onde vos veio o raio da Bonança:

Que assim léva comsigo o Passageiro
A' Casa da devóta Romarìa,
Com gòsto e gratidão os piedosos
Navegantes, com quem correo naufragio.

ODE.

— — — Perigosos
Formosissimos olhos que a robustos.
Izentos corações dão triste vida.
Cerco de Diu. *Cant.* 17.

QUA'ES as chammas do ráio despedido
Quando no bôjo do Etna
Se despênhão, lhe abrázão as entranhas
Tréme o Vulcão, e muge:
Já créscem, já borbùlhão, já rebêntão
Pelo abrazado cume
Horrîsonos trovões ennovellados
De fôgo, e ròxo fumo;
A labaréda aguda vai irada
Romper aérias nuvens;
E de metal os lìquidos ribeiros,
Por entre ròtas fendas,
Fumegando estridentes, precipîtão
Affogueadas ondas....
Musa, que tom é este estrepitoso,

Dis-confórme do assumpto ?
Pindáricas refrégas do Éstro antigo
Sôão ainda as córdas ?
Quando tomei nas mãos a eburnea Lyra
E quando ao Pindo os ólhos
Volvi para invocar-te auxiliadora ,
Só quiz cantar Anarda.
Vamos a Idalia , oh Musa , aos sanctos bósques ,
A's namoradas murtas ,
Onde Amor , onde Venus tem depostos
Os lidados transumptos
Das bellezas que ornárão o Universo.
E pois que me é vedado
Vêr aquella , que tanto vêr desejo ,
Que ao longe tanto admiro ,
Vejâmos na figura alguns dos rasgos....
Musa , não é Helêna
Essa que rindo apontas nessa base ?
No pórfido gravado
Seu nome vejo , e de Ilion a ruîna.
Essa státua fronteira
É Semiramis : lá battendo as azas
Lhe vem trazer sustento
Pelo ar talhado a próvida Nutrice.
Aquî Lésbia , alêm Cînthia ,
E máis Grêgas , e Lácias formosuras....
Busquêmos a de Anarda ,
Que não déve estar longe.... É esta , é esta !
Que me fére a memoria
Seu retrato que Olindo quiz mostrar-me.
Quantas graças respîrão
Inda no mármore ! Nos ólhos quantos
Piedosos movimentos !

Quão potente é de Amor a sábia dextra,
Que finge em pedra dura
Demostrações de vida! Os lábios quasi
Para fallar descérra:
E rompendo na bôcca ancioso passo
Está o efficaz Rôgo,
Para ir prostar-se ante o sublime thrôno,
Em favor devotado
Do Mérito prestante, desvalîdo.
Aquellas mãos tão puras
De generósos dons estão pesadas;
E admiro enternecido
Com que agrado os reparte, e com que accôrdo.
Inda o lustre das prendas;
Com que as Graças o ingenho lhe enfeitárão
Está raiando airoso
Em redór d'este seu gentil semblante!
Disséras que acabárão
De erguer a mão d'esse último polido....
Nisto me atalha a Musa:
« Não vês que é hoje o muito fausto dia,
» Em que, nos Céos formada,
» Desceo de Anarda a formosura a Elysia,
» Que della se gloreia! »

EPIGRAMMA.

« Venho attónito (muito sério um dia
» Certo Romano ao grave ancião dizia)
» Catão , Catão , um Rato todo o couro
» Me roeo do sapato ! — Fôra agouro
» Mui máo (Catão responde) se o sapato
» Roêsse o couro ao Rato. »

PRESUMPÇÃO

RIDÎCULA.

Que gente ha hi gabada de polida ,
De bem fallar a lingua , e que se preza
Não ter dos Mestres a alta phrase lida ?
Com vergonha o descubro — A Portugueza. — (1)

(1) Parece á primeira vista, que o sentido do Poéta comprehende a Nação inteira , mas é êrro ; por quanto muito bem me lembro (e deve estar apontado no quingentesimo vigesimo outavo volume in-folio das minhas observações) ter lido n'um manuscripto antigo d'este bréve , mas prudentissimo e sentenciosissimo Poêma , o qual me foi permittido ler na Bibliotheca Hansloevrinsbeckiana., uma glosa interlineal , que diz assim : « A C... e seus macacos » Lambino.

Outra glosa vi eu (diz Salmasio na Conta que dá dos Annáes Patagónios) que dizia em Chaldaico « A C... e seus arrabaldes, fradaria pirliquitéte , e Castrioto. »

SONETO.

Por que imploro de Venus a piedade,
  Romagens amiùdando ao Templo lindo?
  Se, só de ver-me, escápão, vão fugindo
  Suas Servas que adórna a frêsca idade.
A Pobreza, a Velhice, a Fealdade,
  Os ásperos flagellos sacudindo,
  O Amor espantão, que a mim vinha rindo,
  C'uma Rosa na mão, de gran beldade.
Vi que apontava airoso na formosa
  Bôcca de Laura um innocente, e puro
  Beijo, que a gratidão allì tecêra.
Mas vi tambem; que recuou medrosa
  Das minhas cãas, e o beijo, ao seio escuro
  Do Nada mergulhando, allì morrêra.

INSCRIPÇÃO.

NO PEDESTAL D'UMA STATUA DE CUPIDO.

Qui que tu sois, voilà ton Maître:
Il l'est, le fut, ou le doit être.

Crù tyranno, com gésto brando, e bello,
  É, ou foi teu Senhor, ou tem de sê-lo.

O D E.

Ogni mio esterno, ogni mio interno senso
Siegue solo di voi le felici orma,
Vada, o stia, sieda o giaccia, vegghi, o dorma;
Da voi sola ragiono, o scrivo, o penso.

Il Cieco d'Hadria.

NÃo tinha em ondas de ouro desparzidas
Andrómeda (1) as madeixas pela espalda;
Nem saphyras azul-brilhante lume
No rôsto lhe accendião;
Quando a progénie do auri-chuvo Jóve
C'os talares battendo o bôjo nédio
De alì-potente Pégaso descia,
Soccorredor amante. (2)
Não tem Delmira a desnevada alvura
Da mimosa açucena, que a alma Venus
De seu vertido leite florejára,
Em caliz de esmeralda.

(1) Creio que todos sabem a fabula de Persêo e Andrómeda, e os que a não sabem pódem ler o 4º. livro das metamorphoses d'Ovidio, onde a acharão inteira. —

(2) — — — — Placuit Cepheia Perseo
Andromede, patriæ fusca colore suæ.

Ovid. *Heroid.* 15.

Mas Hébe lheentornou na infante face
 Todo o vaso da vêrde Juventude;
 Amor piedoso lhe vestio os ólhos
  De enternecida chamma.
Minerva a si tomou encher-lhe o seio
 De prendas immortáes; na sábia agulha
 Os dêdos lhe adestrou para os lavores
  Das engraçadas artes.
Lógo ao nascer as Musas cuidadosas,
 Do bêrço, em molles braços a tomárão,
 Para a ir off'recer nas aras puras
  Da Lealdade ingénua;
E allì os jócos, e os jucundos risos,
 Com flórea dextra, o campo do semblante
 Lhe espraiárão de plácida Alegrîa,
  E joviáes affagos.
A Ternura fiél, com a Amizade
 Escolhêrão seu peito por abrigo;
 E na Lyra sonora, e em doce canto
  Lhe deo lições Apollo.
Ella é o meu cuidado mais gostoso,
 Que em flammejantes lettras vinha escripto,
 Na longa hástea da sétta namorada,
  Que Amor me despedîra.
 Ella me tem captivo em seu dominio,
 Sem fòrça de quebrar meu captiveiro:
 Um só nó d'estes laços, que me prendem,
  Desatar não quizéra.
A seguidora luz d'estes meus olhos
 Outro trilho não vê, que o que ella piza,
 Nem meus ouvidos outra voz conhecem
  Que o seu suave canto.
Della fallo, ella cuido, della escrevo,

Ella canto em meus versos amorosos,
Qual Petrarca, na Lyrica Vauclusa,
Cantava a sua Laura.

TRADUCTION

DES VERS PORTUGAIS.

Sur un rocher désert, Andromède attachée,
Jouet infortuné d'un oracle odieux,
Ne dut point le bonheur de s'en voir arrachée
A l'or de ses cheveux, aux saphirs de ses yeux.
Un œil de jais brillait sous son sourcil d'ébène;
Et ses beaux cheveux noirs tombaient en longs replis,
Lorsque, fendant l'azur de la céleste plaine,
Et du cheval aîlé pressant les flancs polis,
Le Fils qu'eut Danaé du maître du tonnerre,
Qui pour elle de l'or prit l'éclat séduisant,
Accourut enflammé d'amoureuse colère,
Et brisant ses liens, l'emporta triomphant.
— Sur sa joue arrondie et de rose émaillée,
Flore n'a point l'éclat qu'avait le tendre Lis
Qui, dans une émeraude en calice taillée,
Fut engendré du lait que répandait Cypris.
Mais Hébé revêtit sa figure enfantine
Des charmes que les Dieux en sa coupe ont versés,

Et l'Amour bienveillant, d'une flamme divine
Anima ses beaux yeux qu'Uranie a tracés.
Par les soins de Pallas son aiguille formée
Enfante sous mes yeux des miracles nouveaux,
Et la toile sourit de se voir parsemée
Des fleurs dont le printemps embellit nos côteaux.

— Les Muses, au sortir des mains de la nature,
L'ont mise sur l'autel de la Fidélité,
Où les jeux et les ris ont formé sa figure
Des traits de la candeur et de l'aménité.
La paisible Amitié, la sensible Tendresse
Ensemble de son cœur pour séjour ont fait choix.
Elle a du blond Phœbus la voix enchanteresse,
Et fait aussi parler la lyre sous ses doigts.

— Sur la flèche qu'Amour dans mon cœur a lancée,
Écrits en traits de feu les soucis les plus chers
Sont venus pour Delmire occuper ma pensée;
Je goûte des douceurs à languir dans ses fers.
Trop heureux de porter le joug de son empire,
J'arrose mes liens de mes vers amoureux.
Lors même qu'à mes yeux le jour cesse de luire
Son portrait à mon cœur s'offre et me rend heureux :
Tout plein de ses accens, je crois toujours l'entendre.
A chanter ses attraits j'ai consacré ma voix :
Tel Pétrarque autrefois chantait sa Laure tendre,
Près de Vaucluse, assis dans l'ombrage des bois.

ˇˇˇˇˇˇˇˇˇ

SONETO

DE ARGENSOLA.

Deixa de folha Outubro a vide póbre,
E com as cheias o Ébro, de insolente,
Nem ribeiras, nem ponte já consente,
Nos campos reina, e de alta vaga os cóbre.
Moncayo triste e feio já descobre,
De nuvens abafada, a negra frente;
E apenas o Sól raia no Oriente,
Que a Térra com vapores no-lo encóbre.
As devêzas, e o mar sentem a sanha
Do Aquilão féro; assusta o seu bramido
No porto as Náos, as Chóças na montanha.
Mas, de Tháis no umbral (1), Fabio estendido
De vergonhosas lágrimas o banha,
Quando as devêra ao tempo mal-perdido.

---

(1) Sub domina meretrice... turpis et excors.

Horat. *Lib.* 1. *Ep.* 2.

ODE.

——Cui Pudor, et Justitiæ soror
Incorrupta Fides, nudaque Veritas,
Quando ullum invenient parem?

Horat. *Lib. Od.* 24.

Insta o Tempo: daquî, d'alêm derruba
De Néro o ufano bronze,
De Máusolo a saudosa sepultura;
Co' a fouce no ar erguida,
Que só co' fuzilar põe mêdo ao marmor,
Os Carlos ameaça, os Fredericos.

Vivem pouco os Heróes, que o nome fião
De caducas estátuas:
Na longa estrada de estendidas éras,
Cem annos são um passo,
Que o Tempo apaga c'um batter das azas
Na disferida, lûbrica passagem.

Sem soccôrro de Phidias cinzél-déstro
Vive a fama de Achilles;
Que o monumento que lhe ergueo Homéro,
Zomba da aguda fouce;
E as Aónias, dos Fados alcançárão
Tornarem immortáes os seus valîdos.

Estremecem-se ainda as ancias ternas (1),
E vivem as saudades
Do disérto Mecênas (2), confiadas
A's córdas Venusinas:
E o Gama inda hoje córta os máres da Asia
Nos arriscados lenhos voadores.

Inda na ala direita Vasconcellos
Léva ao combate duro
O Luso, a quem não dóe perder a vida
Pelos avìtos Lares:
Pelo Rei, que escolhêra, merecido,
A destemida lança inda menêa.

Mas tu, que só da guérra assinallaste
Os concertados p'rigos,
Que, Alumno de Minerva delicado,
Te educaste em seu Templo',
Cáro ás Musas — de quem, se não das Musas
Acceitarás perênne monumento?

As Musas, temerosas de Mavorte,
Técem com mais disvéllo
Cappéllas ás pacîficas virtudes
De Solon, de Antonino;
E os brandos Hymnos, nas argenteas plumas,
Érguem com gôsto os nômes eruditos.

E máis promptos ao Templo da Memoria

---

(1) Comes minore sum futurus in metu
Qui major absentes habet.

HORAT. *Lib. 5. Epod.* 1.

(2) Docte sermonis utriusque linguæ. ID.

Vão depôr nos archivos
A nóbre acção de peito generoso,
Que empréga o valimento,
A riqueza, o saber, o sangue illustre
Em desarmar o braço da Calúmnia.

SONETO

AOS ANNOS

DA SENHORA D. E. M. J. M.

Eu vejo (ou me é traidora a phantasìa)
Que Amor deixa de Gnido o Templo e altares;
Seguem-no Cupidinhos a milhares,
Sem arco, séttas, sem aljava impìa.
Vejo que a trópa alvoroçada enfìa
C'o alégre vôo os Lusitanos ares —
Ouço entoar-lhe uns hymnos singulares,
Hymnos de nunca ouvida melodìa.
Que assombro? — Amor, e os seus ajoelhados
Beijão a Nize a mão, « D'um Deos, que adora
» (Lhe diz Amor) teus ólhos engraçados
» Acceita os cultos, Nympha encantadora:
» Por minha Mãe te elejo. — Vós, alados
» Amores, conhecei-a por Senhora. »

EPIGRAMMA.

Com pommadas, rebiques,
Aquî côr negra, além de azul as veias,
A máscara do rôsto afformoseias,
Fillis. Ah não caustiques
A sége, as bêstas de correr causadas,
A amostrar-te por templos, por moradas;
Manda lá teu Criado,
C'o teu rôsto pintado.

MADRIGAL.

Se máis que aéreas nuvens pressuroso,
Se máis que inquiétas ondas inconstante,
Nos fóge o Tempo; é inutil o saudoso
Pranto, dado a quem fóge; eu incessante
Quéro abarcar, e com ardor ancioso
Entranhar na alma cada alégre instante:
Pois que a vida é passage, as lindas flores
Bom é colhêr na estrada dos Amores.

ODE

A' AMIZADE,

Em 23 de Dezembro de 1786, dia dos meus annos.

Solem enim è mundo tollere videntur qui amicitiam e vità tollunt; qua a Diis immortalibus nihil melius habemus, nihil jucundius. CICER. *de amicit.*

Amitié, doux penchant des humains vertueux,
Le plus beau des besoins, et le plus saint des nœuds,
Le Ciel te fit pour l'homme, et surtout pour le sage.
DELILLE.

SE depois do infortunio de nascer-mos
Escravos da Doença e dos Pezares
Alvos de Invéjas, alvos de Calùmnias,
Mostrando-nos a campa
A cada passo abérta o Mar e a Térra;
Um raio despedido, fuzilando
Terror e mórte, no rasgar das nuvens
O tenebroso seio,
A Divina Amizade não viéra
Com piedosa mão limpar o pranto,

Embotar com dulcîsono confôrto
As lanças da Amargura ;
O Sabio espedaçára os nós da vida ,
Mal que a Razão no espêlho da Experiencia
Lhe apontasse apinhados inimigos
C'o as cruas mãos armadas.
Térna Amizade , em teu altar tranquillo
Ponho—por que hoje , e sempre arda perênne
O vago coração , ludîbrio e jôgo
Do zombador Tyranno.
Amor me deo a vida : a vida engeito ,
Se a Amizade a não doura , a não affaga ;
Se com máis fórtes nós , que a Natureza ,
Lhe não ata os instantes.
Que só ditosos são na aberta lice
Dous mortáes , que nos braços da Amizade ,
Estreitos se unem , bébem de teu seio
Nectárea valentîa.
Tu cerceias o mal , o bem dilatas ,
E as almas que cultivas cuidadosa ,
Com teu suave alento afformosentão-se
Medradas e viçosas.
Cáia a Disgraça , máis que o raio aguda ,
Rebente sôbre a fronte ao mal votada ,
Mais lenta é a quéda , menos cála o golpe
No manto da Amizade :
E se désce o Prazer , com lédo rôsto
A allumiar o peito de Filinto ,
A chamma sóbe , e vai prender seu lume
Na alma do fido Amigo.

REPENTE

A' SENHORA D. M. J. R. D.

Quando a voz sólta em peregrino canto
Essa bôcca formosa,
Ama chegar-se á tua a minha, anciosa
De dar-te o galardão de prazer tanto

EPITHALAMIO

A' Sra*** E. Sr. D***.

Hymen, oh Hymenêo, vem, corre, vôa;
Junta esse Semideos, co'essa Deidade.
Hoje os pões no teu livro. A estrêa é boa!
A' manhãa entrarão n'outra Irmandade (1).

EPIGRAMMA.

Infelix Dido, nulli bene nupta marito;
Hoc pereunte, fugis; hoc fugiente, peris.

Dido, nas vôdas triste fado corres;
Mórre-te um, fóges, fóge-te outro, mórres.

(1) Dos Vulcaneos, Amphitriões, etc.

SONETO

Acróstico, enigmatico, anagramatico, retrógrado, com consoantes forçados.

MOTTE

Derretem as espheras circumfusas.

GLOSA. (1)

De alcântiladas nuvens — espumantes
Estelliferos lûbricos — revezes
Atropellão selvaticos — pavezes
Com mellifluos anhelitos — fragrantes.
Rebenta em borbotões — flammigerantes
O pavelhão celicola dos — mezes
Com redundantes carcomidas — fézes
Estálão, roncão pávidos — diamântes.
Salta Apollo no plaustro — alabastrino,
As crebras Horas, as fulgentes — Musas
Vértem pûlos no équoreo — purpurino;
E a despeito das grávidas — Medusas
Com canto Boreal, fervor — Austrino
Derrétem as espheras — circûmfusas.

(1) Esta difficultosissima Glosa é a Quinta essencia dos trabalhos Poeticos, e da Erudição recôndita. O que máis me custou foi arrumar o Acróstico, que é ao mesmo tempo labyrinthico, e

ODE

A ÉLIA.

Ah ! si jamais on aima sur la terre,
Si d'un mortel on vit les Dieux jaloux,
Ce fut alors qu'assuré de vous plaire,
J'étais heureux, et l'étais avec vous.

Le Chevalier de Parny.

A tarda Aurora, no rosado coche
Tirava ao largo o flavo Hyperionio
Mal' dispérto, e saudoso,
Dos braços da alva Tethis:
E as estrêllas nas casas do Occidente
Entrávão de tropél, buscando abrigo
Contra as fúlgidas séttas,
Que disparava o Dia.

rabiforcado, e retraso. Nunca presumi do meu Estro, que lançasse tão longe a barra métrica. Ajudou-me porêm muito com seus conselhos (*veritati fides habeatur*) um Padre Mestre Capucho, que toda a sua vida empregou em finuras predicaveis, e em Acrósticos de enigmas. Elle mesmo me tinha dado o motte, para tomar o pulso ao meu talento; e, com effeito, não se descontentou da Glosa, que quasi comprendeo do primeiro lanço de olhos. D'onde colhi, com grande assombro meu, a perspicacia do seu ingenho.

Tambem fugião em confuso bando
As penas, os suspiros da saudade,
Diante dos vencedores
Brilhantes ólhos de Élia,
Que pondo mar em meio já deixava
Longe de si os ultimos Britannos,
Por vir dar luz e vida
Ao penoso Filinto,
Quando ausente infeliz dias e noites,
Com a vista cercando o monte, o valle,
Pedia ao valle, ao monte
O rôsto suspirado;
E em vão tendo vertido um grande lustro
Um ribeiro de lágrimas tão térnas
Que os rochedos comigo
De mágoa amollecião:
Té que Cupido em fim já lastimôso
De meu chagado peito, sem alîvio,
D'Idalia, a mim, d'um tiro,

Quando me vir possuidor de ócio máis abastado; o que Deos me permittirá talvez por sua bondade para a quarta, ou quinta edição deste furioso Soneto, darei delle um Commentario cabal, imitador do *Chef-d'œuvre d'un Inconnu:* por quanto mui claro vejo quanta necessidade delle tem o tal Poêma. Não o tómem a desabono seu esses juizos sagacissimos, que tómão (como lá dizem) a palhinha no ar, como o alambre: por quanto eu fallo sómente de certas almas broncas, como a minha, que não entendem, senão o que é intelligivel.

Ille per extentum funem mihi posse videtur
Ire Poeta. ——— HORAT. *Lib* 2. *Epist.* 1.

Subañ ellos, que yo no baxo dizia Gongora aos que não entendião versos como este que me lembra, d'um Soneto seu:

Sombras estampa en paramos de nieve.

Desceo inopinado.
Pelo rumor das azas , pela aljava
E os farpões accrados que retinem ,
O pre-sinto. — Eis que affavel
Se off'réce a mim, dizendo :
« Aquì tens Élia , e seu gentil semblante ,
» E seu peito amoroso a ti rendido ,
« Thesouro de caricias ,
» A Filinto votadas.
» Não só , no coração , a sétta de ouro ,
» Por ti , no centro , lhe cravei , segura ;
» Mas , de rara constancia ,
» Lhe prateei as farpas.
» Alto favor , a poucos reservado !
» Sê grato a Venus , que te galardôa
» O cûmulo de offrendas ,
» Que depões em seu templo. »

CONTUMÉLIA

Em louvor do primeiro retrato, que se gravou para a edição do Poêma dos Mártyres, em verso portuguez.

Fusco retrato vês sarabulhento ;
Vês-lhe a triste carranca aboleimada.
É de Filinto a cara angustiada
Contra o buril mal-déstro, e ferrugento.

SONETO.

Da fumegante dextra arremessados
Vejo raios chover ; troncos idósos
De Cyprestes, de Freixos orgulhosos
Vejo até ás raîzes escachados ;
Como a mais vil choupana mal-tratados.
Obeliscos, e Templos sumptuosos,
Dos Aquilões, dos Austros furiosos
Soberbos monumentos respeitados !
Que vingança, Senhor, que grão castigo
Vos desprendeo a mão omnipotente,
E ás portas vos cerrou do amor antigo ?
Se maldades, Senhor, da iniqua gente
Nos pozérão irado um Pae amigo ;
Somos filhos, dai trégoa ao raio ardente.

CARTA.

Hôje, que vinte sóes são já passados,
Tristes, feios, co' as névoas importunas,
Que a Discordia soprou n'este horisonte.
Hôje, que a mão amiga, e sempre franca
Da leal Amizade, que deseja
Sempre pura e serena a sphera sua,
As pôz em fuga, e ao Céo limpou a face;
Hôje * * minha alma te saûda,
E por lettras te envia estreito abraço.
Que fazes destas horas estiradas
Nûas de antigo social passeio,
Sazonadas de ensino, e ditto agudo?
Das noites enfadosas, que a longuissima
Cáuda vagarosissimas arrastão,
Quáes vão, no meu Paiz religioso,
Roxos Collegiáes varrendo a areia
Mui passo a passo em procissão prolixa.
Que livros lês? que insîpidas gazêttas (1)?
Que Luxembourgs frequentas fastiosos?

---

(1) As d'esse tempo fallavão dos luttos, e circumstancias que devião ter; de fidalgas que fôrão appresentadas á Rainha: e por quem; de fidalgos que embarcárão nas carruagens de El-Rei: e de outras noticias tão relevantes como estas.

Vás por ventura renovar namôro
D'alguma antiga Láys, d'algum Bathyllo ?
E novo Anacreonte a vida alargas
Entre Venus, e o galhofeiro Baccho ?
Vás empulhar (gritando) o tardo Tempo,
C'o trêfego Per * * *, ou grulha Cal * * * ?
Vai : não t'o invéjo. Eu, retirado, em tanto
Desfêcho d'algazarra, e gáfa pulha,
Fico aqui disfructando mudas hóras
Co'as Odes de Rousseau, que máis ao alto (1),
Que algum Francez, impávido despréga
Por insólita vìa as francas azas,
Ao Lyrico Solar pouco-trilhado.
Leio o seu Mestre, e mèu; ferrenho estudo
O Venusino Horacio, até que venha
A tua amiga voz desafferrar-me
D'esta util, e gostosa Companhìa.

(1) Ainda eu não tinha lido as do Poéta Lebrun.

OS ULTIMOS ADEOS

ÁS MUSAS,

DEDICADOS

AO SENHOR ALEXANDRE SANÉ. (1)

> Or laissons donc la Muse, Apollon et ses vers;
> Laissons le luth, la lyre et ces outils divers,
> Dont Apollon nous flatte, ingrate frénésie.
>
> REGNIER, *Satyr.* 4.

Deste ingrato Parnasso me despéço,
Estéreis Musas: Cá vos deixo a Lyra,
Que, sem pedir, m'a déstes. Já me canso
De esperar por um Louro, uma Héra inutil, (1)
Infructífera; prémio, que não chéga,
Senão depois que a campa emmudecida

(1) Sujeito de apurados estudos, conhecimento das linguas Grêga, e Latina, Italiana, Ingleza, Hespanhola, e Lusitana, que apprendeo comigo, e de que tem composto um Diccionario Portuguez, e Francez, que está para dar á luz. Más sôbre tudo Sujeito de honrados costumes.

(2) Ninguem quér a Cappella de Héra, por não ser mostrado com o dêdo, já que de suas Obras não tem máis que mordedura de nescios, e de invejosos. — *Eufrosina de Jorge Ferreira, acto 4º. scena 5.*

Cóbre , com sêcco pó , myrrhados óssos ,
Prémio , que quando vem antes da mórte ,
Vem dos dentes da Invéja aboccanhado ,
Vem rompendo por turbas de desprezos ,
De pobrezas , de injúrias , de fadigas ;
E nunca está na frente tão seguro ,
Que , para della o derribar , não lidem
Mil Semi-vates , fartos de vãagloria ,
Armados de risões , e consoantes.
Os Vates sômos hòje em pouco tidos : (1)
Acabárão-se as honras , que algum dia
O divino furor cevavão na alma
Dos Virgilios , dos Vários , (2) dos Horacios.
Muito ha , que Augusto é môrto , e máis Mecênas.
Já Pindaros , nem Sóphocles applaude , (3)
Vencedores em sábio Elêo certâme ,
O circumfuso Pôvo , no theátro
Máis honroso , que o Mundo vio tégora.
No Capitolio já se não dão c'rôas
Aos immortáes Poétas , que alongavão

---

(1) . . . . Amore e studio
Beato un tempo , hor infelice e vile.
Prolog. del Pastorfido.

Si saperem, doctas odissem jure sorores
Numina cultori perniciosa suo.
OVID. *trist. Lib.* 2 , *eleg.* 1 .

(2) Fuit autem Q. Varius et ipse Carminis, Tragædiarum et Eclogarum auctor, Virgilii Contubernalis. — *Vetus Scholiast.* Thyestem Tragædiam Varius scripsit, *Idem.* Imo Cassii Parmensis scrinia compilavit.

(3) Sint Mæcenates non deerunt, Flacce , Marones.
JUVENAL. *Satyr.*

As vidas dos Heróes, annos etérnos.
Já os Reis o seu lado não confião
Dos Adissons, Boileaus, Sás, nem Ferreiras,
Que as louvaveis acções lhes recommendem
A's engraçadas Filhas da Memória.
As maneiras dos Reis, Grandes, e Pòvo
Séguem, sem máis reparo, e fazem móda
De amar, e desamar, a seu exemplo.
Quem de obrar altos feitos nada cura,
Nada préza os que sabem decantâ-los.
Vai o Mundo a peior, em seus caprichos;
Não Poétas, Funàmbulos (1) péde hôje
A douta gente desta nóssa Térra.
Mui poucos, e mui poucas nos estimão,
E ainda a furto, e que o não saiba o Mundo
Que témem, que o Desprêzo annexo á Arte
Sèja contagio, que com elles prenda.
O cérto é sêrmos fábula do Pôvo,
Dos Nóbres, dos Togados, dos do Claustro;
E até das Damas, que de nós se enjôão,
Quando com Odes, e c'hum peito honrado,
Sem moéda, que tinna, as requestâmos.
Que é já mui vélho, entre ellas, o costume
Pôr (se não traz pecunia) á pórta o Homéro,
Bem que venha das Musas ladeado (2).

---

(1) Estavão, nesse tempo, muito em móda os Volatins de córda.

Ita populus studio stupidus in funambulo
Animum occuparat. — Terent Hecyr. in Prol.

(2) Ipse licet Musis venias comitatus, Homere,
Si nihil attuleris, ibis, Homere, foras.

Ovid.

Lógo um ricco babôso lhe preferem,
Cujos máchos possantes ródão fórte,
E dão ao Dôno o jus de ser bem-visto,
E de ter em seus peitos cabimento. —
Pois se tem cargos, se por fóra um Christo
Lhe blasona enfunado em larga fita!...
Então a Cruz, ás ondas dos tirantes
A alma venal lhe rendem, lh'a captivão.
Adeos, oh Musas; vou-me atraz de Pluto, (1)
C'um *Déve* e *um Ha-de haver* correr o Mundo.
Já sei quanto me basta; escrêvo, e conto
Régra de tres, cifrões, e lettra Ingleza;
Tenho uma burra fórte, um peito duro,
Ambos de aço batido chapeados. —
Que máis requeiro (para medir o ouro
A's fanégas no avaro gabinête?
Assim fêz Fábio, assim ganhou Lucindo,
Hôje Ìdolos da Côrte, e da Cidade.
Eu Poéta! *Abrenuntio!* Nem por sônhos.
Hôje que aos Vates chamão-nos Orates;
E á Casa dos Orates nos remettem!
Como se acção não tênhão máis fundada
Para essa moradía, tantos loucos,
Que elles tanto celébrão por sensatos.
Um, perdido por honras, que outros levão;
Este a beijar poeiras, por uma aura
De valimento magro, e bandoleiro;
Outro, que sécca em rézas, em candéas,
Hypócrita beáto, engâna - párvos;
Mil namorados, prêzos ás janellas,

(1) Deos das riquezas.

A's portas das que a sommo sôlto dórmem
Descuidadas do Amante resfriado;
Mil manhosos, venáes Contratadores
De esperanças, de risos, de lisonjas,
Merecem o hospital, máis que os Poétas.
 Com tudo não me arranjo co'esse officio;
Que é cóme-em-vão; e que não rende um chavo.
Rende críticas, mófas, e calúmnias.
Sêja Vate o *Pespégo*, Vate o *Alforra*, (1)
Vates Caixeiros, Philamintas Vates.
 Mas sêja com razão, ou com aggravo,
Esse opprobrio, eu, Piérias, vou-me embóra,
Deixo vósso Congresso, deixo Apollo,
Seu influxo, e as correntes da Castalia;
Deixo o Pégaso, rebellão ginête,
Que em certa romaría ao vèrde Pindo, (2)
Bem sabeis, Musas, me estendeo ao longo,
Como um Cação por terra. Vou-me, vou-me. —
Não me chameis; não promettáes favores;
Nem por deter-me aquì, digáes com graça
Que quem não sabe da Arte não a estima. (3)
Que esse, que amásteis, e lhe assim dissesteis,
Nunca o louvárão vivo, nem premiárão.
Que lucrou de seus versos? mil misérias:
E máis ergueo ao Céo a glória Lusa.
Os Vicios decepou, honrou Virtudes.
 Cada vêz que Camões me sóbe á mente,
Que os infortunios seus, sua pobreza

---

(1) Os verdadeiros nomes cá ficão no tinteiro, esperando melhor occasião.

(2) Ode — *Crave embóra o Gageiro.*

(3) Verso de Camões.

Recórdo , ao cantó dou de mão , e á Lyra ,
Pezaroso do tempo tão mal gasto ,
Que em *Déve* , em *Ha-de haver* lucrára minas.
Assim adeos , Meninas do Parnasso ;
Entretei com lisonjas quem vos creia ,
Em ventoînhas creia , e em vós fiádo ,
Subindo ás azas da palreira Fâma ,
Côrra as sette partidas (1) d'este mundo.
Embóra vos mantênhão companhîa
Um Torres , um Bandeira , um Figueiredo ,
Um Monteiro , um Diniz , valìdos vossos ,
Do vosso întimo arcâno Secretarios ,
E de Aónias mercês dispensadores.
Com delgado pincél Monteiro pinte
Astréa , que ao fugir da iniqua Terra ,
Deixa saudosa os últimos vestigios ,
Nos Athlanticos hombros estampados.
Descrêva o Templo occulto do Segrêdo ;
O Casquilho , que vem na ságe a trote ,
E o Soldado , que impéde entrar no Carmo (2)
O mesmo General ; que assim as ordens
Recebeo do páteiro do Convento :
E ora facétò ao Pôvo douto alégre ,
Ora ás auras sublimes se remonte ,
Pois que ao Génio de Vate ajuntar sábe
Porfiada lição , crîtico gôsto.
Assim Garç o , seguindo o Venusino ,

---

(1) Não serìa com tudo o primeiro, que as corrêsse. Que já o Infante D. Pedro as correò antes delle. Quem duvidar disso, leia o Auto das sette partîdas d'esse filho de D. João I.

(2) Faz allusão a uma engraçada óbra d'esse Poéta sobre um caso , que nessa Igrêja succedeo.

Tóma o vôo, co'as azas estendidas,
Quando canta a progénie illustre, e féra
Dos que na Paz dourada, ou Guérra dura,
A si ganhárão claro nome, e aos Nétos:
Ou, amansando o vôo, busca o trilho
Do Teio Anacreonte, quando escréve
Vermélhas brazas, alvo pão tostando, (1)
Ou do Delfim a calva loura, e liza,
Da carroça dos annos não trilhada.
Assim pérde tambem de vista a Terra,
Diniz, que emular Pìndaro contende,
Quando pinta a Discordia espavorida,
Co'as serpentes azûes tapando o ròsto,
Escuma, mórde a lingua, range os dentes;
Fóge raivoso, e as conchas encrespando,
Lhe vão silvando as encrespadas hydras.
Ou quando imita os Bácchicos furores
Dos que vindimão, dos que se embriagão
C'o sancto sumo de Évio poderoso:
Já dôces phrenesìs a alma lhe agitão,
Já o tropel dos espìritos alégres
Pelas veias, fervendo, lhe galópa:
E em versìficos fumos se lhe exhala.
Tambem o admiro, e até direi que o amo,
Quando assim nos conserva a singelleza
Dos costumes dourados da Éra antiga,
E sópra a avêna, que soprou Virgilio. -
Então me é grata a vida campesina,
Então Gados, Lavoùras me são gratas,
Creio-me entre Pastôras, pelos bósques

(1) Verso de Garção no Soneto 16, se me não é falsa a memória.

Dansando, á argêntea luz da clara Phébe,
Vèjo os rîos ir mansos passeiàndo
Por entre vêrdes florescentes márgens:
Alli louras espigas encurvadas
C'o peso do Pardal, que as depenicá,
Alli frondentes Fáias sombreando
Ora o Zagal saudoso, enamorado,
Ora os rebanhos da calmósa Ovêlha.
Tu, que pintas assim, és Vate, Elpino:
São Vates os que em phrase não rasteira,
(*Natural* á rasteira os Néscios chamão)
Se separão do Vulgo indouto, e iniquo.
Esses, oh Musas, que vos dévem tanto,
E com quem esgotásteis vossos mimos,
Esses escrêvão, esses se arrebatem,
Esses cantem assumptos estupendos,
Que a alçada excédem dos ingenhos frôxos.
Esses, que vîrão do alto Pindo o cume,
Onde alli c'os Virgilios, c'os Homéros
C'os Tassos, c'os Camões, Pindaros, Sapphos
Sem injúria sublimes se sentárão,
Esses que entòem os sagrados Hymnos,
Que os Deoses vem ouvir, quando vós, Musas,
Soltáis a voz sonóra aos áres puros,
Modulando, e ajudando-os em seu canto.
Côntem esses a nós, Mortáes humildes,
Qual majestade os Númes no alto Olympo
Trajados de luzeiros representão;
Que eterna mocidade lhes derrama
Nos rôstos o suave, e sancto Néctar,
Vertido pelas mãos de Hebe formosa;
Qual régra os O'rbes guardão no seu gyro,
Quáes nóvas fórmas de melhóres séc'los

Se prepárão na Célica officina,
Para aos nossos Vindouros fortunarem;
Qual nóva Astréa, as azas despregando,
Inclina o vòo ás terras subjacentes,
Nas mãos trazendo as întegras balanças.
  Esses, e os seus iguáes tracem Poêmas,
Em louvor dos Heróes, dignos de Glória,
Dos Páes da Pátria, Aurélios, e Trajános;
Nóvos Camões o nosso Reino illustrem,
Que cântem nóvos Gamas, e Alboquérques.
  Basilio, em Canto altîloquo forcêje
Cantar Freire, (1) na América famoso;
Que sérve o Rei, com honra, e valor nóbre:
General muito humano, cujo peito
Mavioso e pìo não consente a vista
De cadáveres frios, desangrados,
Vîctimas da ambição de injusto império.
  Não de outra sórte o Sá (2) trilha as pisadas
Do Cysne Mantuano, e Luso Cysne,
Quando dá na Maláca conquistada
Tanta honra ao seu Heróe, e á nossa Térra.
  O Barrôco arrojado tome a Tuba,
Que emboccárão Poétas tão divinos,
E que inda quente está de seus furores;
E a pezar das Nações que máis se illustrão,
E são longe de nós na Épica altiva,
Dará mais um motivo á sua invéja. (3)

---

(1) Vid. Uraguay, Poêma.

(2) Francisco de Sá e Menezes.

(3) Se esta minha prophecîa falhou, não foi culpa do propheta; foi sim da Mórte, que immaturo no-lo roubou.

Outros, na Lyra, ora árdua, ora máis branda,
Nem menos nóbre, nem prezada em menos,
Pela estrada dos Flaccos, dos Ferreiras;
Cantem fórtes acções, amores cantem,
Dêm Sóphocles á Pátria, dêm Terencios,
Dêm Alcêos, dêm Theócritos, dêm Móschos,
E até dêm Sápphos; que estes ares Lusos,
Aos da Grécia, ou Sicilia não lhe cédem,
Nem são do Délio Deos menos bem vistos.
Seja abôno uma Láura, e Marcia, e Tirse (1)
A quem enfe[illegible]ão da Corinna os louros;
E que com dextra igual, se as móve Apollo,
Da Lyra, ou do Alaúde as córdas férem.
Com quem dos Vates comparar-te posso
Tôrres sublime, quando o véo levantas
Ao nublado Futuro? ou quando móstras
Como, com largo cinto, e ténue vara,
Viste Cupido, á luz da ruiva Délia,
Dar tres vóltas, n'um cîrculo mettido,
Os ólhos envesgar, ferir raivoso
O chão, c'o esquêrdo pé? ou quando narras
As prácticas dos Numes, no alto assento?
O Céo não tem luzeiro, o Inférno sombras,
Que tu, co'a aguda vista não penétres.
Qual déstro Creador de nóvos O'rbes,
Tu do Universo os âmbitos alargas,
E os povôas de nóvos moradores;
Fazes surgir, dos gôlphãos do atro Cháos,
Mil nóvas fórmas, mil variados entes;

---

(1) Senhoras, de quem li muito bonitos versos. Não cito outras antigas, cujas Obras conhecidas são.

E aos que erão méros sônhos , turba infórme
Tu lhes dás còrpo , dás acção , dás vida.
Eu vèjo (se tu quéres , e se vólves
Da mágica Poesìa a hardida vára)
Mover-se os troncos , condoêr-se as pênhas
Os tigres se humanar , parar os Rios ,
E debruçar-se sobre as vêrdes urnas
Para te ouvir cantar nóvos prodigios
Similhados aos que , nessa Éra , obrára
A Musa Grêga , quando Homéro pinta
As Trìpodes , por si , aos Templos indo ,
E os Carvalhos de Dódona , que fallão.

Bem vêdes , Musas , que eu estimo a prenda ;
Que estimo os que a disférem nóbremente ;
Que os louvo , e que os admiro : e se eu podesse
Esses claros Oráculos do Pindo ,
Coryphêos da harmonìa ousada , e fórte ,
(Não digo que igualar) mas imitá-los
Inda de longe , não deixava o Monte ,
Nem o vosso Congrésso lisonjeiro.

Não póde todo o Vate ser Homéro.
Póde Pìndaro ser , e ser Horacio :
Póde inda menos ser , e ter seu nóme ;
E esse o sentir foi já do Venusino ,
Quando dízia a Lollio : « *Nem tu creias*
Que hajão de perecer as que eu nascido
Junto do Aufído , que resôa ao longe ,
Vózes sólto , que á Lyra se associem ,
Por arte não sabida até-hóje , em Roma.
Nem , por que occupa Homéro da Meonia
As cadeiras da frente , em canto escuro
Se escondem as Pindaricas Caménas ,
As Céas , as do Alcéo ameaçadoras ,

Ou de Stesíchoro as cordatas Musas.
Nem os annos gastárão quanto outróra
Brincou Anacreonte : inda respira
O Amor , e inda estão vivos os ardores ,
Que ás córdas confiou a Eólia Móça. »
Sim , se eu podesse emparelhar , ao menos ,
C'um *Seixas* no engraçado , no festivo ,
C'um *Tolentino* , que divérte , e instrûe ,
C'um *Quintanilha* térno , e saúdoso ,
De Amores rodeado , e todo amores ,
Meigo em Éclogas , em Sonetos meigo ,
Beijos cuida , sâudades cuida , e queixas ,
Segundo o affaga , ou punge a sua Amada ;
Nunca desamparára a Lyra , oh Musas,
Mas cansar-me , e suar dias , e noites ;
Lêr um , lêr outro , andar imaginando
Versos , que têuhão pôlpa , inda não dittos
Por Lácia , ou Grêga vóz , e parecer-me
Que dei com elles , ir muito lampeiro
Borrar papél , com *ozos , idos , ados* ,
E depois ser Poéta mui rasteiro ,
E comparar-me co' esses , de quem zombo :
Nunca o espereis de mim se me querieis
Metter na conta dos servîs devótos ,
Com melhor Éstro a mente me aquécesseis...
Máis digo : — Em suas chammas abrazado ,
Qual Camões , vos pintasse Adamastores ,
Ou qual Virgilio as Náos mudasse em Nymphas ,
Que fallem , prophetizem , que recôntem
Sustos de Teucros , dos cercados muros.
Lisonjeásseis melhor meu amor proprio ,
Desfeitas em appláusos , em caricias ,
A sobêrba dos Nóbres , e a das Damas.

Agora já me vou desenganado
De que não mereci privar com vòsco.
Lá vos ficão bastantes trovadores
Pela baixa raìz d'esse Parnasso,
Com quem zombeis por loucas esperanças,
E a quem nunca dareis, por piedade,
Um sòrvo da Castália, ou de Aganippe. (1)
Vou-me, vou-me; não tem remedio, vou-me...
Mas eu sou louco; os versos me atontárão;
Esquécia o melhor da minha vinda.
N'esta última romage ao vosso Pindo,
Que fiz por vir cá vèr Alcippe e Daphne,
Muito me admira ter em vão corrido
Os laurìferos bósques, sacros antros,
Sem que as encoutre. Em vão ancioso as chamo:
« *Oh vate Alcippe, oh Daphne, oh minhas Sápphos,*
» *Onde estáes? onde estáes?*

ALCIPPE E DAPHNE.

Aquì, Filinto.
— Não nos vês? Entre Urânia, entre Callìope,
— A nós ambas enlaça Erato as dextras.
— Aquî te desejâmos; tóma assento
— Junto de nós, qual já tomaste outróra,
— Quando em nocturno Délphico Parnasso,
— Te ouvimos discantar altos conceitos. —
Ficai vós, minha Alcippe, e minha Daphne,
Glória, e brazão das Vates Lusitanas;
Que eu não fico. Já dei razões sobradas
Da minha despedida. Máis não canto;

(1) Que lista bem recheáda podia eu aquì pòr, se quizesse nom à-los. Por compaixão o não faço.

Que a Lyra já quebrei ; tenho a vóz rouca.
Não canto máis ; mas sêde máis que cértas ,
Que ouvirei vóssos Cantos com delicia ;
Ouvirei Cantos de immortáes Poétas ,
Que sustentem parêlhas com os vóssos.
Mas á pórta porei um Cão de fila
Mal-encarado , que arrepélle , e môrda
Todo o Poéta máo , que pedir venha
Louvores a approsados ruins versos.

ENIGMA.

Môrro , no instante , que apparêço ao dia ,
Ando c'os meus seis pés ; e mudo , e quêdo
Da luz fujo. Talvez de gran valìa
Ao Namorado sou , (se ama o segrêdo)
Sou.... Mas , se o teu saber já me adivinha ;
Perdi todo o valor , e o ser que tinha.

ODE

——— Aggeribus ruptis cum spumeus amnis
Exiit, oppositasque evicit gurgite moles (omnes
Fertur in arva furens cumulo, camposque per
Cum stabulis armenta trahit. *Virg. Æneid.* 2.

Se si vede fra l'argini stretto
Sdegna il letto, — confonde — le sponde
E superbo fremendo s'en va. — *Metast.*

O Ribeiro, que nasce na montanha,
Com lìmpida corrente,
Serpêa, deslizando pela encósta;
No seu lìquido espêlho
Retrata a Chôpo trémulo, e os Salgueiros;
E do jardim mimoso
Mólha os pés, ou já réga aldeãos legumes.
Maléficos Magnatas,
Com pédras, com terrões em vallo unidos,
Com ferrênhas estaccas,
Do hôrto sequioso do Villão sem-posses
Consigão dêsviâ-lo,
E ensinar-lhe caminho de máis luxo,
Para marmóreos lagos;
E inda assìduos no mal, inda protérvos,
Com lida, com insulto
Póssão sumî-lo em cavernoso leito

De bîbulas areias (1)...
Mas, se grôsso negrume, ao longe, trôa,
E rápido fuzîla;
Se, sobindo, escurece os horisontes
Com medônho dilúvio;
Se, impetuoso hynverno (2) desatando,
Embórca, da alta nuvem,
Pesadas ondas, que o terrêno aláguem. —
Cóbra o Ribeiro fôrças,
Engróssa, alarga, e o leito desprezando,
Assobérba o vállado,
Revólve de tropél terrões, e pédras;
Com clamorosa fuga,
Pela vedada via, insâno, e cheio
Desdóbra as fôrras vagas;
E no sôlto rondão envolve, e affunda
O Vallador, que encontra. —
Assim, com fito infâme, assim quizérão,
Nos fanáticos Reinos,
Alvallar a corrente da Verdade,
Que do Monte Divino
Descîa mansamente, e oppúnhão muros
De Censuras procaces,
De esquécidas (3) masmôrras, e fogueiras.
Mas, eis que se érgue em França
A esquiva tempestade, ameaçadora

---

(1) Como o Rhêno, que se perde nos areáes de Katwik, lugarêjo pouco distante de Leyde em Hollanda.

(2) *Emissam hyemem sensit Neptunus.*

VIRGIL. *Æneid.* 1.

(3) Bem esquécidos são os que n'umas jázem, ou n'outras mórrem.

Das despóticas frentes.. . . .
Já roncão os trovões , já raios rásgão
O núbilo regaço ;
E já nos ares pésão os chuveiros ,
Que hão-de inundar a Europa.
Tremei , Tyrannos , que opprimìs com dura
Escravidão os Póvos ,
Não se êrga , em vósso quente sangue tincta ,
Da Liberdade a Palma.
Impios, tremei. . . Que eu ouço já , das campas
Dos innocentes Réos ,
Alçar-se um brado iroso , e vingativo ,
Que re-struge em grôsso éccho
No viril peito de almas arrojadas.
De Némesis o férro
Luzir vêjo , e brandì-lo a mão potente
Armada de iras justas.
Oh quanto já ámeaça , assusta , ao longe
Vossa cerviz culpada !

SONETO.

Quando é que eu hei-de ver esse Javardo
Gerigôto (1) fallar lingua de gente ?
Sempre Cáfre nos crava á mão-tenente
Um mixti-forio de ingrimanço pardo. (2)

---

(1) O seu verdadeiro nôme não vai aquì declarado; mas os Curiosos o pódem adivinhar nos consoantes de Gerigôto.

(2) Chamão-lhe *pardo* pelo muito , que se parece com o fallar

Se póde arrebentar , como um petardo ,
Com palavrão de estálo... ei-lo contente :
Põe *Desgravidação* , põe *Transparente*
Nas luminárias de máis alto esguardo. (1)
Mas lá vêjo Mercurio , que destórce
Da vara , as sérpes ; fórma disciplinas ,
Que em ti , máo Gazeteiro , hão de ter uso.
Põe á véla o sedeúdo rabo. — Oppôr-se
Aos açoites é vão. — São as propinas ,
Que léva quem fallou Gállico Luso.

ODE

AO SENHOR

MANOEL JOZÉ D'HERMAN.

Em 25 de Dezembro , dia de Natal.

Non omnis moriar. Horat. *Lib.* 3. *Od.* 30.

Hôje , que as boas féstas , e as bandêjas
Na Elysia , as pórtas cruzão dos amigos ,
E a alugatriz ronceira arrastra á Ajuda
Pontuáes pertendentes ;

---

de cérto mulato mui exquisito , que eu (por meus peccados) ouvia muitas vêzes fallar.

(1) Todos os bons Francêlhos , accolhêrão como devião , a

Hòje, que a Devoção, e que o Namôro
Lá, da missa do Gallo, os ólhos fitão
No frèsco lombo, no adubado sangue
Do túrgido chouriço....

D'aquì fartes, d'allì caseiros bôlos,
Dos açafates de pintada vêrga,
Desemborcão, rodando atropellados,
Sobre a fumante mesa...

Eis chama o cravo, ao longe retinnindo,
As besuntadas bôccas cantadoras;
Eis já a Poesìa accende em seus Alumnos
As frágoas da Lisonja....

Amor a dansa inculca, escolhe pares,
E, pelas mãos, que enlaça, manda ao peito
Meigos farpões, que em toda a sancta noite
Aguçára na Igrêja. —

Hôje em fim, que cansados, e contentes
Os Peraltas quizérão, que a folhinha
Um Natal cada mez nos désse ao menos,
Guarnecido de outavas;

Que cuidas tu, d'Herman, que faz em França
O insípido Filinto no seu sótão,
D'onde abalárão rindo-se, e apupando-o
Os travèssos Amores? (1)

Na viùva cama conta pelos dêdos

---

eloquencia de Gerigôto nas consequencias panegyricáes da *Desgravidação.*

(1) Vid. Od. a Pilaer — Quando nas margens do seiêno Téjo, etc.

Quantos sóes vão daqui á Primavéra,
Quantos sôldos chocálhão bem folgados
Na despovoada bôlsa:

Estende os ólhos pelo rumo cégo
Do tristônho futuro, e vê na têa
Da escassa vida sua trabalhosa,
Desbotados lavores.

Qual torcida de môça dorminhóca,
Em noite bem chuvosa de Janeiro,
Murrões sôbre murrões vai cumulando,
Té que lampêja, e mórre;

A minha Idade, sôbrepondo achaques,
Chupa, e sécca as relîquias vividouras;
Co' fado da candêa me amargura
Estes médios instantes.

Embóra: ao menos estes, que te escrêvo,
Roubados a seus ólhos avarentos,
Passarão (seu máo grado) alêm da cóva,
No peito dos amigos.

ODE.

NÃo confîa o Campião, que affronta as lanças,
Nas tremolantes plumas;
Mas sim no élmo batido, ou fina malha:
Co' as ondas do pennacho
Turno insolente açouta o chão, morrendo.

Nem se affiança na pintada pôppa

Pilòto exp'rimentado,
Que encapelladas ondas vio soberbas
Destroçar-lhe as varandas,
Levar-lhe iradas os pavêzes rôtos.

Sábio Varão, que estende agudos ólhos
Ao vindouro, ao passado,
Não confia na tùmida arrogancia:
Vê soberbos Sejános,
Pelo lòdo arrastada a ufana tésta.

Benigno escuta, prazenteiro falla
Agrippa ao póbre, ao ricco,
E era de Augusto o amigo máis privado,
E a Actîaca batalha
Venceo valente; e governava a Cúria.

Tal, tu Marquez, (1) depondo os resplendores,
Que bébes do Monarcha,
Só sabes que és valìdo, quando acódes
Com mão potente ao triste,
Que a travêssa Fortuna traz de rôjo.

Sábio honrador de sábios, agasalhas
Com risônho semblante
Os que amão a formósa Sapiencia,
E os que o escabroso monte
Cansados trilhão das estéreis Musas.

Não os immensos cabedáes de Roma,
Nem Palacios ufânos;
Mas sim de Horacio, e de Virgilio as Lyras
O nôme de Mecênas
Arrancárão das mãos do ávido Tempo.

ODE.

Et thorace et ahenea
Pugnandum galeâ, quid tremulus decor
Plumarum et volucris jubae,
Cùm pendet capiti maurus acinacès?
Cristâ Turnus inutili
Exhalans animam turpe solum ferit.
Nec signis bicoloribus
Fidit, jam laceris navita carbasis
Et mali mînor, obvio
Decertans Boreas cum ruit Africo.
Qui transacta retrospicit,
Qui ventura videt, non male turgido
Fastu nititur insolens,
Sejani è solio præcipitis memor.
Summis blandus et infimis
Et gratus lateri Cæsareo Comes
Agrippa hostibus impiger
Victis fræna dabat juraque Curiæ.
Sic Tu, quod propior decus
Hauris, deposito, et mitior aspici,
Quem sors aspera dejicit
Gaudes tollere humo. Tu Sapientium
Idem Cultor et æmulus,
Quem per scabra trahunt tesqua inopes De
Fessum subsidiis bonus
Non vanis recreas. Occidit ædium
Magnarum Dominus brevis

Mæcenas et opum, sed Calabri fides
Vatis, Musaque Virgili
Illum falcigero præripiunt seni.

Latine vertit A. M. de Curnieu.

SONETO.

JA' tinha, aos pés do duro Desengano,
Quebrada pelo Tempo, aquélla Lyra,
Com que de Anfriza as mágoas divertira,
E applacára de Nize o zêlo insâno.

Das cadêas do Amor já sôlto, e ufâno
Erguia á Liberdade a alégre pyra,
Co' as mãos já puras de Ciùme, e de Ira,
C'um coração vingado já do Engâno.

Eis que o protérvo Amor tórna a mostrar-me
Da branda Marcia o gésto gracioso,
E com elle de novo a captivar-me.

Que pósso eu contra hum Deos tão poderoso?
Tórna, oh Lyra, de novo a acompanhar-me,
No canto meu contente, ou desgostoso.

EPIGRAMMA.

Prometheo, quando fêz o homem primeiro,
Macho e fêmea, dous córpos fêz, pegados:
Porêm Jóve um composto assim inteiro
Partio em dous ternissimos boccados.
D'aquî nos vem andar-mos sempre ao cheiro
Dos membros, que nos fôrão arrancados.
— Ei-la — (nos diz o Coração) — É aquélla —
Mas vâmos a provâ-la, e nunca é ella.

ODE.

Em 4 de Julho de 1802.

Præsentis horæ gaudiis beatus.
A. M. de Curnieu.

Annôso Ulmeiro, que os frondentes ramos
Curvados com triumphos,
Estendeo pelas pastoráes Campinas
(Honra, e prazer da Aldêa !)
Que á sua sombra as dansas entrançava;

Hòje nù de folhagem
Das honras, dos prazères, e de amantes
Fallìda a companhìa,
Não perdeo a constancia, nem o brìo,
Com que a cabêça alteia
Por cima dos arbustos máis viçosos:
Despréza A'ustros, e Nótos,
Até despréza a gastadora Idade. —
Deixado por ingratos
Tem em si mesmo toda a sua glória;
A lembrança o contenta
Do que foi. — Esse Ulmeiro, o estrago,
E a nudez da folhagem
São os meus infortúnios; sou eu mesmo.
Despido das riquezas
Inda alteio, como elle, a fronte, e cánso
Do infortúnio as rajadas;
Inda vivo, e me alégro, co'as memórias
Dos meus viçósos annos;
Zombo das fléchas, que me atira o Fado;
Na Pachôrra as aparo.
Vinha embuçada em manto religioso,
A Invéja, co'a Calúmnia
Tomar-me os pulsos (não — febricitantes)
Com algêmas, com córdas;
Arrastrar-me ás masmôrras do Rocìo,
E dellas á foguèira.
Um previsto Saber, um sancto abálo
Me impélle, e me põe longe
Das mãos traidoras, da sequaz pesquiza
Dos enráivados Bonzos.
Raivai, arrepellai-vos, malandrinos,
Progénie de Caìn:

Escapou-vos Abél : Abél chasqueia
De vós, de vossas manhas,
Com quatro Amigos bons, c'o cópo em punho,
Na galhofeira França.

ENIGMA.

Tiro o descanso aos homens desabrida;
Mil amantes me invéjão a alta sórte :
De sangue me sustento; e encontro a vida
Nos braços de quem busca dar-me a mórte.

ODE.

4 de Julho de 1803.

Viva Deos, môrra o Diabo.

Para que hei de eu fallar sempre ferrênho
Nesse quatro de Julho mal-fadado !
Já são vinte e cinco annos revolvidos
Depois d'esse infortunio.
Não ha hi que temer Clérigos tristes,
Nem os algôzes seus, suas masmôrras;
Nem terão de me aspar com sambenito,

Nem mitrar com carócha,
Bispo de auto-da-fé. — Perdi a Pátria?
Asylo aqui achei. — Perdi amigos?
Não perdi os amigos verdadeiros:
Dos outros nem me lembro.
Perdi os bens? — Perdi muito em perdê-los!
Senti o que é a miseria. Maş em trôco
Apprendi a ser parco, a ser com honra
Independente, e póbre.
Deos estendeo a bemfeïtora dextra,
E moveo brando o seio d'um Amigo.
Não sou ricco; mas sei mattar a fóme,
E o côrpo sei cobrì-lo.
Que são gálas, opìparos banquêttes,
Galloádas librés, áureas berlindas.
A quem tem léve a pé, vê sem fastìo
Fartos feijões na mesa?

EPITAPHIO.

Um extrêmo de amor, de formośura
Jaz n'esta sepultura.
De saudades morreo. Não tenháes mêdo
Que essa móda nas Damas pégue cêdo.

ODE

AO SENHOR

GASPAR BERTRAND PILAER.

Damna tamen celeres reparant cælestia Lunæ :
Nos ubi decidimus
Quo pius Æneas , quo Tullus dives et Ancus
Pulvis et umbra sumus.

HORAT. *Lib.* 4, *Od.* 7.

JA' da Arrábida a sérra penitente
C'o chuvoso capêllo não se enluta :
Feios dias espavoridos fógem
A' vóz da Primavéra.

Vêrdes cobertas de bordada rélva
Pelas pardas campinas se desdobrão ;
Toucão-se os troncos de fecundas flores ,
Que os Zéphyros bafêjão.

Vólta a quarteada róda o Deos etérno ;
Com mão prudente as estações revéza ;
E para o Outôno aponta , ao despedir-se ,
O Estío , que se esconde.

Quem fêz da nossa vida imagem o anno
Não antevio , Pilaer , que o nosso hynverno

Se não remoça em rósea Primavéra ,
Como o Espòso da Aurora.

Se da calva cabêça as cãas desfólha
Co' a mão gelada a Idade , nunca a rógos
Se dóbra a Natureza , nem enfeita
O encarquilhado cèpo.

É-nos crédôra a Mórte , que impaciénte
Cóbra a dìvida , surda a crébros prantos :
Só salvâmos das garras da Velhice
Os desfrutados gòstos.

Agóra , que abre a pórta á alégre Páschoa
A Quarésma c'roada de espinafres ,
Não te esquéças da *du Plessis* esbélta ,
Da *le Franc* dèlicada.

Piza com léve pé risônhos campos ,
Onde as Graças gentìs trávão chorèas ,
Faze entoar , nos áres estendidos ,
Da tua Lyra as vózes.

Quantos pômos colhêres precavido ,
Na florente estação , terás de menos
Que lastimar roubados , no avarento
Quartel da extrêma vida.

Os bréves annos lúbricos resvalão ;
Não os demórão férvidos desêjos :
Para máis não voltar , a Mocidàde
Nos fóge ás escondidas.

ENIGMA.

Sou Propheta, e Monarcha; alado Pôvo
Me requésta, e rodêa; com meu brado
Chamo o Rei das estrêllas; co' elle môvo
Meu Amo a lançar mão do duro arado.

CARTA

AO SENHOR BACHAREL

Domingos Maximiano Torres.

Caro Alfêno, da tua campanhîa
Fado invejoso separar-me ordêna;
E meu verdugo, a accêsa Phantasîa
Me aviva, uma traz outra, tanta scêna
De prazer, que a teu lado hei desfructado.
Por máis me cravar na alma aguda pena,
O Dissabor de vulto carregado
A' entrada do baixel a mão me off'rece
De Saudades, e Mágoas rodeado.
A nuvem, que me assombra o peito crésce,
É apenas rasgo o trémulo elemento,
De lágrimas o rôsto se humedéce.
Prevîa o Coração o crû tormento,

Que na ausencia tão larga o esperava,
Já dava a Dôr rebate ao pensamento. —
Com pé ligeiro a Desventura brava
Ségue sem falta o trilho da Ventura,
E da côma co'a esquerda mão lhe trava.
Deixava em campo tanta formosura
Apercebida a dar térnos combates
C'os vivos ólhos, co'a garganta pura:
E á l'érta a aéria turba dos Orates,
Descalço o pé, o grão topéte erguido,
Soçobrando-as de crébros disparates.
E eu de mim mesmo, dentro em mim, perdido
Rompìa em tanto os repugnantes mares,
Deixando a assumptos táes prêso o sentido.
A Lua se cobrìo, turvos os ares,
E o mar roncando ao longe annunciavão
Estes, que sòffro agóra, ágros pezares.
Em vão os ólhos meus, em vão buscavão,
Pela encrespada pérfida campina,
O que em térra com tanto amor deixavão:
De Lálage a belleza peregrina;
De Tyrse o meigo canto, a meiga falla;
De Arminda o avizo, e a locução divina.
Arminda! Arminda! O peito anciado estala
Entre os tratos do pérfido Ciùme,
Que da alma o império todo me avassalla.
Sacode a hedionda Furia o tôrpe lume
Em róda de meus ólhos opprimidos:
Já a labaréda ás carnes me consume.
« Tantos annos de amar em vão perdidos
» Merecião máis branda recompensa,
» Não dôr perênne em todos os sentidos.
» Porque queres Amor com tal detença

» Que eu esgote a ruin taça venenosa ?
» Não sinto a mórte, sinto a mórte extensa. »
Tal vê, soffrendo a pena vergonhosa,
No erguido Cadafalso, o delinquente,
Lamber-lhe os membros chamma vagarosa,
Sente a nuvem de fumo grossa, e ardente
Cegar-lhe os ólhos, suffocar-lhe a vida,
E estalar-lhe c'o fôgo as carnes sente.
Já a' Paciencia, com a dór, perdida,
Um venêno, um punhal desêja; e insâno
A mórte d'um só trago quér bebida. —
Não inventou o máis feroz tyranno
Tormento tão cruel, como o dos zêlos,
Que da vida á raîz faça igual dano.
Tu que provaste Alfêno o que é soffrê-los
Quando *com largo cinto, e ténue vara*
Te pune Amor; Tu só podes dizê-los.
Tu só que de Aganippe a vêa clara
Estancaste bebendo, e a antiga Lyra
Tóccas, que o agudo Horacio temperára,
Tu, que nos versos, que decóra, e admira
Todo o Pôvo do bîfido Parnaso,
Ora cantas de Amor a Invéja, a Ira,
Ora contas d'um Fauno o alégre caso.

DESÈJO AMANTE.

Se eu fôra Jóve, o Céo, o vasto mundo
Terîas, Marcia, em pleno senhorîo;
Se Néptúno, do Océano profundo
As pérlas, o coral em grôsso fio;
O diamante, o rubì, o ouro jucundo,
Se Pluto fôra, houvéras sem desvîo.
Sê-me branda, se tanto dom te móve,
E Pluto por ti sou, Néptúno, e Jóve.

ODE.

Haya 4 de Julho de 1796.

— — — — Nunc ego mitibus
Mutare quæro tristia.
Horat. *Lib.* 1. *Od.* 18.

Tres lustros, e tres annos revolvidos
Tem o meu Fado, com austéra dextra,
Depois que aos Láres dei o adeos magoado,
Na etérna despedida.
Etérna! — Que inda a Pátria não-madura

Vêjo, porque renasça a Liberdade.
Por brazões, por circilios inda rendem
Culto aos Náyres, aos Bonzos. (1)

Inda as linguas se callão algemadas;
E Voltaire, e Rousseau não são versados (2),
Sem que, a pórtas cerradas, desconfîem
De espîas os Leitores.

Pêjão do Limoeiro; pêjão do Rocîo
Inda as masmôrras, sóffrem os insultos
Os que remanchão de arredar as plantas
Da encantadora Pátria.

Saibão que alêm dos muros de Ulisséa
Se cómem pêras, bons melões, morangãos,
Se cóme ás vêzes o ananaz goloso;
Se bébe o Carcavéllos.

E sôbre tudo falla-se rasgado
De Tartuffos, de Procissões, de Têrços;
Ri-se de mômos, de beijamãos, — Sem mêdo
Da Junqueira, ou Rocîo.

Assim; — pôsto (1) o rancor, pôsto o despeito,

---

(1) Si l'on ne le voyait, on croirait avec peine l'immense pouvoir que les moines se sont acquis dans les pays d'inquisition. La raison se revolte, dès qu'on veut nous persuader qu'il y a eu des hommes assez fous et assez imbécilles, pour se soumettre au despotisme monacal, se départir de leurs droits naturels et civils, et dépouiller les tribunaux ordinaires de leur juridiction légitime, afin d'en revêtir de nouveaux, composés de l'excrément des humains. — *Lettres Juives du Marquis d'Argens*, *lettre* 109.

(2) Nocturna *versate* manu, *versate* diurna.
Horat. *de Art.*

(3) Com muita elegancia os Latinos usavão o simples em

Cuido em lograrem cheio o dia de hôje,
Sem olhar o futuro, nem passado:
Frustrados pensamentos!
Bem padeci destêrros, desamparo,
Tédio. — Porêm Delmira, Olinto e Brito
São mimos da benévola Amizade,
Que dourão meus destêrros.

EPINICIO

A' SENHORA D. F. G. X. de S.

Que mostrou intrepidez de Heróe, vendo-se accommettida por uma feroz Baratta; a quem deo com uma Vassoura, a morte.

Com feroz, e nojenta catadura,
Co'as horrîficas garras assanhadas,
Os ôlhos fuzilando, e as empéstadas
Chammas soprando da garganta impura,

Te accometteo do Monstro a ruin figura

---

lugar do composto; obvios são os exemplos a cada passo. Tambem o são entre os nossos Clássicos, a cuja sombra me acôlho, e me ponho em couto contra os ardores dos Criticos. Não me faltarião, se os eu quizesse appontar, exemplos dessas elegâncias, que regalão a quem as lê nos nossos Clássicos. Os Tarêlos não os lêm, e se os lêssem, não as conheceriâo.

Ao abrigo das palmas (1) agoiradas ,
A quem tu co'as heróicas mãos armadas ,
Déste c'um gólpe a mórte , e a sepultura.

Oh tu , Hércules fêmeo , que o Universo
Limpas da vil relé , que o desbarata ,
Fizeste acção , que apenas cabe em verso.

Já a voz érgue Lisbôa , ao feito grata ;
E a Fama por esse ar lança disperso
Teu Louvor , teu Triumpho da *Baratta.*

PARÓDIA

DA ODE 2. DO LIV. I°. DE HORACIO.

Jam satis terris nivis atque diræ
Grandinis misit Pater, et rubente
Dextra sacras jaculatus arceis
Terruit urbem. Hor. *L.* 1. *Od.* 2.

Inda assaz não tem Jóve fulminado
A seu prazer com chuva , e vento as Caldas :
As Gentes atterrou , que apodrecêssem
C'os orvalhos etérnos.

(1) Estava esta nóva Hydra entrincheirada nas dóbras, ou meias luas d'uma esteira do Algarve; o que próva que não só era medônha, mas ainda cavillosa.

As Gentes atterrou, que o Hynverno azêdo
Abrangêsse c'os braços gotejantes
O Estìo, e o Outôno; visto que affogára
A rósea Primavéra.

Chorou a Madre Térra, vendo a areia
Tornada em caldo, como quando Pyrrha,
A fralda arregaçou, tenteando o váo
A's escadas de Themis (1).

Vimos nas térras que gretavão côdea,
Resvalar gados, resvalar pastôres;
E o barro ao Céo rogar, desfeito em pólme,
O Sól negado a Junho.

Em quanto o Nórte co'as pingantes barbas,
Que o A'ustro lhe emprestou, ensópa as térras
(Sem Deos querer) que outróra o insultárão,
— Despicativo Vento! —

Co'as chuvas; (na Guiné (2) melhor logradas),
Ouvirão, que mellárão os damascos,
Em que o goloso Reino se cevava,
Os mal-enxutos Môços.

Que Alcobaceira invocará o Pôvo,
Em tanta perdição de fruta? As Môças
Com que arte dobrarão, com que meiguices
O surdo Pomareiro?

---

(1) Não diz Ovidio (*Metamorph. Lib. I*) positivamente que Pyrrha se arregaçára; mas é muito natural de crer, que ella o fizéra, quando depois de dilúvio, tudo estáva tão alagadiço.

(2) Foi tão grande a sêcca n'esse anno, que morria a gente lá de fóme; e todos perecerião, se a bondade da nossa Rainha não mandasse navios carregados de mantimentos.

Jóve as ordens de alevantar o tempo
A quem dará ? Vem tu , sêcco Nordéste ;
Ora vem c'o cabêllo arrepiado
Franzindo a estreita tésta.

Ou se antes quéres , vem , calmósa Quadra ,
C'os peitos descobertos , dando ao léque.
Os Estorîs , as Cintras , os Collares
Em róda te esvoáção.

SONETO.

Os cabêllos com sérpes ennastrados ,
Vertendo a bôcca escuma viperina ,
Do Erebo abrîa a pórta adamantina
Alecto , algòz cruel dos condemnados.

Eis surge a Furia ; o os ares assustados
Trémem ao som da voz rouca e ferina :
Qual , c'o a polv'ra estalando accésa mina ,
Vérgão c'o abalo os montes descuidados.

A' branda Clóri então , de mim Senhora ,
Por que abrîra seu peito a meus disvéllos ,
Escravo , a mão beijava bemfeitora ;

Quando a Furia sacóde dos cabêllos
Uma serpe entre nós : d'essa triste hora
Nunca máis nos deixárão sévos Zêlos.

ODE. (1)

Melhor, Licinio, lograrás a vida
Nem sempre com a prôa
Forçando os altos mares;
Nem co' bórdo apertando
Sempre co'a iniqua praia,
Precavendo a borrasca espavorido.

Todo o que ama a dourada mediania
Seguro escapa á injúria
Do sujo, rôto tecto
Do pardeiro (1) esbroádo:
Comedido não usa
Do sobèrbo sallão, que invéjas cria.

Máis sacódem os ventos a miúdo
Levantado pinheiro:
Com máis pesada quéda
As orgulhosas tôrres
Se derribão: os raios
Acomettem os empinados montes.

Coração bem fornido de experiencia
Nos desastres confìa,
Nas bonanças receia

(1) Insîpida traducção da Ode X. do livro II de Horacio; parenta de algumas outras, em que me atrevi a arremedar, o que me não foi dado imitar.

(1) Se defendêrão bravamente entre uns pardeiros. Damião de Góes, Chrónica d'El Rei D. Manoel, parte 4.

Variar de Fortuna :
Os grosseiros Hynvérnos
O mesmo Jóve , que os despéde , os chama.

Nem porque hôje vai mal , irá assim sempre :
Tambem ás vêzes Phébo
Faz que despérte a Musa
Na cyth'ra emmudecida ;
E consente que affrouxe
A têsa córda do Pythónico arco.

Móstra-te fórte , móstra-te brioso
Nos lances apertados ;
E , com igual acêrto ,
Quando o vento te sópre
Nimiamente galérno
Sabe colhêr as infunadas vélas.

FIM DO TOMO I°.

INDEX

DO I^{ro}. TOMO.

ODES.

SONETOS.

CARTAS.

EPIGRAMMAS.

ENIGMAS.

EPITAPHIOS.

FA'BULAS.

MADRIGA'ES.

LYRAS.

CONTOS.

MISCELLANEA.

FIM.

ERRATAS.

Pag. — lin.			ERROS.	EMENDAS.
17	— 9		da Dite	de Dite
19	— 2	da Nota —	Sedeidas	Sedeúdas
42	— 4	da Nota (2)	Anãa	Anãas
43	— 8		Louco ,	Louco ?
59	— 16		Perdc o cheiro	Perde o subido cheiro
61	— 1		Reconcovos	Recôncavos
62	— 16		Heroés	Heróes
73	— 9		Francesiztas	Francezistas
80	— 17		Illiacâ	Iliaca
Ibid.	— 25		alto	altro
Ibid.	— 26		bien	ben.
81	— 11		gosto	gésto
82	— 14		noss' alma	nossa alma
91	— 3	da Nota (3)	servientia	sententia
94	— 9	das Notas ,	Divinda de	Divindade
96	— 1	de Nota (4)	reiró	teiró
99	— 8	da Nota (1)	Dissessenão	Dissesse não
106	— 14		pSr	pôr
Ibid.	— 1	das Notas ,	esilio	exilio
107	— 9		repitiçoes	repetições
Ibid.	— 19		Auior.	Autor
Ibid.	— 20		sáia	sécca
131	— 13		aos teus	aos teus ,
140	— 12		thcsouro	thesouro.
149	— 2	da Nota —	qu8 é	que é
154	— 26		da que	do que
158	— 15		Perino	Ferino
166	— 3		e'o	c'o
Ibid.	— 7		mareia	mareia ,

171	—	11		Juveja	Inveja
172	—	26		um verso	em verso
179	—	11		Mansageira	Mensageira
Ibid.	—	15		destemîdo	destemîdos
Ibid.	—	2	das Notas,	Tri fauce	Trifauce
192	—	19		de Artes	de Arte
198	—	10		de nóve	nove nuven-
. . . .	. . . .	. . .	. . . .	nuvenzinhas	zinhas,
Ibid.	—	10		prophtéico	prophético
Ibid.	—	11		inflamma.	inflamma,
199	—	6		descrifravão	descifravão
204	—			Epodo xii	Epodo xx.
205	—			Strophe xiii.	Strophe xxi.
207	—	12		Poderá	Podéra
210	—	2	das Notas,	que se as	que as d'esse
. . . .	. . . .	. . .	. . . .	désse	
213	—			313	213
218	—	16		o	o
. .	dom meu nativo	—		meu dom, meu	dom nativo
225	—	2		D'ia	D'ha
226	—	1		Ode	*Dele.*
228	—	5	das Notas —	avique	ævique
230	—	8		e la	ella
231	—	6		allumîa	allumîa.
Ibid.	—	18		guîa	guîa.
239	—	14		mai	mui
Ibid.	—	15		formôso.	formôso....
242	—	16		Nome	Nume
280	—	13		foliões	folões
Ibid.	—	2	da Nota (1)	corração	coração
281	—	16		Ingenha	Ingenha a
. . . .	. . . .	. . .	. . . .	idéia	idéia
290	—	10		que havia	que havia,
296	—	1		Numes	Numes:
324	—	5		saborósos	sab'rósos

327	—	5		diguos	dignos
Ibid.	—	13		Deos	Deoses
Ibid.	—	14		E Jóve	Jóve
334	—	17		F diz	E diz
341	—	2		Qucm	Quem
Ibid.	—	28		queixumes,	queixumes.
353	—	18		verde-	verde-
. . . . .	. . . .	. . . .		antigo	antigo?
354	—	2		do Mundo.	do Mundo.
. . . . .	. . . .	. . . .			(1)
361	—	1		has de ser	ha de ser
362	—	6		monte	monte,
Ibid.	—	15		queme	que me
Ibid.	—	2	da Nota. —	Ablons	Athis
364	—	15		Tem Vir-	Tem as Vir-
. . . . .	. . . .	. . . .		tudes	tudes
367	—	4		peito.	peito,
375	—	9		med nho	medônho
401	—	6		tanto	tanto.
415	—	15		raivoso	raivosa
420	—	23		De mim se	De mim. Se
. . . . .	. . . .	. . . .		me quericis	me querieis
Ibid.	—	30		muros.	muros;
421	—	12		Daphne;	Daphne.
424	—	16		euvolve	envolve
443	—	1		Lograrem	Lograr em
445	—	3	da Nota (1)	de diluvio	do diluvio
446	—	14		o os ares	e os ares
447	—	2		vida	vida,